



ESCOLA SUPERIOR DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Instituto Politécnico de Lisboa

*Jornalismo desportivo e o jogo do risco: os casos do
Maisfutebol e TVI/CNN Portugal*

Maria José Ferreira Fernandes

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Jornalismo

Sob orientação da Professora doutora Filipa Subtil,
Professora coordenadora

17 de outubro de 2025

AGRADECIMENTOS

Põe quanto És no Mínimo que Fazes

— Ricardo Reis, *Odes*

Este verso acompanha-me há muito tempo e, neste momento, faz todo o sentido porque foi com este pensamento que percorri o caminho que agora termina. Chegar até aqui foi desafiante, exigiu dedicação, paciência e uma entrega total. Houve dias em que a dúvida e o cansaço falaram mais alto, mas no final, a sensação de realização supera tudo.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais pelo apoio incondicional na perseguição dos meus sonhos. Nada disto seria possível sem a vossa força, paciência e generosidade.

À minha irmã, por me ouvir e aturar ao longo desta jornada.

Ao meu namorado, pelo carinho, ajuda e motivação durante vários meses. Obrigada por estares sempre lá para mim.

À restante família e amigos, agradeço o apoio e as palavras de encorajamento.

Quero expressar a minha profunda gratidão à minha orientadora, Professora Filipa Subtil, pela orientação incansável, pela confiança que sempre depositou em mim e pelas palavras de apoio que nunca faltaram. O seu entusiasmo e apoio foram determinantes para a realização deste trabalho. Agradeço também à coordenação do Mestrado em Jornalismo, em especial à Professora Fernanda Bonacho, pela dedicação e apoio na concretização da oportunidade de estágio no Maisfutebol.

Por fim, agradecer a todos os jornalistas, sem exceção, do Maisfutebol e da TVI/CNN Portugal por me terem feito sentir em casa desde o primeiro dia, por me ajudarem e acompanharem em todas as tarefas e, essencialmente, por me darem força para continuar a acreditar no meu sonho.

DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO

Declaro que o presente relatório de estágio intitulado “O Jornalismo desportivo e o jogo do risco: os casos do Maisfutebol e TVI/CNN Portugal” é um trabalho original da minha autoria para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Atesto ainda que todas as citações se encontram devidamente identificadas e acrescento ter consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho apresentado.

17 de outubro de 2025,

A candidata,

RESUMO

O presente trabalho resulta da experiência de estágio no Maisfutebol e na TVI/CNN Portugal, entre janeiro e julho de 2025, e debruça-se sobre os riscos enfrentados pelos jornalistas desportivos em exercício de funções. Partindo da pergunta “Quais os riscos que os jornalistas desportivos enfrentam no exercício da profissão?”, o estudo identifica principais perpetuadores de situações de risco, os contextos em que ocorre, os impactos profissionais e pessoais e mecanismos de proteção existentes. No que respeita à metodologia, a investigação seguiu uma abordagem qualitativa com o recurso a técnicas de recolha de informação de natureza documental (revisão de literatura) e não documental (observação participante e sete entrevistas exploratórias a jornalistas). Os resultados mostram que os jornalistas desportivos exercem a sua atividade em constante exposição aos riscos, mas tendem a desvalorizá-los em detrimento de um ideal profissional. Os adeptos e os assessores são os principais perpetuadores de condicionamentos e pressões contra jornalistas, num contexto em que as medidas de proteção ainda são insuficientes e reativas.

Palavras-chave: Jornalistas desportivos; riscos físicos; riscos psicológicos; riscos éticos; riscos profissionais

ABSTRACT

This paper is the result of an internship at Maisfutebol and TVI/CNN Portugal between January and July 2025, and focuses on the risks faced by sports journalists in the course of their work. Starting from the question ‘What risks do sports journalists face in the exercise of their profession?’, the study identifies the main perpetrators of risk situations, the contexts in which they occur, the professional and personal impacts, and existing protection mechanisms. In terms of methodology, the research followed a qualitative approach using documentary (literature review) and non-documentary (participant observation and seven exploratory interviews with journalists) information gathering techniques. The results show that sports journalists carry out their work in constant exposure to risks but tend to downplay them in favour of a professional ideal. Fans and advisors are the main perpetrators of constraints and pressures against journalists, in a context where protective measures are still insufficient and reactive.

Keywords: Sports journalists; physical risks; psychological risks; ethical risks; professional risks

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – Apresentação da instituição e experiência de estágio	12
1. A empresa e o contexto organizacional	12
1.1 Grupo Media Capital.....	12
1.2 Maisfutebol: a empresa e o contexto organizacional.....	14
1.2.1 Linha editorial, organização e funcionamento	18
2. Crónica em campo - Estágio no Maisfutebol	20
2.1 A corrida pelo estágio.....	20
2.2 Apito inicial, começou o jogo no Maisfutebol.....	21
2.3 As primeiras jogadas de destaque.....	22
2.4 Reportagem de lançamento	24
2.5 Jogada estudada	24
2.6 Os primeiros 90 minutos.....	26
2.7 Apito final e próxima jornada.....	30
CAPÍTULO II – Jornalismo: Os riscos e as incertezas de uma profissão.....	33
2.1. Retrato da (in)segurança no jornalismo a nível mundial.....	33
2.2.1 Insegurança jornalística em Portugal	38
2.2.2 (In)segurança jornalística no Brasil	39
2.2 As especificidades do jornalismo desportivo.....	41
2.3 Riscos no exercício da profissão	44
2.3.1 Riscos físicos	45
2.3.2 Riscos psicológicos	48
2.3.3 Riscos éticos	51
2.3.4 Riscos profissionais.....	59
2.3.5 Riscos sociocomportamentais: discurso de ódio, assédio e misoginia.....	62
Capítulo III – Condições de (in)segurança dos jornalistas desportivos do Maisfutebol e da TVI/CNN Portugal.....	74
3.1 Tópico de investigação, pertinência e pergunta de partida.....	74
3.2 Objetivos.....	74
3.3 Estratégia metodológica	75
3.4 Campo de observação	79

3.5 Utilizações de softwares de inteligência artificial	80
3.6 Leitura e análise crítica das entrevistas	81
3.6.1 Dimensão 1 - Riscos físicos.....	81
3.6.2 Dimensão 2 – Riscos psicológicos.....	85
3.6.3 Dimensão 3 – Riscos éticos	90
3.6.4 Dimensão 4 - Riscos profissionais.....	94
3.6.5 Dimensão 5 - Riscos sociocomportamentais	98
3.6.7 Medidas de mitigação dos riscos das instituições e dos profissionais.....	101
Conclusão	106
Bibliografia.....	112
Links de notícias elaboradas durante o estágio	117
Anexos.....	119
Anexo 1. Guião entrevistas.....	119
Anexo 2. Entrevista a Ricardo Gouveia sobre a história do Maisfutebol.....	121
Anexo 3. Entrevista a Joaquim Castro.....	124
Anexo 4. Entrevista a Pedro Silva	130
Anexo 5. Entrevista a Joana Gouveia.....	137
Anexo 5. Entrevista a Carolina Fernandes	147
Anexo 6. Entrevista a João Campos	157
Anexo 6. Entrevista a Bruno Almeida	161
Anexo 7. Entrevista a André Sousa	168

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Principais agressões no Brasil.....	40
Tabela 2. Principais agressores no Brasil	40
Tabela 3. Comparação entre diferentes níveis de esgotamento entre profissões.....	50

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Número de jornalistas assassinados em países em conflito armado (2014-2023)	35
Gráfico 2. Percentagem de jornalistas assassinados em países em conflito armado por biénio	35
Gráfico 3. Percentagem de jornalistas assassinados em países em conflito armado (2014-2023).....	36
Gráfico 4. Número de jornalistas assassinados por tipo de media (2012-2023)	36
Gráfico 5. Número de episódios de violência contra jornalistas no Brasil (2018-2024)	39
Gráfico 6. Evolução do número de jornalistas desportivos assassinados (1992-2025)..	41
Gráfico 7. Evolução do número de incidentes registados pelo Ponto Nacional de Informações sobre Desporto (PNID) em todas as competições por épocas desportivas (2019-2024)	42
Gráfico 8. Distribuição por tipologia de incidentes (2022-24).....	43
Gráfico 9. Ameaças de violência no exercício da profissão	45
Gráfico 10. Situação geral das investigações judiciais sobre assassinatos de jornalistas (2006-2023)	67
Gráfico 11. Número de câmaras instaladas	73
Gráfico 12. Número de detenções	73

INTRODUÇÃO

O relatório que agora apresento é o resultado da experiência obtida durante o estágio no Maisfutebol e na TVI/CNN Portugal, entre janeiro e julho de 2025. Ao longo deste período em redação, em contacto direto com os profissionais e as suas circunstâncias, surgiu um interesse particular pela segurança jornalística. Apesar de existir um conhecimento generalizado sobre as condições de “segurança” de um repórter em contexto de guerra, pouco se discute sobre os riscos que envolvem a prática do jornalismo desportivo. É certo o peso que o desporto tem na nossa sociedade, mas quanto desse peso é carregado por jornalistas que se sujeitam diariamente a episódios de violência física e verbal, ameaças e intimidações, assédio e misoginia e discurso de ódio? Quanto desse peso está à mercê das fontes de poder, da censura e das pressões, de condições laborais precárias, de uma saúde mental frágil? Quem protege os jornalistas? Este conjunto de inquietações configura as preocupações centrais do estudo, que visa traçar o cenário português, já que em Portugal, as investigações sobre esta temática são poucas ou quase inexistentes, ao contrário do panorama das organizações internacionais de jornalistas, que revelam já interesse pelo tema, expresso em diversos relatórios sobre a segurança jornalística promovidos por organizações como a ONU, Repórteres Sem Fronteira, Federação Internacional dos Jornalistas.

Partindo deste pressuposto e da análise da literatura, propus como pergunta de investigação: “Quais os riscos que os jornalistas desportivos enfrentam no exercício da sua profissão?”, sendo que aqui demos particular destaque aos jornalistas que trabalham no Maisfutebol e na TVI/CNN Portugal. O objetivo central do estudo reside na identificação e análise dos principais riscos enfrentados por estes jornalistas, quem são os perpetuadores, qual o impacto desses comportamentos na atividade jornalística e na integridade dos seus profissionais, bem como quais mecanismos de proteção existem.

A abordagem metodológica adotada seguiu uma natureza qualitativa, combinando técnicas de recolha de informação documental e não documental. Começando pela pesquisa documental, é o suporte teórico-conceptual da pesquisa, que se materializou na leitura e análise crítica da literatura sobre a problemática em estudo. Do ponto de vista da pesquisa não documental, recorreu-se à participação-observação de uma redação, resultante da experiência de estágio, complementada pela realização de entrevistas semiestruturadas, no caso concreto sete, que permitiram recolher as representações que

os jornalistas têm dos riscos que enfrentam no exercício da profissão, bem como explorar aprofundadamente as experiências individuais de cada jornalista.

Com estes objetivos, o presente relatório de estágio organiza-se em três capítulos:

O Capítulo I abre portas à experiência que deu origem a este relatório, apresentado a instituição que me acolheu durante o período de estágio: a Media Capital, mais especificamente, o Maisfutebol. O capítulo começa por uma breve passagem pela história do grupo que detém este jornal digital, contextualizando o seu papel no panorama mediático português. De seguida, mergulhamos, em detalhe, na história do Maisfutebol, desde a sua fundação até à atualidade, abordando particularidades da linha editorial, organização e funcionamento da redação. Para fechar o capítulo, apresento o meu Diário de Estágio, intitulado “Crónica em campo”, que encerra em si um conjunto de observações pessoais articuladas com uma análise crítica da experiência profissional, acompanhada dos vários conteúdos noticiosos que elaborei. Esta descrição ocorreu de forma encadeada, seguindo a ordem dos acontecimentos, sendo que os episódios referidos são apenas alguns dos mais marcantes, como é o caso da minha ida ao Estádio José Alvalade cobrir o Sporting vs Famalicão para a Primeira Liga de Futebol ou a realização da minha primeira reportagem sobre as “Marias” do Benfica. De realçar que a experiência de estágio a considerar neste âmbito foi a que derivou da realização do presente trabalho, isto é, o período no Maisfutebol. Contudo, considereei relevante incluir, na parte final do diário de estágio, alguns episódios que aconteceram já, num segundo momento, com o estágio profissional na TVI/CNN Portugal.

De seguida, no Capítulo II é apresentado e discutido o estado da arte no que respeita à problemática dos riscos no exercício da profissão de jornalista. Recorrendo à literatura internacional e nacional, contextualiza-se o problema da (in)segurança jornalística, partindo de uma análise global com recurso a relatórios internacionais e, posteriormente, para os casos particulares do Brasil e Portugal. Foi ainda elaborado um tópico de análise apenas referente ao caso específico do jornalismo desportivo, de modo a exibir as diversas hostilidades que acontecem no meio desportivo, que muitas vezes estão mascaradas pelo facto de ser considerada por muitos uma editoria “leve” e de entretenimento, um “toy department” (Rowe, 2007, p.1). A segunda parte do capítulo debruça-se sobre a análise dos diferentes tipos de riscos com que os jornalistas se defrontam em exercício de funções, à luz de literatura especializada para cada uma das cinco dimensões: riscos físicos, psicológicos, éticos, profissionais e

sociocomportamentais. O capítulo termina com a apresentação de mecanismos e planos de proteção profissional existentes, seja a nível internacional ou nacional, com a análise de organizações como a UNESCO, Repórteres Sem Fronteiras e o *Committee to Protect Journalists*, bem como de entidades portuguesas como o Sindicato dos Jornalistas, a Comissão da Carteira Profissional (CCPJ) e o próprio Estado Português, que através de legislação regula a comunicação social.

Por último, o Capítulo III encerra em si o percurso metodológico do relatório, com a explicitação da pergunta de partida, pertinência e tema; objetivos, estratégia metodológica, campo de observação e utilizações de softwares de inteligência artificial que contribuíram para a realização de determinadas tarefas para este trabalho que aqui apresento. A segunda parte deste capítulo expõe e interpreta os principais resultados empíricos recolhidos através das entrevistas, cruzando, sempre que possível, com a literatura científica apresentada no estado da arte do relatório. Na fase de tratamento e análise, os dados obtidos foram organizados nas cinco dimensões de risco identificadas anteriormente na revisão teórica, complementadas por uma dimensão específica referente às medidas de mitigação dos riscos das instituições e dos profissionais. Cada um dos tópicos é explorado em função das perceções individuais dos jornalistas entrevistados, que, numa última análise, resultam na deteção de padrões e tendências.

CAPÍTULO I – Apresentação da instituição e experiência de estágio

1. A empresa e o contexto organizacional

1.1 Grupo Media Capital

Fundado oficialmente em 1992, o Grupo Media Capital¹ iniciou atividade no setor da imprensa escrita em 1989 com o lançamento do semanário *O Independente* e rapidamente se tornou num dos principais grupos de *media* em Portugal. Em 1997, deu início à expansão com a aquisição das rádios Comercial e Nostalgia. Nos dois anos seguintes, seguiu-se a compra da maioria do capital da TVI e, entre 1999 e 2003, o Grupo lançou-se no mercado da publicidade em Outdoor (negócio que foi alienado em 2007) e na criação do portal IOL em 2000. Nos dois anos seguintes, o grupo adquiriu a NBP (Nicolau Breyner Produções), atual Plural Entertainment,² que assumiu a produção nacional da TVI. Já com um pé na ficção, em 2003, o grupo expandiu-se novamente, desta vez no setor da distribuição cinematográfica, através de uma parceria com a Castello Lopes, e ingressou na indústria discográfica, com a aquisição da editora Farol Música e a criação da MC Entertainment. No ano de 2004, a Media Capital deu entrada na bolsa de valores, e no ano seguinte, a gestão executiva foi assumida pelo Grupo Prisa³, que em dois anos passou a deter a maioria do capital da empresa. Em 2008, reforçaram a aposta na produção audiovisual com a aquisição da Plural Espanha que, em fusão com a NBP, deu origem à já referida Plural Entertainment, uma das maiores produtoras em língua portuguesa e espanhola. Em 2020, a estrutura acionista da Media Capital sofreu uma reconfiguração significativa com a saída do Grupo Prisa, passando a Pluris Investments, S.A., empresa liderada pelo empresário português Mário Ferreira, que se tornou o sócio maioritário entre um novo conjunto de acionistas⁴.

¹ Informação disponível em: <https://mediacapital.pt/quem-somos/historia/>. Consultado 16/10/2025

² Informação disponível em: <https://mediacapital.pt/areas-de-negocio/producao-audiovisual/>. Consultado 16/10/2025

³ A Prisa é um grupo de *media* espanhol que deteve a maioria da Media Capital entre 2007 e 2020.

⁴Em 2020, a Prisa vendeu a totalidade da sua participação na Media Capital (64,47%) a um conjunto de investidores portugueses, entre eles a Pluris Investments de Mário Ferreira (30,22%), Triun SGPS (23%),

Em 2021, a Media Capital estabeleceu um acordo com a CNN para o lançamento da CNN Portugal, canal informativo que veio substituir a TVI24 e que entrou no ar em novembro desse mesmo ano. Um ano mais tarde, a Media Capital⁵ alienou as rádios (Rádio Comercial, M80, Cidade FM, entre outras), com a venda do segmento ao Grupo Bauer Media por 69,6 milhões de euros.

Atualmente, o Grupo Media Capital é titular de vários órgãos de comunicação social e está focado na televisão, na produção de conteúdos informativos e de entretenimento, bem como na vertente digital. Na televisão, detém o canal generalista TVI, assim como o canal noticioso CNN Portugal, a TVI *Reality*, o V+, a TVI Internacional e a TVI África. No digital, o grupo é detentor da Media Capital Digital, cujo principal ativo, o IOL, é o segundo maior portal nacional que agrega o conteúdo de toda a rede de sites do grupo, entre eles os jornais digitais Maisfutebol, Selfie⁶, a VERSA⁷, o AWAY⁸ e também o TVI Player⁹. Deste modo, enquanto propriedade da Media Capital Digital¹⁰, o Maisfutebol beneficia de estabilidade estrutural e financeira, que lhe permite a continuidade e subsistência do projeto. Segundo Ricardo Gouveia:

Tivemos sempre o apoio da TVI. Sempre que fechavam contratos publicitários, havia uma cláusula que incluía o Maisfutebol. Mesmo quando as empresas não quisessem, acabavam por ter

Biz Partners (11,97%), CIN (11,2%) e outros acionistas minoritários, incluindo a apresentadora Cristina Ferreira (2,5%) através da DoCasal Investimentos. Disponível em: <https://eco.sapo.pt/2020/11/09/um-a-um-conheca-os-novos-donosda-media-capital/>

⁵ Esta informação está disponível em: <https://eco.sapo.pt/2022/02/03/media-capital-vende-radios-por-696-milhoes-a-bauer/>. Consultado a 16/10/2025

⁶ SELFIE é uma publicação digital, especializada em atualidade social e *lifestyle* das figuras públicas nacionais e internacionais. Disponível em www.selfie.iol.pt. Consultado a 16/10/2025

⁷ VERSA é uma publicação online, dedicada a *lifestyle*, que aborda temas como moda, viagens, gastronomia, beleza e design. Disponível em www.versa.iol.pt. Consultado a 16/10/2025

⁸ AWAY Magazine é um órgão de comunicação online dedicado à informação sobre indústria, mobilidade e sustentabilidade, acessível em www.away.iol.pt. Consultado a 16/10/2025

⁹ TVI Player é uma plataforma digital da IOL, disponível em formato de *website* (<https://tviplayer.iol.pt/>) e aplicação, que permite aceder aos programas dos diversos canais do Grupo, seja da TVI, CNN Portugal, TVI Ficção, TVI Reality, V+, TVI Internacional, TVI África e de terceiros. Consultado a 16/10/2025

¹⁰ A Media Capital Digital é a unidade do Grupo Media Capital responsável pelos produtos digitais da TVI, gestão de streaming, redes sociais, estratégia OTT e projetos com marcas parceiras como a NiT, BeachCam e Lux. <https://mcnews.iol.pt/geral/05-05-2021/o-que-faz-a-media-capital-digital>. Consultado a 16/10/2025

publicidade, e isso foi o que ajudou a aguentar e a dar mais valor ao projeto. (Entrevista a Ricardo Gouveia, realizada a 21 de março de 2025).

1.2 Maisfutebol: a empresa e o contexto organizacional

Para os menos atentos, Mais Futebol. Duas palavras. Para nós, uma palavra nova que incrivelmente nenhum dicionário acolhera: Maisfutebol. Um url, um conceito, uma vontade

Luís Sobral, 2020

A 5 de junho de 2000 nascia o Maisfutebol, um jornal desportivo que floresceu pela mão de antigos jornalistas do jornal *A Bola* - Luís Sobral¹¹, Nuno Madureira, Berta Rodrigues, Alexandre Pereira e Hugo Vasconcelos - num território ainda desconhecido por muitos portugueses até então, a Internet. “Talvez fôssemos apenas, nessa primavera de 2000, uma coisa em forma de assim, (...), mas tínhamos nome: Maisfutebol” (Madureira, 2015). A *Internet* chegou a Portugal na década de 1990 e, apesar de representar um marco importante que se estende aos dias de hoje, na época, apresentou dificuldades aos jornalistas que impulsionaram a transição do jornalismo para a era digital. Para Ricardo Gouveia (2025), um dos jornalistas fundadores do Maisfutebol, a aposta no jornalismo online foi uma iniciativa pioneira, numa altura em que a *Internet* em Portugal ainda era lenta e limitada. Este contexto trouxe vários desafios à transição do jornalismo em papel para o digital, como refere Ricardo:

O Maisfutebol teoricamente era para ser lançado dia 5 de junho, mas na verdade só foi para o ar dia 6 por problemas técnicos. A página não abria, os conteúdos eram demasiado pesados. Só conseguimos pôr o site online às 5h da manhã. Para a estreia tínhamos uma entrevista com o Rui Costa, para agarrar os leitores logo no início, e não conseguimos pôr o vídeo. A solução foi pôr em formato PDF para os leitores descarregarem, o que mesmo assim demorava quase um dia inteiro. (Entrevista a Ricardo Gouveia, realizada a 21 de março de 2025, anexo 2)

Para além das limitações vividas no lançamento do projeto, Gouveia (2025) recordou ainda que, no início, o site era composto apenas por texto, sem fotografias e

¹¹ Luís Sobral, fundador e primeiro diretor do Maisfutebol, jornal que dirigiu entre 2000 e 2014.

vídeos porque eram ficheiros demasiado pesados. “Era tudo em texto. A única coisa que podíamos mudar era a cor das manchetes, do fundo e das letras” (Gouveia, 2025). Apesar das dores de crescimento, o projeto ganhou a dianteira da informação desportiva devido à sua natureza inovadora, que, para Sobral¹⁰ (2020), o fez ser um “acelerador, no tempo em que a internet era mais do que um motor de busca, uma plataforma de vídeo e redes sociais.”

Nos primeiros anos éramos o único [jornal online], e isso dava-nos vantagem, porque tínhamos muitas notícias que os jornais em papel só davam no dia seguinte e nós publicávamos antes. Lembro-me de quando havia vários jogadores a falar, os jornalistas dos outros jornais vinham pedir: ‘Guarda este para o dia a seguir’, ou ‘Não ponhas este’. Gravavam com vários jogadores, publicavam um e guardavam o outro para o jornal da edição do dia seguinte. Às vezes, também guardávamos alguns, mas sabíamos que, se quiséssemos, podíamos pôr logo tudo online. (anexo 2).

Poucos dias depois da sua fundação, o Maisfutebol marcou presença no Euro2000, enviando o seu primeiro correspondente especial para cobrir a Seleção Nacional, tornando-se no primeiro jornal digital português a receber a credenciação da UEFA¹² para as competições internacionais. Segundo Ricardo Gouveia (2025), para garantir este reconhecimento foi um desafiante e não imediato:

Outro desafio foi divulgar o nosso nome, porque éramos um produto novo. Íamos às conferências de imprensa, dizíamos ‘Maisfutebol’ e tínhamos de explicar o que era, que era um jornal novo. Tivemos de lutar pelo nosso lugar para nos darem credenciais. Até a própria UEFA demorou a aceitar um jornal online como aceitava os jornais em papel. Agora já é normal, mas na altura não era. (anexo 2).

As dificuldades em conquistar a credibilidade do público e das entidades desportivas fizeram parte das “dores de crescimento” de um projeto que desde o início primou pela diferença. Já com três anos de existência, o Maisfutebol lançou a Maisfutebol Rádio, a primeira rádio de desporto portuguesa na *Internet*, uma parceria com a Media Capital Rádios, que agrega a “experiência do portal de rádios www.cotonete.iol.pt e do

¹² A UEFA (União das Federações Europeias de Futebol) é a entidade máxima que rege o futebol europeu, composta por 55 federações nacionais. Com sede em Nyon, na Suíça, atua como uma confederação continental subordinada à FIFA (Federação Internacional do Futebol) e tem como missão promover o futebol na Europa, assegurando princípios de ética, fair play, solidariedade e não discriminação, bem como manter boas práticas de governação desportiva. Disponível em: <https://pt.uefa.com/news-media/news/0211-0f8a33c5a6b2-9f77896ff31c-1000--sobre-a-uefa/>. Consultado a 16/10/2025.

jornal desportivo online www.maisfutebol.iol.pt". A estreia aconteceu no dia 11 de maio de 2003, às 20h, com uma emissão transmitida a partir do Estádio do Restelo. Esta emissão inaugural teve a duração de quatro horas e incluiu o relato do jogo entre Belenenses e Benfica, a contar para a Superliga, que terminou com a vitória dos encarnados por 4-2. A programação era coordenada por Waldemar Duarte, jornalista com experiência radiofónica, enquanto os restantes jornalistas se dedicavam à produção dos blocos informativos, incluindo a redação e gravação dos conteúdos noticiosos. A Maisfutebol Rádio contava com os seguintes programas fixos: o "Linha Avançada", com a análise diária dos grandes temas do dia; o "Terceira Parte", com o rescaldo do fim de semana desportivo; e o "Prognósticos Só no Fim", com a antevisão dos jogos. Com emissões contínuas ao longo de 24 horas, a rádio apostava numa informação desportiva de "qualidade e atualizada", incentivando a participação dos ouvintes, "principais comentadores", que através de uma linha telefónica podiam intervir em direto e "falar de bola" (Maisfutebol, 2003). O projeto durou um ano e meio, encerrando a 12 de novembro de 2004. No ano seguinte, o Maisfutebol iniciou uma colaboração com a editora Primebooks e publicou vários livros sobre futebol, incluindo o *Anuário da I e II Liga*, em parceria com a Liga de Clubes, e em 2011, o livro *Fenómeno Villas-Boas*, após uma época bem-sucedida para o treinador e para o FC Porto.

Em 2007, surgia o Maisfutebol Angola, um jornal em papel, vendido apenas neste país africano. Em termos de conteúdo, o jornal distinguia-se pelo foco no futebol angolano, com notícias e entrevistas a jogadores angolanos a atuar em Portugal e em Angola. Segundo o jornalista Ricardo Gouveia, as notícias eram praticamente todas elaboradas na redação em Portugal, mas a impressão e distribuição eram feitas em Angola. Ao fim de um ano, o projeto extinguiu-se. Ainda nesse ano, o Maisfutebol lançou uma revista, distribuída à porta dos estádios durante a final da Taça de Portugal e da Supertaça. Dois anos mais tarde, expandiu-se para a televisão através da TVI24, onde assumiu o formato de programa desportivo semanal, às sextas-feiras à noite e, posteriormente, aos domingos. Nuno Gomes, Pedro Barbosa, Pedro Ribeiro, Costinha, Toni, Mozer, João Vieira Pinto, Tomaz Morais, Luís Francisco, o diretor Luís Pedro Ferreira e os seus antecessores no cargo, Nuno Madureira e Luís Mateus, foram alguns dos nomes que integraram o painel de comentadores do programa, liderado pela apresentadora e jornalista do canal Cláudia Lopes. O programa tornou-se uma referência na cobertura desportiva, tendo ganho inclusive diversos prémios, como o de "Melhor Programa

Desportivo de Televisão” por nove vezes, prémio atribuído pelo grupo Impala. A 21 de novembro de 2021 foi para o ar o último programa do Maisfutebol, que depois de 12 anos de emissões semanais, terminou devido à criação da CNN Portugal, que viria a substituir a TVI24 como canal de informação da estação.

Desde a sua fundação, o Maisfutebol acompanhou de perto a ascensão do futebol português no panorama internacional, tanto ao nível de clubes como da Seleção Nacional, às conquistas individuais e coletivas: “Testemunhámos as consagrações individuais de Figo e Cristiano Ronaldo. E também de Mourinho, o primeiro treinador a ganhar uma Bola de Ouro” (Madureira, 2015). Para além do destaque no mundo do futebol, José Mourinho destacou-se, muito antes, no início da sua carreira como treinador, como cronista no jornal. Depois da saída do Barcelona, onde ocupava o cargo de treinador-adjunto na época 1999/2000, Mourinho aproveitou a pausa competitiva para “pensar e escrever sobre futebol” (Maisfutebol, 2021). Entre os trabalhos elaborados pelo técnico português destacam-se o perfil sobre Rivaldo, intitulado “Quer conhecer Rivaldo?”, o artigo de opinião “Putos para sempre” e o texto sobre o Barcelona denominado “Barcelona, mais que um clube”, que consumou a despedida do ‘Special One’ do jornal para rumar ao comando técnico do Benfica, em setembro de 2000. Depois da sua saída, o Maisfutebol testemunhou as conquistas dos clubes portugueses. No caso do FC Porto, venceu a Taça UEFA, em 2003 e a Liga dos Campeões em 2004, com Mourinho no comando técnico dos azuis e brancos nesse período. Em 2011, o FC Porto repetiu o feito e conquistou pela segunda vez a Taça UEFA, com os jornalistas Vítor Hugo Alvarenga e Pedro Jorge da Cunha a cobrirem o evento. Já os dois clubes lisboetas, Benfica e Sporting, desde a criação do jornal, não foram além de derrotas em finais europeias. A nível de seleções, Portugal esteve presente em todos os Europeus e Mundiais desde 2000, sendo que Nuno Madureira foi o primeiro enviado especial do Maisfutebol a uma grande competição de seleções, o Euro2000. Em termos de cobertura olímpica, o Maisfutebol estreou-se, em agosto de 2016, nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, onde acompanhou de perto a conquista da medalha de bronze por parte da judoca portuguesa Telma Monteiro.

A 1 de outubro de 2013, o Maisfutebol anunciava o lançamento de um produto diferenciador, a *MF TOTAL*, uma revista digital que refletia a necessidade de “respirar” num mundo noticioso cada vez mais frenético, com a pressão de notícias de última hora, à custa do imediatismo. A *MF TOTAL* representa um “olhar mais profundo sobre a

atualidade diária, fotos diferentes, vídeos, entrevistas, reportagens e análises de equipas, jogos e jogadores” (Maisfutebol, 2021). Em maio de 2016, a *MF TOTAL* foi distinguida com o “prémio online” pela Associação dos Jornalistas de Desporto (CNID). Entre 2019 e 2020 foi para o ar o podcast “Maisfutebol 4x4x2”, um projeto que contou com a parceria da Rádio Comercial e juntava Pedro Ribeiro, Nuno Gomes, Pedro Barbosa, Catarina Pereira e Luís Pedro Ferreira todas as segundas-feiras para analisar a jornada da Liga e o futebol internacional. O primeiro episódio foi publicado a 8 de agosto de 2019 e o último a 1 de junho de 2021.

À data da redação deste relatório de estágio, o Maisfutebol completou 25 anos de história, marcada pelo pioneirismo no digital, pela adaptação às transformações do jornalismo às novas tendências de consumo de informação. Com uma forte presença digital e uma comunidade de mais de 1,6 milhões de seguidores nas principais redes sociais, o jornal procurou a proximidade com os leitores, assumindo diversos formatos ao longo deste quarto de século: “Lançámos livros, revistas e uma rádio (...) Mudámos muito e vimos o mundo mudar também. Tornámo-nos mais móveis, aprendemos a seguir o leitor para qualquer sítio onde precise de nós. Adaptámo-nos a ecrãs diferentes, à medida do seu smartphone ou tablet e reinventámo-nos como app (...)” (Madureira, 2015).

1.2.1 Linha editorial, organização e funcionamento

O Maisfutebol é um jornal desportivo português, disponível online através do endereço www.maisfutebol.iol.pt, que se posiciona como um “órgão de informação independente, escrito e produzido por jornalistas”¹³ profissionais. Desde a sua criação, assumiu uma identidade própria, tal como indica Madureira (2015), um dos fundadores do Maisfutebol: “Não queríamos gravatas nas manchetes, nem tomar os leitores por parvos, nem alimentar fanatismos”. Esta frase traduz de forma fiel a linha editorial do jornal: próxima do leitor, direta e descomplicada, mas sempre sustentada em “informação credível, rigorosa e atual”. O Maisfutebol “rejeita o sensacionalismo” e assume o compromisso de ser uma “referência no jornalismo desportivo português”, distinguindo

¹³ Estatuto editorial Maisfutebol. Disponível em: <https://maisfutebol.iol.pt/estatutoeditorial>

claramente os “géneros informativos, opinativos e interpretativos”, mas reservando-se o direito de “relacionar, interpretar e emitir opinião sobre quaisquer factos”, dentro dos limites da ética jornalística (Maisfutebol, 2000). A redação pauta-se pelo respeito pelos “direitos e deveres consagrados na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas”, promovendo uma informação responsável, isenta e transparente. O jornal adota ainda uma postura “pluralista”, tratando “por igual clubes, jogadores, treinadores, dirigentes e demais agentes do desporto”, tendo como foco principal o “futebol nacional e internacional”, bem como “os grandes acontecimentos” das restantes modalidades. Paralelamente, o jornal valoriza também a “interatividade e ambiciona ser um ponto de encontro entre adeptos do desporto, em Portugal e no mundo” (Maisfutebol, 2000).

No que diz respeito à sua organização e ao funcionamento, o Maisfutebol tem como Diretor-Geral José Eduardo Moniz e como Diretor de Informação Nuno Santos, que acumula o mesmo cargo na TVI/CNN Portugal. Já a Direção Comercial está ao encargo do Mário Matos e a Agenda da Sílvia Carvalho. O projeto conta com duas redações, uma em Lisboa e outra no Porto, onde trabalham no total de 12 jornalistas. Em Lisboa, a redação conta com o editor-geral Rui Loura, que acumula a mesma função também na TVI/CNN Portugal na editoria de desporto, o editor-chefe Sérgio Pereira e os jornalistas David Marques, Ricardo Gouveia, David Silva, Diogo Marques, Tomás Brito, Guilherme Portela e três estagiários, Guilherme Terras Marques, Rodrigo Cabral e Maria Fernandes, autora deste Relatório de Estágio. No Norte, a redação é composta pelo editor Sérgio Pires e pelos jornalistas André Cruz, Samuel Santos, Rui Santos e Ricardo Castro. Para fechar a equipa, a redação conta ainda com correspondentes em diversos pontos do país: Bruno José Ferreira e Nuno Dantas (Minho), Simão Duarte (Arouca), Pedro Lemos (Algarve), Raul Caires (Madeira), Nuno Martins Neves (Açores). Em termos de horários de trabalho, o período laboral está estipulado entre as oito da manhã e a meia-noite, com a redação a funcionar por turnos: o turno da manhã e o turno da tarde/noite. O jornalista que entra às oito está encarregue de publicar as primeiras notícias do dia, depois há um grupo que entra durante a manhã e outro durante a tarde, para acompanhar e cobrir praticamente o dia todo. O dia a dia de um jornalista no Maisfutebol inclui a monitorização dos jornais desportivos, redes sociais e canais oficiais dos clubes, para a identificação de temas de relevo que possam justificar a publicação. Para esse efeito, são

tidos como critérios de noticiabilidade como a atualidade, proximidade, notoriedade na produção noticiosa. Nos dias que antecedem os jogos são realizadas as antevisões com os treinadores e, em algumas competições desportivas, os jogadores também estão presentes, como é o caso da Liga dos Campeões. Nesses dias, o jornalista alocado ao acontecimento dirige-se ao local da conferência e faz as perguntas, normalmente é apenas uma, ou, como acontece em alguns casos, não é dada permissão para questionar. Este é um ponto que vou explorar mais detalhadamente à frente, quando analisar os riscos enfrentados pelos jornalistas desportivos no exercício da sua profissão. Relativamente aos dias de jogo, a dinâmica intensifica-se com a cobertura das partidas ao minuto, com a produção de crónicas, destaques e a captação das declarações dos protagonistas desportivos em conferências de imprensa. O Maisfutebol faz o esforço de cobrir todos os jogos da Primeira Liga de Futebol, ainda que conte com um corpo reduzido de jornalistas. Para além das peças jornalísticas mencionadas, também são realizadas reportagens e entrevistas, ainda que em menor número, dado o número reduzido de jornalistas e o trabalho diário a realizar. Antes de me integrar nesta rotina frenética que uma redação envolve, tive a escolha do local de estágio. No ponto seguinte, irei descrever e refletir sobre esta experiência, assim como detalhar os dias e as tarefas mais marcantes que desempenhei.

2. Crónica em campo - Estágio no Maisfutebol

2.1 A corrida pelo estágio

Foi em junho de 2024 que comecei a esboçar a presente investigação, com uma certeza: queria ir para o terreno. Com essa motivação, a decisão de elaborar um relatório de estágio foi fácil, escolhendo, desde logo, a área do desporto como eixo temático. A partir desse momento, comecei a ordenar os possíveis locais de estágio segundo as minhas preferências, sendo que a TVI ocupava o topo da lista. Porquê a escolha da TVI quando há outros órgãos mais direcionados para o desporto (Sport TV, o Canal 11 ou jornal *A Bola*)? Também estavam nas minhas opções, mas a escolha mais do que racional, foi emocional. A ligação à TVI era antiga porque cresci a ver os seus programas desportivos do canal e, de certa forma, idealizava a possibilidade de um dia estar do outro lado do ecrã, a aprender com profissionais que admiro. Aliado a isso, o facto de antigos colegas

terem tido experiências positivas na redação reforçou a minha convicção. Ciente das minhas preferências, o gabinete de estágios da ESCS fez o contacto com a entidade ainda durante as férias de verão de 2024. Os dias passaram, o verão chegou ao fim e, com o início do ano letivo, apercebi-me de que muitos colegas já tinham local de estágio assegurado... menos eu. A inquietação começou a instalar-se com a falta de resposta porque poderia implicar uma mudança nos planos no trabalho final. Recorri muitas vezes à Professora Fernanda Bonacho, que tantas vezes fazia essa ponte de contacto junto do gabinete de estágios, para esclarecer a situação. O tempo avançava e a resposta tardava em chegar, até que, em pleno mês de novembro, a professora trouxe novidades: “Maria, a TVI diz que a contactou e que não obteve resposta”. Fiquei incrédula, a questionar-me como me tinham ligado e eu não me tinha apercebido. Fui imediatamente rever o registo de chamadas e confirmou-se: a 19 de agosto, tinha recebido uma chamada de um número não registado, que na altura não reconheci e, por isso, deixei passar. Nesse momento, apercebi-me da situação e pensei ‘perdi a oportunidade, já se passaram meses’. Apesar da frustração inicial, não baixei os braços e pensei: “Se me ligaram, é porque viram potencial”. Peguei no telefone e tentei resolver o mal-entendido. Entre as várias chamadas diárias e os largos compassos de espera, chegou o dia em que atenderam e, esperançosa, detalhei a situação. Contudo, a resposta não foi a que esperava: “Neste momento, não temos vagas disponíveis”. Ainda assim insisti, mostrei-me disponível e um dia tudo mudou. Um dia depois dessa chamada, recebo outro telefonema, desta vez com a oportunidade que tanto esperava. Poucos dias depois, fiz a entrevista e...FIQUEI! Recordo-me de sair da entrevista com um sorriso que teimava em não desaparecer e com vontade de partilhar a minha conquista com familiares e amigos.

2.2 Apito inicial, começou o jogo no Maisfutebol

13 de janeiro de 2025. A data que marcou o início de um dos capítulos mais esperados do meu percurso académico e profissional. Estava oficialmente a começar o estágio na redação do Maisfutebol. Coincidência ou não, também era a janela de mercado de transferências de inverno, que, simbolicamente, foi como se se abrisse também a minha própria janela para o mundo profissional. Não houve tempo para apresentações cerimoniosas nem ambientações, visto que mal tinha chegado, já estava a escrever notícias simples, ao meu ritmo, muito lento, mas natural para quem acabava de aterrar pela primeira vez numa redação. Foi uma estreia também escrever sobre desporto, que,

apesar de ser uma área de interesse, era também um terreno inexplorado no que toca à produção jornalística, uma vez que nunca tinha escrito nada sobre o tema. Foi exatamente aí que percebi que seria uma boa oportunidade para me desafiar, numa espécie de “prova de fogo”, até porque não ia escrever só sobre futebol, mas também sobre modalidades menos mediáticas, com o surf ou a pesca desportiva.

2.3 As primeiras jogadas de destaque

Três dias depois de dar o “pontapé de saída” no estágio, a 16 de janeiro, o meu editor, Sérgio Pereira, pôs-me pela frente aquele que seria o meu primeiro desafio em mãos: “Queres dar a notícia da semana?” As borboletas na barriga chegaram quando percebi que a proposta passava por contactar o treinador Daniel Sousa, recém-despedido do Vitória de Guimarães, para recolher a sua versão do despedimento, bem como ter resposta às declarações proferidas pelo presidente do clube daquela cidade berço, no dia anterior. Foi nesse momento que percebi que estava a sair da zona de conforto e que aquilo que até então parecia um estágio “tranquilo” ganhava contornos reais de prática jornalística, “à moda antiga”: procurar a fonte, questionar, ouvir, interpretar. A confiança que o editor-chefe depositou em mim foi determinante para que aceitasse o desafio. “Se conseguires três ou quatro respostas dele, já estás a brilhar!”, disse-me. “Vamos embora, é para dar nas vistas ou não é? É para fazer um bom trabalho ou não é?”, acrescentou, rematando com uma nota: “Tu és uma mulher num mundo de homens, vais ter sempre mais abertura com eles.” Nervosa, ainda assim avancei e preparei a conversa a fundo antes de o contactar. Pesquisei tudo sobre o treinador em causa: o momento vivido na equipa, a demissão, as declarações do presidente do clube, para que no momento da conversa estivesse o mais confortável possível dentro do tema, também para lhe colocar as melhores questões. Finalmente, estava pronta quando depois de várias tentativas, chamadas não atendidas e a ausência de resposta, fui confrontada com a primeira grande frustração, o silêncio, que confirmou que o contacto com as fontes é, muitas vezes, o primeiro grande obstáculo de quem faz jornalismo.

Mas nem todas as tentativas de contacto terminaram em branco. No dia 1 de fevereiro, surgiu novamente uma oportunidade de contacto, desta vez, a Augusto Inácio. O contacto surgiu no seguimento de uma queixa-crime entreposta pelo Sporting e pelo seu presidente, Frederico Varandas, na sequência de declarações feitas pelo antigo jogador

e treinador num programa televisivo, onde referiu que a assistência médica no clube leonino era prestada por uma empresa ligada ao próprio presidente. Desta vez, a resposta foi conseguida durante o telefonema, em que Augusto Inácio deixou uma breve reacção para o Maisfutebol: “O único comentário que eu tenho de fazer, já que o Sporting quer avançar com a queixa-crime, é que fico a aguardar ser notificado”. Acrescentou ainda: “Não sei quais são as intenções das pessoas. Hoje não sou diretor do Sporting, sou um cidadão normal. Limitei-me apenas a constatar uma coisa que já é evidente para a opinião pública.” Com as respostas às minhas questões bem-sucedidas, consumou-se o meu primeiro contacto com uma fonte bem-sucedido e procedi à escrita da notícia¹⁴, destacando no corpo da peça que a fonte, neste caso o Augusto Inácio foi contactado pelo Maisfutebol, garantindo que era informação em primeira mão.

Já no dia 24 de fevereiro, fui chamada a verificar informações em primeira mão. Com os rumores da saída de César Peixoto do comando do Moreirense, foi-me proposto confirmar esta informação junto do clube, neste caso, junto do representante máximo, o presidente Vítor Magalhães. Sem criar grandes expectativas, iniciei a conversa com a segurança que não tinha tido nas abordagens anteriores, estando a experiência acumulada a dar frutos. O dirigente do clube de Moreira de Cónegos atendeu e mostrou-se disponível a esclarecimentos, confirmando que a saída de César Peixoto estava a ser ultimada. Questionei-o ainda sobre o nome do sucessor ao cargo, mas sem efeito porque apesar de ter usado a meu favor todos os argumentos possíveis, inclusive o facto de a TVI deter os direitos televisivos do Moreirense, para ter alguma vantagem, direito a um exclusivo. O presidente contornou a questão dizendo que sabia de treinadores que gostaria, mas que por questões de orçamento não seria possível, utilizando uma analogia curiosa: “Eu posso querer comprar um bolo e não ter dinheiro. Levo um pão”, fechando assim a chamada. No final, escrevi a peça¹⁵ com o exclusivo e seguiu para o site do Maisfutebol.

¹⁴ Notícia disponível em <https://maisfutebol.iol.pt/sporting/frederico-varandas/sporting-e-varandas-avancam-com-queixa-crime-contra-augusto-inacio>

¹⁵ Notícia disponível em <https://maisfutebol.iol.pt/moreirense/liga/cesar-peixoto-de-saida-do-moreirense>

2.4 Reportagem de lançamento

Foi a meio do mês de fevereiro que surgiu a oportunidade de sair da redação e fazer, pela primeira vez, uma reportagem no terreno. A proposta chegou de forma inesperada por parte do editor-geral do Maisfutebol, Rui Loura, que pretendia que acompanhasse a jornalista Madalena Franco, da TVI/CNN, na produção de uma reportagem sobre a equipa feminina de voleibol do Benfica que marcou a década de 1960 e 1970. Lançou-me ainda o desafio de redigir a reportagem para o Maisfutebol. Com a saída programada para o início da tarde, não tive muito tempo para me preparar porque o convite foi feito durante a manhã, no entanto, estava entusiasmada, era a minha primeira saída da redação como jornalista. Chegou a hora combinada e dirigimo-nos ao Museu Cosme Damião, onde nos esperavam quatro antigas atletas da equipa das “Marias”: Maria Madalena Canha, Maria Teresa, Maria Margarida e Maria José. As entrevistas decorreram no interior do museu do Benfica, um espaço carregado de memória benfiquista e um cenário simbólico, já que ali se encontrava parte do legado deixado por aquelas mulheres no desporto português. Durante as gravações para televisão, aproveitei os momentos em que se filmavam planos de corte ou deslocações de cenários para fazer perguntas, sem interferir na reportagem televisiva, isto porque estava ali para aprender e absorver a experiência. Apesar do tempo apertado, consegui recolher o essencial para a construção da minha própria reportagem¹⁶ que viria a ser publicada no site, a 20 de fevereiro, no âmbito da comemoração dos 65 anos do Campeonato Nacional de Voleibol Feminino com o seguinte título: “As Marias do Benfica: um nome comum, uma história tão rara”. No final das contas, esta foi uma experiência marcante que me permitiu praticar jornalismo fora da secretária e ir à procura de estórias para contar.

2.5 Jogada estudada

Uma verdadeira estória é o episódio que se segue. A dar os meus primeiros passos na carreira jornalística tive a proeza de ser plagiada, durante o estágio. Tudo começou

¹⁶ Reportagem disponível em <https://maisfutebol.iol.pt/reportagem/historia/as-marias-do-benfica-umhttps://maisfutebol.iol.pt/reportagem/historia/as-marias-do-benfica-um-nome-comum-uma-historia-cao-raranome-comum-uma-historia-cao-rara>

com uma notícia que escrevi sobre o encaixe financeiro do Benfica na Liga dos Campeões, que podia atingir um valor recorde no futebol português. Como o adversário seguinte do Barcelona na competição milionária seria o Benfica, também a imprensa espanhola se interessou pelo tema. No entanto, não estava à espera de que o fizesse de forma tão... literal.

A descoberta foi feita por um dos editores do Maisfutebol, que rapidamente fez chegar o alerta num grupo de *WhatsApp* que eu não integrava. Estava na redação quando um colega comentou comigo que havia um artigo igual ao meu no *Mundo Deportivo*¹⁷. Fiquei assustada porque sabia bem das implicações do plágio na profissão, mas não entendi de primeira o comentário. Mostrou-me a publicação em questão e qual não foi o meu espanto...que estava exatamente igual - o título, o conteúdo, palavra a palavra – a única diferença era apenas o idioma, estava traduzido em espanhol. Ora, como bons jornalistas, fomos rapidamente investigar para apurar a verdade e a origem da “inspiração” e encontrámos: um estagiário recém-chegado ao jornal espanhol, que, por coincidência ou ironia do destino, tinha feito um estágio no Maisfutebol no passado. Como se já não fosse grave o suficiente o plágio da notícia, o estagiário ainda publicou o (meu) trabalho nas redes sociais, assinando-o. Confrontei-o e inicialmente negou, mas acabou por admitir o erro, justificando-se com o facto de ser o primeiro dia de estágio no jornal espanhol e que ainda não dominava o castelhano. Os editores Sérgio Pereira e David Marques tentaram solucionar a situação ao contactar o autor da cópia, chamando-o à razão: traduzir um artigo para outra língua continua a ser plágio, até porque a cópia do artigo era integral. Como a maioria das estórias, esta teve um final feliz, com a situação a resolver-se no próprio dia e a peça a ser alterada. Este episódio serviu como mote para uma reflexão mais profunda sobre o que significa ser jornalista. À luz do Código Deontológico, “o jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo e considerar a acusação sem provas e o plágio como graves faltas profissionais” (ponto 2) “O jornalista deve assumir a responsabilidade por todos os seus trabalhos e atos profissionais” (ponto 5) bem como “recusar as práticas jornalísticas que violentem a sua consciência.” (ponto 6) Neste caso, o plágio, mesmo sob a forma de “tradução”, é uma violação ética, uma vez que o trabalho jornalístico prima pela criação intelectual individual. Além disso, o próprio

¹⁷ Jornal desportivo espanhol, fundado em 1906. Sediado em Barcelona, é o jornal mais antigo a ser publicado em Espanha e segundo na Europa. Disponível em <https://www.mundodeportivo.com>

Estatuto do Jornalista é claro quanto a este tema. O artigo 7.º-A, n.º 1, define como protegidas por direito de autor “as criações intelectuais dos jornalistas [...] designadamente os artigos, entrevistas ou reportagens que [...] traduzam a sua capacidade individual de composição e expressão.” A mesma lei, no n.º 2, garante ao jornalista o direito de reivindicar a paternidade das suas obras. Traduzir, copiar ou apropriar-se de um texto sem consentimento viola diretamente o enquadramento legal e ético que envolve um profissional de jornalismo, até porque no artigo 14.º, alínea j), é tido como um dever do jornalista “não utilizar ou apresentar como sua qualquer criação ou prestação alheia”.

2.6 Os primeiros 90 minutos

A 15 de março de 2025, pela primeira vez, fui acompanhar um jogo enquanto jornalista, neste caso, a receção do Sporting ao Famalicão, no Estádio José Alvalade. O apito inicial estava marcado para as 20h30, mas a saída foi bastante antecipada devido à minha estreia. A caminho do estádio, o nervosismo foi crescendo e sentia o peso da responsabilidade também, chegando inclusive a interrogar-me se estaria à altura do desafio. Mas, como tantas vezes acontece, as dúvidas dissiparam-se no momento certo. Fui acompanhada pelo jornalista David Marques, que me introduziu à dinâmica de cobertura jornalística em contexto de jogo. À chegada a Alvalade, dirigimo-nos à zona de credenciações para levantar as credenciais de acesso à área dos *media*, bem como um kit de mantimentos para os jornalistas, com alguma comida. Depois, seguimos para a bancada de imprensa, onde o Maisfutebol tinha lugar reservado. Instalei-me, com o coração a bater acelerado e a absorver cada detalhe. O David começou por me mostrar como organiza o trabalho antes dos jogos e eu ouvia e tomava nota de tudo com a máxima atenção. Ora, no Maisfutebol compete ao jornalista que está no estádio realizar um conjunto vasto de tarefas: uma crónica do jogo, os destaques da partida, que mantenha o relato ao minuto e ainda as conferências de imprensa dos treinadores no final. Ainda que estivesse a acompanhá-lo, comecei por ficar responsável pelos destaques da partida, que consistiam em indicar o melhor jogador, o momento do jogo e outros destaques individuais na partida. Durante o jogo, o David procurou orientar-me e dar-me as melhores dicas, e por isso, sugeriu-me acompanhar o relato da rádio em simultâneo com o jogo. Uma estratégia verdadeiramente útil, ajudando na perceção do jogo e na captação de pormenores, principalmente em lances mais confusos ou rápidos. No final do jogo,

seguimos para a sala de imprensa onde decorreram as conferências dos treinadores. Fiquei encarregue da conferência de imprensa do técnico do Famalicão e para garantir que não perdia nenhuma declaração, coloquei o telemóvel a gravar, e bem, enquanto escrevia no computador em simultâneo. No entanto, cometi um erro de principiante, ao colocar o telemóvel sobre o teclado, e o resultado foi uma gravação onde se ouviam mais os sons das teclas do que a voz do treinador, dificultando na hora da transcrição. Depois das conferências, dirigimo-nos a uma sala reservada aos jornalistas, onde finalizámos os conteúdos¹⁸ a publicar. Lado a lado, o David corrigiu e comentou cada aspeto do material que tinha produzido. Eram já perto da 1h da manhã quando demos por concluída a noite de trabalho, os meus primeiros 90 minutos como jornalista desportiva, no centro da ação.

2.7 Saída de bola individual

No penúltimo dia de estágio, a 17 de abril, tive a minha terceira saída, mas desta vez de forma autónoma. O jornalista David Marques, que me acompanhou na estreia em Alvalade, “convocou-me” para ir a uma conferência de antevisão e fazer uma pergunta ao treinador. Era uma estreia dupla, visto ser a primeira vez que ia a uma conferência de imprensa sozinha e a primeira vez que ia intervir. Sabendo da responsabilidade, na noite anterior deixei preparadas cerca de dez perguntas possíveis, isto porque queria ter margem de manobra. Como as televisões geralmente têm a palavra primeiro, foi-me aconselhada a procurar ângulos menos óbvios e elaborar questões criativas, para não correr o risco de ter uma pergunta repetida. No dia da conferência cheguei à redação e fui ler o jornal *A Bola* para ver se me tinha escapado algum dado curioso que pudesse dar boas perguntas. Enquanto isso, mostrei a lista de perguntas que tinha pensado ao editor-chefe, Sérgio Pereira, que escolheu dentro das opções que escrevi as que mais lhe agradavam e ainda fizemos um *brainstorming*, juntamente com o jornalista Bruno Andrade para chegar até à pergunta ideal. A partir desta opção discutimos qual a melhor formação para a pergunta que acabou por ser:

¹⁸ Sporting-Famalicão. Destaques disponíveis em: <https://maisfutebol.iol.pt/liga/sporting/sporting-famalicao-3-1-destaques>; Conferência pós-jogo de Hugo Oliveira, treinador do Famalicão disponível em <https://maisfutebol.iol.pt/famalicao/liga/se-o-futebol-fosse-justo-teriamos-levado-um-ponto-de-alvalade> e <https://maisfutebol.iol.pt/famalicao/liga/hugo-oliveira-gyokeres-e-o-jogador-mais-importante-da-liga>

Ruben Amorim lançou a expressão ‘onde vai um, vão todos’ numa altura em que o Sporting lutava para ser campeão, concretizando-o no final da época. Agora, mesmo sendo líder do campeonato, o Sporting também vive algo idêntico. Tem algum lema para agarrar a equipa até ao final da época? Já agora, também acredita na ‘estrelinha’?

Com a pergunta definida, recebi os últimos conselhos, entre eles, não ler a pergunta, mas sim dizê-la com naturalidade, olhos nos olhos. Como era a minha primeira vez em Alcochete numa antevisão, decidi contactar o assessor de comunicação do Sporting, apresentando-me e avisando-o de que estaria presente pela primeira vez, de modo a garantir que teria direito a pergunta. Na chegada à sala de imprensa, mais uma vez nervosa porque ia estar frente a frente com o treinador do Sporting, Rui Borges, deparei-me ainda com muitos jornalistas que me acolheram muito bem, mesmo sendo uma cara nova no meio. Durante a conferência foi-me dada a palavra, coloquei as questões que tinha planeado e, no final, foi hora de voltar à redação com as informações¹⁹ a serem publicadas no site. Esta foi uma saída que nem sempre acontece, muitas vezes as antevisões são feitas na própria redação, sem jornalistas no terreno. No Maisfutebol, só são enviados jornalistas para acompanhar, no terreno, as antevisões dos chamados “três grandes”. No caso dos restantes clubes da Primeira Liga, recorre-se, por norma, à agência Lusa para recolher as ideias principais e construir a peça, de modo a fazer cumprir os termos de equidade e representatividade. A esta prática, muito recorrente nas redações aos dias de hoje, Nick Davies apelidou no livro *Flat Earth News* (2008) de *churnalism*. O conceito encerra em si o “novo normal” do jornalismo contemporâneo, pouco profundo, por força da lógica comercial que fez encurtar redações e confinou os jornalistas dentro delas, substituiu-se as idas ao terreno por práticas que priorizem a rapidez e a eficiência da produção noticiosa. Os alvos desta precariedade laboral são os jornalistas que são integrados nesta máquina noticiosa para “desempenhar, de forma intensiva,

¹⁹ Publicações sobre a antevisão do treinador do Sporting:

<https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-o-morita-esta-motivadissimo-para-poder-ajudar-nos-ultimos-jogos>

<https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-alisson-sera-um-jogador-que-no-futuro-se-ira-ouvir-falar>

<https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-slogan-para-o-titulo-os-adeptos-tem-falado-por-nos>

<https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-as-imagens-sao-explicitas-harder- apenas-festejou-uma-vitoria>

<https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-deixa-apelo-aos-adeptos-que-acreditem-tanto-como-nos>

tarefas de execução despidas de criatividade e sem perspectiva de conjunto, segundo rotinas fixadas por entidades externas” (Rebelo, 2017, p.7).

O chamado *churnalism* (...) assenta precisamente no embaratecimento da produção de informação através da recorrente reescrita (e, por vezes, copia *ipsis verbis*) de comunicados, *press releases* e notícias de agência.” (Torres da Silva, 2024, p.106).

Este novo modelo reflete algumas das limitações vividas pelo jornalismo contemporâneo que comprometem a missão e o papel cívico da profissão nas sociedades democráticas. O abandono da vigilância e do escrutínio do poder no terreno aliado à dependência cada vez maior dos comunicados institucionais, das agências de notícias, entre outros, resulta num jornalismo cada vez mais fragilizado, mais distante dos protagonistas e da sociedade, com menos autonomia e prestígio no espaço público – algo que já acontece. Outra das consequências desta prática é o *pack journalism* ou "jornalismo de matilha", isto é, quando os diversos órgãos de comunicação social se tornam espelhos uns dos outros, uma vez que já cobrem os mesmos eventos e protagonistas, muitas vezes sob perspetivas semelhantes, sem inovação ou diversidade (Torres da Silva, 2024, p.106).

Tudo isso comporta inegáveis consequências para o papel cívico do jornalismo e para as funções que este último assume nas sociedades democráticas, em que não apenas falamos de degradação dos seus deveres e orientações normativas, mas também de secundarização da sua própria autoridade no estabelecimento do que é socialmente relevante noticiar (Torres da Silva, 2024, p.108).

No caso específico do jornalismo desportivo, se por um lado, a liberdade de imprensa é condicionada pelos clubes que apostam fortemente em departamentos de comunicação robustos, capazes de controlar a informação que querem ou não fazer chegar ao público, por outro, a crise generalizada no setor tem impacto direto nas redações com cortes de pessoal, redução de recursos e o aumento da dependência do “jornalismo de secretária” - mais barato, mais rápido, mas também mais distante da realidade do terreno.

A diminuição do tempo para verificar, aprofundar e contextualizar a informação, a dependência de fontes organizadas (nomeadamente, das agências de comunicação ou das assessorias) e, a montante, a redução do investimento na produção jornalística e nas redações — cortando nos jornalistas mais seniores e precarizando os mais jovens — são também efeitos desta racionalização económica (Torres da Silva, 2024, pp.43-44).

2.7 Apito final e próxima jornada

18 de abril de 2024. Três meses depois de ter iniciado o meu estágio no Maisfutebol, chegou o dia de dizer adeus. Um dia carregado de emoções, marcado por balanços, despedidas e agradecimentos. Como forma de fechar o ciclo, levei um bolo feito por mim para partilhar com a redação. Fechar ciclos nunca foi fácil e muito menos quando se trata de um capítulo bonito como este, que me permitiu conhecer de perto a essência do jornalismo. Ao olhar para trás, vejo um percurso preenchido por experiências marcantes, como os primeiros contactos com fontes, a primeira reportagem no terreno, as conferências de imprensa, a estreia num estádio. Cada momento trouxe desafios, superações e aprendizagens que me transformaram. Claro que nem tudo foi fácil e ao longo do tempo, fui-me apercebendo de algumas limitações, entre elas a predominância do jornalismo de secretária, devido à falta de recursos financeiros, humanos e técnicos. Esta condição evidenciou a pouca aposta em conteúdos mais aprofundados e diferenciadores, que, sendo um jornal com alicerces exclusivamente digitais, existem margem e potencial para explorar novos formatos. No entanto, aponto que o foco em cobrir a atualidade, condicionam mesmo em termos de elaboração de reportagens e entrevistas, que é um segmento que acaba por ficar para segundo plano e que pode dar mais valor ao jornal. Apesar disso, a experiência no Maisfutebol foi determinante para o meu crescimento profissional. Saiu diferente, com mais certezas, e se dúvidas houvesse quanto ao futuro, agora sei que quero continuar a evoluir no jornalismo e a descobrir-me enquanto profissional. Foi por essa razão que, mesmo antes de terminar o estágio, tomei a decisão de prolongar a experiência por mais três meses, mas desta vez na televisão. Foi uma mudança que, entre risos, foi vista na redação como uma “traição” ao jornalismo online. A verdade é que nunca se tratou disso, mas sim, acima de tudo, de uma vontade de sair da zona de conforto e de experimentar outras linguagens e de me descobrir noutros “campeonatos”. Por isso, a 29 de abril, lá estava eu novamente de volta à Media Capital, pronta para iniciar um novo capítulo nesta história. Um recomeço com o mesmo entusiasmo, a mesma curiosidade e com a certeza de que a aprendizagem, essa, continua sempre.

Ainda dava os primeiros passos na televisão quando tive a minha primeira saída: ir à Câmara Municipal de Lisboa, onde o Sporting, campeão nacional, ia ser recebido por Carlos Moedas, presidente da Câmara de Lisboa. Chegámos ao terreno bem antes do

evento, ainda o recinto estava fechado aos adeptos. Com o aproximar da hora, as cancelas foram abertas e os Paços do Concelho encheram-se de adeptos afetos ao Sporting. Foi aí que tive o meu primeiro contacto com adeptos e vivenciei como é trabalhar rodeada do público. Tem tanto de bonito (adeptos a cantar, famílias reunidas) como de perigoso. Estava a acompanhar a Catarina Cardoso, jornalista de desporto da TVI/CNN, numa zona restrita aos jornalistas. Durante o evento, três rapazes afetos a uma claque leonina invadiram a zona referenciada, um deles de cara tapada, onde exibiam bandeiras por trás de nós. Esta foi uma situação que nos deixou desconfortáveis, até porque éramos duas mulheres, no entanto, como uma boa dupla deve fazer, o repórter de imagem estava atento à situação. Ouvi uma conversa entre os invasores, em que referiam que tinham um petardo que queriam fazer explodir à nossa retaguarda. Nesse momento ficámos logo inquietas e avisámos o editor de desporto presente no recinto, Pedro Rosmaninho, que transmitiu o alerta à polícia. Nesse compasso de espera, um dos rapazes chegou mesmo a interpelar-me e a pedir-me uma foto comigo, até que a polícia apareceu. Este incidente é um dos inúmeros casos que refletem os riscos que os jornalistas desportivos sofrem quando estão no terreno, e que muitas vezes condicionam o seu trabalho.

Esta ocorrência deu o mote para a presente investigação sobre os riscos enfrentados pelos jornalistas no exercício da sua profissão, em particular no âmbito desportivo. O estudo tem como suporte um conjunto de relatórios de organizações internacionais, que demonstram que a violência contra os jornalistas tem aumentado à escala global. De acordo com dados dos Repórteres Sem Fronteiras, só nos últimos 20 anos foram mortos mais de 1700 jornalistas, 54 dos quais no ano passado. Este ano, até à data da elaboração deste relatório contabilizaram-se 38 assassinatos, 553 detenções, 54 reféns e 98 desaparecidos.²⁰ Relativamente aos números no âmbito desportivo, desde 1992 foram assassinados 52 jornalistas, cerca de 3% do número global. Para além dos ataques letais, Sparre (2017) observou que a “segurança pessoal dos jornalistas desportivos foi comprometida por meio de prisões e detenções; agressões físicas e verbais; sequestros; ataques; ameaças físicas, verbais e digitais de violência ou morte; ações judiciais; danos à propriedade; abuso sexual pessoal e digital; assassinatos” (Sparre, 2017, p.210). A maioria dos incidentes estão relacionados com a modalidade futebol,

²⁰ Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/barometro>. Consultado a 16/10/2025.

com os jornalistas a relatarem episódios de agressões físicas e aos seus bens, bem como ameaças verbais/digitais de violência ou morte (Sparre, 2017, p. 210). A autora apontou ainda como principais perpetuadores deste cenário hostil os adeptos, atletas, treinadores, dirigentes de clubes e federações, autoridades políticas e policiais e deu exemplos:

Em julho de 2015, o selecionador da equipa nacional de futebol do México, Miguel Herrera, foi despedido depois de ameaçar e, em seguida, agredir um repórter desportivo da TV Azteca no aeroporto de Filadélfia (Sparre, 2017, p. 212).

Em março de 2016, dois adeptos agrediram um repórter *freelancer* à porta do estádio de futebol Campo Tinto Onorato, em Itália, atingindo-o no rosto e roubando-lhe o telemóvel. Entretanto, outros espectadores entoavam cânticos de ‘jornalistas são uma merda’ (Sparre, 2017, p. 211).

As autoridades do Qatar prenderam e interrogaram equipas de televisão da Suíça, do Reino Unido e da Alemanha e impediram-nas de deixar o país durante vários dias, para evitar que fizessem a cobertura das condições de vida e de trabalho dos trabalhadores migrantes que construía as infraestruturas desportivas (Sparre, 2017, p. 214).

Perante estes episódios em termos internacionais, torna-se imperativo aprofundar os riscos dos jornalistas desportivos em Portugal, onde o desporto também é vivido com paixão.

CAPÍTULO II – Jornalismo: Os riscos e as incertezas de uma profissão

2.1. Retrato da (in)segurança no jornalismo a nível mundial

Considerado o “quarto poder” das sociedades democráticas, o jornalismo atravessa um dos períodos mais preocupantes da sua história. Com o dever de escrutinar, denunciar, alertar e informar, o jornalismo procura dar voz à sociedade e dotá-la de informação, tendo em vista a construção da opinião pública. Todavia, as ameaças a este poder são cada vez mais frequentes e prometem trazer consequências, tanto para a indústria da comunicação como para a sociedade porque, apesar do jornalismo servir a própria sociedade, esta está a ameaçá-lo. Segundo António Guterres²¹, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), no discurso proferido a 3 de maio de 2025, por ocasião do Dia Mundial da Liberdade de Imprensa:

A liberdade das pessoas depende da liberdade de imprensa. O jornalismo livre e independente é bem público essencial. É a base da responsabilização, da justiça, da igualdade e dos direitos humanos. Os jornalistas em qualquer parte do mundo devem poder trabalhar livremente e sem favorecimento. Quando os jornalistas não conseguem exercer o seu trabalho, todos perdemos. Tragicamente, isto está a tornar-se mais difícil a cada ano que passa e mais perigoso. Os jornalistas são alvos de ataques, detenções, censura, intimidação, violência e até morte, simplesmente por fazerem o seu trabalho. (Guterres, 2025).

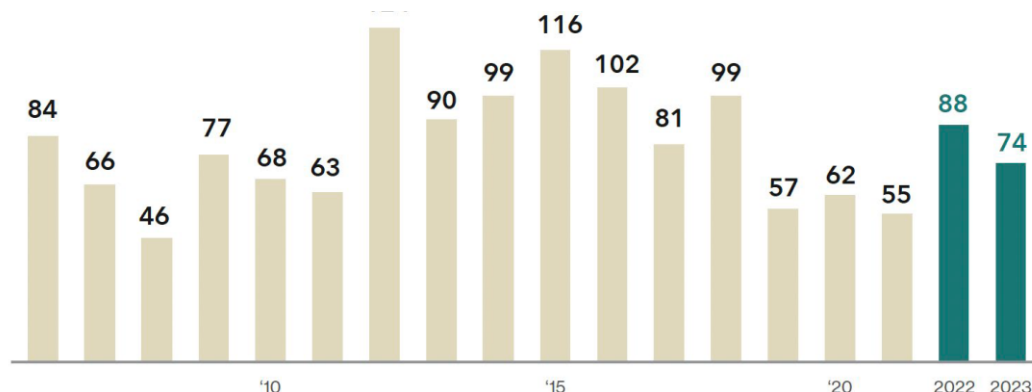
Este cenário de insegurança e hostilidades tem vindo a agravar-se, tal como comprovam os diversos relatórios internacionais de organizações como a UNESCO, a Repórteres Sem Fronteiras (RSF) e a Federação Internacional de Jornalistas (IFJ). Segundo dados recentes da UNESCO, presentes no relatório do biénio de 2022/23 intitulado de *Director-General’s report on the safety of journalists and the danger of impunity, and the United Nations Plan of Action on the Safety of Journalists and the Issue of Impunity* (2024)²², entre o dia 1 de janeiro de 2022 e 31 de dezembro de 2023, foram contabilizadas 162 mortes à escala global (gráfico 1), o que representa uma média de um

²¹ Discurso de António Guterres, no dia 3 de maio de 2025 (Dia Mundial da Liberdade de Imprensa). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TQ15284-M9c>. Consultado a 1/09/2025.

²² Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000391550>. Consultado a 16/10/2025.

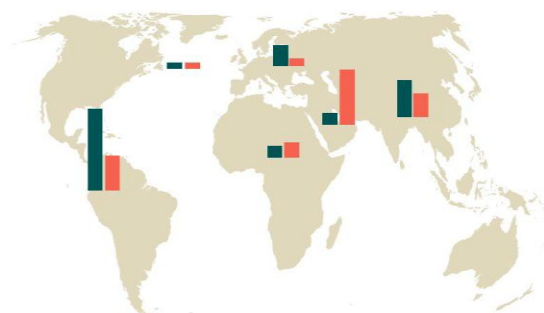
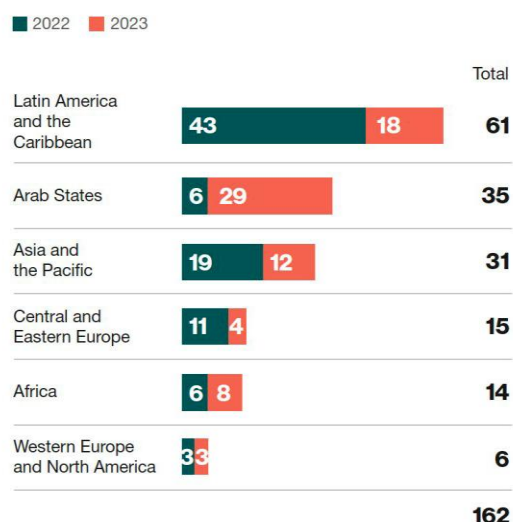
jornalista assassinado a cada quatro dias. De salientar que este foi o período mais mortífero desde 2016/17, superando o biênio anterior de 2020-21, com 117 mortes

Gráfico1. Número de jornalistas assassinados entre 2006 e 2023



Fonte: UNESCO, 2024, p.7

Gráfico2. Número de jornalistas mortos por região (2022-2023)

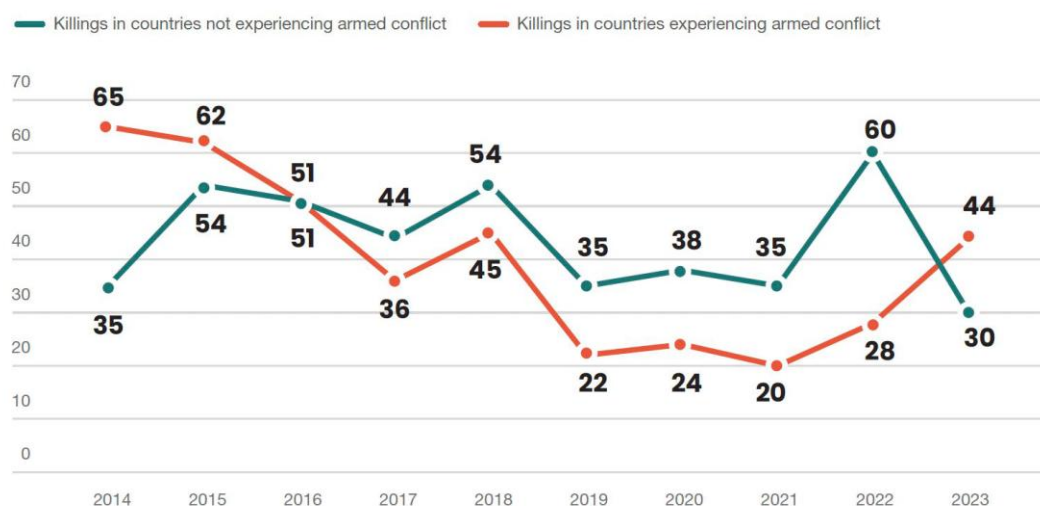


Fonte: UNESCO, 2024, p.8

Em termos de área geográfica, no mesmo período, a violência suprema provocou a morte de jornalistas em todos os continentes, à exceção da Oceânia. Dados do mesmo relatório indicam que a América Latina e as Caraíbas foram as regiões com o número mais elevado de mortes de jornalistas em exercício da profissão (61), seguindo-se os Estados Árabes (35), Ásia e Pacífico (31), Europa Central e Oriental (15), África (14) e, por fim, a Europa Ocidental e a América do Norte, com seis casos reportados (gráfico 2). Estes números mostram que nenhuma região está totalmente imune a este tipo de violência. O México foi o país mais letal em 2022, com 19 assassinatos a jornalista, posição que foi ocupada, no ano seguinte, pelo Estado da Palestina, que somou 24

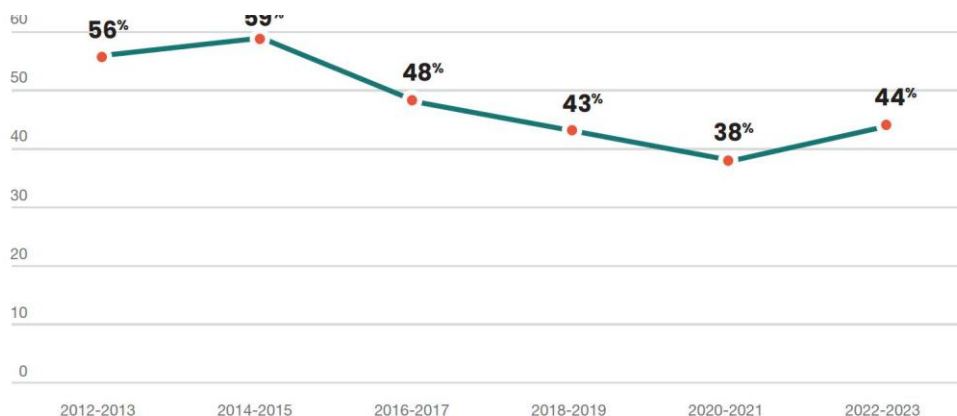
assassinatos. Durante o biênio em análise registaram-se 72 assassinatos a jornalistas em países em conflito armado, representando 44% das mortes (gráficos 3 e 4). Em 2023, o número de mortes em contexto de guerra quase que duplicou face ao ano anterior, representando 59% das mortes (44) face aos 32% em 2022 (28) (gráficos 3 e 5). É preciso recuar até ao triénio de 2014-2016 para ter um registo superior ao do ano de 2023, em que a percentagem de mortes em países de conflito armado foi de 66% (gráfico 5). Já no que se refere às mortes em países sem conflitos armados, a tendência foi inversa, uma vez que os casos mortíferos reduziram drasticamente em 2023, passando de 60 assassinatos em 2022 (o recorde registado pela UNESCO) para 30 no ano seguinte (valor mais baixo desde 2008).

Gráfico 1. Número de jornalistas assassinados em países em conflito armado (2014-2023)



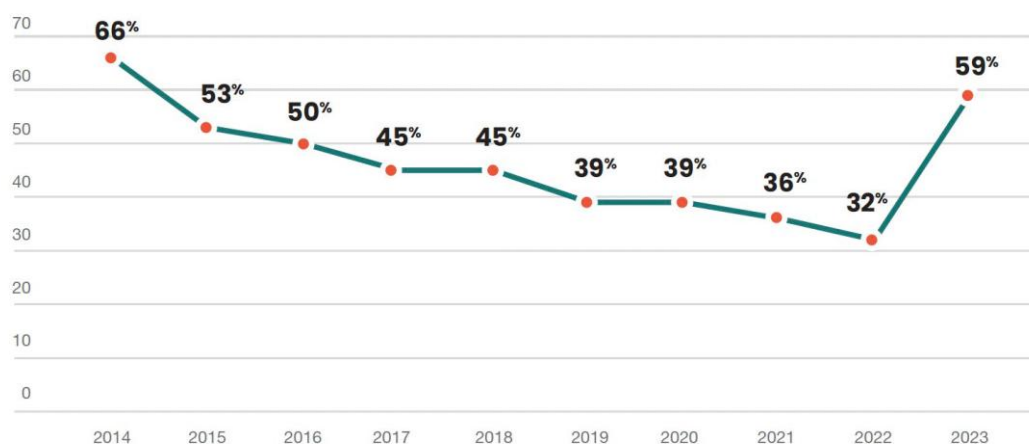
Fonte: UNESCO, 2024, p.9

Gráfico 2. Percentagem de jornalistas assassinados em países em conflito armado por biênio



Fonte: UNESCO, 2024, p.10

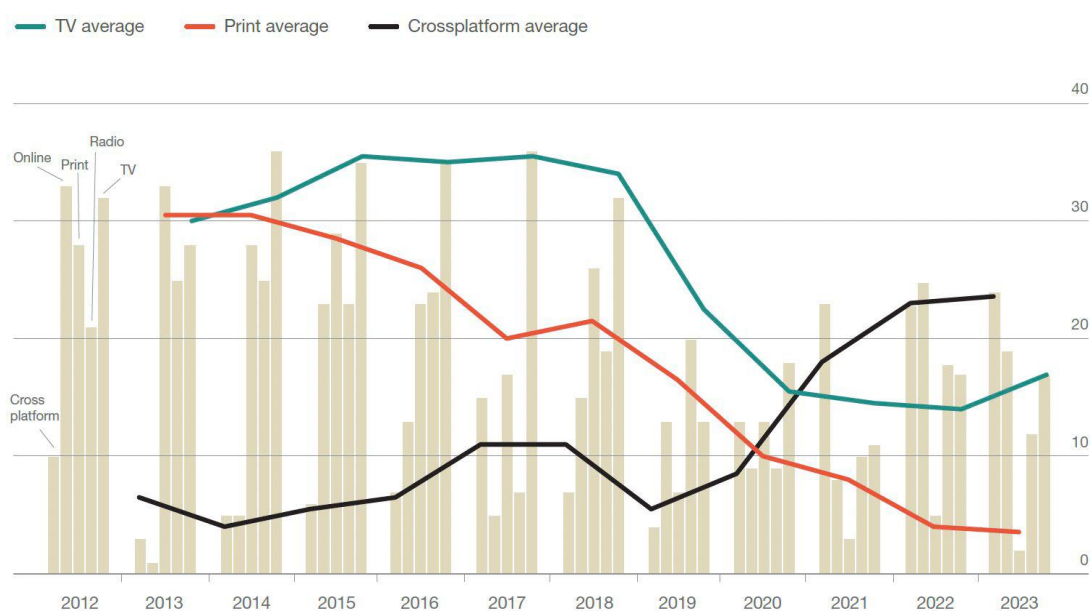
Gráfico 3. Percentagem de jornalistas assassinados em países em conflito armado (2014-2023)



Fonte: UNESCO, 2024, p.9

De acordo com o mesmo relatório, os jornalistas que trabalham em multiplataforma são os que apresentam maior número de assassinatos (47 casos, 29% do total). De igual modo, os ataques a jornalistas que trabalham na Internet também aumentaram de 15% no anterior biénio para 27% em 2022-23, totalizando 44 casos. Em termos gerais, os jornalistas de televisão representaram 21% das vítimas, seguidos dos profissionais da rádio (19%) e dos de imprensa escrita (4%) (gráfico 6).

Gráfico 4. Número de jornalistas assassinados por tipo de media (2012-2023)



Fonte: UNESCO, 2024, p.14

Entre 2022 e 2023, a UNESCO divulgou diferentes tipos de ataques letais contra jornalistas, com destaque para as mortes ocorridas em contextos diretos de conflito armado (56); nas casas das vítimas ou nas proximidades (22); durante viagens de carro ou mota (20 mortes); mortes precedidas de desaparecimentos, denúncias de desaparecimentos ou sequestros (13); em ataques terroristas (8); em cobertura de protestos²³ (3) e de questões ambientais (6), mortes sob custódia policial ou detidos (5) e assassinatos cometidos por multidões (3).

Já o relatório mais recente da organização *Repórteres Sem Fronteiras (RSF)*, designado *Balanço 2024 dos jornalistas mortos, presos, feitos reféns e desaparecidos no mundo* (2024), revela que 54 jornalistas foram mortos em exercício de funções; 550 ficaram presos (um aumento de 7,2% face a 2023); 55 foram mantidos como reféns (dois foram sequestrados em 2024) e cerca de 100 jornalistas foram dados como desaparecidos (mais quatro jornalistas em 2024), sendo que 45% dos desaparecimentos são forçados²⁴. No que toca ao assunto que mais jornalistas vitimou em 2024, as zonas de conflito registaram a maioria das ocorrências (31 mortes), com a região da Faixa de Gaza a tornar-se a região mais perigosa do mundo para o jornalismo e os jornalistas ao concentrar cerca de 30% das mortes²⁵. “Um terço dos jornalistas mortos este ano foram mortos por bombas das forças armadas israelenses” (RSF, 2024, p.3). A par dos assassinatos em zonas de conflito, a política local também desencadeou oito assassinatos (8), o crime organizado sete (7) e as manifestações cinco (5). Em termos de detenções, Israel é o país que mais prendeu jornalistas desde o início da guerra em Gaza e já é a terceira maior “prisão” do mundo para jornalistas, com 41 detidos. A China lidera as detenções (124, sendo 11 em Hong Kong), seguida da Birmânia (61), Israel (41) e Bielorrússia (40). Estas são as quatro maiores “prisões” e, em conjunto, capturam cerca de um em cada dois jornalistas no mundo. A propósito dos jornalistas mantidos em cativeiro, apenas cinco países concentram todos os casos, com a Síria a ser responsável por 70% dos reféns (38), Iraque (9), Iêmen (5), Mali (2) e México (1). Entre os principais sequestradores estão o Estado

²³ A UNESCO refere que os ataques não letais durante protestos são frequentemente cometidos por forças de segurança.

²⁴ À luz do direito internacional, a RSF entende por desaparecimento forçado quando o jornalista é “privado da liberdade por uma autoridade oficial (ou por um grupo que atue em seu nome, ou com o seu apoio, ou com o seu consentimento), combinada com a recusa de reconhecer esta privação, ou seja, em revelar o destino da pessoa em causa e a sua localização.” (RSF, 2024, p.16)

²⁵ Os números que aparecem nesta edição foram interrompidos a 1.º de dezembro de 2024 e não levam em consideração quaisquer divulgações ou ataques ao jornalismo ocorridos após essa data.

Islâmico (25), os grupos rebeldes sírios (11) e os grupos armados não identificados (8). Quanto aos jornalistas desaparecidos, são cerca de uma centena e estão dispersos por 34 países, com o México a ser o país mais perigoso, ao concentrar cerca de 30% dos casos (30). As causas principais destes desaparecimentos ocorreram em regimes autoritários ou negligentes, que contribuíram para que mais de um quarto dos jornalistas desaparecessem nos últimos dez anos. Numa perspetiva mais próxima, em 2025, os dados mais recentes da organização apontam para 38 jornalistas assassinados, 553 detidos, 54 tidos como reféns e 98 desaparecidos.²⁶

Os jornalistas são expostos a um sem-número de acontecimentos e processos, desde acidentes rodoviários até violentas manifestações políticas e sociais, roubos e assassinios, situações envolvendo o abuso de crianças e idosos e acontecimentos críticos maiores, como desastres naturais com grandes perdas humanas. (Varela *et al.*, 2023, p.31)

2.2.1 Insegurança jornalística em Portugal

Segundo a mesma organização nos dados anuais do Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa relativos ao “indicador de segurança”, Portugal ocupa, em 2025, a 13.^a posição a nível mundial, o que representa um aumento de dois pontos face ao ano anterior (15.^a posição)²⁷. Apesar da situação de portuguesa revelar-se menos problemática que a descrita anteriormente, não significa que os jornalistas portugueses não sejam alvos de ameaças, muito pelo contrário. O mesmo indicador refere que vários jornalistas reportam que já foram agredidos verbal e fisicamente no exercício de funções, especialmente em contextos políticos e desportivos. Dados do *Mapping Media Freedom*²⁸, entre 2014 e 2025, revelam ainda que os incidentes mais reportados em Portugal foram a violência verbal (22), seguida de ações legais (15) e interferência (14), os ataques físicos (12) e à propriedade privada (8). As principais fontes de conflito identificadas foram as pessoas comuns (16), autoridades governamentais e funcionários públicos (14), partidos políticos (7) e as forças de segurança (6). Na maioria dos casos, o

²⁶ Dados Repórteres Sem Fronteiras em tempo real de ataques a jornalistas. Disponível em: https://rsf.org/pt-br/barometro?annee_start=2025&annee_end=2025#exaction-victimes. Consultado a 16/10/2025.

²⁷ De acordo com os RSF, para este *ranking* apenas foram contabilizados 180 países ou territórios.

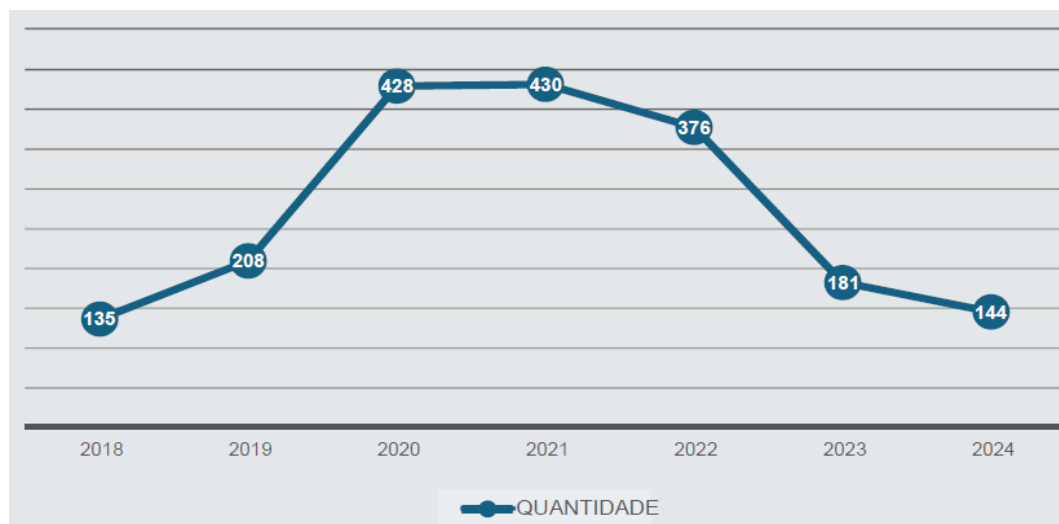
²⁸ *Mapping Media Freedom* é uma plataforma que documenta e monitoriza violações da liberdade de imprensa na Europa, permitindo acesso público aos dados sobre tipos de ataques, tipos de agressores e contextos das agressões. Disponível em: <https://www.mappingmediafreedom.org>. Consultado a 15//2025

contexto dos incidentes não foi registrado, no entanto, os dados disponíveis apontam para ataques em eventos religiosos, manifestações, em tribunais, na via/espços públicos, em ambiente digital, no Parlamento e até em conferências de imprensa. Apesar dos jornalistas serem cada vez mais alvo de ameaças, como mostramos anteriormente, um levantamento, em particular no caso português, peca por tardio, uma vez que não há muita informação produzida sobre o assunto.

2.2.2 (In)segurança jornalística no Brasil

Olhando para o caso do Brasil, país com fortes ligações culturais a Portugal, vemos que o cenário apresenta contornos de violência superiores aos do caso português. Dados do “indicador de segurança” do Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa, colocam o Brasil na 78.^a posição em 2025, uma recuperação de 26 lugares face ao ano anterior (104.^o posição). Ainda assim, de acordo com o *Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil*²⁹ de 2024, da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), ocorreram 144 casos de violência contra jornalistas, o que representa o valor mais baixo dos últimos seis anos, cujo pico ocorreu durante o Governo de Jair Bolsonaro, entre 2019 e 2023 (gráfico 7). Este número apresenta uma redução de cerca de 20,44% dos casos de violência contra jornalistas face ao ano de 2023 (181 casos).

Gráfico 5. Número de episódios de violência contra jornalistas no Brasil (2018-2024)



Fonte: FENAJ, 2024, p.5

²⁹ Disponível em <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Consultado a 16/10/2025

Em termos de ataques letais, não foi contabilizada nenhuma ocorrência, mas vários jornalistas revelaram que já receberam ameaças ou passaram por situações graves, como, por exemplo, tentativas de homicídio.

Um jornalista de São Paulo foi ameaçado por um vereador que lhe apontou uma arma que trazia à cintura; no Rio de Janeiro, o carro de uma equipa da TV Record foi atingido por disparos durante uma cobertura. Um jornalista foi baleado no seu automóvel e outro teve rajadas de balas disparadas contra a sua residência. (FENAJ, 2024, p.4)

Tabela 1. Principais agressões no Brasil

TIPO DE AGRESSÃO	QUANTIDADE	%
AGRESSÃO FÍSICA	30	20,83%
ASSÉDIO JUDICIAL	23	15,97%
AMEAÇA / ATAQUE VERBAL PRESENCIAL	15	10,42%
AMEAÇA / ATAQUE VIRTUAL	12	8,33%
CENSURA	11	7,64%
IMPEDIMENTO AO EXERCÍCIO PROFISSIONAL	10	6,94%
DESCREDIBILIZAÇÃO DA IMPRENSA	9	6,25%
INTIMIDAÇÃO / HOSTILIZAÇÃO	8	5,56%
ATAQUE MISÓGICO	7	4,86%
TENTATIVA DE HOMICÍDIO / AMEAÇA DE MORTE	6	4,17%
VIOLÊNCIA CONTRA A ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES/SINDICAL	4	2,78%
LGBTFOBIA	2	1,39%
RACISMO	2	1,39%
DETENÇÃO	1	0,69%
ATENTADO	1	0,69%
IMPORTUNAÇÃO SEXUAL	1	0,69%
RISCO DE MORTE	1	0,69%
CRIME CIBERNÉTICO	1	0,69%
TOTAL	144	100%

Fonte: FENAJ, 2024, p.8

Quanto aos maiores perpetradores da violência contra os jornalistas, os políticos, assessores e apoiantes surgem no topo da lista, totalizando 48 incidentes, seguidos dos populares com 10, polícia e órgãos de segurança pública com nove, o mesmo número de casos a envolver funcionários públicos, dirigentes, jogadores e adeptos dos clubes de futebol (tabela 2). De entre os diversos contextos em que estes atos violentos ocorreram em 2024 e continuam a ocorrer, destacam-se o ambiente político e as campanhas eleitorais, responsáveis por 38,9% dos ataques, os eventos desportivos, os tribunais, o ambiente digital e redes sociais, a via pública, os protestos e manifestações (FENAJ, 2024, p.4).

Entre os tipos de violência mais praticados em 2024 destacam-se as agressões físicas, com 30 casos, os incidentes de assédio judicial com 23, as ameaças presenciais e virtuais com 27 e 11 casos de censura (tabela 1).

Tabela 2. Principais agressores no Brasil

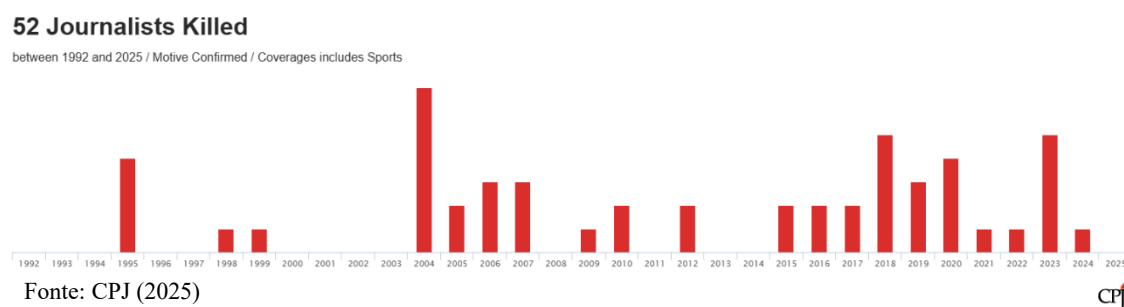
Políticos/assessores/parentes	48 casos	33,33%
Populares	10 casos	6,94%
Policiais militares/civis/órgãos de segurança pública	9 casos	6,25%
Dirigentes, jogador e torcedores de clubes de futebol	9 casos	6,25%
Funcionário de órgão público/prefeitura/estado	9 casos	6,25%
Outros/não identificado	9 casos	6,25%
Juízes/procuradores/advogados	7 casos	4,86%
Empresários/comerciantes	7 casos	4,86%
Manifestantes de extrema-direita	6 casos	4,17%
Apoiadores de políticos/seguranças	5 casos	3,47%
Internautas	5 casos	3,47%
Confederação Israelita do Brasil (Conib)/Grupos pró Israel	4 casos	2,78%
Comunicadores	4 casos	2,78%
Empresários/empresa de comunicação	3 casos	2,08%
Infratores da lei	3 casos	2,08%
Cantores/cantoras	2 casos	1,39%
Influenciadores digitais	2 casos	1,39%
Plataforma digital	1 caso	0,69%
Igreja evangélica	1 caso	0,69%
Total	144 casos	100%

Fonte: FENAJ, 2024, p.16

2.2 As especificidades do jornalismo desportivo

Historicamente marginalizado dentro do meio jornalístico, o jornalismo desportivo foi, durante muito tempo, considerado um *toy department*, isto é, um espaço muitas vezes comparado ao entretenimento, caracterizado por notícias superficiais e pela falta de rigor (Boyle, 2006, p.1). Essa categorização contribuiu para que os riscos enfrentados pelos jornalistas desportivos também fossem subestimados e negligenciados. Os números apresentados pelo *Committee to Protect Journalists* (CPJ) referem que desde 1992 foram assassinados mais de 1708 jornalistas, sendo que 52 trabalhavam na área desportiva - cerca de 3%. (gráfico 8)³⁰

Gráfico 6. Evolução do número de jornalistas desportivos assassinados (1992-2025)



Apesar de estes números serem inferiores aos de outras áreas de especialização como a política (794), guerra (729), direitos humanos (361), crime (301)³¹, mostram que os riscos não são limitados a contextos de guerra ou instabilidade política, mas também a eventos desportivos. Esta editoria distingue-se das demais, por atuar numa matéria altamente emocional, onde muitas vezes a ‘clubite’, a rivalidade e os interesses dos clubes podem contribuir para momentos de tensão e violência entre adeptos, entidades e inclusive jornalistas. Estes episódios podem acontecer incitados por vários agentes em diversos contextos e formatos, no entanto, os jornalistas são muitas vezes o “elo mais fraco” da equação e, por isso, o alvo preferencial para potenciais ataques e ameaças.

³⁰ Comité de Proteção dos Jornalistas (CPJ). Jornalistas assassinados desde 1992 (Desporto). Disponível em: https://cpj.org/data/killed/all/?status=Killed&motiveConfirmed%5B%5D=Confirmed&type%5B%5D=Journalist&start_year=1992&end_year=2025&group_by=year. Consultado a 16/10/2025.

Embora não apresente dados específicos sobre incidentes com jornalistas, o *Relatório de Análise da Violência Associada ao Desporto 2023/2024*, publicado pela Autoridade para a Prevenção e o Combate à Violência no Desporto (APCVD) e pelo Ponto Nacional de Informações sobre o Desporto (PNID), traça o panorama da violência no desporto em Portugal, com o foco principal no futebol, no período de 1 de julho de 2023 a 30 de junho de 2024. De acordo com este relatório, na época desportiva de 2023/24, foram totalizados 8.879 incidentes (gráfico 9), sendo que o futebol é a modalidade que concentra a maioria das ocorrências (92,5%) com 8.213 incidentes. O futsal surge como a segunda modalidade com maior número de incidentes (432), seguido do hóquei patins com 101, e as restantes modalidades concentram os restantes casos (133).

Gráfico 7. Evolução do número de incidentes registados pelo Ponto Nacional de Informações sobre Desporto (PNID) em todas as competições por épocas desportivas (2019-2024)



Nota: As épocas desportivas de 2019/2020 e 2020/2021 decorreram durante a pandemia de COVID-19, com fortes restrições sanitárias, incluindo a realização de eventos sem público.

Fonte: APCVD & PNID (2024), p.8

Entre os incidentes mais expressivos destaca-se a posse/uso de artefactos pirotécnicos, que representam 64% dos casos (5.673), seguem-se os danos materiais (738 incidentes), destacando-se durante o período em análise 525 assentos destruídos na final da Taça de Portugal, entre o FC Porto e o Sporting CP, e também o arremesso de objetos. Houve também um aumento do número de injúrias (717) e de faltas de respeito (333), valores que se explicam, em parte, pelo maior reporte e atuação policial, devido aos novos mecanismos sancionatórios previstos na legislação em termos de segurança dos espetáculos desportivos³² mas também pelo facto do número de adeptos alcoolizados ou

³² Lei n.º 39/2019, de 30 de julho, na sua atual redação.

na posse de estupefacientes a entrar nos recintos desportivos ter duplicado (165). Já as agressões físicas e o incitamento à violência, racismo e xenofobia caíram, apresentando menos 41 e 67 ocorrências, respetivamente (gráfico 10).

Gráfico 8. Distribuição por tipologia de incidentes (2022-24)

DISTRIBUIÇÃO POR TIPOLOGIA DE INCIDENTES	2023/2024	2022/2023
Posse/Usos de artefactos pirotécnicos	5673	3033
Danos	738	382
Injúrias	717	468
Incumprimento do dever de usar correção, moderação e respeito	333	218
Agressões	302	343
Arremesso de objetos	281	193
Invasão da área de espetáculo desportivo	168	140
Adepto alcoolizado / Posse de estupefacientes	165	82
Incitamento à violência, ao racismo, à xenofobia e a intolerância	114	181
Infrações do promotor relacionadas com segurança no espetáculo desportivo	84	190
Venda ilícita de bilhetes	26	157
Violação de medida de interdição de acesso a recinto desportivo*	15	13
Outros	263	699
TOTAL	8879	6099

Fonte: APCVD & PNID (2024), p.8

*Adeptos identificados ou detidos por violação de medida de interdição de acesso a recinto desportivo aplicada pela APCVD ou pelos tribunais.

A Primeira Liga de Futebol continua a ser a competição com o maior número de incidentes registados (4.031), seguida da Taça de Portugal de Futebol (1.296), do Futebol Distrital (917) e das competições da UEFA (755). Analisando especificamente o primeiro escalão do futebol português, mais uma vez, o uso de pirotecnia concentra a maior das preocupações, com 3.443 incidentes (85,4%). Na época desportiva de 2023/24, “a maioria das ocorrências foram registadas em eventos desportivos em que participaram as equipas do SL Benfica, Sporting CP e FC Porto e, particularmente, nos eventos entre as equipas mencionadas” (APCVD & PNID, 2024). Ainda nesta competição, foram registados ainda 119 casos de arremesso de objetos, muitos dos quais relacionados com pirotecnia, e 111 episódios a envolver adeptos alcoolizados ou na posse de estupefacientes. Face aos dados apresentados, é importante que seja reconhecido o risco que representa este contexto para os jornalistas desportivos, não só por uma questão de segurança profissional, mas também pela dignidade da profissão. É fundamental

investigar quais os tipos de ameaças enfrentadas pelos jornalistas desportivos, quem são os principais agressores e de que forma as ameaças se relacionam com as práticas do jornalismo desportivo (Sparre, 2017, p. 208).

2.3 Riscos no exercício da profissão

O conceito de risco é definido por Loose *et al.* (2017) como uma “construção social” que resulta de perceções. Segundo os autores, “o reconhecimento do risco ocorre através de um processo social, ligado à confiança e medo, e cercado por valores e fatores, que dependem do contexto o que faz com que determinadas pessoas percebam um certo risco e outras não. As perceções de risco variam (...) tanto individualmente como socialmente” (p.7). Beck (2007) complementa esta ideia ao entender os riscos como uma forma de “antecipação, com destruições que ainda não ocorreram, mas que são iminentes, e que, justamente nesse sentido, já são reais hoje (...) Num sentido decisivo, eles são simultaneamente reais e irreais (ameaças projetadas no futuro)” (pp.39-40).

No campo do jornalismo, esta noção ganha contornos particulares, refletindo-se nos inúmeros riscos que permeiam a profissão. Como sublinha Lopes (2015):

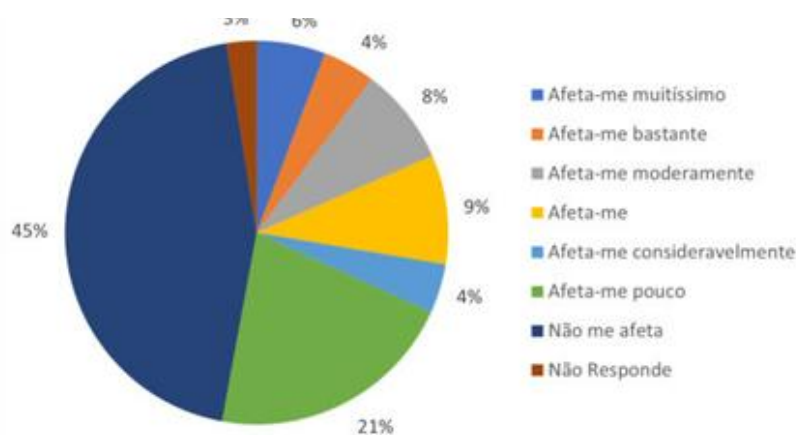
Os jornalistas vivem hoje sob permanente pressão. Pressão para ser rentável. Pressão para fazer a cobertura de determinado acontecimento. Pressão para ouvir este ou aquele interlocutor. Pressão para não afrontar os acionistas ou financiadores da sua empresa. Pressão para cumprir leis que não deixam margem para noticiar factos com relevância noticiosa. Pressão para trabalhar depressa. Pressão para ser o primeiro a anunciar a última coisa que acontece. Pressão para multiplicar conteúdos em diversas plataformas. Pressão para atender àquilo que os cidadãos dizem nas redes sociais. Pressão para desenvolver conteúdos de qualidade que suscitem o interesse do público. Pressão para não provocar reações dos reguladores dos media (2015, p.5)

Estas dinâmicas descritas por Lopes (2015) evidenciam a complexidade e a vulnerabilidade que caracterizam a profissão na atualidade, com os jornalistas sujeitos a diferentes tipos de riscos. “São muitas e frequentemente invisíveis as dificuldades que um jornalista enfrenta no seu dia a dia para mediatizar uma área com inegável interesse público, mas (...) nem sempre pautada pela liberdade necessária” (Lopes, 2015, p. 138). De seguida, serão apresentados alguns desses constrangimentos, com destaque para a análise de riscos físicos, psicológicos, éticos, profissionais e sociocomportamentais.

2.3.1 Riscos físicos

Durante décadas os jornalistas foram considerados como observadores e relatores, agora são cada vez mais tidos como alvos fáceis para a intimidação, ameaças e ataques (Koster et al., 2022). Como sublinham Koster *et al.* (2022), atualmente, estes profissionais são vistos como alvos por exercerem a sua profissão e cumprirem o seu papel como agentes ativos e vigilantes, enfrentando muitas vezes situações perigosas. Esta condição de risco é uma perceção que os próprios jornalistas assumem. De acordo com o relatório do *Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal* (2023), mais de metade dos jornalistas dizem-se afetados por ameaças de violência (52%), revelando preocupação com a sua integridade física no exercício da sua profissão, ainda que varie o grau entre “afeta-me pouco” e “afeta-me muitíssimo” (gráfico 11).

Gráfico 9. Ameaças de violência no exercício da profissão



Fonte: Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal (2023), p.206

Quando olhamos para o universo do desporto, os valores apresentados nos códigos de ética desportiva, em particular os plasmados no código de ética desportiva do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), fazem referência a valores como o “*fair-play*, a tolerância, a honestidade, a verdade e o respeito pelas regras do jogo”. Contudo, vemos que a imagem idealizada, por vezes, não corresponde à realidade, visto que é muitas vezes marcada por episódios de tensão e fanatismo e, em casos extremos, pela violência. Como vimos, esta realidade é mais evidente no futebol porque a mediatização transformou a modalidade num fenómeno de massas, à escala planetária, com um inegável interesse social, cultural e económico (Lopes, 2015, p.134).

Sem TV o futebol não teria a dimensão que alcançou à escala planetária. Hoje a bola é motivo de “culto” e os seus “artistas” quase deuses com biliões de fiéis, muitos deles tocados por um fanatismo a roçar a doença, que, aqui e ali, põe em perigo alguns princípios estruturantes de uma sociedade equilibrada, como a ordem pública e o civismo. Todos sabemos que o futebol sempre foi um desporto de massas, catalisador de paixões e de frustrações intensas (...) (Lopes & Pereira, 2006, p.23).

Esta nova conceção do desporto, trazida pela mediatização, coloca o futebol no patamar do sagrado, onde os clubes procuram a todo o custo impor a sua doutrina; ir ver um jogo é comparado à ida a uma missa; os jogadores são idolatrados, tal como os santos e os adeptos são fiéis devotos com uma paixão intensa e emocionalmente dependentes dos resultados do clube. Ora, este cenário pode originar diversas complicações, especialmente quando um jornalista é visto como um intruso ou como uma ameaça, seja pelos adeptos, pelos clubes ou por outras entidades desportivas. Quando um jornalista denuncia escândalos, expõe verdades incómodas ou simplesmente está presente em momentos de tensão, torna-se um alvo preferencial, não só pela sua visibilidade como pela interpretação que dá aos acontecimentos. Neste contexto de riscos físicos, todos os anos são relatados em Portugal casos de jornalistas que enfrentaram ameaças físicas, tanto no âmbito desportivo como fora dele. Para ilustrar esta realidade, apresento de seguida alguns episódios, inclusive noticiados, em que a integridade física dos jornalistas desportivos foi ameaçada enquanto exerciam funções. Um dos episódios mais recentes ocorreu em 2024, durante o Campeonato da Europa de Futebol, na Alemanha. Tinha acabado de partir o autocarro da Seleção Nacional de Leipzig, quando o jornalista da SIC Nuno Pereira foi agredido fisicamente por adeptos enquanto estava a fazer um direto. Na sequência da situação, o repórter sofreu a deslocação de um ombro que o obrigou a ser transportado para o hospital.³³

Em abril de 2021, o repórter de imagem da TVI, Francisco Ferreira, foi agredido por Pedro Pinho, empresário ligado ao FC Porto³⁴, nas imediações do Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, em Moreira de Cónegos. Enquanto Jorge Nuno Pinto da Costa, na altura presidente do FC Porto, falava com os jornalistas após o jogo

³³ Repórter da SIC agredido por adeptos no Euro2024. Disponível em <https://sicnoticias.pt/especiais/euro-2024/2024-06-17-video-jornalista-da-sic-agredido-na-alemanha-fcc40cc6>

³⁴ Repórter da TVI agredido por elemento portista. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/desporto/reporter-de-imagem-da-tvi-agredido-no-fim-do-jogo-entre-o-moreirense-e-o-porto_v1315537

com o Moreirense, Pedro Pinho dirigiu-se ao repórter de imagem com o intuito de o impedir de continuar a filmar. Como forma de intimidação e obstrução, começou por agredi-lo verbalmente, com insultos até partir para a violência física, que contou com pontapés, apertões no pescoço, empurrões que o levaram até uma grade de segurança e ainda tentativas de roubo ao material de serviço.

Decorria o ano de 2018, quando durante a final da Taça de Portugal entre FC Porto e Sporting, no Estádio do Jamor, um jornalista da RTP foi agredido e o equipamento destruído por indivíduos disfarçados de adeptos. Também nesse mesmo ano, numa altura em que o clube leonino, liderado por Bruno de Carvalho, atravessava um período de crise, o repórter da TVI, Francisco David Ferreira estava em direto junto ao Estádio de Alvalade, quando foi interrompido de forma violenta por um adepto, que, em gesto de defesa do antigo dirigente, o empurrou e insultou durante todo o direto. Apesar dos apelos para que o deixasse terminar, o adepto ignorou os avisos e continuou a insultá-lo com agressividade, estendendo as ameaças aos restantes jornalistas presentes. O episódio mais marcante de 2018 foi o ataque à Academia do Sporting, em Alcochete³⁵. Na tarde de 15 de maio, cerca de 40 elementos da Juventude Leonina, claque afeta ao Sporting, dirigiram-se à academia do clube para agredir os jogadores, dois dias depois da derrota com o Marítimo que colocou os “leões” no terceiro lugar da Liga. À entrada do centro de treinos, os adeptos começaram por intimidar e ameaçar os jornalistas presentes no local, forçando-os a interromper as gravações. De modo a garantir que cumpriam a indicação, dois elementos do grupo ficaram a vigiar os profissionais de comunicação social, enquanto os restantes seguiram para dentro das instalações do clube munidos de diversos objetos perigosos, como tochas e bastões.

Os exemplos de riscos físicos apresentados demonstram a vulnerabilidade a que os jornalistas se expõem por estarem ao serviço da sociedade, garantindo o direito à informação. Todavia, os riscos físicos vão para além das agressões, lesões ou danos materiais, muitos destes episódios desencadeiam outro tipo de consequências na vida de um jornalista, entre elas, o bem-estar emocional. Neste sentido, é importante enfatizar

³⁵ Ataque Academia do Sporting, em Alcochete. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/novas-imagens-do-ataque-a-academia-do-sporting-em-alcochete>

que os riscos físicos são apenas uma das dimensões dos riscos a que os jornalistas se expõem ao longo do exercício profissional, podendo esses episódios ter impacto em termos psicológicos, éticos, profissionais e comportamentais.

2.3.2 Riscos psicológicos

Abordar os riscos psicológicos é, em certa parte, abordar todos os demais riscos a que os jornalistas estão expostos – físicos, éticos, profissionais, sociocomportamentais – isto porque a mente é o principal instrumento de trabalho do jornalista e, por isso, também ela é afetada pelas exigências e pressões da profissão.

A produção de notícias, por si só, implica uma exposição permanente ao trauma, devido à pressão habitual para satisfazer a procura por informações críticas. Os jornalistas são frequentemente expostos a cobrir situações de crise; no entanto, isso pode afetar a sua saúde mental (Bustamante-Granda *et al.*, 2021)

Os jornalistas são muitas vezes comparados aos profissionais da linha da frente, como como polícias, bombeiros, militares, médicos, uma vez que, à semelhança desses profissionais, os jornalistas agem precocemente aos acontecimentos, que vão desde acidentes rodoviários até violentas manifestações políticas e sociais, roubos e assassinatos, situações envolvendo o abuso de crianças e idosos ou desastres naturais com grandes perdas humanas (Bustamante-Granda *et al.*, 2021). Ora, esta exposição constante a acontecimentos de maior tensão, urgência e, em muitos casos, trauma têm implicações na saúde mental dos profissionais que, por motivos de trabalho, têm de ser os primeiros a responder a estes eventos perigosos e, muitas vezes, a trabalhar muito perto da ameaça que estão a reportar (Osman *et al.*, 2021, p.1).

No passado recente, durante o período da Covid-19, muitos jornalistas foram expostos ao perigo, mesmo quando a palavra de ordem era “fiquem em casa”. Estes apelos, no entanto, não abrangeram toda a sociedade e, tal como os profissionais de saúde, que atuavam no combate direto ao vírus, também os jornalistas continuaram no terreno, com a missão de informar a população, numa altura em que o contexto de incerteza, medo e pânico geral se instalava. Desta forma, os jornalistas expuseram-se a riscos significativos ao colocar o dever de informar à frente da própria segurança, o que em muitos casos teve impacto na saúde mental. De acordo com um estudo realizado pelo Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ) e o *Tow Center for the Columbia University*

*Digital Journalism*³⁶, publicado em 2020, cerca de 70% dos jornalistas inquiridos identificaram os impactos psicológicos e emocionais como o aspeto mais difícil de lidar no seu trabalho durante a pandemia, sendo que 82% relataram pelo menos uma reação emocional negativa derivada da pandemia e 66% reportaram múltiplos efeitos negativos, como ansiedade, exaustão, insónias, pensamentos negativos e até trauma vicário (ICFJ & Tow Center, 2020, pp.5, 10-11). Segundo Osmann *et al.* (2021), os jornalistas que cobriram a pandemia de Covid-19 apresentam níveis de ansiedade e depressão semelhantes aos observados em socorristas de emergência. Este desgaste psicológico, evidenciado durante o período da pandemia, não é exclusivo a este contexto de crise sanitária, mas está presente no dia a dia das redações. Dados do *Relatório do Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal* (2023) revelam que os jornalistas são dos profissionais que apresentam maior desgaste psicológico, apresentando valores semelhantes aos dos enfermeiros e professores. Numa amostra de 866 inquiridos, quase metade (48%) dos jornalistas portugueses tem níveis elevados de esgotamento, cerca de 18% apresentam valores de exaustão emocional que variam entre um nível muito elevado e extremamente elevado e cerca de 38% apercebem-se de problemas mentais decorrentes do próprio trabalho jornalístico.

Ser jornalista envolve vários fatores de risco para a sua saúde mental, entre eles: a necessidade de ter dados e notícias atualizadas (especialmente em situações de crise), os elevados níveis de competitividade entre eles e a exposição a circunstâncias que põem em perigo a sua integridade (Bustamante-Granda *et al.*, 2021, p.3).

De acordo com a tabela 3, os jornalistas apresentam um índice de 3.4 em 7, o que indica que cerca de 40% dos profissionais inquiridos estão emocionalmente desgastados e com sinais de *burnout*. Esta condição é entendida como “uma resposta prolongada ao stress laboral crónico, sendo a exaustão, a principal característica e a manifestação mais evidente desta síndrome” (Varela *et al.*, 2023, p.34). Um terço dos respondentes considera que há um “desequilíbrio ruinoso” entre a vida pessoal e a profissional, com cerca de 50% dos jornalistas a confessarem que trabalham mais de 40 horas por semana e aproximadamente metade trabalha mais de dez horas semanais em períodos noturnos. Estas exigências laborais a que os jornalistas estão sujeitos e o *stress* ocupacional intenso

³⁶ O *Journalism and the Pandemic Project* recolheu dados de mais de 1.400 jornalistas em 125 países.

ajudam a explicar os números elevados de profissionais com sinais de esgotamento (Varela *et al.*, 2023, p.31).

As condições de trabalho das empresas de comunicação social podem limitar a ação dos jornalistas e contribuir para aumentar o seu desgaste físico e mental. A instabilidade, os baixos salários, as longas jornadas de trabalho, a diminuição de trabalhadores e consequente aumento de funções, a falta de recursos para as coberturas noticiosas, a falta de formação em normas de segurança relativamente à violência e às agressões que podem enfrentar nas suas rotinas produtivas (Bustamante-Granda *et al.*, 2021, p.2).

Tabela 3. Comparação entre diferentes níveis de esgotamento entre profissões.

Categoria profissional	Índice comparável (1 a 7)	Escala de 0 a 100
Professores	3.56	42.6
Estivadores	4.28	54.7
Pessoal de voo	4.04	50.7
Maq. Metropolitano	3.88	48.0
Maq. Comboio	3.65	44.2
Técnicos Man. Aérea	3.57	42.8
Enfermeiros	3.42	40.3
Jornalistas	3.44	40.7
Oficiais de Justiça	4.35	55.8

Fonte: Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal, 2023, p.10.

Nota: Um índice acima de 3 é preocupante.

No caso particular do jornalismo desportivo é muitas vezes subestimado como uma editoria leve e de entretenimento, um *toy department*.

Os jornalistas desportivos têm acesso a atletas e eventos desportivos a que os outros não têm. Para as pessoas de fora, e mesmo para alguns colegas de redação, o jornalismo desportivo é considerado um emprego de sonho. O estatuto de celebridade que acompanha a profissão de jornalista desportivo é também percebido (Reinardy, 2006, p.401)

No entanto, a realidade é que os riscos psicológicos não diminuem, muito pelo contrário. “Os jornalistas que trabalham no campo do desporto também apresentaram taxas moderadas de exaustão emocional e despersonalização, enquanto o grupo com níveis mais altos nestas dimensões foram os editores” (Varela *et al.*, 2023, p.34). Fatores como o tempo longe das famílias, a constante pressão dos prazos e objetivos, os baixos salários, os dias longos de trabalho que incluem noites, fins de semana e feriados, a cobertura de eventos desportivos com ambientes hostis e as diversas deslocações, entre outros, contribuem para estes níveis elevados de stress e esgotamento entre os jornalistas desportivos (Reinardy, 2006, p.398).

Os jornalistas desportivos parecem ser os principais candidatos a altos níveis de *stress* e esgotamento. Trabalham muitas horas, incluindo à noite, aos fins de semana e feriados; lidam com prazos noturnos; e enfrentam jogadores, treinadores, dirigentes e adeptos agressivos (Reinardy, 2006, p.400).

Com a maior parte dos eventos desportivos a acontecerem ao fim de semana, os jornalistas desportivos vivem em função do calendário das competições, o que tem implicações no seu equilíbrio e na qualidade de vida, uma vez que se veem privados do convívio familiar e social. A este fator, soma-se o ambiente de trabalho adverso, com a cobertura de eventos desportivos pautada por episódios de intimidação, violência verbal, física e até mesmo censura ou limitações à liberdade de imprensa, por parte dos próprios protagonistas da notícia (adeptos, jogadores, treinadores, dirigentes, clubes, entidades desportivas). Como refere Reinardy (2006):

Os jornalistas desportivos estão rodeados por indivíduos que desafiam o seu ethos de objetividade. A luta para cumprir as suas obrigações jornalísticas imparciais muitas vezes entra em conflito direto com as perspetivas fornecidas pelos sujeitos das suas matérias. Esse conflito pode proporcionar fatores de stress adicionais, além dos prazos e das longas jornadas de trabalho (pp.402-403)

Ora, num ambiente por vezes de tensão, o jornalista é colocado numa posição vulnerável face à notícia, levando-o a expor-se a vários tipos de pressões para concretizar o seu trabalho. Os comportamentos levados a cabo pelos agentes desportivos não têm apenas impacto em termos psicológicos ou físicos, muitas vezes procuram condicionar, direta ou indiretamente, os deveres éticos da atividade jornalística.

2.3.1 Riscos éticos

A ética está presente em todos os domínios da atividade humana e está intrinsecamente ligada à reflexão sobre o que devemos fazer e aquilo que é devido em cada contexto social, isto é, um guia da ação individual que orienta o comportamento humano. “A ética é, portanto, compreendida como a assunção pessoal de um conjunto de valores livremente adotados por um indivíduo, em função do fim que este se propõe a si mesmo” (Cornu, 2015, p.105). Em termos coletivos, a ética concretiza-se através da deontologia, que visa espelhar a vontade dos profissionais de um determinado setor sobre a conduta que devem ter perante o público.

O termo “ética” está reservado para “os subconjuntos que regem ou que pretendem regular os diversos domínios da atividade humana”. Dentro dessa perspetiva, o termo “deontologia” (...) designaria as regras de colocação em prática de uma ética “no campo de aplicação que lhe é próprio”, ética aplicada a um grupo, a uma profissão, no caso entre os *media* e os jornalistas (Cornu, 2015, p.106).

Diversas profissões são abrangidas por códigos de ética e deontologia que orientam os mais variados profissionais com base em princípios éticos pré-estabelecidos, como é o caso da psicologia, medicina, advocacia, contabilidade, jornalismo, entre outros. No caso da psicologia, os profissionais regem-se pelo *Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses*³⁷, que tem as diretrizes profissionais dos psicólogos de modo a garantir que têm as práticas adequadas à função que desempenham. O mesmo ocorre na área da medicina, cujos profissionais se regem pelo *Código Deontológico da Ordem dos Médicos*³⁸, essencial no exercício diário da profissão, uma vez que os médicos lidam, muitas vezes, com decisões que podem afetar a saúde e a vida dos próprios utentes.

Os mais variados domínios da atividade do homem são hoje atravessados por questões éticas. (...) o mundo científico e o mundo médico, que se debatem com as novas questões colocadas pelos progressos obtidos no conhecimento da vida, pela capacidade de intervenção nos processos vitais. O mundo económico também é atravessado por interrogações sobre as práticas de negócios, as condições da produção industrial, as relações humanas no seio da empresa, a gestão dos recursos naturais. (Cornu, 2015, p.103).

O jornalismo também obedece a esta lógica devido ao papel que desempenha na sociedade, ao contribuir para a formação da opinião pública através do direito à informação e expressão. Deste modo, os jornalistas regem-se por uma ética profissional consagrada a nível internacional, no *Código Internacional de Ética Jornalística*³⁹ e, em Portugal, na *Constituição Portuguesa*, no *Estatuto do Jornalista*⁴⁰ e no *Código Deontológico dos Jornalistas*⁴¹. Estes documentos são considerados as “bíblis” da profissão, que orientam o seu exercício de modo a garantir que o jornalismo cumpre o seu propósito: o direito à informação. A ética profissional é um recurso que o jornalista dispõe e que o ajuda a gerir diversos riscos inerentes ao exercício profissional, tais como as pressões editoriais, económicas, políticas, o conflito de interesses, o sensacionalismo, a censura, o sigilo das fontes, entre outros. “(A ética) permite aos jornalistas “trabalhar” sobre os determinismos aos quais eles estão submetidos, de forma a definir e a explorar

³⁷ Disponível em: https://www.ordemdospsicologos.pt/pt/cod_deontologico. Consultado a 16/10/2025.

³⁸ Disponível em: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2649&tabela=leis&ficha=1&pagina=1&so_miolo. Consultado a 16/10/2025.

³⁹ Os Princípios Internacionais da Ética no Jornalismo foram adotados na quarta reunião consultiva de organizações internacionais e regionais de jornalistas, em Paris, em 20 de novembro de 1983. <https://jornalistas.eu/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo-1983/>

⁴⁰ Disponível em: <https://www.ccpj.pt/pt/legislacao/jornalista/exercicio-da-profissao/>. Consultado a 16/10/2025.

⁴¹ Disponível em: <https://jornalistas.eu/codigo-deontologico/>. Consultado a 16/10/2025.

melhor o espaço de liberdade que é o seu.” (Cornu, 2015, p.111). Ora, quando o jornalista se submete à deontologia profissional, condição necessária para exercer a profissão, está a assumir um compromisso para com o público, adotando o cumprimento das boas práticas da atividade e, conseqüentemente, da responsabilidade social.

A deontologia impõe, assim, a um jornalista que não publique uma notícia relativamente à qual ele não conhece a fonte. Impede-o de receber vantagens materiais ou morais se publica ou, pelo contrário, se aceita calar uma informação. Proíbe a utilização de métodos desleais para obter informações, imagens ou documentos. (Cornu, 2015, p.110)

À margem das normas éticas e deontológicas que regulam a profissão, o jornalismo moderno enfrenta enormes desafios, num período crucial da sua existência. A sua prática tem vindo a ser seriamente ameaçada pelos *media*, pela concentração dos grupos económicos e pela sobreposição dos objetivos comerciais, que contaminam o papel cívico do jornalismo de servir a população com informação. A estas ameaças junta-se ainda o ceticismo do público em relação à imprensa, alimentado pelas debilidades internas da própria cultura profissional jornalística (Subtil & Garcia, 2022, p.6). Durante este processo de transformação, o jornalismo adotou lógicas de mercado e de consumo, cruzando-se com a indústria do entretenimento, publicidade e marketing, fazendo diluir cada vez mais as fronteiras face às diversas áreas da comunicação, pondo em causa a sua própria identidade.

O jornalismo foi arrastado para as indústrias do entretenimento, das telecomunicações e do digital. Desmoronaram-se as demarcações entre o que é uma organização jornalística ou uma redação noticiosa e o que são conteúdos, entretenimento, marketing e publicidade. (Subtil & Garcia, 2022, p.8)

O jornalismo desportivo é um dos exemplos desta realidade. A crescente mediatização do desporto impulsionou a comercialização, aproximando o jornalismo desportivo das lógicas do entretenimento e do *show business*. Os atletas foram transformados em celebridades, os critérios editoriais distorcidos em prol de interesses económicos, levando à redefinição dos valores-notícia e das prioridades de cobertura, que em muitos dos casos privilegia o sensacionalismo, as polémicas extradesportivas, deixando o conteúdo desportivo propriamente dito para segundo plano. O desporto é uma área de inegável interesse público e as dificuldades éticas que os jornalistas enfrentam para a reportar também são muitas, a começar pela pressão e pelo controlo exercido pelos agentes desportivos na narrativa jornalística, que acarretam limitações ao trabalho jornalístico.

Embora os atletas continuem a fornecer a maior parte das declarações para reportagens, perfis ou entrevistas. No entanto, são as organizações desportivas que regulam a recolha de informação, através de conferências de imprensa, eventos mediáticos e limitação de acesso aos jogadores. Estes organismos controlam a mensagem através de *briefings* e *media training*. Assim, os jornalistas veem-se frequentemente presos à dependência de clubes e dirigentes, com receio de os criticar e serem, por isso, excluídos do acesso às fontes. Em muitos casos, acabam por reproduzir a “linha oficial” das organizações. (English, 2016, p.348)

Um caso que ilustra esta realidade aconteceu depois da derrota do Benfica frente ao Bayern de Munique, em novembro de 2024, num jogo a contar para a Liga dos Campeões, onde Bruno Lage, durante a conferência de imprensa após o jogo, foi surpreendido com um sussurrar do assessor de comunicação do clube, Ricardo Lemos que lhe pediu: “Assume a responsabilidade” ao qual o técnico reagiu: “Como?”⁴² Após esse episódio, outros se seguiram, inclusive o técnico chegou muitas vezes às conferências de imprensa acompanhado de um caderno de notas, fator que despertou a curiosidade dos jornalistas. Numa das antevisões para a Liga dos Campeões, Bruno Lage, ao ser questionado sobre a ausência do seu caderno habitual e se a resposta estaria lá escrita, respondeu: “Independentemente de trazer o caderno ou não, o mais importante é o caderno que vem desde 1904, que nos diz que o Benfica tem de dar resposta a qualquer momento. Temos de apresentar o melhor onze possível para continuar em prova”⁴³. Estes episódios refletem o controlo que os assessores fazem aos protagonistas desportivos através de sessões de aconselhamento comunicacional – *media training* – com o intuito de moldar a narrativa mediática a seu favor. Ora, esta prática acarreta consequências para o campo jornalístico, visto que os jornalistas não conseguem captar a verdade, ou melhor dizendo, captam a “verdade” que os clubes querem passar. Como bem sabemos, atualmente, os clubes estão profissionalizados e possuem gabinetes de comunicação onde esta dimensão é trabalhada ao mais ínfimo pormenor, levando os jornalistas a serem meros pés de microfone. Em muitos casos, os jornalistas têm de enfrentar interesses particulares, que procuram moldar a narrativa mediática a seu favor, em detrimento do interesse público. No entanto, há casos concretos, em que a manutenção de boas relações entre o jornalista e a fonte permite acesso a conteúdos exclusivos, tornando-se muitas

⁴² Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/videos/assume-a-responsabilidade-disse-ricardo-lemos-a-bruno-lage/672cc10c0cf28c51602e32c0>. Consultado a 16/10/2025.

⁴³ Disponível em: <https://maisfutebol.iol.pt/benfica/bruno-lage/lage-e-as-suas-notas-o-caderno-mais-importante-vem-desde-1904>

vezes uma moeda de troca capaz de pesar nas decisões, levando muitos profissionais a sentirem-se tentados ou obrigados a ceder.

Os jornalistas podem continuar a colocar questões difíceis, mas admitem que há repercussões reais, como o risco de serem excluídos de futuras entrevistas ou de verem as oportunidades dadas a outros meios concorrentes. (English, 2016, p.348)

Os jornalistas acabam muitas vezes por se submeterem à vontade dos promotores dos eventos, mesmo quando isso significa não relatar os factos tal como aconteceram. Estes promotores impõem, muitas vezes, não só o que pode ser noticiado, quando pode ser noticiado, mas também a forma como a informação é apresentada, controlando os espaços, os protagonistas e o discurso (Lopes, 2015, p.137). Nestas condições, dificilmente se pode falar em liberdade jornalística.

Sobredimensionado muito para lá do que decorre dentro das quatro linhas, o futebol liga-se a uma lógica económica que movimenta muito dinheiro. E nesse negócio é muitas vezes condicionado por aquilo que se mostra ou se faz silenciar no espaço mediático. Por isso, a pressão por parte dos donos do jogo é sempre alta em direção àqueles que têm como regra profissional não se deixarem condicionar, os jornalistas. (Lopes, 2015, pp.133-34).

As dificuldades que o setor da comunicação social vive tornam os jornalistas reféns do direito à liberdade de expressão, isto porque, apesar de ser um direito consagrado na *Constituição da República Portuguesa*, a verdade é que a liberdade muitas vezes está hipotecada devido às dificuldades económicas sentidas, aos interesses particulares e poderosos, às influências editoriais ligadas, também elas, a uma lógica do mercado que se alimenta de números e audiências. A adaptação do jornalismo ao mercado de consumo comprometeu, em certa medida, a sua essência original, que a longo prazo terá implicações na sustentabilidade da profissão, seja em termos de credibilidade junto do público, seja em termos financeiros. “Os constrangimentos económicos obrigam a prestar uma atenção constante aos gostos do público, a procurar tornar o produto mediático atraente para os anunciantes” (Cornu, 2015, p.113). A informação assume a condição de mercadoria, sendo que “os *media* vendem a informação ao público, para vender depois o público aos anunciantes” (Cornu, 2015, p.111). Para Garcia *et al.* (2020):

O jornalismo foi adotando procedimentos, normas, técnicas e praticas que não tinham de corresponder verdadeiramente a necessidades sentidas pela profissão, mas a imposições das instituições dos media, particularmente quando se trata de empresas norteadas para a obtenção de lucros, para a produção de uma mercadoria subordinada as condições industriais e a venda rentável. (p.14)

Em virtude das transformações na produção noticiosa, os jornalistas tornaram-se reféns do imediatismo característico da era digital, com as rotinas produtivas adaptadas à exigência da velocidade, empurrando a ética profissional para segundo plano. Na ótica de Cornu (2015), “a velocidade é por vezes uma ferramenta fantástica e noutras vezes uma terrível limitação da informação. Ela é uma das causas principais — e provavelmente mesmo a causa principal – das negligências, dos erros, das escorregadelas dos jornalistas e dos media” (p.115). Isto aplica-se no desporto, por exemplo, quando no mercado de transferências se fala de rumores de jogadores poderem rumar a determinado clube. Os jornalistas escrevem, falam muitas vezes sem fundamento, baseando-se em especulações ou informações incompletas que, muitas vezes, têm como fonte a *Internet* sem qualquer tipo de confirmação, para ser o primeiro a dar a notícia. Este tipo de situações põe em causa a credibilidade do órgão e a confiança do público, correndo o risco de partilhar informação falsa. Neste sentido, Cornu (2015) refere que:

Os jornalistas são responsáveis, no que diz respeito ao conteúdo, por refletir de forma fiel e completa os assuntos públicos, por propor uma visão crítica, por assegurar uma informação com respeito pelos factos e pelas pessoas. Essa responsabilidade, simultaneamente individual e coletiva, cobre o conjunto dos deveres que se acordam impor ao jornalista nas diversas formulações da sua deontologia profissional (2015, p.117).

Quando tais princípios éticos não são cumpridos, abre-se espaço para práticas jornalísticas marcadas pelo sensacionalismo. Um exemplo recente foi a polémica em torno da transferência de Viktor Gyökeres para o clube inglês Arsenal. Antes do negócio se concretizar, a comunicação social construiu uma autêntica “novela” de mercado, isto é, uma narrativa prolongada e, em muitos casos, forçada, que é alimentada por rumores e especulações, cujo objetivo principal é manter o tema em destaque mediático. No caso do avançado do Sporting, os jornalistas interpretaram como sinais de uma possível saída aspetos alheios ao contexto desportivo, como o término da relação do atleta com uma atriz portuguesa, as férias em Espanha ou até mudanças na sua casa em Portugal. Durante todo o período de negociações, o jogador manteve-se em silêncio, enquanto surgiam notícias de desacordo entre o agente e o Sporting, que alimentavam os *media* e o espetáculo mediático.

Outro dos constrangimentos éticos à abordagem jornalística do desporto é a emoção e a espetacularização inerentes aos relatos desportivos, que muitas vezes colidem com os princípios fundamentais do jornalismo, como a imparcialidade e objetividade. Para Lopes e Pereira (2015), é ilusório pensar que o relato jornalístico desprovido de

emoção, quando estamos perante um fenómeno que vive dela e do qual não se consegue separar e, claro, de retratar: “O leitor (espectador ou ouvinte) tem uma perspetiva apaixonada do fenómeno, mas exige do profissional (jornalista) a isenção que nunca será capaz de ter.” (Lopes & Pereira, 2015, p.41). No entanto, cabe ao jornalista não permitir que a sua linguagem se reduza à emoção, mantendo um certo distanciamento face ao acontecimento, caso contrário, corre o risco de deixar de informar e passar a opinar. Nas palavras de Lopes e Pereira (2015),

O discurso noticioso sobre o futebol debate-se ainda com a exigência da valoração permanente. Não basta dizer que um remate aconteceu ao minuto 27 e foi da autoria de fulano. O público quer saber se foi bem ou mal executado, legal ou ilegal. Esta é claramente a área do jornalismo onde é mais difícil distinguir a informação da opinião, a análise do comentário, o explicativo do valorativo. A narração de um jogo (na rádio ou na TV) deveria ser, por definição, um momento de relato, rigoroso e, quando muito, analítico, ficando a leitura mais interpretativa ou valorativa para programas posteriores ou para os jornais dos dias seguintes. Tal não é viável, porque a exigência desse outro tipo de leitura é imediata e obriga a correr demasiadas vezes o risco de comentar a quente, quando se deveria fazer análise, mais fria e distanciada (p. 42)

A linha que separa a informação do comentário desportivo é ténue e facilmente transposta, especialmente no caso do desporto, onde, muitas vezes, os jornalistas são expostos a situações onde são condicionados a dar a sua opinião, recorrendo a juízos de valor, baseados no senso comum, ao invés de juízos de facto, fundamentados em conhecimento científico. Segundo Lopes e Pereira (2006) ao legitimar as emoções no discurso jornalístico, em particular no desportivo, o discurso mediático corre o risco de “resvalar para incitamentos a tumultos por parte dos adeptos, para o desrespeito pelo bom nome dos jogadores ou dos árbitros, para espetáculos e entretenimento” (pp.84-85). Um exemplo que ilustra o que acabámos de afirmar foi a cobertura feita à época 2024/25 do Manchester United sob o comando de Ruben Amorim. Após uma série de maus resultados, o clube terminou aquela que foi, objetivamente, uma das piores épocas da sua história, com zero títulos e em 15.º lugar no campeonato inglês, algo que o próprio treinador admitiu:

Estamos a ser a pior equipa, talvez, da história do Manchester United. Sei que querem manchetes, mas estou a dizer isto porque temos de reconhecer isso e mudar essa situação. Aqui têm as vossas manchetes. (Amorim, 19 janeiro, declarações depois da derrota (3-1) com o Brighton)⁴⁴

⁴⁴ Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/ruben-amorim/manchester-united/este-e-o-pior-manchester-united-da-historia-a-historia-do-melhor-treinador-do-clube-da-esperanca-a-ruben-amorim/20250121/678f718cd34e94b82909edf5>. Consultado a 16/10/2025.

O treinador português e a sua equipa foram alvo de críticas durante a época, não só por parte dos adeptos, de antigos jogadores e comentadores, mas também de jornalistas. Um exemplo disso aconteceu durante uma conferência de imprensa a 27 de dezembro de 2024, quando um jornalista interrogou o técnico português com a seguinte questão: “Os jogadores do Manchester United são piores do que pensava?”⁴⁵. Em primeiro lugar, esta pergunta foi feita de forma provocatória e não neutra, uma vez que contém um juízo de valor disfarçado e, mais do que esclarecer, a pergunta pretende gerar polémica ao pedir ao treinador que julgue a sua equipa em praça pública, virando as atenções da notícia para o sensacionalismo. Ainda que a pergunta parta de dados factuais, como os resultados, classificação, rendimento dos jogadores, os jornalistas têm de ter consciência de que têm de ser imparciais e objetivos de modo a evitar narrativas sensacionalistas, que inclusive podem trazer consequências para os próprios protagonistas desportivos, como maiores níveis de pressão, ansiedade por resultados.

Outro dos casos falados no espaço mediático português é a gestão de Cristiano Ronaldo na Seleção Nacional. Alguns jornalistas teimam em dar a sua opinião relativamente à utilização do craque português insistindo que “Cristiano já não tem a mesma motivação” ou que “o seu desempenho atual prejudica a equipa”, baseando-se mais em perceções subjetivas e no sentimento dos adeptos do que em avaliações técnicas e estatísticas concretas. O próprio jogador desmentiu os rumores de uma possível saída da Seleção, apontando o dedo à imprensa: “[Pensou deixar a seleção?] Isso é tudo da imprensa. Nunca me passou pela cabeça, antes pelo contrário, ainda me deu mais motivação para continuar, para ser sincero.”⁴⁶

Como procuramos mostrar, os riscos éticos estão presentes em muitos momentos do dia a dia de um jornalista desportivo. Contudo, não surgem isoladamente, muito pelo

⁴⁵ Disponível em: <https://www.abola.pt/futebol/noticias/amorim-quando-os-resultados-nao-aparecem-e-ainda-mais-dificil-os-jogadores-acreditarem-2024122708040787536?srsIid=afmboopf8zayyv3xdrc2krl-i054scfe1d9jllqij9ad4h9-csbkpmh>. Consultado a 16/10/2025.

⁴⁶ Disponível em: <https://tribuna.expresso.pt/selecao/2024-09-02-cristiano-ronaldo-chegou-a-selecao-e-falou-terei-sempre-ate-ao-final-da-minha-carreira-o-pensamento-de-que-posso-ser-titular-660d5622>. Consultado a 16/10/2025.

contrário, são frequentemente associados a riscos profissionais, que limitam a autonomia do jornalista e condicionam a sua prática.

2.3.4 Riscos profissionais

O jornalismo é entendido como uma atividade naturalmente condicionada pela estrutura organizacional, pelos meios tecnológicos, funcionais e normativos das empresas de *media*, cujos objetivos são gerar lucro (Subtil & Garcia, 2022, p.3). Esta transformação do ecossistema mediático, alinhada à lógica de mercado, tem trazido riscos profissionais que comprometem os jornalistas e a atividade profissional, pondo em causa a qualidade, autonomia, sustentabilidade do trabalho jornalístico. Entre os riscos profissionais sentidos pelos jornalistas destacam-se, atualmente, os ambientes de trabalho tóxicos, sobrecarga laboral, conflitos éticos, degradação da qualidade do trabalho, dificuldade de conciliação entre a vida profissional e a vida familiar, salários baixos e precariedade (Varela *et al.*, 2023, p.2). O jornalismo vive mergulhado numa crise à qual tenta a todo o custo sobreviver, digo a todo o custo porque a realidade que é vivida nas redações é prova disso mesmo. Segundo os dados do *Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal*⁴⁷, cerca de 80% dos jornalistas inquiridos possuem formação superior, no entanto o salário médio líquido ronda os 1225 euros, valor que afeta 82% dos inquiridos e em 36% dos casos condiciona a prática profissional. Com a maioria dos jornalistas a terem habilitações superiores, os baixos salários aliados à instabilidade dos vínculos de trabalho, com muitos a atuarem em regime de *freelancers* e a serem pagos à peça, levam a que a profissão seja considerada de risco, pela insegurança financeira e pela fraca progressão profissional. Mais de metade dos jornalistas inquiridos (54%) admitem estar inquietos com a precarização que o setor jornalístico vive, enquanto 48% dizem estar inseguros. Todos estes sentimentos se acentuam quando olhamos para a sobrecarga laboral, uma prática cada vez mais frequente e crítica no seio das redações. Devido às dificuldades financeiras agravadas com a transição para a era da economia da informação, os meios de comunicação social viram-se obrigados a reduzir o corpo de jornalistas, para poder diminuir os custos, no entanto, essa medida custa menos olhos críticos e atentos aos acontecimentos. Se por um lado a empresa poupa recursos financeiros ao despedir trabalhadores, acaba por perder no poder de alcance, prejudicando os jornalistas com uma

⁴⁷ Inquérito promovido pela API- Associação Portuguesa de Imprensa, a Casa da Imprensa e o Sindicato dos Jornalistas (SJ) e que contou com o apoio da Federação Europeia dos Jornalistas (FEJ).

sobrecarga maior de trabalho, quando muitos deles não têm tempo nem meios para mais. Segundo o mesmo relatório, cerca de metade dos jornalistas trabalha mais de 40 horas semanais e 25% acumulam mais de dez horas por semana em horário noturno. Num ritmo de produção já por si acelerado, os jornalistas veem-se obrigados a produzir mais, em tempo recorde e para multiplataformas, sendo que cerca de 82% dos jornalistas admitem que o ritmo de trabalho transformou as rotinas produtivas. Esta é uma prática que compromete a missão vigilante do jornalismo e acarreta riscos tanto no rigor, na veracidade quanto na profundidade da informação veiculada, permitindo às grandes entidades operarem sem vigilância eficaz, escapando a investigações que poderiam expor erros ou irregularidades (English, 2016, p.350).

A redução do número de jornalistas é uma das principais causas para o declínio do escrutínio no desporto. (...) Faz com que menos jornalistas tenham de fazer mais trabalho. Isto conduz à dependência de comunicados de imprensa e de conteúdos “noticiosos” gerados pelas administrações desportivas (English, 2016, p.348)

Outro dos fatores de risco profissional deriva da precariedade instaurada no setor jornalístico, que torna os *media* premiáveis aos grandes grupos económicos e, por consequência, à perda de autonomia editorial. Para se manterem no panorama global, os *media* vendem-se (as audiências) às marcas, estando dependentes das receitas provenientes da publicidade, de patrocínios e parcerias comerciais. Esta dinâmica tem riscos para a prática jornalística, que se alimenta dos números das audiências, sendo afetada por conteúdos de maior alcance ou de interesses particulares em detrimento do interesse público. Como aponta English (2016), por motivos financeiros, muitas redações aceitam as imposições comerciais impostas como a única forma de cobrir certos eventos ou garantir acesso a determinadas entrevistas. Esta instrumentalização da informação e cedência do interesse público tornam-se visíveis no desporto, por exemplo, com o financiamento de viagens por parte dos patrocinadores e equipas.

Por exemplo, um jornalista do *The Sydney Morning Herald* viajou até à Europa para cobrir provas de ciclismo com apoio financeiro parcial da equipa *Orica-GreenEdge* e do canal *EuroSport*. No Reino Unido, um jornalista sénior do *The Guardian* entrevistou um atleta olímpico com todas as despesas pagas – desde que a fotografia publicada incluisse os logótipos dos patrocinadores. (English, 2016, p.348)

Olhando para o caso particular do desporto, esta tendência acentua-se devido à lógica comercial que a exposição mediática lhe conferiu, operacionalizando-se a profissionalização das entidades desportivas, em diversos eixos, capazes de constituir uma verdadeira ameaça à atividade jornalística. Segundo Hjarvard (2008), a mediatização ocorre quando as instituições sociais adaptam as suas lógicas de funcionamento às dos

media. No desporto, isso manifesta-se por parte dos clubes e federações que adotaram as estratégias mediáticas para passarem a produzir e controlar os seus conteúdos, reduzindo a intermediação tradicional dos jornalistas. Esta nova lógica reconfigura os clubes, que passam de meros agentes desportivos para uma marca estruturada, com departamentos característicos do setor empresarial, como é o caso dos departamentos de comunicação. Como afirmam Lopes (2015), “qualquer clube de futebol da I Liga tem uma assessoria própria. No entanto, (...) nem sempre se promovem aí estratégias de abertura e transparência que facilitem o acesso à informação que os repórteres procuram, frequentemente muitíssimo pressionados pelo tempo” (p.135). Os três maiores clubes portugueses, Sporting CP, FC Porto e SL Benfica, são os principais exemplos desta tendência em Portugal, tendo criado os seus próprios canais de televisão: Sporting TV, Porto Canal e Benfica TV, respetivamente. No caso do Benfica, o canal de televisão assume contornos dispare dos restantes, uma vez que adota um modelo de canal pago, com direitos de transmissão dos jogos no Estádio da Luz, assumindo-se como concorrência dos restantes meios de comunicação (Borges, 2018, p.366). Este mecanismo permite aos clubes comunicar diretamente com os adeptos, mas também controla a narrativa, evitando temas críticos e priorizando conteúdos que reforçam a imagem positiva do clube, gerando, desta forma, receitas dos conteúdos disponibilizados nas plataformas digitais. No entanto, este novo controlo da informação coloca entraves na relação do jornalista com as fontes. Dada a profissionalização da comunicação, com a contratação de jornalistas, produtores de conteúdos e consultores, os clubes assumem-se como concorrentes diretos dos *media* tradicionais (Borges, 2018, p.18). O crescimento das relações-públicas e da assessoria no desporto, em particular no futebol, tornou o acesso às fontes mais difícil, levando a que muitos jornalistas se sintam pressionados a evitar críticas para manterem o acesso à informação. Como observa Lopes (2015), “os jornalistas não falam com quem querem, falam com aqueles que querem dizer qualquer coisa no espaço mediático. A este nível, mandam as fontes. Os jornalistas submetem-se à sua vontade” (Lopes, 2015, p.137). Esta subordinação às fontes de informação aproxima o jornalismo do estatuto de “pé de microfone”.

Hoje os assessores e as agências de comunicação exercem (essa) influência no lugar dos vários poderes dominantes, desenvolvendo uma pressão no agendamento e de cobertura mediática com técnicas apuradíssimas, sendo, por vezes, muito difícil perceber onde para uma profícua mediação e começa uma intolerável manipulação. Há também aqueles que fazem chegar às redações as suas mensagens em formato (pseudo)jornalístico, procurando que esses conteúdos sejam publicados integralmente assim. Os jornalistas ficam próximos do estatuto de “*copy-paste*” ou de pé de microfone (Lopes, 2015, p.7)

Situações de *blackout*⁴⁸ com os jornalistas são muito frequentes, principalmente quando a cobertura colide com os interesses dos clubes ou quando a notícia não produz o grau de noticiabilidade esperado (Lopes, 2015, p.136). Lopes e Pereira (2006) justificam o fechamento dos clubes neles próprios com o facto de não saberem lidar com os *media*, tornando os adeptos cada vez mais distantes das figuras do jogo, permitindo que se instale a desconfiança. Este distanciamento também é observado por Borges (2018) que considera que:

Se antes, esses profissionais de média podiam frequentar mais livremente os espaços internos de um estádio e conviviam próximos aos jogadores, hoje em dia, o acesso é muito mais restrito. O papel tradicional do jornalista era aproximar o público de atletas e de seus clubes favoritos, mas com a comunicação digital, as organizações podem fazer essa ligação diretamente (p.367).

Mas os *media* só deixam esta situação acontecer por causa da precariedade e falta de notoriedade que tem a profissão no espaço público, com os órgãos de comunicação social a verem os orçamentos cada vez mais reduzidos e as organizações desportivas, por outro lado, a prosperarem com a venda dos direitos televisivos, os patrocínios milionários, que permitem aos clubes ter um maior controlo no acesso às fontes, conteúdos e até mesmos jogos (English, 2016, p.348).

2.3.5 Riscos sociocomportamentais: discurso de ódio, assédio e misoginia

A nova era da comunicação transformou radicalmente a interação entre jornalistas e a audiência (leitores, telespectadores, ouvintes). Com o alargamento do espectro mediático para as redes sociais, o jornalismo tornou-se mais permissível às críticas, ao ódio, ao assédio digital, fatores que inclusive ameaçam a própria legitimidade, controlo editorial e credibilidade da informação publicada (Silva *et al.*, 2021, p.57). O discurso de ódio *online* constitui um fenómeno em crescimento nas sociedades contemporâneas, no entanto, não existe uma definição universal e estandardizada deste conceito, seja no âmbito legal, seja nos círculos académicos, porque existem conceções diferentes sobre o discurso em si mesmo, quem é por ele afetado e as suas potenciais consequências (Silva *et al.*, 2021).

Trata-se de uma noção usada de forma muito abrangente e que frequentemente é debatida em conjunto com e/ou de forma indiferenciada em relação a outros termos — por

⁴⁸ Proibição de prestar declarações aos jornalistas.

exemplo, a incivilidade, profanidade, ofensa, insulto, difamação, agressividade, obscenidade, blasfêmia, mas também, e pensando concretamente no ambiente online, *cyberhate, flaming, online vitriol e trolling*.(Silva *et al.*, 2021, pp.11-12).

O discurso de ódio é entendido como algo performativo, ou seja, “as palavras fazem necessariamente coisas, independentemente de haver (ou não) um ato físico de violência subsequente” (Silva *et al.*, 2021, p.14). Segundo Peltonen (2010), tradicionalmente, o discurso de ódio manifesta-se através de “insultos e declarações ofensivas, orais ou escritas, dirigidas a minorias com base na origem étnica, religião ou orientação sexual”, podendo de forma mais ampla, incluir qualquer difamação dirigida a um grupo social (p.52). Já Parekh (2006) acrescenta que:

O discurso de ódio expressa, defende, incentiva, promove ou incita o ódio contra um grupo de indivíduos que se distinguem por uma característica ou conjunto de características específicas. O ódio não é o mesmo que falta de respeito ou mesmo desrespeito positivo, antipatia, desaprovação ou uma visão depreciativa dos outros. Implica hostilidade, rejeição, desejo de prejudicar ou destruir, desejo de afastar o grupo-alvo do seu caminho, uma declaração de guerra silenciosa ou vocal, passiva ou ativa contra ele (p.214)

À luz do modelo de transmissão, a comunicação é entendida como um processo de transmissão e distribuição de mensagens, sendo que a ação do recetor corresponde à interpretação individual da informação transmitida. “Considera-se que houve dano se a comunicação daquela mensagem particular modificou o comportamento do recetor (se lhe causou angústia, stress, dor, náuseas, aceleração do ritmo cardíaco, dificuldade em respirar, etc.)” (Silva *et al.*, 2021, p.18). Para o filósofo e linguista George Lakoff⁴⁹ (2017), a linguagem ativa o pensamento e tem o poder de mudar o cérebro dos que são alvo de ódio, provocando stress, medo e desconfiança, efeitos que podem afetar posteriormente a liberdade de pensar e de agir de forma autónoma. De acordo com um estudo da *Time Magazine*, dois terços (65%) dos órgãos de comunicação social com comentários abertos relataram que os seus jornalistas já foram vítimas diretas de mensagens hostis (World Editors Forum, 2016 apud Silva *et al.*, 2021, p.59). Essas mensagens caracterizam-se maioritariamente pela hostilidade discursiva, que vai desde o uso de palavrões, a agressividade e o tom desrespeitoso, os insultos, os ataques pessoais ou as acusações sem fundamento, até aos discursos de ódio e às agressões verbais com base em categorias como o género, a etnia, a orientação sexual, entre outras (Silva *et al.*,

⁴⁹ Disponível em: <https://george-lakoff.com/2017/09/08/why-hate-speech-is-not-free-speech/>. Consultado a 16/10/2025

2021, p.60). No meio digital, a *Internet* facilita a disseminação de discursos de ódio devido à estrutura globalizada e as redes sociais têm algoritmos próprios que tornam a viralidade e o anonimato um terreno fértil para a disseminação de mensagens de ódio. A facilidade, a velocidade e a versatilidade com que expressões de ódio podem ser disseminadas tornam as plataformas digitais uma arena mais alargada para o *crowdsourcing* de expressões de ódio, uma vez que a Internet permite a participação em massa na criação, propagação e amplificação do discurso de ódio, assumindo uma escala sem precedentes (George, 2015, p.1). Em linha com esse pensamento, Varela *et al.* (2023) afirmam que a exposição prolongada a ataques, combinando com as pressões do dia a dia, aumenta o risco de esgotamento, ansiedade e depressão, comparando os níveis de stress dos jornalistas aos de profissionais de linha da frente, como polícias e bombeiros, evidenciando o impacto emocional desta realidade.

Passando para o campo da misoginia e do assédio, esta é uma prática que se tornou presente, em particular, na vida das mulheres jornalistas⁵⁰. Um estudo da UNESCO, *The Chilling: global trends in online violence against women journalists* (2021), apresenta dados alarmantes sobre a realidade vivida pelas mulheres jornalistas, com cerca de três quartos (73%) das profissionais inquiridas a afirmarem já ter sofrido de violência online; 25% receberam ameaças de violência física, incluindo de morte; 18% foram alvo de ameaças de violência sexual (18%); 20% das jornalistas sofreram abusos ou agressões offline associadas a ataques digitais e 13% receberam ameaças dirigidas aos familiares. Perante este cenário, 13% das jornalistas inquiridas reforçaram medidas de segurança pessoal e 4% chegaram a faltar ao trabalho devido ao receio de que a violência se materializasse fisicamente, havendo ainda situações de deslocação ou mudança de local de trabalho.

No campo psicológico, 26% das jornalistas reportaram impactos na saúde mental, sendo que 12% procuraram apoio médico ou psicológico e várias entrevistadas admitiram sofrer de Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD). Também houve repercussões na esfera social com 30% a adotarem a autocensura nas redes sociais e 20% a afastarem-se de toda a interação online. Em termos de impacto profissional, 11% faltaram ao trabalho

⁵⁰ Estudos adicionais relevantes na temática do discurso misógino: Sampaio-Dias, S. et al. (2023). *Journalists are Prepared for Critical Situations ... but We are Not Prepared for This*. *Journalism Practice*. <http://dx.doi.org/10.1080/17512786.2023.2250755>; Miranda, J. et al. (2023). It Comes with the Job: How Journalists Navigate Experiences and Perceptions of Gendered Online Harassment. *International Journal of Communication* 17: 5128-5148. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/20984/4285>.

para recuperar, 38% tornaram-se menos visíveis, enquanto 4% decidiram abandonar o emprego e 2% deixaram o jornalismo. Entre os temas que mais desencadearam ataques foram o gênero (49%), a cobertura política e eleitoral (44%) e as questões de direitos humanos e políticas sociais (31%), frequentemente associados a campanhas coordenadas de desinformação (41%). Em termos de autoria, destacam-se sobretudo agressores anônimos (57%) e atores políticos (37%), enquanto, ao nível das plataformas, o Facebook surge simultaneamente como uma das ferramentas mais utilizadas (77%) e a mais insegura, com 39% de incidentes reportados, face a 26% no Twitter, segunda plataforma mais usada (74%). Por fim, apenas 25% das jornalistas reportaram os episódios à entidade empregadora, no entanto, a resposta mais comum foi a ausência de reação (10%), a desvalorização através de conselhos como “aguenta” ou “tens de ser mais forte” (9%), ou em alguns casos (2%), as próprias vítimas foram questionadas sobre o que teriam feito para provocar o ataque. No que diz respeito às denúncias às autoridades, apenas 11% fizeram queixa à polícia, com 8% a recorrerem a ações judiciais. Por fim, as jornalistas mulheres identificaram líderes políticos, redes extremistas e os *media* partidários como alguns dos maiores instigadores e amplificadores da violência online contra as mulheres, tendo vindo a aumentar significativamente a ocorrência desses ataques nos últimos anos.

No campo desportivo, sendo ainda um mundo maioritariamente de homens, as mulheres são bastante visadas, porém, registam-se ataques a ambos os gêneros, ainda que por motivos diferenciados: “Muitos jornalistas desportivos homens também são atacados de forma horrível; a diferença é que eles são atacados pelo que disseram ou fizeram, enquanto nós somos atacadas pela nossa aparência ou pela roupa que usamos” (Reynolds, 2016). Kirsten Sparre (2017) verificou que as jornalistas desportivas enfrentam uma combinação de misoginia e desprezo, muitas vezes resultando em ameaças de violência, abuso sexual e campanhas de difamação nas redes sociais. Boyle corrobora a ideia apresentada por Sparre, especificando o caso dos Estados Unidos da América: “Nos EUA as mulheres jornalistas desportivas enfrentaram alguns constrangimentos para serem aceites como o preconceito, hostilidades, e em mesmo certos casos, violência de homens que dominam a cultura desportiva” (2006, p. 148). Para além disso, a imagem da mulher é muitas vezes sexualizada no desporto, um exemplo ilustrativo desta realidade foi um episódio que aconteceu com a jornalista italiana Diletta Leotta, alvo de cânticos machistas durante um jogo para o campeonato italiano de futebol. Das bancas ouviram-se gritos

dizendo: “Mostra os seios” dirigidos à jornalista enquanto passava no relvado⁵¹. Também na Austrália, a jornalista desportiva Erin Molan acabou por se demitir em 2015 depois de lhe terem perguntado em direto com quantos desportistas tinha tido relações sexuais e se tinha feito cirurgia de aumento mamário (Reynolds, 2016). A jornalista referiu que sofreu também com comentários misóginos, principalmente no início de carreira: “Quando comecei, ouvia muito ‘Deverias estar na cozinha’, e esses eram os comentários simpáticos. Recebi alguns tweets e comentários bastante desagradáveis. ‘Não entendes nada de futebol’ (Reynolds, 2016).

2.3.6 Mecanismos e planos de ação e proteção profissional

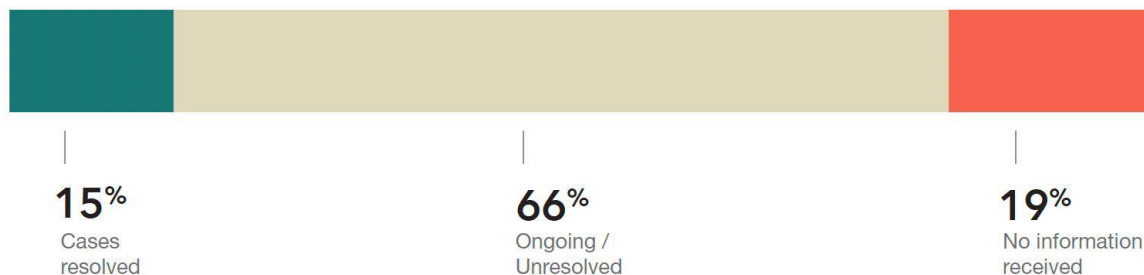
A segurança dos jornalistas tem se deteriorado significativamente nas últimas décadas e, como temos testemunhado, tem havido um aumento alarmante no número de ataques contra estes profissionais, um crescimento justificado pelo aumento do número de conflitos ativos em termos globais. A nível internacional, uma das organizações mundiais que está atenta a esta problemática é a Organização das Nações Unidas, que em 2010 criou o *Plano de Ação da ONU para a Segurança dos Jornalistas e a Questão da Impunidade* a pedido do Conselho Intergovernamental do Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação. Endossado apenas em 2012 pelo Conselho de Chefes Executivos, o Plano de Ação da ONU surgiu da necessidade de proteger os jornalistas contra as tentativas de silenciamento, que tomam os diversos formatos explorados anteriormente, para travar a impunidade de quem pratica hostilidades contra os profissionais de *media* e garantir “um ambiente livre e seguro para jornalistas e trabalhadores da comunicação social, tanto em situações de conflito como em situações não conflituosas, tendo em vista o fortalecimento mundial da paz, da democracia e do desenvolvimento”⁵² (UNESCO, 2013, p.12).

⁵¹Disponível em:

https://x.com/arkabesliforum/status/1179033567944249346?ref_src=twsrc%5etfw%7ctwcamp%5etweete mbed%7ctwterm%5e1179033567944249346%7ctwgr%5e9d1da08dbaef9d4e0ad2e4d6747582676c7e219 5%7ctwcon%5es1 &ref_url=https%3a%2f%2fextra.globo.com%2fesporte%2freporter-vitima-de- canticos-machistas-durante-jogo-na-italia-responde-torcedores-23989832.html. Consultado a 16/10/2025.

⁵² Disponível em: https://www.unesco.org/en/safety-journalists/un-plan- action?tspd_101_r0=080713870fab20008993eeb9955c1bedfeb2f7f8e404ca767fed7288701ecc8b64cd960 47a1fc52908a85f1ce1143000ca2bd7e7efdb2aae0977e37a73220f015139961ec36e13f441aa517ebb3058ef eeba5ae8c647a89ba5481b4e24a01649. Consultado em 16/10/2025.

Gráfico 10. Situação geral das investigações judiciais sobre assassinatos de jornalistas (2006-2023)



Fonte: UNESCO, 2024, p.18

Em 2024, a taxa de impunidade para o assassinato de jornalistas situava-se em 85% (gráfico 12), o que significa que em média, nove em cada dez assassinatos de jornalistas não foram resolvidos. Estes números de impunidade representam a descida de um ponto percentual face a 2022 (86%), quatro pontos em relação a 2018 (89%) e dez pontos face a 2012 (95%). “A impunidade, que pode ser entendida como o ato de não se levar à Justiça os autores de violações aos direitos humanos, perpetua o ciclo de violência contra jornalistas e deve ser enfrentada” (UNESCO, *Plano de Ação das Nações Unidas sobre a Segurança dos Jornalistas e a Questão da Impunidade*, 2013, p.5) Em termos práticos, atualmente, o *Plano de Ação da ONU* está implementado em 30 países e estrutura-se em torno de seis áreas: “sensibilização; definição de normas e elaboração de políticas; monitorização e apresentação de relatórios; reforço das capacidades; investigação e formação de coligações”(UNESCO, 2013). Procedendo ao desenvolvimento de cada eixo de atuação, a sensibilização procura reforçar a importância social do jornalismo independente e profissional, ao dar ferramentas à sociedade que visam a discussão e análise de temas importantes, como a liberdade de imprensa, a segurança dos jornalistas e a questão da impunidade. Esta medida concretiza-se com o estabelecimento de dias internacionais como o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa (3 de maio) e o Dia Internacional pelo Fim da Impunidade por Crimes contra Jornalistas (2 de novembro).

Com o debate público que se pretende gerar com a sensibilização, a ONU procura estabelecer padrões globais que possam ser espelhados nas políticas regionais e nacionais para garantir a segurança dos jornalistas e o direito à informação. “Pelo menos 30 países

já criaram ou fortaleceram os Mecanismos Nacionais de Segurança para a proteção, prevenção e repressão de ataques contra jornalistas, com base em resoluções da ONU” (UNESCO). Para garantir que as mudanças efetuadas estão a progredir de forma positiva e sustentada, a ONU procede à elaboração de relatórios sobre o estado da segurança dos jornalistas e da liberdade de imprensa, aprofundando questões específicas como ataques e assassinatos com recurso a critérios concretos como a nacionalidade, género, tipo de *media* ou estatuto profissional. Com os dados recolhidos, a ONU criou, em 1993, vários bancos de dados que permitem monitorizar o estado da liberdade de imprensa e determinar o nível de perigo para os jornalistas em cada país. Um dos exemplos é o Observatório de Jornalistas Mortos da UNESCO⁵³, que iniciou a atividade em 2018 e fornece informações atualizadas sobre assassinatos de jornalistas desde 1993, dados dos Estados-Membros sobre os processos judiciais contra jornalistas, o que permite avaliar o grau de impunidade em cada país.

A par das medidas referidas anteriormente, a ONU prioriza a atuação no terreno junto dos profissionais, tanto jornalistas como forças políticas e judiciais, contribuindo para a capacitação técnica dos mesmos contra a violência, através de ferramentas como manuais e ferramentas de formação como guias práticos - Manual da UNESCO para a formação das forças de segurança.⁵⁴ ou o Kit de ferramentas global para atores judiciais⁵⁵, formações em segurança, criação de “corredores de *media*” para jornalistas em zonas de conflito (UNESCO, *Plano de Ação das Nações Unidas sobre a Segurança dos Jornalistas e a Questão da Impunidade*, 2013, pp. 15-16). O eixo da investigação permite explorar a realidade vivida pelos jornalistas e encontrar soluções e propostas concretas para os problemas. Com a era digital, os jornalistas são expostos a riscos novos, muitos deles ainda pouco conhecidos, sendo as mulheres jornalistas as maiores vítimas de ataques virtuais como assédio online, difamação, ameaças. Em prol desta questão, como de outras, a UNESCO tem apoiado a pesquisa académica, relatórios temáticos e conferências internacionais. Desde 2016 que se realiza uma conferência académica anual sobre a segurança dos jornalistas de modo a promover a investigação nesta área. A última área de intervenção do Plano de Ação da ONU é a criação de alianças, uma vez que a segurança

⁵³ Disponível em: <https://www.unesco.org/en/safety-journalists/observatory>. Consultado a 16/10/2025.

⁵⁴ Disponível em: [Manual da UNESCO para a formação das forças de segurança](#). Consultado a 16/10/2025.

⁵⁵ Disponível em: [Kit de ferramentas global para atores judiciais](#). Consultado a 16/10/2025.

dos jornalistas à escala global não pode ser alcançada de forma isolada e exige cooperação. Desta forma a ONU uniu-se aos órgãos de comunicação social, às ONGs, à academia e aos governos para partilha de informações e criação de redes de apoio e proteção aos jornalistas a nível global, como é o caso da *Media Freedom Coalition*⁵⁶, na qual estão presentes 50 países, incluindo Portugal.

Em simultâneo, a ONU trabalha, em conjunto com os Estados-Membros das Nações Unidas, diversas questões tendo em vista o desenvolvimento sustentável da sociedade. Neste sentido, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável contempla 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), entre eles, a defesa da liberdade de imprensa e o combate à violência contra os jornalistas, expressos no Objetivo 16.10: “Assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais”. Alguns dos indicadores que ajudam a verificar este objetivo são: “o número de casos verificados de homicídio, rapto, desaparecimento forçado, detenção arbitrária e tortura de jornalistas, pessoal associado aos media, sindicalistas e defensores de direitos humanos nos últimos 12 meses (16.10.1) e o número de países que adotaram e implementaram garantias constitucionais, estatutárias e/ou políticas para acesso público à informação (16.10.2)” (ODS, Objetivo 16).⁵⁷

Para além das iniciativas promovidas pelos organismos internacionais como a ONU, as ONGs como o *Committee to Protect Journalists* (CPJ) ou os Repórteres Sem Fronteiras (RSF) também atuam ao serviço dos jornalistas e dos meios de comunicação social. De entre os recursos disponibilizados pela RSF destacam-se as linhas de emergência que oferece apoio aos jornalistas em situação de risco, seja seguro, equipamentos de proteção (coletes à prova de bala, capacetes), apoio financeiro (tratamentos médicos, despesas básicas depois de uma fuga urgente do país, despesas jurídicas e em equipamento danificado, perdido ou roubado), jurídico e administrativo (solicitação de proteção internacional ou asilo), oferta de diversos cursos e guias práticos, nomeadamente sobre segurança física, psicológica e digital e cobertura eleitoral.⁵⁸ O caso do CPJ, os apoios são semelhantes, garantindo informações de segurança temáticas e

⁵⁶ Disponível em: [Media Freedom Coalition: an overview - GOV.UK](#). Consultado a 16/10/2025

⁵⁷ Disponível em: <https://ods.pt/objectivos/16-paz-e-justica/>. Consultado a 16/10/2025

⁵⁸ Disponível em: [Serviços para jornalistas e meios de comunicação | RSF](#). Consultado a 16/10/2025

específicas a cada contexto, suporte básico de vida, suporte médico, apoio psicossocial, suporte de realocação de emergência e ao exílio, suporte jurídico, *workshops* e consultas de segurança e apoio à prisão e pós-prisão.⁵⁹

Por fim, numa esfera mais particular, existem ainda mecanismos de proteção profissional levados a cabo pelos estados e governos, sob contornos das legislaturas nacionais. No caso específico português, o jornalismo e os jornalistas são regulados pela *Constituição portuguesa (Artigos 37.º a 42.º)*, pela Lei da Imprensa, pelo Estatuto do Jornalista e por outros organismos de autorregulação, como é o caso da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ) e do Sindicato dos Jornalistas. Apesar de na *Constituição* estarem consagrados princípios básicos como o direito à vida (Artigo 24.º), o direito à integridade pessoal (Artigo 25.º), outros direitos pessoais (Artigo 26.º) como o bom nome e reputação, o direito à identidade pessoal e à vida privada, proteção legal em caso de discriminação, sabemos que tais artigos não são respeitados na sua integridade. No caso particular do jornalismo, isso é evidente, com a violência contra jornalistas a não ser restrita a áreas de conflito armado, mas sim um problema global que atinge os profissionais em diversas partes do mundo. Como argumenta Sparre (2017), as “violações contra a liberdade dos *media* e a segurança pessoal dos jornalistas desportivos podem acontecer e acontecem em qualquer lugar do mundo”, e Portugal não é exceção. O ambiente desportivo, em particular, tem-se tornado palco frequente de tensões e violência, tanto física como verbal, contra jornalistas, adeptos e até dirigentes. Um dos exemplos mais recentes ocorreu em 10 de junho de 2025, após um jogo de hóquei entre o Sporting e o FC Porto, onde adeptos afetos ao clube leonino apedrejaram e lançaram artefactos pirotécnicos contra o carro onde seguiam adeptos dos dragões. Após o incidente, o presidente do Sporting, Frederico Varandas, apelou diretamente à intervenção do Governo⁶⁰:

Precisamos da ajuda do Governo. Isto é um problema que não é exclusivo ao Sporting. É transversal a todos os clubes de futebol, os ditos grandes em Portugal. E nem o Sporting, nem os nossos rivais, não somos polícias, mas precisamos de ajuda do Governo para

⁵⁹ Disponível em: [Segurança e Emergências de Jornalistas - Comitê para a Proteção dos Jornalistas](#). Consultado a 16/10/2025

⁶⁰ Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/sporting/varandas-apela-ao-governo-para-combater-violencia-no-desporto_d1661313. Consultado a 16/10/2025

travar este problema (declarações de Frederico Varandas, 2025 à saída do Museu do Sporting em Leiria).

Este apelo revela uma consciência crescente dos clubes para a problemática da violência, assumindo que sozinhos não têm os meios nem autoridade para controlar a escalada de violência no desporto. Em Portugal, a Lei n.º 40/2023, de 10 de agosto, estabelece um conjunto de medidas para reforçar a segurança no meio desportivo, seja durante os jogos, treinos, deslocações de adeptos ou celebrações desportivas. De destacar a alínea j) do n.º 1 do artigo 23.º alusiva às condições de permanência dos espectadores no recinto desportivo, que reforça a ideia de que para assistir a um evento desportivo as pessoas devem adotar uma boa conduta, moderação e respeito com todos os envolvidos, em particular os jornalistas. O n.º 2 do artigo 33.º, vai mais longe e penaliza a fortemente aqueles que pratiquem ofensas à integridade física a membros da comunicação social durante eventos desportivos ou acontecimento desportivos:

Quem (...) praticar os factos descritos nos artigos 143.º, 144.º e 145.º do Código Penal contra agentes desportivos, membros dos órgãos de comunicação social, elementos das forças de segurança, assistentes de recinto desportivo ou qualquer outro responsável pela proteção e segurança, no exercício das suas funções ou por causa delas, é punido com a correspondente pena de prisão agravada em metade nos seus limites mínimo e máximo.

Na Grécia, o desporto, em particular o futebol, também soma muitas paixões, que em muitos casos levam a episódios extremos como a violência e até mortes. É neste contexto que os jornalistas desportivos atuam, sendo condicionados pelo ambiente onde se inserem durante a cobertura. Vejamos o caso do jornalista grego Lefteris Charalampopoulos que foi ameaçado de morte pelo dono do AEK de Atenas, Dimitris Melissanidis, após publicar um artigo em agosto de 2023, na sequência da morte de um adepto em confrontos nas imediações do estádio. Na peça, o jornalista deixou críticas à atuação da polícia e do governo no caso e apontou falhas de segurança no estádio e na zona envolvente, densamente povoada, comprometendo a segurança também dos moradores locais. As ameaças surgiram por chamada telefónica, onde o dirigente proferiu expressões como:

«Seu sujo comunista, tudo o que sabias sobre o estádio acabou... vais pagar pelo passado e pelo presente... vou pôr-te numa caixa... já pus outros numa caixa e tu sabes disso, não tens cérebro, vou pôr-te numa caixa... diz ao Marinakis para fazer um seguro para ti, para não partires sem luto... já encomendei a caixa com as tuas medidas, tenho-a aqui e estou

a guardá-la para que não tenhas despesas... vou fazer com que todos te persigam... já me marquei... olha o que vou fazer contigo».⁶¹

Este não foi um caso isolado. Também Giorgos Papachristos, jornalista no jornal *Ta Nea*, foi agredido pelo empresário Yiannis Karagiorgis, que, acompanhado por dois homens, deu socos no rosto e na cabeça do jornalista, seguindo-se insultos junto aos familiares e ameaças de morte. A agressão aconteceu a 29 de agosto de 2023 durante o intervalo do jogo de futebol entre o Panathinaikos FC e o SC Braga, no Estádio Olímpico de Atenas. Giorgos Papachristos teve de receber cuidados hospitalares, tendo apresentado queixa contra o agressor. Embora o motivo do ataque não seja conhecido, estima-se que poderá estar ligado ao trabalho de investigação de Giorgos Papachristos a negócios do empresário Yiannis Karagiorgis.⁶²

Como forma de combater este cenário de violência no desporto, o Governo grego aprovou a Lei n.º 5085/2024 em fevereiro de 2024, que tem um plano de intervenção multidisciplinar. Entre as medidas principais estão a instalação de câmaras nos estádios; a introdução de bilhetes digitais personalizados, com um regime especial de aquisição para crianças e estrangeiros; criação do Registo Digital de Claques e de um novo plano policial para a segurança em eventos desportivos – *Kallipateira*⁶³; implementação de sanções administrativas aos responsáveis dos clubes e aos adeptos. Segundo dados apresentados pelo Governo grego na conferência de imprensa de balanço das medidas de prevenção e combate à violência no desporto, desde a aplicação da lei, em fevereiro de 2024, até junho de 2025, foram videovigiados 1.072 jogos profissionais de futebol e basquete com o recurso de 2.597 câmaras instaladas nos recintos desportivos (figura 15); foram emitidos 1.485.012 bilhetes personalizados, sendo que 235.340 foram para menores e 26.018 para estrangeiros; sanções aplicadas a adeptos e clubes renderam aproximadamente 1,4 milhões de euros; realizaram-se 109 jogos à porta fechada (75 no futebol, 26 no basquetebol, 4 no voleibol e 3 no andebol), e ainda foram contabilizadas 604 detenções (figura 16): 35,4% por posse de substâncias ilícitas (214); 28,9% por organização criminosa (174); 20,5% por violência em eventos desportivos (124); 6%

⁶¹ Disponível em: <https://www.in.gr/2023/08/10/english-edition/aek-fc-incites-violence-journalists-mourning-victim-violence/>. Consultado a 16/10/2025

⁶² Disponível em: <https://www.mapmf.org/alert/30611>. Consultado a 16/10/2025

⁶³ Disponível em: <https://www.government.gov.gr/apodotiki-politiki-gia-tin-antimetopisi-tis-opadikis-vias-me-orata-apotelesmata/>. Consultado a 16/10/2025

devido a danos físicos perigosos (36); 5,6% por posse de armas (34); 3,2% por lesões corporais (19) e 0,5% por tentativa de homicídio (3).

Gráfico 11. Número de câmaras instaladas

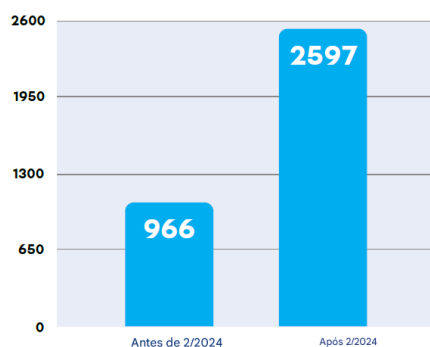
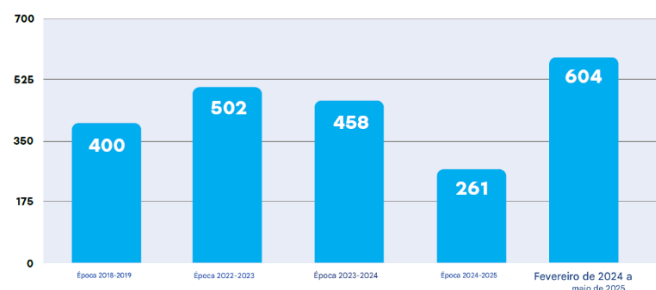


Gráfico 12. Número de detenções



Fonte: Governo Grécia, 2025

De acordo com o governo grego “os números apresentados [em apenas 16 meses] demonstram uma melhoria da situação, com prevenção de incidentes, estádios cheios e eventos esportivos mais seguros” (Governo da Grécia, 2025), no entanto, estão em cima da mesa mais iniciativas para continuar a progredir no quadro geral de violência no desporto, que incluem medidas legais, tecnológicas e de formação, nomeadamente sanções automatizadas por agir, insultar e incitar atos de violência; atualização de regulamentos de segurança desportiva e elaboração de um plano estratégico nacional para segurança, proteção e assistência em eventos desportivos; criação de uma plataforma digital para exclusão de indivíduos dos recintos desportivos em caso de sanções (lista negra), entre outras. Por fim, a proteção dos jornalistas também foi abrangida neste novo regime de segurança em contexto desportivo. Ao abrigo da alínea b), do artigo 15.º da Lei n.º 5085/2024 de fevereiro de 2024, qualquer pessoa que faça declarações públicas, anúncios ou publicações que incitem, instiguem, incentivem ou facilitem atos que possam levar a ofensas ou ameaças de violência contra jornalistas, no contexto da sua atividade de cobertura ou comentário sobre eventos desportivos, bem como sobre questões relacionadas, será punida com pena de prisão não inferior a um ano e com multa.

Em suma, o quadro traçado ao longo do capítulo expõe cientificamente, os riscos que os jornalistas desportivos enfrentam durante o exercício de funções. O próximo capítulo vai apresentar perceções individuais dos jornalistas desportivos, de forma a percebermos como é que as dinâmicas até aqui discutidas se desenrolam no contexto português.

Capítulo III – Condições de (in)segurança dos jornalistas desportivos do Maisfutebol e da TVI/CNN Portugal

3.1 Tópico de investigação, pertinência e pergunta de partida

Atendendo à crescente presença do desporto nos *media* e nos novos *media*, em particular do futebol, tem vindo a consolidar-se como um fenómeno global altamente lucrativo, direcionado às massas, tendo a capacidade de despertar emoções intensas e, muitas vezes, irracionais. A forte identificação dos adeptos com clubes e jogadores gera um ambiente de elevada tensão, onde a rivalidade pode dar lugar a comportamentos hostis. Neste contexto, os jornalistas desportivos enfrentam problemas acrescidos no exercício da sua atividade profissional, tornando-se alvos de pressões, censura, influência das fontes de poder, bem como de críticas exacerbadas, assédio digital e, em alguns casos, agressões físicas e verbais. Este estudo reveste-se de particular pertinência e atualidade por três razões fundamentais: No âmbito académico, visa colmatar a escassez de literatura sobre investigação segurança jornalística no desporto em Portugal; no plano social, pretende alertar para a vulnerabilidade dos jornalistas desportivos durante o exercício de funções; no âmbito profissional, procura contribuir para o debate sobre a necessidade de implementar medidas que garantam a proteção dos jornalistas e da liberdade de imprensa no desporto. Deste modo, a presente investigação procura responder à seguinte pergunta de partida: “Quais os riscos que os jornalistas desportivos enfrentam no exercício da sua profissão?”.

3.2 Objetivos

Segundo Quivy e Van Campenhoudt (1998), “o objetivo da investigação é responder à pergunta de partida. Para este efeito, o investigador formula hipóteses e procede às observações que elas exigem”. Sob esta ótica, o objetivo principal do estudo prende-se com a identificação e análise dos riscos enfrentados pelos jornalistas desportivos em Portugal, tendo como referência o grupo Media Capital, nomeadamente o Maisfutebol e a TVI/CNN Portugal. Paralelamente, procura-se ainda compreender quem são os principais perpetuadores desses riscos, avaliar o impacto dos mesmos na atividade jornalística e nos seus profissionais, bem como fazer um levantamento dos mecanismos de segurança existentes no setor para mitigar tais riscos.

3.3 Estratégia metodológica

Na linha do que afirmam Silva e Pinto (1990), um método compreende uma “estratégia integrada de pesquisa”, cujo objetivo é orientar as práticas de investigação de forma crítica, “incidindo nomeadamente sobre a seleção e articulação das técnicas de recolha e análise da informação” (Silva e Pinto, 1990, p.129). Segundo os mesmos autores, “todas as regras metodológicas têm como objetivo exclusivo esclarecer o modo de obtenção das respostas” (p.129). Neste contexto, a estratégia metodológica adotada foi apoiada em metodologias de cariz qualitativo. Creswell (2009) entende a investigação qualitativa como um meio para estudar os problemas sociais através da compreensão humana dos acontecimentos. Este tipo de pesquisa procura perceber como indivíduos ou grupos interpretam a realidade, isto é, qual o sentido que os indivíduos dão à sua ação e às suas experiências quotidianas. Optou-se pela recolha de informação a partir de técnicas documentais e não documentais.

No que respeita à pesquisa documental, esta representa o suporte teórico-conceptual do estudo e está apresentada no Capítulo I do presente relatório, servindo de orientação para a investigação empírica. Esta primeira fase da investigação foi feita através da leitura e análise crítica de diversos relatórios e artigos relacionados com a problemática em estudo, nomeadamente de organizações como a ONU, Repórteres Sem Fronteiras, Sindicato dos Jornalistas, entre outros.

É frequente o trabalho de um investigador necessitar de dados macrossociais, que apenas organismos oficiais poderosos, como institutos nacionais de estatística, têm condições de recolher. Aliás, se estes organismos existem, é principalmente para oferecerem aos responsáveis e aos investigadores dados abundantes e dignos de confiança, que aqueles não poderiam recolher por si próprios. Por outro lado, as bibliotecas, os arquivos e os bancos de dados apenas esperam pela atenção dos investigadores. (Quivy & Van Campenhoudt, 1998, p.201)

Para Quivy & Van Campenhoudt (1998), o investigador, nesta etapa da investigação, recorre à recolha de dados pré-existentes que podem variar dependendo das fontes e das informações consideradas. Relativamente às fontes, pode “tratar-se de documentos manuscritos, impressos ou audiovisuais, oficiais ou privados, pessoais ou provenientes de um organismo, contendo colunas de números ou textos” (Quivy & Van Campenhoudt, 1998, p.202). Quanto aos dados recolhidos, podem ser “dados estatísticos, documentos de forma textual provenientes de instituições e de organismos públicos e privados (leis, estatutos e regulamentos, atas, publicações...) ou de particulares

(narrativas, memórias, correspondência) (...) [ou até] documentos audiovisuais” (Quivy & Van Campenhoudt, 1998, p.202).

A vantagem desta técnica de recolha de informação é possibilitar à pessoa que investiga ficar a conhecer de forma aprofundada o estado da arte no domínio que está a investigar. Com este objetivo, foram analisados diversos trabalhos que contribuíram no desenvolvimento do estado da arte no campo do jornalismo e da segurança. As principais obras que usei foram relatórios de organizações internacionais, que dispõem de funções e investigações no âmbito do meu estudo, entre elas, a UNESCO, os Repórteres Sem Fronteiras. Em termos de literatura científica, os contributos de Filipa Subtil e José Garcia, Fernando Borges, Felisbela Lopes, Sara Pereira, Marisa Torres da Silva, Kristen Sparre, Scott Reinardy, Peter English, Raymond Boyle, entre outros autores, foram fundamentais no desenvolvimento e apresentação de ideias, que em conjunto, retrataram o estado da investigação neste domínio.

Recorremos também à pesquisa de carácter não documental, que foi apoiada na participação-observação que deriva da experiência de estágio e, em entrevistas semiestruturadas, fundamentais na recolha de opiniões e representações, bem como das experiências individuais dos jornalistas. Silva e Pinto (1990) entendem a participação-observação como “o envolvimento direto que o investigador de campo tem com um grupo social que estuda dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo”, acrescentando que esta técnica “despe o investigador do seu conhecimento cultural próprio, enquanto veste o do grupo investigado” (p.149).

A pesquisa de terreno é, em boa medida, a arte de obter respostas sem fazer perguntas. As respostas obtêm-se no fluxo da conversa informal e da observação direta, participante e continuada. (Silva & Pinto, 1990, p.138)

Esta ideia também é expressa por Quivy & Van Campenhoudt (1998) que a participação-observação como o “estudo da comunidade durante um longo período, participando na vida coletiva” (p.197), considerando este um método ideal para analisar aspetos não verbais, como “as condutas instituídas e os códigos de comportamento, a relação com o corpo, os modos de vida e traços culturais, a organização espacial dos grupos e da sociedade” (p.198). Durante os dias no terreno, o investigador recorre ao “diário de campo” para registar dados importantes para a pesquisa. Tal como apontam Silva e Pinto (1990), o registo é diário e sistemático e está dividido em três tipos: “observações e informações”, “reflexões teóricas e metodológicas” e “impressões e

estados de espírito”. No entanto, para além dessas informações, são registadas observações pessoais realizadas pelo investigador, informações concedidas por outras pessoas e ainda enunciados verbais dos atores em estudo, que posteriormente são transcritos à letra, com o recurso a gravadores de som e máquinas fotográficas, de filmar ou de vídeo ou até telemóveis (Silva & Pinto, 1990, p.132).

Relativamente aos prós e contras do uso desta técnica de recolha de informação, Quivy & Van Campenhoudt (1998) referem como vantagem a captura de comportamentos, acontecimentos e momentos espontâneos, uma vez que o investigador apreende a realidade à medida que ela se desenrola, sem ter planeado ou até suscitado, trazendo verdade aos acontecimentos. Esta é uma condição que muitas vezes as palavras e os textos escritos não conseguem alcançar porque, tal como apontam os autores acima citados, “é mais fácil mentir com a boca do que com o corpo” (Quivy & Van Campenhoudt, 1998, p.199). Silva e Pinto (1990) também argumentam que a observação participante permite ter “os melhores resultados na obtenção de informações sobre comportamentos, discursos e acontecimentos observáveis”, uma vez que em muitos casos “passam despercebidos à consciência explícita dos atores sociais” (Silva & Pinto, 1990, p.141).

Quanto aos limites deste recurso, Quivy & Van Campenhoudt (1998) apontam a dificuldade de aceitação dos observadores nos grupos onde se inserem, bem como a complexidade associada à interpretação das observações, que exige uma boa preparação teórica por parte do investigador e ainda muito tempo de trabalho de campo, que também aí tem condicionantes como a necessidade constante de registo.

O observador não pode confiar unicamente na sua recordação dos acontecimentos aprendidos ao vivo, dado que a memória é seletiva e eliminaria uma grande variedade de comportamentos cuja importância não fosse imediatamente aparente. Como nem sempre é possível, nem desejável, tomar notas no próprio momento é a única solução consiste em transcrever os comportamentos observados imediatamente após a observação. Na prática trata-se muitas vezes de uma tarefa muito pesada, devido à fadiga e às condições de trabalho por vezes esgotantes (Quivy & Van Campenhoudt, 1998, p.199).

O resultado desta técnica de recolha de informação está consagrado neste relatório no Diário de Estágio, onde registei anotações diárias da minha experiência quotidiana na redação, desde as rotinas diárias, às impressões pessoais, saídas ao exterior para cobrir eventos desportivos, fazer reportagem, conversas com jornalistas, que enriqueceram o presente trabalho e permitiram compreender o ambiente profissional de forma

aprofundada. De forma a complementar a análise, foram realizadas também entrevistas semiestruturadas.

Segundo Quivy & Van Campenhoudt (1998), a entrevista caracteriza-se pela interação direta entre o investigador e os seus interlocutores, sendo que o entrevistador não detém o controlo da conversa, apenas a orienta de acordo com os objetivos da investigação.

Instaura-se, assim, em princípio uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um acontecimento ou situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade (Quivy & Van Campenhoudt, 1998, p.192).

No que diz respeito às entrevistas semiestruturadas, Quivy e Van Campenhoudt (1998) descrevem a prática como uma variante que não é nem inteiramente aberta, nem limitada por um conjunto de perguntas específicas, isto é, o investigador dispõe de um guião com perguntas orientadoras, que permitam recolher informação dos entrevistados. No entanto, o entrevistado tem a liberdade de colocar questões pela ordem que lhe convier, podendo inclusive usar palavras diferentes das que tinha formulado anteriormente no guião. O papel do investigador aqui é garantir que o entrevistado fala abertamente sem se desviar dos objetivos propostos. Caso isso aconteça, cabe ao próprio entrevistador retornar ao foco, colocando questões que vão ao encontro do pretendido (Quivy & Van Campenhoudt, 1998, p.192-193).

Esta é uma técnica que apresenta vantagens e desvantagens. Começando pelas vantagens, Quivy e Van Campenhoudt (1998) destacam a profundidade dos dados recolhidos, bem como a flexibilidade e a fraca diretividade, que dão espaço para o entrevistado se expressar, recorrendo à própria linguagem e capacidade cognitiva dos indivíduos, sem impor uma realidade díspar. No que toca às limitações, alguns aspetos prendem-se com o próprio investigador que, quando confrontado com a flexibilidade do método, pode comprometer o resultado final, nomeadamente devido a fatores como a falta de preparação; a intimidação face a uma técnica sem diretivas precisas, levando o interlocutor a validar qualquer interação e discurso durante a entrevista; a subjetividade das respostas influenciada pela relação entrevistador-entrevistado e ainda, dados das entrevistas apresentam um grau de complexidade de análise própria.

As entrevistas foram realizadas já na fase final do estudo de caso, nos meses de agosto e setembro de 2025, a sete jornalistas da Media Capital, totalizando uma duração média de 41 minutos. O guião das entrevistas pode ser encontrado no anexo deste volume (ver anexo 1), cuja estrutura está dividida em três dimensões: a primeira, corresponde à dimensão sociográfica, destinada à caracterização dos participantes, recolhendo informações relativas à idade, género, formação académica, experiência profissional (anos de exercício e órgãos de comunicação pelos quais trabalhou), tempo de colaboração com a editoria de desporto, e ainda o vínculo ao Sindicato dos Jornalistas Portugueses. A segunda dimensão debruçou-se sobre as ameaças e riscos, já explanados anteriormente na revisão de literatura, subdividindo-se em cinco categorias analíticas: riscos físicos, psicológicos, profissionais, éticos, sociocomportamentais. À semelhança do que foi apresentado no estado da arte, as categorias incidiram sobre as diferentes manifestações do risco no quotidiano dos jornalistas desportivos, com questões que apelavam à experiência pessoal. Por fim, na terceira dimensão, apelidada de “Medidas de mitigação dos riscos das instituições e dos profissionais” não se refere a um risco específico, mas sim ao papel das empresas de *media*, como o Maisfutebol e a TVI/CNN Portugal, e outros organismos como o Sindicato dos Jornalistas Portugueses e o Estado na proteção e valorização dos profissionais de comunicação. Neste tópico foi feita a avaliação, por parte dos jornalistas, dos organismos referidos anteriormente, adicionando uma perspetiva individual do presente e futuro do jornalismo. No geral, o guião, de natureza semiestruturada, combinou questões, na sua maioria, abertas, de modo a permitir aos entrevistados uma maior liberdade no discurso para captar experiências e perceções individuais. Contudo, também foram feitas algumas perguntas fechadas e semiabertas com o intuito de captar apenas informação factual, como é o caso da dimensão sociográfica, servindo apenas para traçar um perfil individual de cada participante e facilitar a posterior análise dos resultados. Concluindo, através do recurso a esta técnica foi possível recolher testemunhos pessoais dos profissionais sobre as questões debatidas ao longo do estudo em termos do estado atual da segurança, ou falta dela, no jornalismo desportivo.

3.4 Campo de observação

De forma a tornar a investigação o mais completa possível, procedi ao alargamento do campo de observação, não apenas à minha experiência de estágio curricular de janeiro a abril no Maisfutebol, mas também à TVI/CNN Portugal, onde

permaneci por mais três meses, de maio a julho, a realizar um estágio profissional. Esta foi uma decisão que abriu horizontes à pesquisa que agora apresento, uma vez que tive a experiência de colaborar nos dois órgãos de comunicação do grupo Media Capital, ambos com especificidades particulares: um ligado ao meio da televisão e o outro à imprensa online. Neste sentido, foram realizadas sete entrevistas a jornalistas desportivos do grupo Media Capital: quatro da TVI/CNN Portugal e três do Maisfutebol. Na amostra foram contabilizados testemunhos de duas jornalistas do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 33 e os 44 anos, e os 27 e os 53 anos, respetivamente, de modo a abranger diversas faixas etárias. Garantir a paridade de testemunhos também foi uma preocupação, no entanto, não foi possível, sobretudo porque a redação do Maisfutebol não tinha qualquer elemento feminino, à exceção da autora do presente relatório, durante o seu período de estágio. Relativamente a outros detalhes sociográficos, a maioria da amostra tem formação superior em comunicação (cinco) com apenas dois jornalistas a concluírem o 12.º ano e a optarem por formações especializadas; mais de metade dos entrevistados são detentores de carteira profissional de jornalista há cerca de 20 anos (cinco), sendo que a amplitude dos dados varia entre sete e 29 anos. No que toca à experiência a cobrir eventos desportivos, a generalidade da amostra também revela bastante prática, com cerca de cinco jornalistas a trabalharem no meio desportivo há mais de 20 anos e dois jornalistas com cerca de dez anos. Por compromisso ético com os entrevistados, não vão ser identificados e a identificação será feita por pseudónimos/nomes fictícios.

3.5 Utilizações de softwares de inteligência artificial

Vivemos na era digital e, como tal, somos impactados pela tecnologia e pelos seus benefícios e malefícios. No caso do relatório que apresento, a utilização de tecnologia contribuiu para o auxílio de algumas tarefas, nomeadamente na transcrição de áudios de entrevista para a escrita, o que permitiu “ganhar tempo” para outras tarefas, uma vez que as entrevistas foram realizadas com a entrega do trabalho final em contagem decrescente. Para esse efeito utilizei o *Whisper*⁶⁴, no entanto, na etapa posterior à transcrição procedi à revisão do trabalho que a ferramenta elaborou, corrigindo alguns pormenores da escrita, que em alguns casos não fez uma transcrição correta ou, inclusive, retirar expressões da

⁶⁴ Disponível em: <https://cdn.openai.com/papers/whisper.pdf>. Consultado a 16/10/2025

oralidade do discurso. Também como forma de auxílio, recorri ao Chat GPT seja para organizar a bibliografia por ordem alfabética, de forma a facilitar a etapa final do trabalho e a poupar tempo nessa tarefa, seja para revisão linguística geral do texto, inclusive na tradução de alguns documentos ou gráficos necessários expostos ao longo do relatório, como é o caso, por exemplo, de uma apresentação do governo da Grécia, escrita em grego, que se encontra visível no subcapítulo 4 - Mecanismos e planos de ação e proteção profissional, na página 39.

3.6 Leitura e análise crítica das entrevistas

3.6.1 Dimensão 1 - Riscos físicos

Como vimos no capítulo anterior, vários são os desafios enfrentados pelos jornalistas no cumprimento da profissão. Neste ponto destacam-se apenas os riscos físicos, que contemplam desde agressões, ameaças à integridade física, detenções e, em casos extremos, assassinatos. Os relatórios da UNESCO (2024) e dos Repórteres Sem Fronteiras (2024) apresentados anteriormente expõem o cenário de violência contra jornalistas e apresentam números concretos da realidade profissional. De acordo com os dados mais recentes da UNESCO, cerca de 162 jornalistas foram assassinados durante o exercício de funções, entre 2022 e 2023, o que representa uma média de um jornalista morto a cada quatro dias. Já os dados do barómetro dos Repórteres Sem Fronteiras apontam que até à data da escrita do presente relatório, em 2025, já foram mortos mais de 37 jornalistas, 557 estão detidos, 54 estão feitos reféns e 98 estão dados como desaparecidos.⁶⁵ Ora, como evidenciam os documentos já referidos, a maioria dos casos de violência contra jornalistas ocorreu em contextos de guerra ou de crise política, no entanto, dados do *Committee to Protect Journalists* (CPJ) revelam que a área desportiva também é permeável a esses riscos apesar de ser considerada uma editoria “leve”, totalizando cerca de 52 assassinatos desde 1992. Fatores como a clubite, a paixão e o fanatismo ajudam a explicar casos de hostilidade contra jornalistas, que no contexto desportivo português são mais frequentes no futebol. Em Portugal, a Autoridade para a Prevenção e o Combate à Violência no Desporto (APCVD) regista anualmente milhares de ocorrências relacionadas com a violência em recintos desportivos, no entanto, é importante perceber o lado dos jornalistas que vivem essa realidade de perto. Deste

⁶⁵ Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/barometro>. Consultado a 24/09/2025.

modo, as entrevistas realizadas aos jornalistas desportivos da Media Capital permitem confirmar empiricamente estes riscos através de testemunhos reais, na primeira pessoa, de histórias vividas em exercício de funções.

Partindo de uma análise geral, todos os entrevistados referiram que em algum momento já foram vítimas de ataques ou ameaças do foro físico, ainda que considerem que as agressões físicas não são tão frequentes quanto as verbais. A maioria relata que estes incidentes ocorrem em contextos específicos como jogos de risco elevado (clássicos ou dérbis); ambientes de tensão, tanto pela arbitragem como pelos maus resultados; durante momentos de reportagem em direto com adeptos. Os jornalistas destacam os adeptos como os principais perpetuadores das hostilidades, referindo como motivações para esses atos o fanatismo, os maus resultados desportivos e acusações de parcialidade, tornando os jornalistas “parte do problema”. Também foi descrito um caso, em que um dirigente desportivo também contribuiu para a intimidação física de um jornalista. No que toca à punição destes atos, a maioria dos casos foram resolvidos no momento, o que, na generalidade das ocorrências, dispensou de uma denúncia formal às autoridades. Por sua vez, o reporte às chefias aconteceu e a proteção da entidade profissional é sublinhada em todos os testemunhos, relatando medidas que a própria empresa tomou em determinados casos para proteger os seus profissionais, como é o caso da contratação de segurança privada durante as saídas ao terreno, permissão para realizar teletrabalho e a ativação de mecanismos legais, apesar, de os processos muitas vezes serem esquecidos.

No plano mais concreto, de entre os relatos pessoais que dão força a este cenário, destaco, em primeiro lugar, o episódio vivido pelo Joaquim Castro no antigo Estádio de Alvalade, onde revelou ter sido “ameaçado e pontapeado” por adeptos, numa altura em que se vivia um “ambiente tenso” devido à “contestação em torno das arbitragens” e ao “período de luto” que o Sporting atravessava. Mas o próprio referiu que não foi caso isolado:

Já vivi episódios semelhantes em jogos da Taça de Portugal e outros locais, principalmente em dérbis ou clássicos (...) Assembleias Gerais do Benfica, durante a presidência do Vale e Azevedo, éramos sempre alvo de insultos e ameaças físicas (...) depois há outras situações que não sabes de onde é que vêm como empurrões, uma palmada aqui e ali, situações que acabam por ser consequência de estar no meio da confusão.

No caso do Bruno Almeida, não chegou a haver agressões físicas, mas depois de publicar um “artigo de opinião sobre o Sporting”, o jornalista confessa que recebeu várias

ameaças, “através das redes sociais, emails, caixas de comentários dos blogs” de adeptos e membros de claques. Segundo o entrevistado, a situação causou-lhe receio: “Na altura fiquei assustado, mas não disse nada. (...) Estava de folga quando isso aconteceu, nem vi os emails. De repente chego a casa e tenho a caixa dos emails e do Facebook completamente cheias de ameaças.” Para além disso, Bruno menciona que um *blog* dedicado ao Sporting publicou um texto sobre o seu artigo de opinião, no qual foram divulgadas informações pessoais: “Publicaram a minha fotografia, disseram que morava no Porto e na altura morava (...), publicaram vários dados meus, inclusive o meu Facebook, Twitter, o email, os meus contactos. (...) Enviaram emails para o meu diretor, que era o Luís Sobral, (...) ele defendeu-me sempre, respondeu a alguns emails e essas pessoas publicavam a resposta dele nos comentários do artigo”. As motivações que explicam o sucedido, na visão do entrevistado, prendem-se com a interpretação enviesada dos leitores que o acusaram de ser parcial: “Eles sentiram que estava a gozar com o Sporting, e a partir daí acusaram-me de tudo, de ser benfiquista, portista.” Como forma de resolver a situação, Bruno confessa: “Durante algum tempo não fazia nada do Sporting e esperei que passasse”. Além disso, conta que recebeu apoio do seu diretor: “O Luís Sobral ligou-me a dizer que estava ocorrente do que estava a acontecer e aconselhou-me a ficar em trabalho remoto durante uma semana e não ir à redação porque havia o receio de que eles viessem à redação do Maisfutebol no Porto”.

O ataque à Academia de Alcochete, em 2018, onde esteve Carolina Fernandes, foi um episódio marcante para a jornalista que descreve a situação como a mais perigosa da sua carreira: “Foi a situação em que senti mais medo enquanto jornalista, porque um ataque concertado podia mesmo correr muito mal para o nosso lado. Não foi para nós, foi para os jogadores do Sporting, mas (...) temi que as ameaças pudessem passar a agressão”.

Numa primeira instância, a jornalista não percebeu que se tratava de um ataque e detalhou como se ocorreu:

Na altura, inicialmente não percebi imediatamente o que estava a acontecer. Eu vi um grupo de pessoas a correr e pensei: “Que estranho...está um calor horrível, porque há pessoas que vêm para aqui correr?”, então fiquei com a ideia que era um grupo *jogging*. Só quando se aproximaram é que vi que estavam com toucas e alguns objetos é que percebi que claramente não eram atletas. Começámos a arrumar o equipamento e eu fui para o carro de reportagem com o meu repórter de imagem e afastámo-nos um pouco da entrada da academia e escondemo-nos. (...) Eles passaram por nós, ameaçaram-nos, e só depois é que nós fugimos e desviámo-nos com o carro durante uns minutos só para perceber o que é que ia acontecer. (...) Avisei a régie e os meus coordenadores do que

estava a acontecer e entrei logo em direto, primeiro ao telefone, porque eles ameaçaram-nos a dizer que não podíamos filmar nem ligar as câmaras.

Face ao risco, a entidade patronal tomou medidas para a protegerem no local, entre elas, a denuncia à polícia: “A maneira que a TVI sentiu que podia ser mais segura para mim de dar a notícia foi, durante a primeira meia hora, até a polícia chegar, entrar em direto ao telefone, dentro do carro e não aparecer em frente à câmara”. A situação ficou resolvida no momento, “quando chegou a polícia, os adeptos dispersaram e as coisas normalizaram.”

Para Pedro Silva, os festejos do 19.º título de campeão nacional do Sporting, em maio de 2021, precisamente, 19 anos depois da última conquista, ficaram marcados, não só por bons motivos: “O episódio que mais me marcou foi a bala disparada durante os festejos do Sporting. Não foi ninguém que veio diretamente para mim, eu é que estava no meio da confusão e a bala fez ricochete e foi na minha direção.” O jornalista afirma que tanto os colegas como a entidade patronal “demonstraram preocupação” e aconselharam-no a “manter-se em segurança”.

“O Paulo Pereira estava em estúdio, em direto, e perguntou-me como estavam os desacatos. Eu respondi: ‘Olha Paulo, a situação há pouco estava muito complicada, tanto que levei com uma bala na perna.’ Ele ficou preocupado porque eu não tinha noção da gravidade da situação e perguntou: ‘Então, mas estás bem?’ Eu reagi normalmente, porque estava demasiado perto da confusão e sabia que podia acontecer, já que a polícia estava a disparar bolas de borracha, mas eu queria estar ali para conseguir melhores imagens. Doeu-me, mas como não foi intencional, desvalorizei. (...) Fiquei apenas com uma nódoa negra.”

Pedro Silva destaca ainda outro episódio, nas imediações do Estádio da Luz, quando uns adeptos queriam bater numa jornalista: “Só quando a polícia chegou e formou um cordão de proteção é que conseguimos fazer diretos (...) Nesse dia nem houve diretos com adeptos, foram todos realizados na zona protegida pelos polícias para estarmos em segurança.” Também, o André Sousa relata que viveu um episódio de tensão que envolveu um dirigente de clube, que era diretor de um jornal concorrente:

Tinha escrito uma coluna de opinião a anunciar que íamos cobrir e fazer algo novo e, quando me apanharam no campo desse clube, tentaram agredir-me. Reagi e a polícia teve de me retirar a mim e ao fotógrafo de lá, numa carrinha de patrulha. Já depois de termos saído do estádio, fomos perseguidos de carro. A perseguição aconteceu porque reagimos e tentámos nos defender, então falaram com elementos dos Super Dragões (claque afeta ao Porto) para nos intimidar. Eles apanharam-nos depois na Avenida da República em Gaia e começaram a bater-nos no carro. Arranquei imediatamente para conseguirmos sair dali. Não ficamos com nenhum arranhão, mas houve claramente coação.

André chegou ainda a apresentar queixa pelo sucedido, no entanto, depois decidiu retirá-la porque a situação se resolveu de forma pacífica, com uma conversa entre ambas as partes.

3.6.2 Dimensão 2 – Riscos psicológicos

Se os riscos físicos constituem ameaças visíveis, os riscos psicológicos assumem uma dimensão mais silenciosa. Começemos esta análise pelas pressões psicológicas, algo que Reinardy (2006) considerou como inerente ao meio jornalístico, onde os “jornalistas desportivos estão rodeados por indivíduos que desafiam o seu *ethos* de objetividade”. Ora, as perguntas realizadas expõem esta questão das pressões em três eixos: pressões das chefias, dos agentes desportivos, que são a fonte noticiosa, e dos adeptos. De uma forma geral, a maioria dos jornalistas afirmou não sentir pressões psicológicas diretas por parte das chefias, todavia, em dois dos três casos em que tal condição se verificou, foram identificadas pressões indiretas relacionadas com interesses particulares das fontes, e um devido à pressão inerente ao negócio dos *media*, as audiências. O mesmo acontece quando aplicado às fontes e aos adeptos, onde todos afirmaram já ter experienciado momentos de tensão psicológica em ambos os casos.

Começando pelas pressões das chefias, Bruno Almeida considera que “as chefias são mais vendidas ao poder do que os jornalistas no terreno, sobretudo porque querem manter a posição que têm”, algo que pôde experienciar, quando, ao escrever notícias sobre determinados clubes, as chefias lhe pediam para retificação do artigo:

Ligaram-me a dizer: ‘Isso não faz sentido, muda’. Nunca me disseram que não se podia falar mal daquele clube, simplesmente me diziam para reformular. (...) A primeira vez [que aconteceu] era muito novo, tinha poucos anos de profissão; na altura nem percebi, mas mais tarde, ao refletir, fiquei um pouco chateado porque senti que estava a ser pressionado.

Na mesma lógica, Pedro Silva também recorda um episódio de censura que viveu:

Fernando Santos foi julgado por ter um contrato com a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) ilegal. Mandaram-me fazer uma peça (...) e comecei a fazer só que depois disseram-me que já não ia sair, por interesses da FPF. Mas isso eu percebi logo porque tudo o que envolve FPF é sensível. Quando me pediram para fazer a peça, já havia a possibilidade de não sair, mentalizei-me que ia fazer, mas já sabia que não ia entrar e não entrou.

Por sua vez, Carolina Fernandes confessa sentir-se constantemente pressionada indiretamente pelas audiências e, em consequência, pelas chefias:

Sinto que há sempre pressão, uma pressão contante e diária, mesmo que não seja falada, está sempre lá. No nosso caso é a pressão dos resultados, dos números e das audiências,

pressão de fazer bem, da exigência, de tentar inovar, de perceber o que é que o telespectador quer, de forma a podermos entregar o trabalho da melhor forma possível, para que isso se reflita em bons resultados.

No que diz respeito às fontes, os jornalistas relatam pressões veladas, tentativas de condicionamento da narrativa e até contestação direta. Tal como aponta Reinardy (2006), “a luta para cumprir as suas obrigações jornalísticas imparciais muitas vezes entra em conflito direto com as perspetivas fornecidas pelos sujeitos das suas matérias”. Bruno Almeida exemplificou esta realidade com um episódio vivido ao cobrir o FC Porto, que ilustra, de forma clara de como as fontes quando querem, podem mesmo condicionar o trabalho jornalístico:

Quando escrevia sobre o FC Porto, sempre que publicava algo menos simpático sobre o clube, retiravam-nos o acesso ao parque de estacionamento no estádio. Isto pode parecer uma coisa pequena, mas é uma grande chatice porque não há estacionamento à volta, tens de ir cedo, estacionar, pagar. Eles sabem que têm impacto no nosso dia a dia, por isso é que fazem isso.

Para além disso, expõe alguns dos tipos de abordagem que as fontes têm para com os jornalistas, com o intuito de intimidá-los de forma deliberada, influenciando tanto o acesso à informação como a forma como esta é apresentada ao público. “Muitas vezes deixam de falar contigo, por exemplo, informações que passam a toda a gente, mas não passam a ti e mesmo ligarem a dizer ‘Bela merda que fizeste, devias ter vergonha. Nunca mais falas comigo, eu contigo não passo mais informações’”. Da mesma forma, Joana Gouveia denuncia as pressões evidenciadas por Bruno, mas considera-as como algo inerente ao meio profissional.

Às vezes apresentam a informação de forma enviesada para que dê as notícias da maneira que mais lhes convém. Mas depois cabe-te a ti filtrar essas informações e ouvir todas as partes envolvidas. (...) Podem ligar para tentar influenciar a forma como a notícia é apresentada, mas isso não constitui uma pressão significativa porque faz parte do teu trabalho lidar com estas situações.

Outro episódio representativo é relatado pelo André Sousa, que se viu confrontado com pressões diretas após a publicação de uma entrevista, em que a fonte desmentiu a informação divulgada, dando o dito por não dito.

Durante a conversa, o jogador descreveu a cultura [sul-coreana] como algo completamente diferente, referindo que o obrigavam a treinar de uma forma quase sobre-humana. (...) A entrevista foi publicada e os coreanos não demoraram muito a traduzir. Pouco tempo depois, ligou-me o jogador, aflito, a pedir para retirar o texto do ar porque lhe estava a causar muitos problemas, e eu disse-lhe que não havia nada a fazer. Até o presidente do Sindicato dos Jogadores, Joaquim Evangelista, chegou a telefonar-me a dizer que o atleta estava numa situação complicada. Respondi que tinha tudo gravado e que mais tarde poderiam confirmar que as declarações tinham sido proferidas exatamente daquela forma.

André refere ainda que, por vezes, tanto jogadores como treinadores ficam à vontade durante a entrevista e pedem para omitir determinados excertos e é respeitado. O episódio acima descrito não decorreu nesses moldes e colocou o jornalista sob pressão, ainda que sem sucesso:

Não há forma de ceder. A partir do momento em que alguém conscientemente prefere determinada afirmação que mais tarde pode revelar-se polémica é responsável por aquilo que diz. A minha função é como intermediário, não crio nenhum tipo de narrativa, limito-me a fazer trabalho jornalístico. Numa conversa de meia ou uma hora, muitas vezes as pessoas não têm noção de aquilo que dizem. Quando veem as suas palavras escritas, seja em papel ou num site, têm um impacto diferente e reagem quase de surpresa. O nosso dever enquanto jornalistas é ser o mais fiel possível àquilo que nos foi dito. Portanto, se estivermos seguros do nosso trabalho e conscientes de que reproduzimos com rigor as declarações, não há motivo para ceder a pressões. Não há forma de condescender com o que quer que seja, porque senão estás a trair-te a ti e aos teus leitores.

A propósito das pressões provenientes dos adeptos, os jornalistas afirmaram que estas assumem forma de mensagens, insultos e ameaças e ocorrem em meio digital nas redes sociais, em conferências de imprensa ou durante a cobertura de eventos desportivos. Pedro Silva confessa já ter recebido algumas mensagens, mas garantiu que não o afetam, tal como os insultos que lhe são dirigidos nas idas ao terreno. Questionado sobre se alguma vez denunciou alguma dessas pressões, Pedro explica: “Muitas vezes nem vejo a cara, (...) estou para entrar em direto e alguém passa nas costas e diz-me algo, nem consigo ver quem é a pessoa.” André Sousa recorda uma situação vivida em contexto de conferência de imprensa no Boavista e no Sporting, durante a presidência de João Loureiro e Bruno de Carvalho, respetivamente. Nessas ocasiões, tal como os jornalistas, os adeptos podiam estar na sala e, em muitos casos, condicionar o trabalho jornalístico:

Tratava-se de conferências de imprensa em que, para além dos jornalistas, eram autorizados adeptos na sala. Basicamente, era um exercício em que estavas ali a fazer o teu trabalho e estavas a ser insultado ou levavas umas bocas, ou quando fazias uma pergunta, levavas com uns apartes, como "ei jornaleiro". Isto não pode acontecer, porque basicamente os adeptos estão ali para condicionar o trabalho dos jornalistas e para limitar a liberdade de expressão.

Para Carolina Fernandes, esta pressão exercida pelos adeptos, em parte, deve-se ao estado atual do jornalismo, “descredibilizado”, em que “o jornalista já não é visto como alguém que faz um trabalho sério”. A jornalista sublinha que é no terreno que essa perceção se manifesta, sobretudo, no contacto direto com o público: “Sinto alguma pressão da rua, mas não é dirigida a mim enquanto pessoa ou profissional, mas sim à posição do canal ou do comentador”.

No que diz respeito à saúde mental, os dados do relatório do Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal (2023), colocam os jornalistas como profissionais que apresentam maior desgaste psicológico, à semelhança dos enfermeiros e professores. Bustamante-Granda et al. (2021) alertam para os riscos mentais inerentes à profissão de jornalista, entre eles, “a necessidade de ter dados e notícias atualizadas”, “os elevados níveis de competitividade” e a “exposição a circunstâncias que põem em perigo a sua integridade”. Os jornalistas desportivos entrevistados assumem que o trabalho tem um impacto que varia entre o nível moderado e elevado, no entanto, há quem considere que esse impacto é minimizado pelo gosto à profissão. Os testemunhos confirmam também a tese de Bustamante-Granda *et al.* (2021) e de Reinardy (2006), que apontam como fatores principais para o desgaste mental “as longas jornadas de trabalho” (Bustamante-Granda *et al.*, 2021, p.2), “incluindo à noite, aos fins de semana e feriados” (Reinardy, 2006, p.402-403), “os baixos salários, a diminuição de trabalhadores e consequente aumento de funções”(Bustamante-Granda *et al.*, 2021, p.2), bem como as deslocações prolongadas ao estrangeiro e dificuldade de “desligar” do trabalho.

O impacto destes fatores nos jornalistas expressa-se em sintomas, com diferentes características. O inquérito referido anteriormente traça o panorama dos jornalistas em Portugal, com cerca de 40% dos profissionais inquiridos a confessarem desgaste emocional e sinais de *burnout*, e cerca de um terço considera haver um “desequilíbrio ruinoso” entre a vida pessoal e a profissional, com horas extra e trabalho em período noturno. Foram relatados sintomas como ansiedade em todos os profissionais, embora se manifeste de formas diferentes consoante o indivíduo, fase da carreira em que se encontra ou tipo de tarefa; exaustão e cansaço também são sintomas comuns, sobretudo em deslocações ao estrangeiro e coberturas de megaeventos desportivos como Europeus e Mundiais, onde trabalham “de manhã à noite”; casos de *burnout* não foram reportados. Todavia, um jornalista, Bruno Almeida, relata que já vivenciou ataques de pânico por duas vezes ao longo da carreira: “Ao longo destes 25 anos de carreira, tive dois ataques de pânico. Não sei bem de onde vem, já tentei interpretar, mas acho que tem que ver com a insegurança no trabalho, possibilidade de perder o trabalho, de voltar a ser jornalista, mas não tenho cem por cento de certeza”. Apesar dos testemunhos na sua generalidade demonstrarem a vulnerabilidade psicológica dos jornalistas, apenas dois profissionais confessam já ter recorrido a apoio psicológico, sendo que um dos casos foi por motivações

peçoais, prevalecendo a ideia de que “faz parte do trabalho saber aguentar”. Segundo os testemunhos, desde o final de 2024 que a Média Capital disponibiliza apoio psicológico aos seus colaboradores, uma iniciativa que começou por ser um projeto piloto. Carolina Fernandes confessa ter-se inscrito na iniciativa, passando por um processo de triagem para ter acesso a consultas de psicologia gratuitas. De forma a garantir o bem-estar psicológico, muitos apontam o distanciamento das notícias fora do horário laboral como “medida preventiva”, aproveitando o tempo para lazer ou refugiam-se na família. Pedro Silva é o jornalista mais jovem que entrevistámos, no entanto, é o que melhor ilustra o peso do ritmo de trabalho intenso na vida pessoal e na saúde mental:

Agora, estou numa fase em que ando exausto porque estamos em agosto, muita gente de férias, fui a Nice (acompanhar o Benfica nos *play-offs* de acesso à Liga dos Campeões) onde trabalhas de manhã à noite, voltei quinta-feira ao final da tarde, sexta-feira fui logo para Rio Maior para o Sporting-Casa Pia (jogo às 20h15), sábado entrei na TVI de manhã porque ia apresentar. Não parei. Saí e acumulei e neste momento estou muito cansado.

Para além do cansaço, o Pedro confessa já ter sentido ansiedade, principalmente em momentos de imprevisibilidade: “Já me aconteceu dizerem-me: ‘Amanhã vais ter de ir para não sei onde’, e isso provoca-me ansiedade. Quando me ligam fora de horas e eu já estou em casa, também me dá ansiedade.” Como forma de se preservar, o jornalista revela que em casa evita acompanhar notícias de forma a conseguir descansar: “No trabalho sou obrigado a ver notícias. Se estou em casa e continuo a ver, então aí sinto que estou numa bolha. Ao início via muito e sentia que não conseguia descansar, até que tomei a decisão de parar.” Esta imprevisibilidade que o Pedro referiu, também Joana Gouveia recorda como uma “dificuldade em lidar” numa fase inicial da carreira: “Causava-me bastante ansiedade o facto de chegar ao trabalho e nunca saber o que iria fazer ou poder ser chamada a qualquer momento para um direto”. Atualmente, diz-me “muito mais tranquila”, no entanto, a ansiedade surge sobretudo quando tem de fazer trabalhos importantes ou quando desempenha uma função que não faz há algum tempo e não está preparada como gostaria: “Quando considero que a responsabilidade é maior e não me sinto completamente confiante, ainda posso sentir algum receio e ansiedade, mas já não acontece com grande frequência.” Quanto ao cansaço, Joana remete para um episódio do início de carreira, quando foi obrigada a parar por cansaço extremo:

Ainda era jovem, tive mesmo de tirar alguns dias porque estava com mau aspeto e lembro-me do meu chefe me ter dito qualquer coisa e eu desatar a chorar. Senti que já não estava a aguentar, então nessa altura fui para o Algarve, para a praia, descansei, recuperei energias e voltei completamente diferente, com outra disposição.

Segundo a jornalista, as razões que motivaram o sucedido foram as horas de trabalho intermináveis, a pressão constante, as saídas para o terreno para fazer diretos sem saber ao certo o que iria encontrar e a cobrança constante das pessoas que a faziam sentir que nada estava no seu melhor. Por fim, Carolina Fernandes revela que se sente “insatisfeita” com a desvalorização financeira da profissão, assumindo que afeta a sua vida, retirando “felicidade, tranquilidade e estabilidade”. Foi a única que confessou ter pedido apoio psicológico por motivos relacionados com o trabalho:

Alguma da ajuda psicológica que eu estava a pedir estava mais ligada a questões de realização profissional e progressão na carreira. Perguntava-me sobre o meu futuro, o que queria alcançar, o meu propósito: “Quando é que me irei sentir confortável na vida?” e “Será que é isto que quero?”.

3.6.3 Dimensão 3 – Riscos éticos

Falar em jornalismo, é falar inevitavelmente de ética. Com poder na formulação da opinião pública, o jornalismo, em particular os jornalistas, regem-se por uma ética profissional, que se materializa num código deontológico. Este conjunto de normas orienta a prática profissional e, como defende Cornu (2015), “permite aos jornalistas “trabalhar” sobre os determinismos aos quais eles estão submetidos, de forma a definir e a explorar melhor o espaço de liberdade que é o seu.”

A deontologia impõe, assim, a um jornalista que não publique uma notícia relativamente à qual ele não conhece a fonte. Impede-lhe de receber vantagens materiais ou morais se publica ou, pelo contrário, se aceita calar uma informação. Proíbe a utilização de métodos desleais para obter informações, imagens ou documentos. (Cornu, 2015, p.110)

Neste contexto, os riscos éticos identificados pelos jornalistas entrevistados manifestam-se em duas esferas: a pressão interna, relacionada com as chefias, linhas editoriais, imposições comerciais, e a pressão externa, associada a assessores, fontes, clubes e outras entidades que procuram controlar a informação. Partindo para a análise, todos os jornalistas afirmaram nunca ter distorcido ou omitido informação deliberadamente. No âmbito interno, André Sousa considera que existe autocensura nos meios de comunicação social face ao poder e deu exemplos concretos:

Há casos específicos como o do Ronaldo, há sempre prurido a falar sobre os defeitos que o Ronaldo possa ter; no caso dos clubes grandes há sempre algum tipo de autocensura dos jornais em falar, em dizerem, em tocarem em alguns aspetos que sejam difíceis, como é o caso do Rui Pinto, do *Football Leaks*. Quando saíram as notícias do Rui Pinto, aquilo era um manancial de informação incrível e relevante que muitas vezes os jornais tinham algum receio de usar porque desafiava o poder, neste caso o Benfica. Há quase uma autocensura.

Ainda na esfera interna, três jornalistas confessaram já terem produzido peças ou outros conteúdos com os quais não concordavam. Entre as razões apontadas contra a realização destacam-se as imposições editoriais das chefias, conflitos de interesses e a produção de conteúdos de cariz sensacionalista que vão ao encontro da lógica comercial. Tal como apontam Subtil e Garcia (2022), esta tendência arrasta o jornalismo para indústrias do entretenimento, das telecomunicações e do digital”, desmoronando-se “demarcações entre o que é uma organização jornalística ou uma redação noticiosa e o que são conteúdos, entretenimento, marketing e publicidade”. De notar que os jornalistas que demonstram maior capacidade de resistência a estas situações são profissionais com largos anos de experiência, sendo este tipo de episódios mais comuns no início da atividade profissional. O percurso de Joana Gouveia comprova esta realidade, que, devido à falta de experiência, acatou orientações com as quais não se identificava.

Se recuar ao início da minha carreira, houve situações em que acabei por fazer coisas com as quais não concordava, por exemplo, de ter sido enviada para a porta da casa de um jogador de futebol e de pensar: ‘O que é que estou aqui a fazer?’. São situações que, por vezes, temos de aceitar, mesmo sem concordar. Não gostei, mas faz parte da profissão.

Atualmente, com mais de 20 anos de carreira, Joana responde de forma distinta a situações que coloquem em causa o dever profissional:

Num episódio recente em que estava a preparar uma peça, percebi que estava a ser orientada de forma a beneficiar alguém importante do futebol. Nesse momento, deixei claro que não queria fazer a peça daquela forma e disse que, se a fizesse, seria à minha maneira e de acordo com os critérios que considerava corretos. E assim foi.

Pedro Silva reconhece que ainda não dispõe uma afirmação profissional que lhe permita posicionar-se contra, no entanto, procura fazê-lo de forma crítica:

Já houve peças em que não concordava fazer, mas tive de fazer (...) Achava que eram temas que não faziam sentido do ponto de vista editorial, (...) que não acrescentavam muito, mas tive de fazer. Não tenho ainda a moral para não o fazer. De qualquer forma, expressei os meus argumentos e digo que não concordo.

Também Carolina Fernandes relata experiências semelhantes, ao salientar a frustração associada à produção de notícias de carácter social ao invés de conteúdo desportivo:

Já fiz peças de que não me orgulho, mais voltadas para o social do que para o desporto, como, por exemplo, sobre a Georgina Rodríguez e o anel de noivado que recebeu. Para mim não faz sentido, embora nunca me tenha recusado e já tenha feito muitas peças dessas contrariadas. Essas coisas revoltam-me um bocadinho, embora perceba que as pessoas gostam desse tipo de peças, que lá estão, são peças boas para os números, não me revejo nesse tipo de trabalho e penso que, em última análise, não foi para isso que vim para o jornalismo. Mas também tenho de responder aos meus superiores.

Segundo a jornalista, este tipo de tarefas recaía, sobretudo, sobre mulheres, justificando-se a sua atribuição com base na chamada “sensibilidade feminina”, argumento que, na prática, mascarava uma divisão desigual de funções dentro das redações. Por fim, João Campos recusou-se a assinar uma notícia após ter sido alterada por questões editoriais:

Tinha uma notícia escrita e quiseram alterar. Eu disse ‘tudo bem’, mas retirei o meu nome da notícia porque deixou de ser informação minha. (...) Eu não concordava com o que foi acrescentado, protestei e quiseram manter e, portanto, achei que o meu nome não devia estar lá e tirei.

Quanto às limitações externas, a maioria relata condicionamentos frequentes em conferências de imprensa, que se traduzem pela limitação do número de perguntas, na recusa de questões e, em alguns casos orientação ou advertência sobre o conteúdo das mesmas. Um dos entrevistados relatou de ameaças físicas por parte de assessores de imprensa. Entre as restrições mais referidas está também a redução do tempo de acesso aos treinos e eventos desportivos, que, tal como afirma Joaquim Castro, “agora temos 15 minutos para ver um treino e é de mês a mês, temos limitações no número de perguntas numa conferência de imprensa, antes não existia e agora acontece quase sempre”. Neste sentido, André Sousa caracteriza o papel do assessor de imprensa como “altamente condicionador”, uma vez que o seu “papel é contrário ao dos jornalistas, que de alguma forma tentam extrair informação exclusiva — uma transferência, declarações potencialmente polémicas de um jogador, o que seja” — enquanto o assessor tenta preservar essa informação. English (2016) sublinha que “são as organizações desportivas que regulam a recolha de informação, através de conferências de imprensa, eventos mediáticos e limitação de acesso aos jogadores, (...) controlam a mensagem através de briefings e media training”. André exemplifica o impacto direto que um assessor tem no trabalho jornalístico durante as conferências de imprensa. Num cenário ideal, todos os jornalistas presentes na sala teriam a possibilidade de colocar uma questão, mas na prática, sobretudo, quando falamos nos três maiores clubes (Benfica, Sporting e FC Porto), isso não se verifica. Segundo ele, “o assessor de imprensa chega, dá três/quatro perguntas e vamos embora. E tu ficas com a mão no ar e ficas à espera de fazer a pergunta.” Para Joaquim Almeida, estas situações agravam-se consoante o desempenho desportivo da equipa, isto é, “se o momento é bom, fazes sempre mais perguntas, se o momento é mau, a tendência é diminuir o número de perguntas numa conferência”. André critica ainda as perguntas “arranjadas” de alguns órgãos de comunicação social e *blogs*,

cujos profissionais “vão para lá fazer uns elogios”, retirando do panorama mediático “perguntas incômodas” aos clubes:

O jogo pode ter tido casos polémicos mas eles vão para lá para falar sobre questões técnicas e isso dá um grande jeito aos clubes porque isso ajuda a que não se discutam determinados temas na conferência de imprensa. (...) É bonito falar de futebol, só que eles esquecem-se de que os jornalistas não são propagandistas dos clubes de futebol, nem estão aqui para falar do futebol positivo. (...) Há questões de saídas de jogadores, de indivíduos que disseram isto e que afinal estão contra a direção do clube e que não lhes interessa falar e que por isso interessa-lhes retirar ao máximo determinado assunto do panorama mediático.

English (2016) explica que tal acontece porque os jornalistas que colocam questões difíceis, sofrem “repercussões reais, como o risco de serem excluídos de futuras entrevistas ou de verem as oportunidades dadas a outros meios concorrentes”. André acrescenta ainda que a própria organização da conferência surge numa ordem propositada:

Vamos aqui dar agora aqui uma pergunta de “borla”, primeiro ao canal do clube, que vai fazer uma pergunta previamente combinada e depois ao *blog*, que vai passar à frente de todos estes jornais para fazer uma pergunta que eles já sabem o que a “casa gasta”, com o objetivo de retirar perguntas incômodas. O resto são funcionários do clube e depois é um jovem aspirante a jornalista, que cumpre a cota de perguntas que à partida nunca vai ser incômoda.

O jornalista confessou que defende a denúncia deste tipo de situações e garantiu que já o faz de diversas formas. A primeira que destacou foi a denúncia através de artigos, onde “esclarece o leitor de que certas perguntas não foram feitas, não por falta de iniciativa dos jornalistas, mas porque os clubes, as seleções ou até a própria federação reduzem a conferência ao mínimo possível.”

Quando um clube limita as perguntas, o que acontece com frequência, faço questão de assinalar isso na peça. Enquanto editor, sempre que um jornalista do Maisfutebol está numa conferência de imprensa, se levanta a mão e não lhe é concedida a palavra, no final da peça acrescento: “O Maisfutebol tentou colocar uma questão, mas não lhe foi concedido esse direito.” É importante que o leitor saiba que o jornalista não esteve ali como mero pé de microfone, mas sim para fazer uma pergunta, porque se não, não valia a pena lá ir, apanhava pela televisão.

Noutras situações, André conta que chegou a cronometrar as conferências de imprensa, apontando: “foram feitas quatro perguntas, todas a canais de televisão, e a conferência durou cinco minutos e tal”, dando o exemplo do caso do FC Porto, em que o assessor justificou a limitação de perguntas argumentando que “a equipa tinha de apanhar o avião e o tempo era limitado.”

Carolina Fernandes destaca também um episódio vivido durante uma conferência de imprensa onde os jornalistas se sentiram limitados, no entanto, confessou que é algo que acontece frequentemente e tem de se contornar a situação: “Podem dizer: ‘Não vou falar sobre isso’, ou um assessor pode afirmar: ‘Ele não vai responder a essa pergunta’. Mesmo assim, nós, jornalistas, temos liberdade para perguntar”. Como refere Lopes (2015), “a pressão por parte dos donos do jogo é sempre alta em direção àqueles que têm como regra profissional não se deixarem condicionar, os jornalistas”. Nesse sentido, a jornalista relatou um episódio vivido durante a conferência de imprensa de Lito Vidigal, na altura treinador do Arouca, em que se falava que o técnico podia sair para assinar por outro clube e os jornalistas queriam saber mais informações. Apesar de reconhecerem que não era o momento oportuno para abordar o assunto, fizeram-no porque é o dever do jornalista fazer perguntas: “Lembro-me que foi logo a primeira pergunta e o assessor tentou logo limitar ao dizer: ‘Ele não vai responder essa pergunta’ e nós: ‘Está bem’. A seguir, outro jornalista fez a mesma pergunta e isso aconteceu três vezes.”

Pedro Silva acrescenta à discussão que as opiniões dos comentadores da estação de televisão para o qual trabalha já tiveram impacto nas deslocações terreno, inclusive contou que já foi alvo de ameaças físicas de um assessor:

Quando algum comentador diz alguma coisa que não vai ao encontro do que os clubes querem, depois somos prejudicados quando vamos para o terreno. (...) O castigo mais comum é não darem pergunta. Também já me aconteceu fazer uma pergunta e depois chamarem-me à atenção: ‘Não devias ter perguntado isso’, mas eu pergunto o que eu quiser.

Somado a esta questão da limitação em conferências de imprensa, André aponta ainda como um cenário mais complexo e condicionador da mensagem o facto de os “clubes grandes terem os seus próprios canais, onde podem pôr um jogador a falar que sabem que os jornais vão ‘pegar’ naquilo”, sendo “cada vez mais difícil haver fugas de informação porque há um controlo cada vez maior por parte dos clubes”, inclusive dos familiares dos jogadores, que são condicionados a não falar. Por fim, Bruno Almeida menciona ter sido alvo de tentativa de suborno por parte de empresários e agentes de futebol para escrever artigos tendo em conta os seus interesses.

3.6.4 Dimensão 4 - Riscos profissionais

As condições laborais constituem um dos principais fatores de risco profissional, refletidas em ambientes de trabalho tóxicos, na sobrecarga laboral, em conflitos éticos, na degradação da qualidade do trabalho, na dificuldade de conciliação entre a vida

profissional e a vida familiar, nos salários baixos e na precariedade (Varela *et al*, 2023). A este respeito, os resultados do relatório do *Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal (2023)* estão em linha com perceções dos jornalistas entrevistados, que classificaram, de forma unânime, as condições laborais do setor jornalístico como más ou muito más. Segundo os profissionais, esta perspetiva resulta de um conjunto de fatores estruturais que têm condicionado não só a qualidade do trabalho produzido, mas também a motivação e bem-estar dos profissionais. Entre as razões apontadas estão os baixos salários, principalmente para os jovens em início de carreira; os horários instáveis, a carga de trabalho excessiva (a exigir sistematicamente horas extra), trabalho noturno e aos fins de semana; a instabilidade profissional, que devido à precariedade, torna os contratos de trabalho mais precários e sem perspetivas de progressão, com as redações a diminuírem a cada ano que passa; a pressão do imediatismo que leva à falta de tempo para investigar e desenvolver trabalhos com qualidade e mais aprofundados, contribuindo desta forma para o empobrecimento do jornalismo que sobrevive com conteúdos superficiais e de agência. Todas as razões mencionadas colocam o setor do jornalismo numa crise profunda, que vai para além das dificuldades visíveis, pondo em causa a própria essência e a dos seus profissionais, que se veem diariamente impactados e condicionados no exercício da profissão.

Partindo para uma análise particular das entrevistas, podemos perceber que a questão salarial surge como um dos problemas maiores e o que mais preocupações coloca aos jornalistas, sendo apontada por parte de Joana Gouveia, como o fator principal de desmotivação e abandono da profissão, principalmente no início da carreira:

Os jornalistas são muito mal pagos. Quando uma pessoa não tem sequer dinheiro para alugar uma casa, como pode desempenhar bem o seu trabalho? Ou quando não se sabe se o salário chega ao fim do mês para alimentação e despesas básicas. (...) Muitos jovens entram nas redações e rapidamente saem, seja para o desemprego, para a casa dos pais ou para mudar de área porque não têm fins de semana, não ganham para as responsabilidades e riscos que têm.

Na mesma linha, Joaquim Castro descreve a retribuição monetária a um jornalista como algo “terrível, surreal e inacreditável”, principalmente para os jovens jornalistas: “O esforço que as pessoas despendem para entrar na carreira, depois do percurso escolar e universitário, e chegam a uma altura que pensam: ‘Então, mas foi para isto que andei a estudar?’”.

Em relação às condições laborais, tanto no Maisfutebol como na TVI/CNN Portugal, os jornalistas entrevistados consideraram ter boas condições de trabalho. Pedro Silva destaca o “bom balanço” que é feito para compensar os profissionais: “Na TVI, acho que apesar de tudo, é feito um bom balanço porque há dias em que trabalhamos 12-14h, mas depois há dias em que, se estiver calmo, trabalhamos 5-6h e tentam-nos compensar.” Também Carolina Fernandes refere que o “ambiente é bastante tranquilo e liberal”, pautado pela autonomia na gestão do tempo e das tarefas. Do lado do Maisfutebol, Bruno Almeida considera que o funcionamento do jornal reúne boas condições, seja em termos de horários ou horas de descanso. Todavia, apontou a falta de atenção da direção de informação ao projeto, afirmando que só se lembram da equipa quando escrevem “alguma coisa que chateia alguém”. Apesar das boas condições de trabalho, os jornalistas notam o emagrecimento das redações, fenómeno que acontece tanto na televisão como no digital. Com um corpo de jornalistas cada vez mais reduzido, várias são as implicações relatadas, que vão desde a falta de tempo disponível para investigar até ao aumento da carga laboral, com jornadas de trabalho longas e imprevisíveis, que no desporto se prolongam durante os fins de semana. Pedro Silva descreveu a instabilidade horária que um jornalista vive diariamente:

Os nossos horários são uma constante montanha-russa. Se for preciso, hoje saiu à meia-noite, amanhã entro às 9h e no dia seguinte entro às 14h. Não há uma consistência e claro, a questão dos fins de semana, trabalhas muitos fins de semana. (...) Em termos laborais é horrível e ainda teres de conciliar isso com a vida para além do trabalho é complicado.

Já João Campos refere que, atualmente, “o tempo para investigar é muito reduzido, estamos em cima da atualidade e sobra muito pouco tempo para o resto. (...) As redações cada vez são mais pequenas, há poucos jornalistas e temos de fazer o trabalho de dois ou três.” English (2016) aponta esta redução do número de jornalistas como uma das principais causas para o declínio do escrutínio no desporto, uma vez que, “faz com que menos jornalistas tenham de fazer mais trabalho”, conduzindo “à dependência de comunicados de imprensa e de conteúdos “noticiosos” gerados pelas administrações desportivas. Bruno Almeida acrescenta ainda que, atualmente, enviar um jornalista para a rua fazer reportagem é um “luxo”:

No Maisfutebol estamos muito no limite, mas em todo lado há poucos jornalistas para o trabalho que é preciso fazer e, portanto, acabas por não ter tempo para fazer trabalhos especiais, mais aprofundados, reportagens, entrevistas, coisas mais pensadas e trabalhadas porque não há possibilidade, somos poucos.

Neste sentido, Joana Gouveia mostra-se insatisfeita com a acumulação de funções inerente ao emagrecimento das redações, visto que muitas vezes tem de apresentar programas e, ao mesmo tempo, fazer peças para os noticiários: “Trabalhar assim não é bom nem para o trabalhador, nem para a empresa”.

Questionados sobre se as condições laborais em vigor teriam implicações no desempenho, na qualidade e seriedade do seu trabalho, a maioria defende que, em termos de seriedade, essa questão não se coloca, no entanto, em termos de qualidade acarreta implicações. No caso concreto do Maisfutebol, André Sousa refere que o jornal “está muito condicionado à atualidade” devido à falta de meios humanos, o que culmina num “jornalismo preguiçoso de estar em frente ao ecrã, que em termos de valor acrescentado, é muito pouco”:

Cada vez menos existe essa disponibilidade, por parte das administrações, de darem aos jornalistas ferramentas para fazerem o seu trabalho, que é contar boas histórias, fazer reportagens, trabalho de campo. Isso é o relevante (...) O trabalho começa a ser *takes* de agência ou coisas muito virais e curiosas. Isso tem o seu espaço, mas quase que estamos a tornar o jornalismo numa coisa de “vamos fazer umas coisas virais, umas ‘ronaldices’, umas notícias de atualidade e está feito”. Eu acho isso curto.

Bruno Almeida também aponta a imposição do tempo como algo penalizador para a qualidade do trabalho jornalístico:

Muitas vezes não tens tempo para analisar documentos, que são uma coisa simples com a profundidade que deviam ser analisados; muitas vezes cometes erros, se tivesses mais tempo não cometerias porque as coisas são todas feitas em cima do joelho, à pressa porque logo a seguir tens mais três coisas para fazer.

Esta pressão também é sentida por Joana na televisão, principalmente ao “produzir conteúdos mais completos (...) ou peças grandes que exigem mais tempo” é lhes feito o pedido para “ontem”, o que compromete a qualidade: “Se houvesse mais tempo disponível, a qualidade do trabalho poderia ser significativamente melhor”. Pedro Silva confessa que para fazer este tipo de trabalhos longos, como reportagens, é recorrente “trabalhar fora de horas ou prescindir da folga para acabar”.

As condições laborais descritas têm também implicações profundas a nível profissional e pessoal. Em termos profissionais, Pedro Silva admite que há dias em que se sente cansado, mas que o máximo que pode acontecer é demorar a cumprir as tarefas. Já Joana Gouveia aborda o desgaste físico e emocional que a profissão lhe causou:

No início da carreira, há um entusiasmo natural por estar com os protagonistas e acompanhar tudo de perto, mas quando vais ali a meio da carreira, já é mais do mesmo.

(...) Estar na rua é muito desgastante, física e emocionalmente, muito mais do que produzir peças ou apresentar programas.

Carolina Fernandes detalha os sacrifícios pessoais e profissionais que fez durante a cobertura de um megaevento desportivo:

Já ganhas pouco, vais em reportagem durante duas semanas para o estrangeiro, já sei que provavelmente, vou alimentar-me mal porque o dinheiro que me dão não é suficiente ou não tenho tempo suficiente para comer nem para dormir. No estrangeiro, acordas muito cedo, deitas-te muito tarde e estás muito tempo no ar, e a trabalhar, e obviamente que não são as condições ideais. Através das ajudas de custo tentam te compensar monetariamente o esforço profissional e pessoal que é estar no estrangeiro, mas é sempre muito exaustivo.

Por fim, Bruno Almeida, à semelhança de outros profissionais, sublinha as implicações da profissão na vertente pessoal: “Muitas vezes tens de trabalhar à noite e aos fins de semana e isso a partir de uma certa fase da tua vida condiciona-te muito quando tens filhos, mulher, uma casa, até mesmo para a saúde mental”.

3.6.5 Dimensão 5 - Riscos sociocomportamentais

O jornalismo é uma atividade que se desenrola no contacto direto com a sociedade e com os vários agentes sociais, uma interação que também é permeável a riscos, sejam eles de formato físico e verbal, sejam em forma de discurso de ódio, preconceito e assédio. Para Silveirinha *et al.* (2022), “as redes sociais e o jornalismo digital aumentaram a proximidade entre jornalistas e audiências, criando espaços de interação e oportunidades de debate, e fazendo com que os/as jornalistas estejam mais visíveis e acessíveis do que nunca”(p.85) Tal realidade é comprovada pelos testemunhos recolhidos, onde todos os jornalistas entrevistados confirmaram já terem sido alvos de violência verbal, sendo a natureza dessas agressões apresentada em diversos formatos, desde insultos, ameaças, tentativas de agressão, a discurso de ódio, discriminação de género, racismo e assédio. Quanto aos perpetradores, a maioria dos profissionais aponta na sua maioria adeptos como os principais responsáveis por este tipo de comportamentos. Segundo André Sousa, “há adeptos que basicamente tudo aquilo que não seja falar bem do próprio clube é um problema”. Carolina Fernandes também partilha da mesma opinião e sublinha que:

Os adeptos veem-nos como inimigos e não como alguém que está ali para fazer perguntas e para levantar factos. (...) Nós não fabricamos histórias, apresentamos factos: o clube ou ganha, ou perde, ou empata; o jogador ou marca, ou falha. Não favorecemos ninguém, nem o podemos fazer, ao contrário do que os adeptos muitas vezes pensam. Não existe nenhum complô contra o clube deles.

Estas situações refletem o que Lopes e Pereira (2006) descreveram como “fanatismo a roçar a doença”, em que o futebol é considerado um “culto”, um “catalisador

de paixões e de frustrações intensas”, e o jornalista é visto como um intruso, por simplesmente apresentar factos e fazer uma análise crítica dos acontecimentos. Também são referidos incidentes com assessores de imprensa, jogadores, dirigentes e colegas de redação. Bruno Almeida recordou os tempos da presidência de Pinto da Costa no FC Porto como uma época “terrível”, sublinhando que, sempre que “alguém fazia uma pergunta que não lhe agradava e ele partia logo para a violência verbal, não de chamar nomes, mas para exercer pressão psicológica”. O jornalista acrescentou ainda que, sobretudo, “os dirigentes como os treinadores e jogadores mais experientes estão muito bem trabalhados pelas assessorias de imprensa de modo a intimidar os jornalistas” e isto acontece porque querem condicionar a narrativa pública.

No caso da discriminação de género, as jornalistas apontaram os colegas de profissão homens como parte do problema, juntamente com os adeptos. Joana Gouveia conta que teve de “aceitar as regras do jogo” para sobreviver no meio, ainda que certas atitudes a chocassem e continuam a chocar: “Há cerca de 20 anos, o ambiente era muito mais machista e as poucas mulheres no meio eram constantemente criticadas e desvalorizadas. Chamavam-nos nomes e diziam que não percebíamos nada do assunto”. Carolina Fernandes reforça essa perceção ao afirmar que recebeu “comentários como ‘deverias estar a passar a ferro’, com o intuito de “discriminar e tentar fragilizar e diminuir”. Dentro da profissão, a jornalista afirma ainda haver uma cultura machista enraizada entre colegas, denunciando a falta de oportunidades, ainda que já tenha sido dada uma pequena abertura: “Muitas vezes não nos confiam os trabalhos mais técnicos ou táticos do jornalismo desportivo porque acham que nunca vamos ser grandes entendedoras do jogo e da ciência do jogo”. Em relação aos locais onde estes riscos decorreram, destacam-se as redes sociais, como o ambiente preferencial para o discurso de ódio, ameaças e assédio digital. Reynolds (2016) refere que ambos os géneros sofrem com isso, no entanto, os motivos são diferentes: “A diferença é que eles são atacados pelo que disseram ou fizeram, enquanto nós somos atacadas pela nossa aparência ou pela roupa que usamos”. Joaquim Castro refere já ter recebido “mensagens insultuosas até durante os programas” por parte de “adeptos ou pessoas que se escondem por trás de perfis falsos”. Também os recintos desportivos foram identificados como locais propícios a insultos, intimidação, discriminação e assédio. Carolina Fernandes afirma que já foi alvo de “apalhões e beijos na cara em direto”, uma situação que não vai ao extremo de considerar assédio, no entanto, considera como invasão do seu corpo. Nessas situações, a

jornalista confessa que “depois do direto, vai falar diretamente com a pessoa e questiona: ‘Então, está a dar-me um beijinho? Conhece-me de algum lado?’ Prefiro lidar assim a transformar a situação num caso. Não gosto de ser eu a notícia e tento ao máximo não dar palco a estas situações, embora reconheça que, em geral, se deve falar sobre o assunto.” Também Joana Gouveia descreve um episódio em que dois homens se colocaram atrás dela de forma intimidatória e, também confessou que chegou a receber mensagens de jogadores com segundas intenções:

Um bastante conhecido na altura, chegou mesmo a agarrar-me e tentou beijar-me. Tínhamos estado juntos em contexto de trabalho, mas depois ele veio atrás de mim pela estrada e falei com ele. Foi nesse momento que a tentativa aconteceu. Afastei-me de imediato e, como não me forçou, não considereei violência, mas sim assédio, uma consequência de ser uma mulher num mundo masculino.

As conferências de imprensa, são também espaços de risco, onde os jornalistas são alvos de tentativas de censura, pressões pelos agentes desportivos, e em um testemunho verificou-se um episódio de racismo. Bruno Almeida confessa que foi vítima de um ato de racismo por parte de um jogador de etnia africana, que apenas se dirigiu aos jornalistas da mesma etnia, recusando-se a falar com ele. Por fim, no ambiente de redação, como vimos em cima, também se verificam casos de discriminação de género. Os jornalistas referem que estes tipos de comportamentos ocorrem em momentos específicos, como durante ou após os jogos, principalmente quando o resultado não é o esperado; após a publicação de artigos de opinião ou peças críticas; durante programas desportivos televisivos, onde estão presentes muitas vezes comentadores que inflamam o debate que por si só já envolve emoções e paixões e, por fim, em casos de erros cometidos em direto pelos próprios profissionais. André Sousa refere que durante a presidência de Bruno de Carvalho “bastava fazer um artigo de opinião que dissesse que o Sporting fez qualquer coisa que fosse minimamente crítica, e as pessoas mandavam mensagens”. Isto porque o próprio representante do Sporting instigava esses comportamentos nos adeptos. Já Carolina Fernandes foi vítima de um “erro não intencional”, mas como se trata de uma falha pública, tomou proporções que levaram a jornalista a receber insultos nas redes sociais:

Os nossos erros são muito públicos e isso também acarreta um stress, um peso na profissão diferente do que qualquer outra pessoa que permanece anónima mesmo quando erra no seu trabalho. Há uns anos, em vez de dizer Futebol do Clube do Porto, disse Futebol do Clube do Porco. Enganei-me, foi um erro e não foi intencional. (...) Os adeptos não acham isso, acham que os jornalistas fazem parte de um complô contra, neste caso, o Porto, então puseram o momento nas redes sociais e viralizou. Fui alvo de muitos

insultos nas minhas redes sociais. Não foi algo que me traumatizasse muito e também acho que sei lidar mais ou menos bem com esse tipo de insultos.

No que diz respeito às reações dos jornalistas nestes casos, a maioria dos profissionais reage sem grandes dificuldades, preferindo ignorar os comentários, evitar respostas e, em alguns casos, reduzir a presença digital ao mínimo possível. Joaquim Castro refere: “Lido bem com isso, desde que não afete a família. Caso surja ameaças mais sérias, o que faria seria dirigir-me às autoridades competentes e fazer queixa, mas nunca tive nada de transcendente em relação a isso.” André Sousa admite que “encolhe os ombros” porque é um episódio comum, confessando que só levaria a sério se fosse uma ameaça direcionada, como o conhecimento da morada. A maioria das situações descritas não foi reportada à entidade patronal. Catarina justifica-se com o facto de as chefias poderem ver em direto, muitas vezes os atos: “não é preciso reportar, porque eles acabam por ver”; Já André Sousa, considera os insultos como algo sem importância para reporte. Com uma opinião contrária, Pedro Silva menciona que reportou um episódio que envolveu um assessor de imprensa que se dirigiu a ele de forma agressiva: “Na altura estava o Bruno (editor de desporto) na régie, o microfone estava ligado, ficou gravado e o caso depois foi reportado. Não deu em nada.”

3.6.7 Medidas de mitigação dos riscos das instituições e dos profissionais

Descritos os diversos riscos, importa agora refletir sobre o estado atual do jornalismo em Portugal e projetar o seu futuro. Neste âmbito, os jornalistas avaliaram a proteção da empresa na defesa dos seus colaboradores, sendo que a maioria reconheceu os esforços feitos para os proteger, quando se aplica. Todavia, no caso das jornalistas mulheres, essas medidas de proteção foram consideradas “razoáveis” e “insuficientes”. Carolina observou que “há sempre algum cuidado das chefias e editores”, quando vão entrar em direto, perguntando se os jornalistas estão seguros e confiantes para o fazer. Caso não reúnam as condições, não o fazem. Contudo, sublinhou que ainda existe o culto do “vamos ver até onde conseguimos levar isto” até serem tomadas medidas. Para além disso, Carolina alertou para a responsabilidade de cada jornalista em relatar o que vive no terreno:

Quando se justifica, a TVI costuma colaborar, mas às vezes também é uma preocupação que tem de partir de nós jornalistas. Se nós não alertarmos para situações como “isto está a ficar violento”, “o ambiente está a ficar mau”, “estamos a levar bocas” ou “mandaram-nos uma garrafa”, as chefias, que estão nas redações com tantas coisas para tratar, podem não se aperceber, a não ser que seja algo muito evidente. Temos de ser

nós, jornalistas, a fazer esse esforço, para que nos sintamos protegidos e para que as nossas chefias também nos possam proteger.

Por outro lado, Pedro refere não ter sido “muito testado ao ponto da TVI ter de intervir”, confessando que os insultos “ignora” e a única situação reportada foi relativamente ao confronto com o assessor, e a direção apoiou e saiu em sua defesa. João Campos confessa também nunca ter vivido “nenhum episódio de relevo”, mas explicou que caso venha a acontecer, existe dentro da redação “muito apoio dos colegas”, bem como “apoio judicial” disponibilizado pelos “serviços jurídicos da empresa para casos específicos”. Quanto a medidas concretas tomadas pela empresa, vários jornalistas, nomeadamente os que atuam em televisão, revelaram que em momentos críticos como assembleias gerais ou períodos de elevada contestação e tensão, a TVI contratou segurança privada para os acompanharem ao terreno. Carolina refere vários episódios onde isso aconteceu:

Lembro-me, por exemplo, na altura da destituição de Bruno de Carvalho, em que a TVI chegou a contratar segurança privada para algumas reportagens. Eu própria tive dois seguranças comigo, o que foi ótimo porque qualquer tentativa de intimidação era rapidamente controlada. Na final da Taça de Portugal, dias depois do ataque a Alcochete, também tivemos essa proteção, assim como na Assembleia Geral de Destituição de Bruno de Carvalho. Nessa altura, houve uma série de serviços, principalmente os que punham mais adeptos e que implicavam o contacto com eles, contrataram seguranças privadas porque os sportinguistas estavam muito revoltados.

Bruno destaca algumas das medidas que são adotadas no Maisfutebol, quando a segurança dos jornalistas é posta em causa, referindo que já lhe foi “permitido trabalhar de casa uma semana”, abandonar o local quando não estão reunidas as condições de segurança e apresentar “queixas tanto às autoridades jornalísticas como policiais”. Questionados sobre a realização de formações de segurança, nenhum dos entrevistados confirmou ter recebido qualquer tipo de preparação neste campo. Ainda assim, as opiniões dividem-se. Joaquim confessa já ter tido a “oportunidade de receber”, contudo, considerou este tipo de formação “desnecessária” no contexto desportivo, afirmando que “para encarar o funcionamento de um jogo de futebol e tudo o que o rodeia depende sobretudo da experiência adquirida no terreno, de perceber onde podes ou não podes pôr o pé”. Em sentido contrário, André afirmou que uma formação em segurança “poderia ser uma ferramenta interessante”, considerando que já realizou outras formações em áreas como “jornalismo digital” ou “inteligência artificial”, e que se surgisse a oportunidade, a faria. Bruno corrobora esta ideia, afirmando que nunca teve nenhuma formação dedicada à segurança, mas que já vivenciou momentos em que sentiu a necessidade de ter “noções

de defesa pessoal”. Apesar de nunca ter participado em nenhuma formação de segurança, Carolina Fernandes revela que era algo que “adorava” fazer, mencionando que a TVI chegou a promover aulas de Krav Maga, uma arte marcial de defesa pessoal, mas que por “incompatibilidade horária” não a conseguiu fazer:

Tínhamos aulas de Krav Maga na TVI, mas não eram gratuitas e, como não tínhamos jornalistas, quase nenhum conseguiu participar porque não havia horário. Nós não temos um horário das 9h às 17h. Essa incompatibilidade horária fez com que muito poucos jornalistas tivessem aulas dessas, mas foi uma boa iniciativa.

O único que experienciou uma formação direcionada a um dos riscos descritos no presente relatório de estágio foi João Campos, que refere já ter tido “uma formação sobre stress profissional” há dois anos. Completando esta perspetiva institucional, André Sousa e João Campos, ambos ex-sindicalizados, avaliaram os esforços das entidades representativas da profissão, como a Comissão da Carteira Profissional e o Sindicato dos Jornalistas, no que diz respeito à segurança. Numa primeira instância, André critica a atuação da Comissão da Carteira Profissional, afirmando que este “só existe para cobrar 80 euros, a cada dois anos, para emitir pedaços de plástico”. Relativamente ao Sindicato, o jornalista considera que lhe tem o “maior respeito”, uma vez que “fazem aquilo que podem, considerando a crise em que a profissão está”, que “para além da segurança no dia a dia, eventualmente em algum recinto desportivo, têm sobretudo a segurança laboral das pessoas para tratar”. João acrescenta que “o Sindicato reage sempre a qualquer situação de violência”, mas reconheceu que “não tem grandes poderes para alterar estas situações”.

Por último, à pergunta “Que mudanças considera urgentes para proteger e valorizar a profissão, principalmente no desporto?”, os jornalistas apontam diversas sugestões para diferentes eixos de atuação. Em primeiro lugar, Pedro e Bruno defendem a união dos meios de comunicação social, de modo a “tomarem medidas em conjunto para se protegerem”. Para Bruno, “o maior problema do jornalismo é que os próprios órgãos de comunicação social não se valorizam a si próprios” e que, à custa disso, atualmente, “a profissão de jornalista está totalmente descredibilizada”. Na sua perspetiva o jornalismo chegou a esta situação por falta de uma ação coletiva eficaz, distribuindo as culpas pelo Sindicato, incapaz de mobilizar os órgãos de comunicação social e os jornalistas; pelas chefias, que muitas vezes se mostram mais preocupadas em preservar os seus cargos do que em lutar contra esta realidade; e pelos próprios jornalistas que compactuam com as constantes faltas de respeito: “A culpa do estado do jornalismo, em

termos de credibilidade, segurança, da valorização da profissão é, em grande parte nossa”. Para além disso, Bruno defende a punição dos agentes desportivos, referindo que “muitas vezes essas pressões e ameaças acontecem porque sabem que não há punição para além de meter medo ao jornalista para que ele fique condicionado”. Joana concorda com a opinião de Bruno e vai mais longe ao afirmar que a classe jornalística é “fraca”, no entanto, atribui as responsabilidades às chefias, que deviam “tomar posições de força junto dos clubes”, mas que tal não acontece “porque há receio de ficar sem conteúdos”. Pedro expôs como é caracterizado o trato diário dos jornalistas com os clubes e referiu como pode ser resolvida a questão:

Era necessário que todos os órgãos de comunicação se unissem, porque muitas vezes os clubes fazem de nós gato-sapato, brincam connosco. Somos nós que passamos o dia inteiro ao sol e à chuva a trabalhar e, depois, quando chega a conferência de imprensa, ficamos uma hora e meia à espera que o treinador apareça para falar aos jornalistas. Isso é uma falta de respeito. Esta situação só se resolveria se todos nos uníssemos e abandonássemos o local, porque, se não lhes dermos voz, eles não são ninguém. Falta essa consciência aos meios de comunicação: são os clubes que precisam de nós, e não o contrário.

No seguimento desta ideia, Joaquim, Carolina e Bruno reforçam o carácter de urgência de aumentar a credibilidade e imagem do jornalismo junto do público, priorizando o rigor da informação. Joaquim afirma que “a profissão de jornalista está cada vez mais desgastada e a imagem que as pessoas têm do jornalista não é a melhor”, até porque “há muita gente a fazer jornalismo sem saber o que é fazer jornalismo” e que em muitos casos, é “atirada aos lobos”. À semelhança de Joaquim, Carolina culpa os “canais de informação 24 horas, como a CNN Portugal” têm contribuído para a crise na profissão. Para a jornalista, estes tipos de canais promovem um “ciclo vicioso” de informação, que obriga a estar sempre em direto”, com muitos jovens a serem lançados para o ar sem preparação suficiente, “com menos tempo para recolher informação e confirmar factos”, com “erros” diminuindo, por consequência, a “qualidade do serviço prestado”:

Há dez anos, fazer um direto era um privilégio para o qual te preparavas, hoje tornou-se banal, estás em todo o lado a qualquer hora, a todas as horas se for preciso, mas às vezes obriga-te a estar em frente à câmara sem preparação, com pouca informação, o que leva a erros, perda de rigor e por consequência à descredibilização da profissão.

Para reverter a situação, Carolina defende o aumento da “exigência e rigor do conteúdo”, sugerindo que os jovens jornalistas deveriam passar um período obrigatório nas redações sem estar no ar, para se ambientarem e aprenderem. Já Bruno destaca o *clickbait* como fator que “descredibiliza a profissão”, uma vez que “o leitor desvaloriza-te e deixa de confiar tanto” e culpou os gestores por esta pressão por “*clicks* e audiência

fáceis”, garantindo que “mais rigor num futuro pode fazer a diferença”. Esta perceção é partilhada por Garcia *et al.* (2020) que descreve o *clickbait* como um recurso frequentemente utilizado no online, com uma natureza tendencialmente pejorativa, que se refere a um título sensacionalista, contendo geralmente o mínimo de informação para deixar o leitor curioso e levá-lo ao clique (p.128) Neste sentido, o Bruno opôs o papel do jornalismo ao dos criadores de conteúdos em páginas na internet:

Cada vez mais há contas alimentadas por pessoas que não são jornalistas, e se tu não te diferenciavas dessas contas, a credibilidade é comprometida. Os jornais que querem sobreviver deviam ter uma linha mais séria e rigorosa, mais credível, para que, as pessoas com o tempo, consigam distinguir qual notícia é a correta: se a que sai numa dessas contas das redes sociais ou uma notícia contrária publicada num órgão de comunicação social. Porque se nos equiparmos a essas contas, chegará um dia em que o público não saberá distinguir o que é verdadeiro, e isso não pode acontecer.

Também é defendida a melhoria salarial e a valorização económica da profissão. João considerou que os salários praticados no setor jornalístico são “muito baixos”. Já Joana reforça que “é urgente melhorar a remuneração dos jornalistas, oferecer um salário digno de acordo com a responsabilidade que a profissão tem”. Carolina acrescenta que quanto mais valorizados os jornalistas estiverem, mais motivados se sentem e melhor desempenham o seu trabalho.

Em relação à segurança, André Sousa e Joana Gouveia sublinham a importância da alteração à lei que criminaliza uma agressão a um jornalista, como uma “mudança relevante” e “muito importante” porque “ajudou a tornar uma agressão a um jornalista uma coisa efetivamente grave, mais grave do que era”. Esta alteração está disponível na Lei n.º40/2023, de 10 de agosto, e visa reforçar a segurança no contexto desportivo, com sanções aplicadas a quem ofender fisicamente jornalistas em exercício de funções. Pedro defende punições para os adeptos, como a proibição de entrar em recintos desportivos e um maior controlo sobre o discurso de ódio.

Conclusão

Historicamente marginalizado nos meios de comunicação, o jornalismo desportivo é percebido por muitos como um *toy department*, associado ao entretenimento e às *soft news* (Rowe, 2006, p.1). Segundo Reinemann *et al.* (2012), as *soft news* caracterizam-se por uma relevância política menor e por um enquadramento episódico, focado nas consequências individuais dos acontecimentos e marcado por um tom pessoal e emocional (p.233). Contudo, o estudo que desenvolvi e cujas conclusões agora apresento contrariam esta visão, evidenciando que o desporto é uma editoria vulnerável aos riscos, como as demais.

Começando pelas conclusões gerais, os adeptos destacaram-se como os principais perpetuadores de situações de risco, com agressões verbais, tentativas de intimidação e ameaças físicas. Este resultado está em consonância com o panorama descrito no *Relatório de Análise da Violência Associada ao Desporto 2023/2024* publicado pela Autoridade para a Prevenção e o Combate à Violência no Desporto (APCVD) e pelo Ponto Nacional de Informações sobre o Desporto (PNID), onde foram totalizados 8.879 incidentes a envolver adeptos em recintos desportivos, sendo que cerca de 92% dos casos foram praticados no futebol. Lopes e Pereira (2006) também destacam a modalidade como um “desporto de massas, catalisador de paixões e frustrações intensas”, onde os adeptos são “tocados por um fanatismo a roçar a doença, que, aqui e ali, põe em perigo alguns princípios estruturantes de uma sociedade equilibrada, como a ordem pública e o civismo” (p.23). Incidentes a envolver dirigentes e assessores também foram relatados, verificando-se o que Lopes (2015), referiu como a “pressão por parte dos donos do jogo é sempre alta em direção àqueles que têm como regra profissional não se deixarem condicionar, os jornalistas” (pp.133-34). As redes sociais e os recintos desportivos configuram-se os principais espaços de risco, à semelhança das salas de conferência de imprensa, são locais onde os jornalistas estão mais expostos a contextos de alta tensão derivados de jogos decisivos como clássicos, dérbis ou então ao momento e resultados da equipa que apoiam. Ainda que as ameaças sejam reais, no seio profissional, os jornalistas não têm por hábito fazer denúncias relacionadas com os riscos que enfrentam, apenas em situações pontuais. Os profissionais reconhecem ainda o apoio prestado pela entidade patronal na questão da segurança, no entanto, referem que este também é pontual e reativo, ao invés de preventivo e, em muitos casos, só é ativado em casos limite, como

foi o recrutamento de segurança privada em contextos adversos ou do apoio jurídico, que muitas vezes, também não dá seguimento aos processos.

De forma particular, destaco ainda três conclusões que considero as principais deste estudo. A primeira prende-se com a naturalização dos riscos por parte dos jornalistas, que tendem a aceitar episódios de violência, pressões e ameaças como algo inerente à profissão. Mas a verdade, é que esta perceção não só não os protege como enfraquece a profissão ao tornar invisíveis os riscos que nela habitam. Esta postura é muitas vezes justificada por “amor à camisola”, como se o sofrimento se tratasse de uma prova de resistência e, conseqüentemente, competência profissional. Esta visão foi espelhada nos testemunhos ouvidos, que consideram como situações “normais” ser insultado no terreno, ser limitado por um assessor de imprensa, entre outras considerações. A inércia da classe face a esta realidade mostra que os jornalistas se sentem impotentes e conformados com um contexto profissional marcado por riscos e precariedade que põem em causa o respeito e a credibilidade da profissão.

No que diz respeito às mulheres jornalistas, as conclusões do estudo alinham-se com os resultados dos relatórios internacionais. Segundo o estudo *The Chilling: global trends in online violence against women journalists* (UNESCO, 2021), cerca de 73% das jornalistas entrevistadas já sofreram violência online, 25% ameaças físicas e 18% violência sexual. As profissionais entrevistadas confirmam esta tendência, relatando episódios de risco tanto no terreno com os adeptos quanto com os colegas homens nas redações. Inseridas num meio maioritariamente masculino, as jornalistas desportivas entrevistadas acabam por tolerar comportamentos abusivos e discriminatórios, não porque concordam com eles, mas sim, por necessidade de integração e aceitação. Segundo Joana Gouveia, é preciso “aceitar as regras do jogo” para ousar pertencer a ele, sujeitando-se a comentários hostis e preconceituosos, assédio e discriminação laboral. Esta aceitação silenciosa perpetua ideias machistas que em nada contribuem para a valorização do papel da mulher no jornalismo desportivo e, em última instância, na sociedade.

Outra das conclusões explícitas no estudo recai sobre os impactos da profissão na saúde mental. Segundo Bustamante-Granda et al. (2021), “as condições de trabalho das empresas de comunicação social podem limitar a ação dos jornalistas e contribuir para aumentar o seu desgaste físico e mental” (p.2). Tal consideração verifica-se, com os entrevistados a descrevem, na generalidade, a precariedade no setor jornalístico como um motivo de preocupação, enunciando os baixos salários, a fraca progressão na carreira, os

horários irregulares e o grande volume de trabalho e a pressão das audiências como principais causas de desgaste mental. Varela *et al.* (2023) no relatório do *Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal* consideraram que “os jornalistas que trabalham no campo do desporto também apresentaram taxas moderadas de exaustão emocional e despersonalização” (p.34). Já Reinardy (2006) afirma que “os jornalistas desportivos parecem ser os principais candidatos a altos níveis de *stress* e esgotamento. Trabalham muitas horas, incluindo à noite, aos fins de semana e feriados; lidam com prazos noturnos; e enfrentam jogadores, treinadores, dirigentes e adeptos agressivos” (p.400). Os testemunhos recolhidos confirmam esta realidade, com vários jornalistas a relatarem sintomas como ansiedade, cansaço, exaustão e ataques de pânico devido à pressão permanente a que estão sujeitos no contexto laboral. As deslocações ao terreno, nomeadamente ao estrangeiro, para a cobertura de grandes eventos desportivos, são dos trabalhos que mais preocupam os jornalistas desportivos, que revelam condições de laborais muito difíceis, nomeadamente as longas jornadas de trabalho, poucas horas de descanso, má alimentação e ajuda monetária insuficiente. Todavia, raros são os jornalistas que recorrem a apoio especializado, que no caso é disponibilizado pela empresa desde o ano passado, porque, como foi referido, há uma aceitação generalizada de que estas são as condições laborais instaladas no setor e quem nele quiser permanecer tem de aguentar.

Outra das grandes conclusões da investigação prende-se à perda de autonomia e de identidade do jornalismo. Com o advento e desenvolvimento das redes sociais, o jornalista deixou de ser o *gatekeeper* para passar a ser *gatewatcher* da informação, ou seja, não deixa de ser um mediador crítico da informação, ainda que, atualmente, se aproxime mais de um reprodutor de *media*. No espectro desportivo, à semelhança do que descreve Borges (2018), os jornalistas referem fortes condicionamentos por parte dos clubes e respetivos assessores e dirigentes, que contribuem para o condicionamento da narrativa mediática.

Se antes, esses profissionais de média podiam frequentar mais livremente os espaços internos de um estádio e conviviam próximos aos jogadores, hoje em dia, o acesso é muito mais restrito. O papel tradicional do jornalista era aproximar o público de atletas e de seus clubes favoritos, mas com a comunicação digital, as organizações podem fazer essa ligação diretamente (Borges, 2018, p.367).

Com a profissionalização dos clubes e o desenvolvimento de mecanismos de comunicação próprios, estes deixam de necessitar da mediação dos media tradicionais,

comunicando através de canais próprios, onde a mensagem é livre de intermediações. Sabendo que já não necessitam exclusivamente da mediação dos *media* tradicionais, os clubes tornam os jornalistas pés de microfone, ao ter estratégias para contornar o escrutínio público e afastar os jornalistas dos principais protagonistas das notícias. A este nível, os testemunhos analisados comprovaram a visão de Lopes (2015) que refere que “os jornalistas não falam com quem querem, falam com aqueles que querem dizer qualquer coisa no espaço mediático. A este nível, mandam as fontes. Os jornalistas submetem-se à sua vontade.” (p.137). Já English (2016) argumenta que os jornalistas que ousem colocar questões incómodas têm repercussões reais (p.348). Entre as consequências relatadas destacam-se intimidações, subornos, recusa de parque de estacionamento junto ao estádio, recusa de questão em conferência de imprensa. Esta é uma situação bastante frequente no panorama mediático português e, com tendência a agravar-se, uma vez que as redações estão cada vez mais reduzidas, aumentando desta forma, a dependência de comunicados institucionais porque não há meios para cobrir todos os acontecimentos.

Para além disso, os jornalistas notam que a era digital trouxe consequências para a profissão, entre elas, a diminuição da confiança e credibilidade associadas à figura do jornalista. Como aponta Cornu (2015), com as rotinas produtivas cada vez mais dominadas pela exigência da velocidade e impulsionadas pela concorrência, a ética profissional é empurrada para segundo plano, o que faz esta condição tanto útil como também denota negligências e erros dos próprios jornalistas no tratamento da informação (p.115). Esta realidade foi comprovada nos diversos testemunhos que apontam o imediatismo como causa da descredibilização da profissão, uma vez que o tempo de escrutínio, análise e verificação dos factos junto das fontes é escasso. Parte dos jornalistas entrevistados responsabiliza a globalização e a lógica de mercado pela desvalorização da profissão, culpabilizando os canais 24h que obrigam a ter informação atualizada durante o dia todo, sem pausas, em diretos constantes, muitas vezes com jovens, com erros, o que tudo somado leva à perda de confiança por parte do público. O resultado é um jornalismo enfraquecido e mais superficial, dependente de comunicados de agência e de fontes oficiais, cuja mensagem é condicionada por interesses particulares.

Como forma de responder à crise em que o setor jornalístico se encontra, Cornu (2015) considera que “os constrangimentos económicos obrigam a prestar uma atenção constante aos gostos do público, a procurar tornar o produto mediático atraente para os anunciantes”

(p.113). Esta tendência manifesta-se claramente no contexto desportivo, onde os jornalistas desportivos admitem já ter produzido peças “boas para os números”, sendo que a maior parte recai sobre as jornalistas mulheres, que, devido ao fator “sensibilidade feminina”, são forçadas a elaborar peças relacionadas às temáticas sociais e entretenimento. Para além disso, há jornalistas que apontam a adoção de uma lógica sensacionalista, com o recurso ao *clickbait* como algo recorrente, perigoso e que, a longo prazo, pode prejudicar o futuro do jornalismo. Com as barreiras face ao conteúdo online a esbaterem-se cada vez mais, será cada vez mais difícil o público saber de que lado está a verdade, dando aso à proliferação de *fake news*. “O *clickbait* tem problemas em termos de notoriedade da marca, descredibiliza o projeto. O leitor, se gostar de nós, percebe tudo o que fazemos e não gosta de *clickbaits*.” (Garcia *et al.*, 2020, p.137).

Em suma, a presente investigação revela que o jornalismo desportivo português sobrevive à custa da paixão e entrega dos seus profissionais, que muitas vezes se sacrificam em nome do dever de informar. Essa dedicação leva-os a silenciar os riscos vividos em contexto profissional, como a falta de segurança, proteção, reconhecimento e valorização profissional, que se traduzem, muitas vezes, em implicações ao nível do bem-estar individual. É urgente reconhecer e valorizar o jornalismo desportivo como uma editoria igualmente exposta a riscos e pressões, onde, por trás de uma temática “leve”, se exigem aos profissionais uma coragem e resiliência que não podem continuar a ser ignoradas.

Este trabalho não pode ser extrapolado para o universo da imprensa em Portugal, uma vez que apresenta limitações por se tratar apenas da representação de um estudo de caso específico, Maisfutebol e TVI/CNN Portugal. Foram entrevistadas apenas sete pessoas, o que constitui uma limitação do estudo, visto que as redações estão cada vez mais pequenas, com um corpo de jornalistas cada vez mais reduzido. Relativamente aos testemunhos femininos, foram tidos em consideração, no entanto, não foi possível garantir a paridade dos testemunhos, uma vez que não havia nenhuma jornalista mulher a colaborar com o Maisfutebol, apenas a redatora deste relatório em período de estágio. Todavia, o trabalho demonstra tendências, pelo menos neste caso concreto, oferecendo algumas respostas face à realidade atual do setor jornalístico.

Numa perspetiva futura, um trabalho que poderia ser continuado, talvez ao nível de doutoramento, seria trabalhar os vários meios de comunicação na área do desporto, de forma a tornar a amostra mais ampla, para, provavelmente, fazer interpretações de outro nível e de uma maior abrangência. Com uma investigação à escala nacional, seria possível

estudar os vários campos de observação como a imprensa, a rádio, a televisão e até os media sociais. Não é o caso do presente estudo, que se configura como um relatório de estágio que garante apenas o grau de mestre e, por isso, só pode ser analisado à luz desta realidade concreta. Contudo, considero que há potencialidade para trabalhos futuros de outra dimensão e complexidade, tendo como ponto de partida a seguinte inquietação: “Quais os riscos que os jornalistas desportivos, em Portugal, enfrentam no exercício da sua profissão?”.

Bibliografia

APCVD & PNID. (2024). *Relatório de Análise da Violência associada ao Desporto — Época 2023/2024*. APCVD. <https://www.apcvd.gov.pt/2025/01/relatorio-de-analise-da-violencia-associada-ao-desporto-raivid-epoca-2023-2024/>

Beling Loose, E., Camana, Â., & Villar Belmonte, R. (2017). *A (não) cobertura dos riscos ambientais: debate sobre silenciamentos do jornalismo*. Revista FAMECOS, 24(3), ID26545. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.3.26545>

Borges, F. (2018). *A mediatização dos clubes de futebol*. Apresentado no X Congresso Português de Sociologia: Na Era da “Pós-verdade”? *Esfera Pública, Cidadania e Qualidade da Democracia no Portugal Contemporâneo*, Covilhã, Portugal. https://aps.pt/wp-content/uploads/X_Congresso/Desporto_XAPS-88741.pdf

Borges, F. V. (2018). *Os clubes de futebol e as novas formas de produzir a informação desportiva*. Universidade Lusófona. https://doi.org/10.14195/2183-6019_8_8

Boyle, R. (2006). *Sports Journalism: Context and Issues*. Sage Publications Ltd.

Bustamante-Granda, B. F., Rodríguez-Hidalgo, C., Cisneros-Vidal, M. A., Rivera-Rogel, D., & Torres-Montesinos, C. (2021). *Ecuadorian Journalists Mental Health Influence on Changing Job Desire: A Cross Sectional Study*. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(19), 1–13. <https://doi.org/10.3390/ijerph181910139>

Explore CPJ’s database of attacks on the press. (n.d.). Committee to Protect Journalists. <https://cpj.org/> (consultado a 16 outubro 2025)

Constituição da República Portuguesa. (n.d.). <https://www.parlamento.pt/Legislacao/paginas/constituicaoerepublicaportuguesa.aspx>

Cornu, D. (2015). *Da deontologia do jornalismo à ética da informação*. In Peixinho, A. T., Camponez, C., Vargues, I., & Figueira, J. (Orgs.), *20 anos de Jornalismo contra a Indiferença* (pp. 103–119). Imprensa da Universidade de Coimbra. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0873-0_7

Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (3ª ed.). Sage.

Decreto-Lei n.º 1/99, de 01 de janeiro. *Estatuto do jornalista*, artigo 7.º-A e 14. https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=136&tabela=leis&so_miolo=

Decreto-Lei n.º 5085/2024, de fevereiro de 2024. *Lei sobre jornalistas desportivos*. *Diário Oficial da República Helénica*.(pdf)

English, P. (2016). *Big business blurs sports journalism's critical eye*. In *Global corruption report: Sport* (pp. 347–351). Routledge.

Estatuto editorial. (n.d.). *Maisfutebol*. <https://maisfutebol.iol.pt/estatuto-editorial> (consultado a 16/10/2025)

Federação Nacional dos Jornalistas. (2024). *Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil*. FENAJ. <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>

Garcia, J. L., Martinho, T. D., Cunha, D. S. D., Alves, M. P., Matos, J., & Graça, S. M. (2020). *O choque tecno-liberal, os media e o jornalismo: estudos críticos sobre a realidade portuguesa*. Almedina.

George, C. (2015). *Hate speech law and policy*. *The International Encyclopedia of Digital Communication and Society*, 1–10.

Hjarvard, S. (2008). *The mediatization of society: A theory of the media as agents of social and cultural change*. *Nordicom Review*, 29(2), 105–134.

Home. (n.d.). *Mapping Media Freedom*. <https://www.mappingmediafreedom.org/> (consultado a 16/10/2025)

International Center for Journalists (ICFJ) & Tow Center for Digital Journalism. (2020). *Journalism and the pandemic: A global snapshot of impacts*. <https://www.icfj.org/our-work/journalism-and-pandemic-survey>

IPDJ. (n.d.). *Código de ética desportiva*. *codigoetica_web.pdf*

Lakoff, G. (2017). *Why hate speech is not free speech*. *Politics 8 Comments*. <https://george-lakoff.com/2017/09/08/why-hate-speech-is-not-free-speech/>

Lopes, F. (2015). *Jornalista: profissão ameaçada*. Alêtheia Editores.

Lopes, F., & Pereira, S. (2006). *A TV do futebol*.

- Madureira, N. (2015, junho). *15 anos de paixão partilhada: obrigado e parabéns. Maisfutebol*. <https://maisfutebol.iol.pt/opiniao/editorial/15-anos-de-paixao-partilhada-obrigado-e-parabens>
- Maisfutebol. (2003, maio 11). *Maisfutebol Rádio: aqui a final da Taça UEFA já começou. Maisfutebol*. <https://maisfutebol.iol.pt/geral/11-05-2003/maisfutebol-radio-aqui-a-final-da-taca-uefa-ja-comecou>
- Maisfutebol. (2021, junho 5). *Maisfutebol faz 21 anos: e que aventura tem sido. Maisfutebol*. <https://maisfutebol.iol.pt/dossier/dossier/maisfutebol-faz-21-anos-e-que-aventuratem-sido/60b6566d0cf279ce41c9dcea#>
- Mapping Media Freedom: Greece: *Journalist Giorgos Papachristos physically attacked and injured by businessman Yiannis Karagiorgis (2023-08-29)*. (n.d.). *Mapping Media Freedom*. <https://www.mapmf.org/alert/30611>
- Media Capital. (n.d.). *História*. <https://mediacapital.pt/quem-somos/historia/>
- Media Capital. (n.d.). *A Plural Entertainment*. <https://mediacapital.pt/areas-de-negocio/producao-audiovisual/>
- Ministério do Desporto da Grécia. (2025, julho 2). *Política eficaz para enfrentar a violência de torcidas, com resultados visíveis*. Ministério do Desporto da Grécia. <https://minsports.gov.gr/apodotiki-i-politiki-gia-tin-antimetopisi-tis-opadikis-vias-me-orata-apotelesmata/>
- Miranda, J. *et al.* (2023). It Comes with the Job: How Journalists Navigate Experiences and Perceptions of Gendered Online Harassment. *International Journal of Communication* 17: 5128-5148. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/20984/4285>.
- ONU News (Diretor). (2025, maio 2). *Dia Mundial da Liberdade de Imprensa* [Gravação de vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=TQ15284-M9c>
- Osmann, J., Selva, M., & Feinstein, A. (2021). *How have journalists been affected psychologically by their coverage of the COVID-19 pandemic? British Medical Journal Open*, 11, 1–9. <https://www.researchgate.net/publication/353204780>
- Parekh, B. (2006). *Hate speech. Public Policy Research*, 12(4), 213–223.

- Peltonen, L. S. (2010). *Hate Speech Against the Roma in Romania: Discourse Analysis on Three Romanian Newspapers' Internet Forums* (Master's thesis, Helsingin yliopisto).
- Posetti, J., Shabbir, N., Maynard, D., Bontcheva, K., & Aboulez, N. (2021). *The chilling: Global trends in online violence against women journalists*. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377223>
- Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- Radford, A., Kim, J. W., Xu, T., Brockman, G., McLeavey, C., & Sutskever, I. (2023). *Robust speech recognition via large-scale weak supervision*. In *Proceedings of the 40th International Conference on Machine Learning* (Vol. 202, pp. 28492–28518). <https://proceedings.mlr.press/v202/radford23a.html>
- Rebelo, J. (2011). *As novas gerações de jornalistas em Portugal*. *Trajectos*, (18).
- Reinardy, S. (2006). *It's gametime: The Maslach Burnout Inventory measures burnout of sports journalists*. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 83(2), 397–412.
- Reinemann, C., Stanyer, J., Scherr, S., & Legnante, G. (2011). *Hard and soft news: A review of concepts, operationalizations and key findings*. *Journalism*, 13(2), 221–239. <https://doi.org/10.1177/1464884911427803>
- Reinolds, E. (2016, março 11). *It's not just Erin Andrews: Horror stories of female sports reporters*. *News.com.au*. [https://news.com.au/sport/sports-life/...](https://news.com.au/sport/sports-life/)
- Repórteres sem Fronteiras. (s.n.). *Portugal*. RSF. <https://rsf.org/pt-br/pais/portugal>
- Repórteres Sem Fronteiras. (2024). *Balanço 2024 dos jornalistas mortos, presos, feitos reféns e desaparecidos no mundo*. <https://rsf.org/sites/default/files/...>
- Rowe, D. (2007). *Sports journalism: Still the 'toy department' of the news media?* *Journalism*, 8(4), 385–405.
- Sampaio-Dias, S. et al. (2023). *Journalists are Prepared for Critical Situations ... but We are Not Prepared for This*. *Journalism Practice*. [http://dx.doi.org/10.1080/17512786.2023.2250755;](http://dx.doi.org/10.1080/17512786.2023.2250755)

Silva, A. S., & Pinto, J. M. (1999). *Metodologia das ciências sociais*. Edições Afrontamento.

Silva, M. T. (Coord.), Gonçalves, J., Coelho, P., & Brites, M. J. (2021). *Discurso de ódio, jornalismo e participação das audiências: Enquadramento, regulação e boas práticas*. Almedina. <https://doi.org/10.34629/cpublica.512>

Silva, M. T., Gonçalves, J., Coelho, P., & Brites, M. J. (2021). *Discurso de ódio, jornalismo e participação das audiências* (5ª ed.). Almedina.

Silveirinha, M. J., Sampaio-Dias, S., Miranda, J., Garcez, B., & Dias, B. (2022). *Assédio e hostilidade online contra jornalistas: da instrumentalização do "jornalixo" à desvalorização da violência*. *Media & Jornalismo*, 22(41), 83–102. https://doi.org/10.14195/2183-5462_41_5

Sindicato dos Jornalistas. (2017, outubro 30). *Código Deontológico dos Jornalistas*. <https://jornalistas.eu/codigo-deontologico/>

Sindicato dos Jornalistas. (2010, abril 19). *Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo – 1983*. <https://jornalistas.eu/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo-1983/>

Sobral, L. (2020, junho). *Luís Sobral, diretor fundador, escreve sobre os 20 anos do Maisfutebol*. *Maisfutebol*. [https://maisfutebol.iol.pt/aniversario/...](https://maisfutebol.iol.pt/aniversario/)

Sparre, K. (2017). *The dangers of sports journalism*. In Carlsson, U., & Pöyhtäri, R. (Eds.), *The assault on journalism: Building knowledge to protect freedom of expression* (pp. 205–217). Nordicom. [https://www.diva-portal.org/...](https://www.diva-portal.org/)

Subtil, F., & Garcia, J. L. (2022, julho 14). *Mantém o jornalismo uma missão na sociedade contemporânea? Setenta e Quatro*.

Torres da Silva, M. (2024). *Fundamentos e Inquietações do Jornalismo*. <https://doi.org/10.34619/wjpr-nphb>

UEFA. (2014, janeiro 2). *Sobre a UEFA*. *UEFA.com*. [https://pt.uefa.com/news-media/...](https://pt.uefa.com/news-media/)

Ulrich, B. E. C. K. (2010). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Editora 34.

UNESCO. (2024). *Director-General's report on the safety of journalists and the danger of impunity, and the United Nations Plan of Action on the Safety of Journalists and the Issue of Impunity*. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000391550>

Varela, R., della Santa, R., & Rolo, D. (2023). *Inquérito Nacional às Condições de Vida e de Trabalho dos Jornalistas em Portugal*. Sindicato dos Jornalistas.

Links de notícias elaboradas por mim

«As Marias do Benfica»: *Um nome comum, uma história tão rara*. (sem data). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/reportagem/historia/as-marias-do-benfica-um-nome-comum-uma-historia- tao-rara>

Hugo Oliveira: «Gyökeres é o jogador mais importante da Liga». (16 de março 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/famalicao/liga/hugo-oliveira-gyokeres-e-o-jogador-mais-importante-da-liga>

«Se o futebol fosse justo, teríamos levado um ponto de Alvalade». (16 de março 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/famalicao/liga/se-o-futebol-fosse-justo-teriamos-levado-um-ponto-de-alvalade>

Sporting-Famalicão, 3-1 (destaques). (16 de março 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/liga/sporting/sporting-famalicao-3-1-destaques>

Rui Borges: «Alisson? Será um jogador que no futuro se irá ouvir falar». (17 de abril 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-alisson-sera-um-jogador-que-no-futuro-se-ira-ouvir-falar>

Rui Borges: «As imagens são explícitas, Harder apenas festejou uma vitória». (17 de abril 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-as-imagens-sao-explicitas-harder- apenas-festejou-uma-vitoria>

Rui Borges: «O Morita está motivadíssimo para poder ajudar nos últimos jogos». (sem data). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-o-morita-esta-motivadissimo-para-poder-ajudar-nos-ultimos-jogos>

Rui Borges: «Pote ainda está longe de poder ser titular». (17 de abril 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/sporting/rui-borges/rui-borges-pote-ainda-esta-longe-de-poder-ser-titular>

Rui Borges deixa apelo aos adeptos: «Acreditem tanto como nós». (17 de abril 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-deixa-apelo-aos-adeptos-que-acreditem-tanto-como-nos>

Rui Borges: «Slogan para o título? Os adeptos têm falado por nós». (17 de abril 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/sporting/liga/rui-borges-slogan-para-o-titulo-os-adeptos-tem-falado-por-nos>

Sporting-Famalicão, 3-1 (destaques). (16 de março 2025). Maisfutebol. Obtido 16 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/liga/sporting/sporting-famalicao-3-1-destaques>

Sporting e Varandas avançam com queixa-crime contra Inácio. (1 de fevereiro 2025). Maisfutebol. Obtido 17 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/sporting/frederico-varandas/sporting-e-varandas-avancam-com-queixa-crime-contr-augusto-inacio>

César Peixoto de saída do Moreirense. (24 fevereiro 2025). Maisfutebol. Obtido 17 de outubro de 2025, de <https://maisfutebol.iol.pt/moreirense/liga/cesar-peixoto-de-saida-do-moreirense>

Anexos

Anexo 1. Guião entrevistas

I. Dimensão sociográfica

- Idade
- Sexo
- Formação académica
- Há quanto tempo tem carteira profissional de jornalista?
- Em que órgãos de comunicação social já trabalhou?
- Há quanto tempo está na editoria de desporto?
- É sócio do Sindicato dos Jornalistas Portugueses?

II. Dimensões de ameaças e riscos

Dimensão 1: Riscos físicos

1. Alguma vez se sentiu ameaçado(a) fisicamente, ou mesmo alvo de ataques físicos durante o exercício da sua profissão?
2. Se sim, em que contexto e circunstâncias ocorreu?
3. Quem perpetrou esse ato?
4. Qual a justificação que deu (se deu alguma)?
5. Como reagiu?
6. Teve de receber cuidados médicos? De que tipo?
7. Denunciou às autoridades?
8. Como reagiu a sua entidade patronal?
9. Como foi resolvida a situação?

Dimensão 2: Riscos psicológicos

1. Em algum momento do seu percurso profissional foi alvo de pressões por parte das suas chefias? Se sim, de que tipo? Tomaram a forma de ameaça directa ou velada (indireta)?
2. Se sim, como reagiu?
3. Em algum momento do seu percurso profissional sofreu pressões das suas fontes? Se sim, de que tipo? Tomaram a forma de ameaça directa ou velada (indireta)?
4. Se sim, como reagiu?
5. E ameaças do cidadão comum, de adeptos ou outros intervenientes do espetáculo desportivo?
6. Denunciou alguma vez estas situações? Com que resultados?
7. Considera que o seu trabalho tem impacto na sua saúde mental?
8. Já experienciou sintomas de ansiedade, exaustão ou *burnout* devido à profissão?
9. Pediu apoio médico/psicológico?
10. É acompanhado regularmente por algum técnico superior de saúde mental?

Dimensão 3: Riscos éticos

1. Já se sentiu pressionado(a) editorialmente a omitir ou distorcer informação/ Já recusou publicar uma peça por não estar de acordo com os seus princípios éticos enquanto jornalista?
2. Já sentiu limitações ao exercício da sua autonomia editorial devido à relação com clubes, assessorias ou patrocinadores? Com que frequência?

Dimensão 4: Riscos profissionais

1. Como avalia as condições laborais no setor onde trabalha?
2. Como avalia as condições (instalações, apoio e suporte das chefias, pausas para descanso, horas de trabalho diário, etc.) em que trabalha diariamente? Considera ter tempo para realizar todas as tarefas diárias de acordo com os parâmetros que considera serem exigíveis no seu trabalho (tempo de investigação, contacto com as fontes, reflexão e escrita)?
3. Em que medida as condições laborais estão a afetar o seu desempenho laboral e a qualidade e seriedade do seu trabalho?

Dimensão 5: Riscos sociocomportamentais

1. Já foi alvo de insultos, ameaças ou violência verbal nas redes sociais ou em contexto profissional, seja por adeptos, dirigentes ou outros agentes desportivos? Que forma tomaram? /de que natureza eram? (discurso de ódio, discurso misógino, racista ou xenófobo?)
2. Se respondeu sim, como lida com isso?
3. Do seu ponto de vista, a que se deveram esses insultos?
4. Reportou às chefias ou às autoridades competentes?

III. Medidas de mitigação dos riscos das instituições e dos profissionais

1. Como avalia o papel das empresas jornalísticas na proteção dos seus profissionais/colaboradores? Que tipo de medidas e ações fazem para os proteger? / Que tipo de apoio recebeu (ou não recebeu) quando enfrentou situações de risco?
2. Alguma vez recebeu formação específica em segurança no exercício da profissão?
3. Como avalia o papel da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista e do Sindicato dos Jornalistas (caso seja sindicalizado)?
4. Que mudanças considera urgentes para proteger e valorizar a profissão, principalmente no desporto?

Anexo 2. Entrevista a Ricardo Gouveia sobre a história do Maisfutebol

Jornalista desportivo no Maisfutebol

-Quantas pessoas criaram o projeto?

Foram dez jornalistas.

-Quando e como surgiu o Maisfutebol?

O Maisfutebol foi fundado no dia 5 de junho, mas só ficou online no dia 6. Era para ser dia 5, mas tivemos muitos problemas técnicos. Estivemos a semana toda a preparar textos

e conteúdos para o lançamento, mas tecnicamente não conseguimos pôr o site no ar. A *Internet* ainda estava a aparecer e era tudo muito novo. Foi a vontade de fazer diferente e também a crença de que a *Internet* ia crescer muito. Acreditávamos que o futuro do jornalismo passava por aí, embora tenha demorado alguns anos a afirmar-se, tanto tecnicamente como financeiramente. O próprio nome explica tudo. Na altura, o futebol era muito discutido à volta das arbitragens e dos dirigentes, e nós queríamos falar apenas de futebol. Falar dos jogadores, dos treinadores e deixar de lado os casos e polémicas. A base era essa: mais futebol, menos barulho.

-Mas tinham muita gente a ver os vossos conteúdos nessa altura?

Não tínhamos ninguém. Primeiro tínhamos de pôr o site online. Havia sempre problemas técnicos, ou não abria, ou era pesado. Estávamos nós e mais três ou quatro técnicos a tentar resolver o problema. Só por volta das cinco da manhã é que conseguimos finalmente ver o site.

-Quais foram as principais dificuldades iniciais?

Era o início da internet, não havia quase nada. O primeiro Maisfutebol não conseguia pôr fotografias porque era tudo muito pesado, era só texto. A única coisa que dava para mudar era a cor das manchetes, do fundo e das letras. Lembro-me de uma entrevista com o Rui Costa que queríamos destacar logo no início, mas não conseguimos pôr o vídeo. A solução foi disponibilizá-lo em formato PDF para as pessoas descarregarem e verem offline. Mesmo assim, demorava quase um dia inteiro para descarregar o ficheiro. Tivemos muitos problemas técnicos e o site caía com frequência. Também foi difícil divulgar o nosso nome, porque éramos um produto novo. Quando íamos às conferências de imprensa e dizíamos que éramos do Maisfutebol, tínhamos de explicar o que era. Tivemos de lutar por reconhecimento e por credenciais. A própria UEFA demorou tempo a aceitar um jornal online como um jornal “a sério”.

-Como foi lançar o Maisfutebol Rádio?

O projeto foi criado com o Waldemar Duarte, que tinha vindo da Renascença. Ele tinha muita experiência em rádio e programava as emissões. Nós fazíamos blocos de notícias e

gravávamos tudo. Acho que foi o primeiro jornal online com rádio digital. Durou cerca de um ano.

-Em 2007/2008 lançaram o Maisfutebol Angola.

Sim. Era uma edição em papel, vendida em Angola. Tinha sobretudo notícias e entrevistas com jogadores angolanos que jogavam em Portugal. As notícias eram feitas quase todas aqui, na redação, e o projeto durou pouco mais de um ano.

-Como vê o crescimento do Maisfutebol e do jornalismo digital?

No início éramos os únicos. Tínhamos a vantagem de publicar as notícias logo, enquanto os jornais em papel só saíam no dia seguinte. Depois começaram a surgir outros projetos e as próprias redações tradicionais criaram as suas versões digitais. A *Internet* transformou completamente o ritmo das notícias. À medida que a *Internet* cresceu, nós também crescemos. No início o site dava prejuízo porque não havia publicidade online. Com o tempo, começou a crescer e hoje tem mais publicidade do que muitos jornais e rádios. Está quase em concorrência com a televisão. Tivemos sempre o apoio da TVI, que incluía o Maisfutebol nos contratos de publicidade, e isso ajudou muito a sustentar o projeto.

Como foi lidar com momentos marcantes durante a história do site?

Houve momentos muito intensos. Um deles foi a morte do Fehér. Tínhamos um jornalista no estádio e eu fui para o hospital acompanhar. Foi uma situação difícil, porque queríamos dar a notícia, mas sem o fazer antes de ter a confirmação.

-Atualmente, como está o projeto?

Desde os 21 anos que entrou e saiu muita gente e o projeto acabou por ficar um pouco estagnado.

Anexo 3. Entrevista a Joaquim Castro

Jornalista desportivo TVI/CNN Portugal

-Alguma vez se sentiu ameaçado(a) fisicamente, ou mesmo alvo de ataques físicos durante o exercício da sua profissão?

Sim

- Em que contexto e circunstâncias ocorreu?

A primeira situação que me lembro foi no antigo Estádio de Alvalade. O ambiente estava particularmente tenso, porque havia contestação em torno das arbitragens e o Sporting atravessava um período de luto, lembro-me até de ver adeptos com bandeiras pretas. Estávamos a falar com o dirigente do Sporting na altura, Dias Ferreira, numa pequena roda, quando fui ameaçado e pontapeado. Mas não foi a única vez, já vivi episódios semelhantes em jogos da Taça de Portugal e outros locais, principalmente em dérbis ou clássicos os insultos verbais são quase garantidos, mas apenas esse episódio inicial, no início dos anos 2000/2001, foi o pior que já tive fisicamente, depois há outras situações que não sabes de onde é que vêm como empurrões, uma palmada aqui e ali, situações que acabam por ser consequência de estar no meio da confusão. É como os jornalistas que estão agora a cobrir os incêndios: estão expostos ao risco de que algo possa correr mal e no futebol é igual, sobretudo em jogos de risco elevado, como um Benfica-Sporting, Porto-Benfica ou Sporting-Porto. Sabes que há sempre a possibilidade de as coisas descambarem, daí o risco ser maior nos jogos “grandes”.

Lembro-me também das Assembleias Gerais do Benfica, durante a presidência do Vale e Azevedo, éramos sempre alvo de insultos e ameaças físicas, era constante. Quando saíamos, já sabíamos o risco que podíamos correr. Depois também depende do jornalista, há uns que são mais visados do que outros: ou porque disseram alguma coisa, ou porque defenderam alguma coisa ou porque não defenderam os interesses dessas pessoas ou das cores clubísticas. Mas nessa altura acontecia muitas vezes e aliás, nessa altura das eleições do Benfica a TVI chegou a disponibilizar-nos segurança pessoal para podermos fazer diretos na rua, para irmos às ações de campanha.

- Quem perpetrou esse ato?

Foram sempre adeptos.

- Qual a justificação que deu (se deu alguma)?

Não há justificação possível para um ato de violência, mas naquele caso específico, o momento delicado que o Sporting vivia e a contestação às arbitragens criaram um ambiente de hostilidade em que os jornalistas acabaram por ser vistos como parte do problema, mais uma vez são culpabilizados.

- Como reagiu?

Na altura tive de me defender. O Dr. Dias Ferreira também ajudou a acalmar o momento, mas quando há uma multidão envolvida é mais difícil de segurar.

- Teve de receber cuidados médicos? De que tipo?

Não, nunca.

- Denunciou às autoridades?

Não foi necessário.

- Como reagiu a sua entidade patronal?

Houve uma altura, que andávamos com seguranças pagos pela TVI para nos acompanhar em ações de rua. A entidade patronal normalmente defende-nos sempre e, caso houvesse necessidade e vontade de apresentar queixa, tenho a certeza de que eles me iriam acompanhar nisso. No entanto, não houve necessidade de recorrer a isso.

- Como foi resolvida a situação?

No momento.

- Em algum momento do seu percurso profissional foi alvo de pressões por parte das suas chefias? Se sim, de que tipo? Tomaram a forma de ameaça direta ou velada (indireta)? Como reagiu?

Não. Mesmo que fosse, não aceitaria, sugestões, só. Depois nós decidimos. Por isso é que tenho carteira profissional...é porque sou jornalista, sei as regras, sei o que devo ou não devo fazer. Nunca sofri qualquer tipo de pressão nesse sentido, e mesmo que sofresse tinha de saber responder à altura, isso não pode acontecer.

- Em algum momento do seu percurso profissional sofreu pressões das suas fontes? Se sim, de que tipo? Tomaram a forma de ameaça direta ou velada (indireta)? Como reagiu?

As fontes não estão tão disponíveis para passar determinado tipo de informações, os clubes fecharam-se mais. Quando comecei a fazer jornalismo, todos os dias fazíamos treinos do Sporting, do Benfica, do Porto porque eram abertos aos adeptos e aos jornalistas. A partir do momento em que nasceram as academias, começaram a fechar-se um pouco mais porque achavam que se estavam a mostrar demais. Mas apesar disso, as fontes estão lá para quando é necessário recorrer a elas, ou elas a nós. Agora, temos é de saber avaliar a informação que é transmitida e não podemos ter apenas uma fonte como fonte de informação. Temos sempre de recorrer no mínimo a duas, mas se tiveres três, melhor para conseguir cruzar a informação. Mas não sinto que a esse nível que as coisas estejam mais complicadas. Não me sinto pressionado por fontes. Indiretamente pode acontecer, mas se não for de forma direta, indiretamente não é grande coisa.

- E ameaças do cidadão comum, dos adeptos ou outros intervenientes do espetáculo desportivo?

Em grandes jogos, já aconteceram situações de pressão, mas fora desse contexto, não. Nas redes sociais, às vezes acontece, mas sinceramente não ligo. A minha atividade nas redes é só para situações pontuais e raramente para situações profissionais, mas sei que isso acontece todos os dias com colegas que são alvos de ameaças.

- Considera que o seu trabalho tem impacto na sua saúde mental?

Sim, depende dos dias, do trabalho, da carga horária, do contexto, se estás fora ou não. Por exemplo, quando estás um mês fora como estive no último Europeu na Alemanha, tem impacto. Estás longe da família, mas é mais fácil de gerir hoje do que há uns tempos. A minha primeira saída foi para o Mundial na Coreia-Japão e foi um mês muito intenso, mas era um miúdo praticamente, não tinha filhos ainda. Tem impacto, mas tens de saber lidar com isso. Eu felizmente nunca tive nenhum problema de saúde mental, que eu saiba, porque também gosto muito daquilo que faço. Agora, há trabalhos mais exigentes que outros, mas tens de saber lidar com a pressão: aguentas ou não aguentas. Mas nunca tive um problema de maior. Numa escala de 1-5 é 3 (moderado), no sentido em que depende das circunstâncias, mas eu venho para o trabalho com todo o gosto do mundo, sou apaixonado por aquilo que faço.

- Já experienciou sintomas de ansiedade, exaustão ou *burnout* devido à profissão? (Sim/Não). Com que frequência?

Sim, já senti ansiedade, mas não *burnout* nem exaustão. A ansiedade acontece às vezes, dependendo do trabalho, da pressão, da carga horária intensa de trabalho. Por exemplo, no último Europeu, nós trabalhávamos de manhã à noite. Claro que, dependendo do número de equipas, que no caso eram sempre três fixas onde estava a seleção nacional, conseguíamos sempre conciliar uns com os outros e dividíamos o trabalho.

- Pediu apoio médico/psicológico?

Nunca pedi. Só tive uma vez quando o meu filho nasceu, mas foi por motivos pessoais e não profissionais.

- É acompanhado regularmente por algum técnico superior de saúde mental?

Não.

- Já se sentiu pressionado(a) editorialmente a omitir ou distorcer informação/ Já recusou publicar uma peça por não estar de acordo com os seus princípios éticos enquanto jornalista? Com que frequência?

Nunca me aconteceu, mas sei que acontece.

- Já sentiu limitações ao exercício da sua autonomia editorial devido à relação com clubes, assessorias ou patrocinadores? Com que frequência?

Já senti de alguma forma pressões para não falar em determinado tipo de assunto ou matéria, mas isso não é suficiente para me impedir de fazer aquilo que eu faço e o que eu entenda que deva fazer e que é correto fazer. Pressões há sempre e limitações à liberdade também continuam a existir. Agora temos 15 minutos para ver um treino e é de mês a mês, temos limitações no número de perguntas numa conferência de imprensa, antes não existia e agora acontece quase sempre. Um dos clubes que melhor trabalha nesta altura é o Sporting, raramente limita as perguntas nas conferências de imprensa. Já o Benfica, é o contrário, pelo menos há um mês, quando lá estava o antigo assessor, Ricardo Lemos. Mas depende do momento de cada equipa: se o momento é bom fazes sempre mais perguntas, se o momento é mau, a tendência é diminuir o número de perguntas numa conferência. Se tiveres 10 jornalistas na sala às vezes tens três perguntas, ou cinco

perguntas no máximo e, isso é de alguma forma limitar aquilo que é a liberdade de imprensa, penso eu.

- Como avalia as condições laborais no setor onde trabalha?

São boas. Já trabalho aqui desde 1997, com mais altos e baixos. Sinto que são boas (TVI). No entanto, o setor enfrenta um período bastante difícil, se bem que contra isto que estou a dizer vai por exemplo o número de televisões, canais, sites que existem neste momento. Rádios são praticamente as mesmas, no entanto, parece que há um número cada vez maior de órgãos de comunicação social. As condições, principalmente para os jovens jornalistas que estão a iniciar carreira, são cada vez piores, nomeadamente a retribuição monetária a um jornalista, que hoje em dia é uma coisa terrível, surreal e inacreditável. O esforço que as pessoas dispõem para chegar a entrar na carreira depois do percurso escolar e universitário e chegam a uma altura que pensam: “Então, mas foi para isto que andei a estudar?”. São condições muito difíceis, principalmente para os jovens jornalistas nesta altura.

- Como avalia as condições (instalações, apoio e suporte das chefias, pausas para descanso, horas de trabalho diário, etc.) em que trabalha diariamente? Considera ter tempo para realizar todas as tarefas diárias de acordo os parâmetros que considera serem exigíveis no seu trabalho (tempo de investigação, contacto com as fontes, reflexão e escrita?)

As condições são boas. Se for um trabalho de investigação tens de saber explicar o que vais fazer à tua chefia e a partir daí dão-te o tempo que for necessário para iniciares o trabalho.

- Em que medida as condições laborais estão a afetar o seu desempenho laboral e a qualidade e seriedade do seu trabalho?

No meu caso, não tem qualquer interferência, nem positiva nem negativa. Nesta altura, aquilo que mais faço é trabalho de pivot.

- Já foi alvo de insultos, ameaças ou violência verbal nas redes sociais ou em contexto profissional, seja por adeptos, dirigentes ou outros agentes desportivos? Que forma tomaram? / De que natureza eram? (discurso de ódio, discurso misógino, racista ou xenófobo?)

Já, por parte de adeptos ou pessoas que se escondem por trás de perfis falsos. Mas como não tenho uma página profissional nas redes sociais é muito raro isso acontecer. Ainda assim, já recebi mensagens insultuosas até durante os programas, mas é passar à frente, nem respondo.

- Se respondeu sim, como lida com isso? Do seu ponto de vista a que se deveram esses insultos? Reportou às chefias ou às autoridades competentes?

Atribuo esses incidentes à “clubite” e à falta de ocupação de algumas pessoas, que aproveitam o anonimato das redes para insultar gratuitamente. Lido bem com isso, desde que não afete a família. Caso surja ameaças mais séria, o que faria era dirigir-me às autoridades competentes e fazer queixa, mas nunca tive assim nada de transcendente em relação a isso.

- Como avalia o papel das empresas jornalísticas na proteção dos seus profissionais/colaboradores? Que tipo de medidas e ações fazem para os proteger?

Sinceramente, acho que as coisas agora estão mais calmas, mas também como não saí tanto não tenho tanto essa perceção. Por aquilo que vejo do trabalho dos meus colegas, não me lembro de algum ter chegado à redação a dizer que foi ameaçado fisicamente, insultado verbalmente acontece muitas vezes, mas às vezes nem sabem o teu nome, é a “TVI fala mal, a CNN fala mal”, não sabem o teu nome particularmente. São acusações vagas e vulgares, mas que são atiradas assim para o ar.

- Que tipo de apoio recebeu (ou não recebeu) quando enfrentou situações de risco.

Isso aconteceu. (Explicou antes)

- Alguma vez recebeu formação específica em segurança no exercício da profissão?

Não. Mas já tive oportunidade de receber e tenho colegas meus que fizeram, para entrar em teatros de guerra. Eu já fiz outro tipo de formações. Para encarar aquilo que é um funcionamento de um jogo de futebol e o que o rodeia é muito à base de pisares o terreno e ganhares essa experiência para perceberes onde podes ou não podes pôr o pé porque, sinceramente, uma formação para trabalhar num jogo de futebol acho que era desnecessário.

- Que mudanças considera urgentes para proteger e valorizar a profissão, principalmente no desporto?

A profissão de jornalista está cada vez mais desgastada e a imagem que as pessoas têm do jornalista, às vezes, parece-me que não é a melhor. É muito difícil hoje em dia com as redes sociais ultrapassarem os estigmas que existem relativamente à nossa profissão porque ao fim ao cabo metem-nos todos dentro do mesmo saco e levamos todos por tabela. É uma questão do respeito das pessoas, da educação, dos valores que lhes passaram. O que é que se pode fazer? Hoje em dia é muito difícil tendo em conta a dimensão do jornalismo em Portugal, como eu dizia principalmente a quantidade de televisões que existem. É muito difícil porque um microfone da CNN que é vermelho, igual ao da CMTV, há pessoas que até isso confundem. Há coisas que só o tempo é que as pode modificar, mas não sei. Os jornalistas têm mea culpa. Atualmente há muita gente a fazer jornalismo sem saber o que é fazer jornalismo porque com a quantidade de meios de comunicação social que existem nesta altura, e não é por serem novos que são melhores ou piores, mas há muita gente a ser atirada aos lobos... a pressão que disse que não existe em relação a mim, pode haver pressão, podem me pressionar, eu sou pressionável mas eu não sou tão pressionável quanto um jovem jornalista e isso hoje em dia é muito visível nos jornalistas que vão para a rua fazer determinado tipo de trabalhos. Há televisões que estabelecem um padrão que se não for cumprido és excluído, o que ajuda as pessoas a traçarem uma visão negativa daquilo que é o trabalho do jornalista. Maior parte das reações ao meu trabalho são positivas, mas é obvio que há muitas vezes aqueles comentários de aquele teu colega fez bem ou fez mal. A opinião que às vezes devia ser individualizada, às vezes expande-se e mal. Generalizou-se uma ideia negativa daquilo que é fazer jornalismo.

Anexo 4. Entrevista a Pedro Silva

Jornalista desportivo TVI/CNN Portugal

- Alguma vez se sentiu ameaçado(a) fisicamente, ou mesmo alvo de ataques físicos durante o exercício da sua profissão?

Sim

- Se sim, em que contexto e circunstâncias ocorreu?

Foi em jogos de futebol, diretos. O episódio que me mais me marcou foi a bala durante os festejos do Sporting, no ano em que foi campeão 19 anos depois. É um contexto muito específico, não foi ninguém que veio diretamente para mim, eu é que estava no meio da confusão e a bala fez ricochete e foi para mim. Outra situação foi junto ao Estádio da Luz, só conseguimos fazer diretos com a polícia porque estavam lá uns adeptos que queriam bater numa jornalista da CMTV, e só quando a polícia chegou e fez ali um cordão para nós jornalistas é que conseguimos fazer diretos, aliás, nesse dia nem houve diretos com adeptos, foi tudo na zona protegida pelos polícias para estarmos em segurança.

- Quem perpetrou esse ato?

Foram adeptos. Mas já houve alturas diferentes. Na altura em que o Bruno de Carvalho era presidente do Sporting, os jornalistas da TVI tinham seguranças e ficaram fechados na sala de imprensa.

- Qual a justificação que deu (se deu alguma)?

Não justificaram, apenas insultam, falam mal dos comentadores, acham que nós representamos as opiniões dos comentadores, quando os comentadores são livres de dar a sua opinião e não têm culpa que os adeptos não concordem. Só que depois quem vai para o terreno e para os estádios somos nós jornalistas e muitas vezes levamos com a fúria deles, principalmente depois quando a bola não entra e não estão em primeiro e estão em segundo ou terceiro, eles ficam completamente alterados e têm atitudes irrefletidas e sem justificação. No Nice-Benfica, eu tive um senhor com um filho pequeno, nem 10 anos, e começou a insultar-me, quando o Benfica tinha ganho 2-0 em França...

- Como reagiu?

Ao início fazia-me muita confusão e olhava para eles, mas com o tempo ganhei barreiras, por exemplo, insultos para mim entra-me por um ouvido e saí-me pelo outro. O limite seria se houvesse contacto físico, mas isso nunca aconteceu (agressões físicas). No episódio da bala desvalorizei, doeu-me, mas como não foi intencional. O Paulo Pereira estava em estúdio em direto e perguntou-me como estavam os desacatos e eu digo: “Olha Paulo, a situação há pouco estava muito complicada tanto que eu levei com uma bala na perna” e ele é que ficou preocupado porque eu não tinha bem noção da gravidade da situação. O Paulo disse: “Então Nuno, mas estás bem?” e eu reagi normal porque no fundo eu estava ali demasiado perto da confusão e podia acontecer porque a polícia estava a

disparar bolas de borracha e eu queria estar ali para ter melhores bonecos. Numa situação geral, não acho que ia partir para a violência, mas certamente imediatamente chamar a polícia para deter a pessoa.

- Teve de receber cuidados médicos? De que tipo?

Isso nunca.

- Denunciou às autoridades?

Não.

- Como reagiu a sua entidade patronal?

Demonstraram preocupação comigo, também brincaram um bocado. Eu estava bem. Eu não tive de ir para o hospital nem ser assistido porque aquilo foi ricochete. Ao ser ricochete perdeu força e fiquei com uma nódoa negra, nada de especial. Eles viram que estava bem e depois brincaram comigo, no bom sentido, mas disseram sempre para estar em segurança e meteram-me à vontade.

- Como foi resolvida a situação?

Foi resolvida no momento.

- Em algum momento do seu percurso profissional foi alvo de pressões por parte das suas chefias? Se sim, de que tipo?

Pressões, felizmente, nunca senti muitas. Já aconteceu num determinado tema dizerem-me para começar a fazer uma peça e depois dizerem-me que podia não entrar e depois acabou por não entrar por causa de pressões, que eu não sei quem são ao certo. Agora, dizerem-me para favorecer, por exemplo tens eleições agora do Benfica, nunca ninguém me disse para dar mais ênfase a um candidato em detrimento de outros.

- Como reagiu?

Eu percebi logo o que estava em jogo. Honestamente, quando me dizem que já não vai passar, eu penso olha menos trabalho. Já ando nisto há algum tempo e começa a perceber que há determinados assuntos que são... o assunto em questão foi quando o Fernando Santos foi julgado por ter um contrato com a Federação Portuguesa de Futebol ilegal, e tinham-me mandado fazer uma peça, porque era uma denúncia do Expresso e eu comecei a fazer a peça e depois disseram-me já não ia sair, por interesses da parte FPF. Mas isso

eu percebi logo porque tudo o que envolve FPF é sensível. E quando me disseram para fazer a peça, mas que havia a possibilidade de não sair, mentalizei-me que ia fazer, mas já sabia que não ia entrar e não entrou.

- Em algum momento do seu percurso profissional sofreu pressões das suas fontes? Se sim, de que tipo?

Não, porque infelizmente hoje em dia o contacto com as fontes é feito através dos comentadores.

- Como reagiu?

Nada.

- E ameaças do cidadão comum, dos adeptos ou outros intervenientes do espetáculo desportivo?

Felizmente, em termos de redes sociais, nunca fui muito visado. Já recebi umas mensagens, mas não me afeta porque é gente que não interessa. Nem sequer perco tempo. No terreno, se me insultam entra por um ouvido e sai por outro. Em Nice, quando o Sr. me disse aquilo eu estava cansado, com calor e respondi: 'Então venha me dizer isso na cara', chamei-o 'Venha cá' e ele não veio. Longe é fácil depois enfrentar cara a cara é difícil.

- Denunciou alguma vez estas situações? Se sim, quais foram os resultados?

R: Não. Não vale a pena, até porque não fixei a cara. Muitas vezes nem vejo a cara, os covardes é assim... estou para entrar em direto e passa um nas costas e diz-me algo e eu nem consigo ver quem é a pessoa.

- Considera que o seu trabalho tem impacto na sua saúde mental?

Sem dúvida. Numa escala de 1-5 é 4. Tem muito impacto. Há dias esgotantes, duros e isso depois inevitavelmente sinto necessidade de descansar. Eu em casa é muito raro ver notícias, preciso de desligar porque senão sinto que não consigo descansar porque aqui sou obrigado a ver notícias, se eu em casa continuo a ver então aí sinto que estou numa bolha. Ao início via muito e sentia que não conseguia descansar até que tomei a decisão de parar. Claro que às vezes, uma vez ou outra estou em casa e vejo o Jornal Nacional. Agora numa folga parar para ver canais de informação, isso é muito raro, a menos que haja um tema que o justifique, por exemplo, acaba a guerra entre a Ucrânia e a Rússia, aí

vou ver. Tirando um tema fraturante que me faça mesmo ver, já não quero porque senão não consigo descansar.

- Já experienciou sintomas de ansiedade, exaustão ou *burnout* devido à profissão? (Sim/Não). Com que frequência?

Bournout não, pelo menos que eu saiba. Ansiedade e exaustão, sim, mas neste momento mais exaustão. Por exemplo, já me aconteceu dizerem-me: 'Amanhã vais ter de ir para não sei onde' e aquilo provoca-me ansiedade. Quando me ligam fora de horas e eu já estou em casa, isso também me dá ansiedade (risos). Nível 3-4 exaustão. Agora ando numa fase em que ando exausto porque estamos em agosto, muita gente de férias, fui a Nice (acompanhar o Benfica nos play-offs de acesso à Liga dos Campeões) onde trabalhas de manhã à noite, voltei quinta-feira ao final da tarde, sexta-feira fui logo para Rio Maior para o Sporting-Casa Pia (jogo às 20h15), sábado entrei na TVI de manhã porque ia apresentar. Não parei. Saí e acumulas e neste momento estou muito cansado.

- Pediu apoio médico/psicológico?

Não. Nunca senti necessidade.

- Já se sentiu pressionado(a) editorialmente a omitir ou distorcer informação/ Já recusou publicar uma peça por não estar de acordo com os seus princípios éticos enquanto jornalista?

Pressionado não, mas já houve peças em que não concordava fazer, mas tive de fazer. Mas não concordava, achava que eram temas que não faziam sentido, do ponto de vista editorial não concordava, achava que não acrescentavam muito, mas tive de fazer, não tenho ainda a moral para não o fazer. De certa forma, sim, mas eu expressei os meus argumentos e digo que não concordo, mas, no entanto, tenho de fazer.

Com que frequência?

R: Raramente.

- Já sentiu limitações ao exercício da sua autonomia editorial devido à relação com clubes, assessorias ou patrocinadores? Com que frequência?

Já fui e bastantes, principalmente quando o [REDACTED] era assessor de comunicação do Benfica [REDACTED]

[REDACTED] Atualmente acho que está um bocado melhor, mas por exemplo, ainda no

Casa Pia-Sporting (1.^a jornada da Liga 2025/26), o assessor do Sporting não me deu pergunta e eu não percebi porquê. O que sinto às vezes é: Quando algum comentador diz alguma coisa que não vai ao encontro do que os clubes querem depois somos prejudicados quando vamos para o terreno. Não em termos de ameaças ou violência verbal, o castigo mais comum é não darem pergunta. Já me aconteceu eu fazer uma pergunta e depois virem-me chamar à atenção. 'Não devias ter perguntado isso' então, mas eu pergunto o que eu quiser.

- Como avalia as condições laborais no setor onde trabalha?

R: Acho que são más. Os nossos horários são uma constante montanha-russa. Se for preciso hoje saí à meia-noite, amanhã entro às 9h, no dia seguinte entro às 14h. Não há uma consistência e claro a questão dos fins de semana, trabalhas muitos fins de semana. Nós aqui temos dois fins de semana por mês, mas sei de canais que têm apenas um. Isso em termos laborais é horrível e ainda teres de conciliar isso com a vida para além do trabalho é complicado.

- Como avalia as condições (instalações, apoio e suporte das chefias, pausas para descanso, horas de trabalho diário, etc.) em que trabalha diariamente? Considera ter tempo para realizar todas as tarefas diárias de acordo os parâmetros que considera serem exigíveis no seu trabalho (tempo de investigação, contacto com as fontes, reflexão e escrita?)

Aqui na TVI acho que apesar de tudo é feito um bom balanço porque há dias em trabalhamos se for preciso trabalhamos 12-14h, mas depois há dias em que se tiver calmo trabalhamos 5-6h e tentam-nos compensar. Nesse aspeto isso é bom porque não é só dar também temos de receber. E eu uso muito essa premissa. Eu dou aquilo que recebo. Se me dão eu também dou e aqui apesar de tudo tentam-te compensar. Quando fazemos as peças do dia-a-dia temos tempo, agora quando temos uma reportagem são raras as vezes que não temos de trabalhar fora de horas ou prescindir da folga para acabar a reportagem, isso acontece muito. Dão-nos tempo, mas é inevitável não exigirem do nisso tempo.

- Em que medida as condições laborais estão a afetar o seu desempenho laboral e a qualidade e seriedade do seu trabalho?

Não afetam diretamente. Há dias em que me sinto mais cansado, mas o máximo que me pode acontecer é demorar a fazer as coisas. Afetar o meu desempenho, de correr mal, isso apesar de tudo acho que não.

- Já foi alvo de insultos, ameaças ou violência verbal nas redes sociais ou em contexto profissional, seja por adeptos, dirigentes ou outros agentes desportivos? Que forma tomaram? / De que natureza eram? (discurso de ódio, discurso misógino, racista ou xenófobo?)

Por parte de adeptos, discurso de ódio.

- Se respondeu sim, como lida com isso?

Ri-me e apaguei, nem sequer respondi. Não teve de todo impacto em mim. Felizmente também não aconteceu muitas vezes, e neste caso foi algo mais recente e tenho outro tipo de bagagem emocional e então desvalorizei porque são tristes.

- Do seu ponto de vista a que se deveram esses insultos?

R: Clubite.

- Reportou às chefias ou às autoridades competentes?

Nessa situação não. A questão do [REDACTED] reportei. Na altura até estava o Bruno na régie e tinha o microfone ligado e ficou gravado e o caso depois foi reportado. [REDACTED]

- Como avalia o papel das empresas jornalísticas na proteção dos seus profissionais/colaboradores? Que tipo de medidas e ações fazem para os proteger? / Que tipo de apoio recebeu (ou não recebeu) quando enfrentou situações de risco.

Eu nunca fui muito testado, e ainda bem, ao ponto da TVI ter de intervir. Os insultos eu ignoro e a situação mais grave, a questão do assessor foi reportada e a direção apoiou-me e saiu logo em minha defesa.

- Alguma vez recebeu formação específica em segurança no exercício da profissão?

Não.

- Que mudanças considera urgentes para proteger e valorizar a profissão, principalmente no desporto?

Era necessário todos os órgãos de comunicação unirem-se porque muitas vezes os clubes fazem de nós gato-sapato, brincam com a nossa cara, nem que seja nós que estamos o dia todo ao sol e à chuva a trabalhar e depois vamos para uma conferência de imprensa e estamos uma hora e meia à espera que o treinador apareça para falar aos jornalistas. Isso é uma falta de respeito. Isso resolvia-se se toda a gente pegasse nas coisas e se fôssemos embora, porque se nós não lhes dermos voz, eles não são ninguém. E acho que falta essa consciência aos meios de comunicação que são mais os clubes que precisam de nós do que nós dos clubes.

- Os clubes metem as pessoas contra os jornalistas?

Sim. Tanto que na altura do Bruno de Carvalho, ele dizia “vejam só Sporting TV porque o resto não dizem na de jeito”, isso é incentivar ao ódio. A questão do trato diário dos jornalistas com os clubes, durante as conferências de imprensa, por exemplo, é de não haver respeito. Relativamente aos adeptos, deviam ser punidos, proibidos de entrar no estádio. A questão do insulto, acho que se houvesse um maior controlo acho que ajudava a combater.

Anexo 5. Entrevista a Joana Gouveia

Jornalista desportiva TVI/CNN Portugal

- Alguma vez se sentiu ameaçado(a) fisicamente, ou mesmo alvo de ataques físicos durante o exercício da sua profissão?

Sim. Quando vamos a determinadas reportagens, seja no Sporting, no Benfica ou no Porto ou até mesmo clubes mais pequenos é frequente que alguns adeptos se tornem agressivos e já tive algumas ocasiões em que quiseram bater nos jornalistas. No início da minha carreira, houve uma ocasião em Alvalade em que adeptos entraram no átrio e agrediram jornalistas. Eu não fui atingida, possivelmente por ser mulher, mas colegas homens foram agredidos. Na altura, os responsáveis do Sporting levaram-nos para a sala de imprensa até que houvesse segurança suficiente para sairmos. Também houve outras situações recentes, como no Estádio da Luz, em que dois homens me seguiram durante uma emissão em direto e começaram a proferir coisas pouco agradáveis, podendo ser até consideradas

de assédio. Eu na altura, terminei o direto a dizer que não havia condições para continuar porque eles chamaram outros homens, e às tantas já tinha cinco ou seis homens a virem para cima de nós. Outro episódio recente ocorreu em Alvalade, à espera da chegada do Sporting, quando alguns jovens começaram a provocar-nos e eu aí fiz uma coisa que não se devia fazer, que foi responder. Arrependo-me porque não valia a pena e podia ter piorado a situação. Eles não nos agrediram, mas chamaram-nos nomes. Não é fácil tu estares ali, estás a ser provocado constantemente e não reagir, embora, claro que não deves reagir. A polícia estava presente, identificou os responsáveis e explicou que, se quiséssemos, poderíamos apresentar queixa. Optámos por não o fazer, mas estas situações fizeram-me sentir realmente em risco.

- Mas fisicamente nunca lhe debateram?

Não, fisicamente nunca me bateram. Mesmo apalhões, se isso aconteceu uma vez foi muito, mas tive sorte, porque há várias colegas nossas que já foram apalçadas, mas de baterem, isso nunca aconteceu.

- Normalmente, quem é que perpetua esse tipo de comportamento?

Estes comportamentos são quase sempre da parte de adeptos, mas muitas vezes as declarações dos dirigentes também contribuem para fomentá-los. Quando fazem comentários negativos sobre os jornalistas (“os jornalistas são isto e aquilo”), acabam por propagar ódio e criar um ambiente hostil para nós ao tornarem-nos bodes expiatórios. Por exemplo, vais ao Benfica e dizem e os adeptos dizem que és do Sporting, vais ao Sporting dizem que és do Benfica, e assim sucessivamente. É uma situação recorrente.

- E que justificação é que as pessoas, neste caso, vos fazem mal, dão quando fazem esse tipo de comportamento? Ou se é que não dão justificação?

Normalmente, dizem que somos parciais, somos uma merda... Se estamos no Sporting, acusam-nos de sermos benfiquistas; se estamos no Benfica, dizem que somos do Porto, que não és imparcial, no fundo. Essa é a justificação. Eles acham que estás sempre contra o clube que eles apoiam. Quando criticamos ou apenas relatamos factos, interpretam como uma atitude contra o clube, que estamos a falar mal. Em geral, não há uma justificação explícita para comportamentos agressivos, mas esta é a narrativa que se repete constantemente.

- E como é que costuma lidar nesse tipo de situações?

Em geral, somos aconselhados a não reagir e, caso a situação escale, a chamar a polícia, no entanto, não é fácil manter a calma quando alguém está prestes a agredir ou insultar. Esta última ocasião, respondi de imediato, mas depois arrependi-me, não deveria ter reagido porque poderia ter agravado a situação. Se alguém me batesse eu acho que batia também, a não ser que ficasse prostrada no chão. É difícil saber como é que tu reagias se fores agredida, mas eu acho que se alguém te agride, se calhar tu respondes, não sei.

-Nunca teve de receber então nenhum tipo de auxílio médico?

Não, isso não.

- E nunca teve de denunciar nada às autoridades?

R: Na última situação, a polícia aproximou-se de nós porque estava presente e presenciou os acontecimentos, e perguntou se queríamos apresentar queixa. Até porque isto de ser um crime público é uma coisa recente, explicaram que, por não termos sido agredidos fisicamente, foi só agressão verbal, seria necessário apresentar queixa, caso quiséssemos. Dissemos que sim e foram identificar o indivíduo, mas foi a única vez. No episódio em Alvalade, a polícia também apareceu para tomar conta da ocorrência, mas não foi além disso.

- Mas sente que antigamente esse tipo de comportamento era mais recorrente do que agora?

Eu não vejo grandes diferenças. Nós temos casos de coisas que aconteceram, por exemplo, de colegas nossos que foram agredidos no Porto, no tempo do Pinto da Costa. E acontecia muito. E eu tive aqui um chefe, um editor da TVI, que foi agredido no Porto. E toda a gente sabia que na altura do Pinto da Costa, os jornalistas que iam lá e não eram bem vistos, que era possível que lhes acontecesse alguma coisa. Tivemos também o caso de um repórter de imagem da TVI, que foi agredido por um agente, não era do Porto, mas que estava ligado ao Porto, tudo com o aval daquela direção toda do Pinto da Costa. Isso foram períodos muito negros no futebol e que aconteciam e toda a gente sabia que aconteciam. Agora o Vilas Boas veio trazer aqui uma forma de estar diferente, acredito que aquilo tenha melhorado muito, até se nota nas conferências de imprensa uma maior liberdade. A nível dos clubes de Lisboa, eu não sinto uma grande diferença entre estes adeptos de hoje em dia e aqueles de antigamente. Tanto aconteciam situações naquela altura como acontecem nestas. Nos tempos antigos, eu acho que tínhamos presidentes um

bocadinho mais complicados nesse sentido. Mas não noto que haja grandes diferenças nas ocorrências no terreno. Acho que se nota mais quando o ambiente, por exemplo, no campeonato, está mais inflamado. Aí tu notas mais quando vais ao terreno. Quando as coisas estão mais calmas. Por exemplo, vais ao Benfica, eles estão prestes a ser campeões. Ah, é tudo uma maravilha e tratam-te maravilhosamente. Também tive lá tardes espetaculares. Depois, quando as coisas estão mais inflamadas, já as tuas tardes já são um horror.

- Como é que reagiu a TVI nessas situações de risco?

Só houve uma situação relevante no Benfica, aquela em que havia alguns homens atrás de mim durante um direto. Após o incidente, dirigi-me ao departamento jurídico da TVI, acompanhado pela Cláudia Lopes, e apresentámos uma participação ao advogado da empresa. Depois disso, nunca mais tive retorno nem sei se foi feita alguma coisa.

- Mas culpa à empresa por esse "esquecimento"?

Eu acho que se devia dar mais andamento a este tipo de coisas. Sei que não é fácil, talvez identificar as pessoas envolvidas seja complicado, mas neste caso específico estavam filmadas, apareciam atrás de mim durante o direto. Na minha opinião, a situação merecia um acompanhamento mais rigoroso do que o que foi feito.

- Então a situação não foi resolvida?

Não, não aconteceu nada.

- Em algum momento do teu percurso profissional foi alvo de pressões por parte das tuas chefias?

Não, nunca. Aqui na TVI isso não acontece.

- Também sentiu pressão por parte das fontes? De forma direta ou indireta?

Eu não sinto muito isso. Às vezes apresentam a informação de forma enviesada, à que tu dês as notícias da maneira que mais lhes convém, mas depois cabe-te a ti filtrar essas informações e ouvir todas as partes envolvidas. Em alguns casos, podem ligar para tentar influenciar a forma como a notícia é apresentada, mas isso não constitui uma pressão significativa porque faz parte do teu trabalho lidar com estas situações.

- E por parte dos adeptos, já sentiu e algum tipo de pressão?

Isso acontece, mas acho que acontece mais com os comentadores. Vejo isso acontecer muito com o Diogo, que muitas vezes recebe comentários como: "Devia dizer isto, devia dizer aquilo". A nós, jornalistas não nos dizem tanto porque nós somos jornalistas, logo somos imparciais. Por vezes, há quem comente que devíamos falar melhor do Sporting ou do Benfica, mas considero que isso acontece mais em tom de brincadeira do que como uma verdadeira forma de pressão.

- Alguma vez denunciou alguma destas situações de abuso?

Não, porque nunca senti necessidade.

- Considera que o teu trabalho tem impacto na tua saúde mental?

Claro que sim, qualquer trabalho tem. Não digo que seja necessariamente algo negativo, mas tem um peso significativo, porque passamos grande parte da nossa vida a trabalhar.

- Já experienciou sintomas como ansiedade, exaustão e *burnout* devido à tua profissão?

Claro que sim, sobretudo no início de carreira. Esta é uma profissão muito intensa e, nessa fase, causava-me bastante ansiedade o facto de chegar ao trabalho e nunca saber o que iria fazer, ou poder ser chamada a qualquer momento para um direto. Quando era mais nova, tinha dificuldade em lidar com essa imprevisibilidade, sentia uma grande pressão. Houve alturas da minha vida em que me senti extremamente cansada. Recordo-me de uma em particular, ainda bastante jovem, em que tive mesmo de tirar alguns dias porque estava com mau aspeto e lembro-me de o meu chefe me ter dito qualquer coisa e eu desatar a chorar. Senti que já não estava a aguentar, então nessa altura fui para o Algarve, como costumo fazer quando não estou bem, fui para a praia, descansei, recuperei energias e voltei completamente diferente, com outra disposição. A razão era simples: trabalhava muitas horas, estava sujeita a muita pressão, tinha de sair constantemente para diretos sem saber ao certo o que iria encontrar. Depois as pessoas cobravam-te e, por vezes, sentia que não conseguia dar o meu melhor. Para alguém jovem, esta profissão é particularmente desgastante no início, mas com o tempo aprende-se a lidar melhor com essas situações e percebe-se que há coisas mais importantes na vida, que devem ser encaradas com calma.

- Com que frequência é que tem esse tipo de sintomas?

R: Hoje em dia já não tenho tanto, confesso, já estou muito mais tranquila. Atualmente, estas situações surgem sobretudo quando tenho de fazer um trabalho importante e sinto

que já não faço algo semelhante há algum tempo, ou que não estou tão bem preparada quanto gostaria ou se for uma coisa em grande. Nessas circunstâncias, quando considero que a responsabilidade é maior e não me sinto completamente confiante, ainda posso sentir algum receio e ansiedade, mas já não acontece com grande frequência.

- Já não sente exaustão em *burnout*?

R: Não, isso também não sinto.

Com que frequência é que te sente ansiedade?

Atualmente, sinto que me afeta mais em determinados contextos, sobretudo desde que comecei a apresentar. Quando era mais nova afetava-me bastante, porque estava constantemente na rua a acompanhar reportagens e diretos, o que era muito desgastante. Hoje, por passar mais tempo na redação, a rotina é mais calma, no entanto, sempre que fico algum tempo sem apresentar e volto a sentir um aumento da ansiedade, porque tenho a preocupação de ter de estar bem preparada, de estudar e de estar atualizada para desempenhar bem a função. É um período de maior ansiedade, mas passageiro.

- Teve apoio médico ou psicológico em algum momento?

Não, nunca.

- Já sentiu pressão editorial para mentir ou distorcer alguma informação? Ou, por exemplo, já recusou de fazer alguma peça ou alguma coisa por não estar de acordo com os seus princípios?

Não aconteceu muitas vezes, mas recordo um episódio recente em que estava a preparar uma peça e percebi que estava a ser orientada de forma a beneficiar alguém importante do futebol. Nesse momento, deixei claro que não queria fazer a peça daquela forma e disse que, se a fizesse, seria à minha maneira e de acordo com os critérios que considerava corretos. E assim foi. Fiz a peça da forma que achei adequada, embora, se dependesse inteiramente de mim, provavelmente não a teria feito. Se recuar ao início da minha carreira, houve situações em que acabei por fazer coisas com as quais não concordava. Lembro-me, por exemplo, de ter sido enviada para a porta da casa de um jogador de futebol e de pensar: “O que é que estou aqui a fazer?”. São situações que, por vezes, temos de aceitar, mesmo sem concordar. Não gostei, mas faz parte da profissão. Claro que, se não nos sentirmos de todo confortáveis, podemos recusar. No meu caso, que me recorde,

nunca tinha chegado a recusar nada até este episódio mais recente. Não é algo que aconteça com frequência.

- Já sentiu limitações à liberdade de imprensa por parte dos clubes, assessores ou patrocinadores alguma vez?

Sim, muitas vezes. Por exemplo, quando estás numa conferência de imprensa ou numa reportagem e os assessores vêm ter contigo a dizer: “Vocês não podem fazer perguntas” ou “Não pode perguntar isto ou aquilo”. Uma vez, cheguei a responder a um do Porto: “Olhe, não é a mim que tem de dizer para não fazer perguntas. O que pode é instruir os jogadores a não responderem, se é isso que querem. A mim não me paga, portanto não me venha dizer o que posso ou não perguntar”. Isso é claramente uma forma de limitar a imprensa, ou uma tentativa. Quem são eles para dizer que não podemos fazer perguntas? Não são ninguém. E quando vais a uma conferência de imprensa e, de propósito, não te atribuem uma pergunta porque estão chateados com o teu órgão de comunicação social, também é uma forma de te limitar. Isso acontece muitas vezes. Aqui tenho de destacar o Sporting, nos últimos anos, porque acho que é um clube à parte, que não tem essa prática. Já o Benfica faz muito e, no Porto, no tempo de Pinto da Costa, então, era inacreditável: muitas perguntas importantes não eram feitas simplesmente porque tinham medo. Dizerem “ele responde, mas não fala sobre este tema” é limitar. A forma de trabalhar também mudou, antes podíamos estar nos treinos uma hora e meia, agora só 15 minutos, mas aí percebo porque querem esconder o jogo, mas, de forma geral, os assessores tentam muitas vezes pressionar e condicionar o trabalho dos jornalistas. Acontece muitas vezes.

- Como é que avalia as condições laborais do setor jornalístico?

São muito más porque os jornalistas são muito mal pagos. Quando uma pessoa não tem sequer dinheiro para alugar uma casa, como pode desempenhar bem o seu trabalho? Ou quando não se sabe se o salário chega ao fim do mês para alimentação e despesas básicas, a pressão é enorme. Hoje em dia, sobretudo os jornalistas mais jovens ganham miseravelmente, é muito pouco e as redações estão cada vez mais vazias, ou seja, obrigam as pessoas com menos gente, a fazer o trabalho de mais pessoas, o que faz com que nada fique realmente bem feito.

Isto é uma coisa que se sente muito nos últimos anos, as redações cada vez mais vazias. Muitos jovens entram nas redações e rapidamente saem, seja para o desemprego, para a

casa dos pais ou para mudar de área porque não têm fins de semana, não ganham para as responsabilidades e riscos que têm. As condições no setor têm piorado muito.

-Avaliando as condições que tem aqui na TVI, sejam instalações, apoio da chefia, pausas para descansar, horas de trabalho, etc. Qual é a avaliação que fazes a isso tudo? E se achas que tens tempo para fazer o teu trabalho de forma exigente? Ou seja, tempo para investigar, contactares os pontos com tempo, reflexão, crítica.

Para quem realiza peças maiores, o tempo concedido continua a ser curto. No desporto, por exemplo, frequentemente queremos produzir conteúdos mais completos, mas é tudo para ontem e, às vezes, querem peças grandes que exigiam um bocado mais de tempo, mas como querem tudo para ontem, perdem qualidade. Se houvesse mais tempo disponível, a qualidade do trabalho poderia ser significativamente melhor. Quanto ao trabalho do dia a dia, considero que as condições são razoáveis. Não digo ótimas porque muitas vezes temos de fazer muita coisa ao mesmo tempo: às vezes estás a apresentar programas, outras estás a fazer peças, tudo ao mesmo tempo. Trabalhar assim não é bom nem para o trabalhador, nem para a empresa, no entanto, diria que as condições são aceitáveis, mas poderiam ser muito melhores.

- Lida bem com as condições que um jornalista tem?

Atualmente, lido bem porque já estou habituada à rotina e porque a minha vida está mais calma. Se tivesse agora a mesma intensidade do início da carreira, provavelmente não aguentaria ou não queria ficar cá porque estar na rua é muito desgastante, física e emocionalmente, muito mais do que produzir peças ou apresentar programas, que tem outro tipo de dificuldades. No início da carreira, há um entusiasmo natural por estar com os protagonistas e acompanhar tudo de perto, mas quando vais ali a meio da carreira, já é mais do mesmo. Lembro-me de uma altura em que éramos apenas eu e o Rosmaninho a sair para a rua, ambos com mais de trinta anos, e senti que a experiência estava a ser bastante desgastante. Na altura, avia pessoas que apresentavam e outras que serviam para outras coisas. Eles acabam por catalogar as pessoas e nós éramos os dois escolhidos para a rua. O problema era que éramos apenas dois e havia muita coisa para cobrir porque naquela altura havia mais reportagens na rua do que há agora. Nessa altura, até brincávamos os dois e dizíamos: “Temos de ter filhos para ir para casa.” Curiosamente, uns anos depois, tanto ele como eu tivemos filhos, mas foi, sem dúvida, um período muito desgastante.

- Acha que as condições laborais afetam o teu trabalho enquanto jornalista ou não?

Por vezes, podem afetar, especialmente quando algo é mal feito. O nosso trabalho está muito interligado, depende do desempenho dos outros. Se alguém não fizer bem a sua parte, isso pode prejudicar o meu trabalho, e acontece com alguma frequência, no entanto, nunca me deixei influenciar demasiado por isso e consegui sempre encontrar formas de me automotivar, mesmo quando as condições não eram as ideais. A questão dos fins de semana, por exemplo, pode ser difícil, sobretudo para quem tem filhos, porque gostarias de passar tempo com eles e não consegues, mas tento não deixar que isso afete o meu desempenho de forma negativa e procuro estar sempre motivada, independentemente das circunstâncias.

- Já foi alvo de ameaças/insultos?

Nas redes sociais, acontece de vez em quando, sobretudo quem está nos programas porque está mais exposto. Quando trabalhava mais na rua, não sentia tanto isso porque as pessoas não nos conhecem tanto. Nos estádios, sim. Recordo aquela situação que já referi, em que alguns adeptos se aproximaram e me insultaram. Nesse caso, por ser mulher, vivi um episódio que pode ser considerado assédio, já que dois homens se colocaram atrás de mim de forma intimidatória. Também tive jogadores que me enviaram mensagens com segundas intenções. Um, bastante conhecido na altura, chegou mesmo a agarrar-me e tentou beijar-me. Tínhamos estado juntos em contexto de trabalho, mas depois ele veio atrás de mim pela estrada e falei com ele e foi nesse momento que a tentativa aconteceu. Afastei-me de imediato e, como não me forçou, não considerei violência, mas sim assédio, uma consequência de seres uma mulher num mundo masculino.

- E sofreu muito com o machismo?

Sim, sofriamos. Muitas vezes, não era tanto por parte de dirigentes ou jogadores, mas sim de colegas. Há cerca de 20 anos, o ambiente era muito mais machista e as poucas mulheres no meio eram constantemente criticadas e desvalorizadas. Chamavam-nos nomes e diziam que não percebíamos nada do assunto. Não era apenas comigo, várias colegas passaram por isso, mas para mim, sempre foi uma decisão pessoal não deixar que isso me afetasse. Sempre decidi fazer o que achava correto, sem permitir que me limitassem apenas por me chamarem nomes ou me desvalorizarem. Quando comecei a trabalhar, nunca senti qualquer limitação aqui na TVI, o que considero excelente.

- Mas como é que lidava com isso?

Naquela altura, o mundo era muito mais machista e nós tínhamos de aceitar as regras do jogo. Enquanto mulheres num meio maioritariamente masculino, aprendemos a sobreviver e a adaptar-nos, mesmo que certas atitudes me chocassem (e continuam a chocar), tinha de lidar com elas como se fossem parte da realidade quotidiana porque naquela época, infelizmente, este tipo de comportamento era considerado normal, e consegui lidar com ele o melhor possível.

- Reportou algum episódio às chefias?

Apenas nessas ocasiões que mencionei. Na Luz, fomos ao advogado da TVI. Numa outra situação recente no Sporting, a polícia estava presente e perguntou se queria apresentar queixa e decidi não o fazer. Foram as únicas vezes.

- Como é que avalia o papel da empresa, neste caso a TVI, na proteção dos seus profissionais? Que medidas é que eles tiveram para vos proteger ou que têm para vos proteger no terreno principal?

Considero que o apoio da empresa é razoável. Houve uma altura em que andávamos acompanhados por guarda-costas para nos proteger. Hoje em dia, se me mandarem para um local onde não me sinta segura, não vou, e acredito que ninguém me vai obrigar-me a isso.

- Já teve alguma formação específica em segurança?

Eu nunca tive.

Que mudanças é que achas urgentes para proteger e valorizar a profissão, principalmente como desporto?

Acredito que a principal mudança seria acabar com os discursos de ódio contra os jornalistas, que muitas vezes, os próprios dirigentes têm responsabilidade nisso. Também penso que os jornalistas têm, por vezes, alguma culpa por não assumirem posições de força, mas isso também depende das chefias, que muitas vezes não permitem, porque muitas vezes o que eles mereciam era que nós todos nos levantássemos e nos viéssemos embora. No entanto, se o fizéssemos teríamos problemas depois quando chegássemos à redação porque os outros ficaram lá e tu vieste embora. A nossa classe é fraca, mas a responsabilidade de tomar posições de força deveria partir das chefias, das redações junto

dos clubes e isso raramente acontece, porque há receio de ficar sem conteúdos. Além disso, é urgente melhorar a remuneração dos jornalistas, oferecer um salário digno de acordo com a responsabilidade que a profissão tem. A medida que tornou a agressão a jornalistas um crime público foi muito importante, já as agressões verbais e provocações são mais difíceis de controlar.

Anexo 5. Entrevista a Carolina Fernandes

Jornalista desportiva TVI/CNN Portugal

- Alguma uma vez se sentiu ameaçada fisicamente ao alvo de ataques físicos durante a tua profissão?

Sim.

- Se sim, em que contexto é que ocorreu?

Aconteceram várias vezes, sempre durante reportagens em direto, principalmente em dias de jogos de futebol. Falar com adeptos pode implicar algum risco, porque o futebol desperta paixões e, quando as coisas não correm como os adeptos desejam, acabam por descontar e vingarem-se no jornalista, como se tivéssemos culpa pelos penáltis falhados, golos sofridos ou remates que não entram e, por ser mulher, penso que me torna um alvo mais fácil para insultos, não tanto violência física mas acho que o insulto até é mais fácil quando é dirigido a mulheres. Expressões como “Não tens jeito para isto! Devias estar a passar a ferro!” não são violência física, mas é violência verbal. Um caso concreto e marcante para mim foi o ataque à Academia de Alcochete, em 2018. Foi a situação em que senti mais medo enquanto jornalista, porque um ataque concertado podia mesmo correr muito mal para o nosso lado. Não foi para nós, foi para os jogadores do Sporting, mas foi, se calhar, assim, a situação onde me senti com mais medo e em que temi realmente que as ameaças pudessem mesmo passar a agressão. Depois tenho algumas questões que considero que seja violência, mas mais ligada ao assédio. Já fui apalpada muitas vezes em direto e já me disseram coisas bastante impróprias. Está mais ligado ao assédio, mas eu acho que ainda assim é violento para nós, sobretudo quando vem de estranhos, de pessoas bêbadas ou de alguém que está fora de si.

- Quem costuma perpetrar esse tipo de atos?

É sempre mais do lado do adepto.

- E que justificação é que essas pessoas dão para cometerem esse tipo de atitudes? Ou se é que dão?

Na maioria das vezes, não dão grande justificação, simplesmente só não gostam de nós ou do órgão de comunicação social para o qual trabalhamos. Como referi antes, o futebol envolve muitas paixões e, por vezes, leva a comportamentos irracionais que as pessoas normalmente não teriam noutras circunstâncias. Já fui insultada por mulheres da idade da minha mãe, pessoas que eu, na rua, consideraria completamente normais, mas em contexto de jogo, os adeptos acabam por transcender a racionalidade e comportam-se de forma imprudente ou agressiva.

- Como é que reage?

Normalmente tento ignorar, raramente respondo, mas já o fiz para me defender. Às vezes, quando as pessoas nos insultam, fazem-no sem pensar e ao responder de forma firme, elas percebem o que fizeram. Nunca me correu mal, no entanto, são raras as ocasiões em que respondo, na maior parte das vezes, limito-me a ignorar.

- Mas, por exemplo, naquele contexto concreto, talvez em Alcochete, que foi assim o caso mais gritante, como é que reagiste naquele momento?

Na altura, inicialmente não percebi imediatamente o que estava a acontecer. Eu vi um grupo de pessoas a correr e pensei: “Que estranho...está um calor horrível, porque há pessoas que vêm para aqui correr?”, então fiquei com a ideia que era um grupo *jogging*. Vê lá a minha parvoíce. Só quando se aproximaram é que vi que estavam com toucas e alguns objetos é que percebi que claramente não eram atletas. Começámos a arrumar o equipamento e eu fui para o carro de reportagem com o meu repórter de imagem e afastámo-nos um pouco da entrada da academia e escondemo-nos. No entanto, não tivemos tempo de reação suficiente e eles passaram por nós, ameaçaram-nos, e só depois é que nós fugimos e desviámo-nos com o carro durante uns minutos só para perceber o que é que ia acontecer. Só mais tarde, passados alguns minutos, é que começámos a perceber a gravidade da situação dentro da academia. Avisei a régie e os meus coordenadores do que estava a acontecer e entrei logo em direto, primeiro ao telefone, porque eles ameaçaram-nos a dizer que não podíamos filmar nem ligar as câmaras. Apenas uma hora ou hora e meia depois é que ligámos novamente as câmaras, quando se

começou a perceber o que realmente tinha acontecido dentro da academia por fotos dos jogadores com feridas na cabeça e que o ataque tinha sido grave e que tinham partido para a agressão.

- Mas como é que reagiu a TVI no caso desta situação?

Quando digo que a academia foi invadida e os outros jornalistas que lá estavam também reportam isso às suas redações, entrou tudo em alarme e a maneira que a TVI sentiu que podia ser mais segura para mim de dar a notícia foi, durante a primeira meia hora, até a polícia chegar, entrar em direto ao telefone, dentro do carro e não aparecer em frente à câmara. Só depois, quando a GNR chegou e alguns adeptos que tinham invadido a academia saíram, é que os diretos foram retomados normalmente na rua, como antes. Mas no início houve essa preocupação da TVI e mesmo minha, em fazer aquilo que nos tinham pedido, não ligar as câmaras e entrei em direto só ao telefone.

- Fizeram queixa?

Lembro-me que na altura a TVI e provavelmente mais órgãos de comunicação social, ligaram à polícia porque estavam a receber a informação de que tinham invadido a academia. Eu acho que na altura eles devem ter recebido uma série de telefonemas a relatar a situação, inclusive do Sporting.

- E a situação ficou resolvida no momento?

Ficou. Aquilo foi um ato um bocado de loucura por parte dos adeptos e aconteceu tudo tão rápido, que quando chegou a polícia, os adeptos dispersaram e as coisas normalizaram.

- Nunca teve de receber cuidado de médicos?

Não.

- Há algum momento do percurso profissional, onde foi alvo de pressões por parte das chefias?

Sinto que há sempre pressão, uma pressão constante e diária, mesmo que não seja falada, está lá sempre que no nosso caso, é a pressão dos resultados, dos números e das audiências. Pressão de fazer bem, da exigência, de tentar inovar, de perceber o que é que o telespectador quer, de que forma é que podemos entregar o trabalho da melhor forma possível, para que isso se reflita em bons resultados. Infelizmente, isso acaba por ditar

muito o nosso trabalho, porque precisamos de audiências para que tudo funcione. Na Sporting TV não sentia isto porque nós não trabalhávamos muito para audiências, tínhamos outro tipo de pressão, até porque eu apanhei à altura do Bruno de Carvalho e éramos o canal do clube que, obviamente, se calhar em termos éticos, não éramos o canal mais isento, mas tínhamos um tipo de pressão diferente do que aqui, sim, aqui é mais a pressão do número, de termos uma boa performance, de mantermos um determinado nível de números.

- Acha que é uma pressão saudável, nunca a afetam negativamente?

Reajo bem. Claro que não gosto de ter más audiências, mas não me martirizo muito com isso, nem sequer ligo muito às audiências. Gosto de olhar para os números para perceber o que funciona e o que não funciona, não para ficar a pensar “epá grandes audiências”. Tenho de fazer os programas e tenho, portanto, eu tento fazê-los o mais atrativo possível para quem vê lá em casa.

-Já sentiu pressão por parte das fontes?

Acho que há sempre alguma pressão, neste caso as fontes são os clubes porque querem que a narrativa seja o mais controlada possível, mas isso, pelo menos nós aqui, somos bastante independentes. Às vezes a pressão recai mais sobre os comentadores, por exemplo, se um clube não gosta de determinado comentador, isso pode afetar o programa, mas aqui na TVI não somos muito dados a esse tipo de pressões.

-E de cidadãos como os adeptos?

Sim, pode haver essa pressão por parte dos adeptos. Atualmente, o jornalismo está muito descredibilizado e o jornalista já não é visto como alguém que faz um trabalho sério. Sinto alguma pressão da rua, mas não é dirigida a mim enquanto pessoa ou profissional, mas sim à posição do canal ou do comentador. Já houve casos em que me disseram que eu era do Sporting, mas são raros.

- Já denunciou alguma dessas pressões?

Não. Houve uma altura em que, na altura do Bruno Carvalho, em que nos ensinaram, aqui na redação, que se fôssemos alvo de algum insulto, podíamos chegar a um polícia para identificar a pessoa e tentar para demovê-la de voltar a fazer. Mas nunca cheguei a identificar ninguém.

- Considera que o seu trabalho tem impacto na tua saúde mental?

Sim. Acho que quase todos os trabalhos têm impacto na saúde mental porque muitas vezes nos obrigam a estar mais stressados, preocupados, sem relaxar, mas sinto que, tendo em conta a profissão que é, acho que até aprendi bastante bem a relativizar. Salvo alturas extremas como entrevistas importantes, emissões especiais, deslocações ao estrangeiro ou algo que me exija realmente muita dedicação e um foco total, eu consigo desligar bastante bem. Claro que nunca desligo totalmente porque se estiver a dar na televisão um jogo ou uma conferência de imprensa e com um treinador irritado obviamente que vejo. Mas, a nível de preocupação e de ruído, na minha cabeça, acho que até sou uma pessoa bastante eficiente em desligar a partir do momento em que sai daqui. Dentro do trabalho, diria que o impacto é moderado e saudável. Eu acho que é bom tu preocupares-te. Estás nervoso. É bom sinal. Mantém-te atento, focado, alerta e preocupado com o teu trabalho. Se estiveres completamente despreocupado para o teu trabalho, também acho que não é bom. Não para a tua saúde mental, mas sim para a tua performance depois, para o teu trabalho em si. A saúde mental depende do tipo de trabalho que vais fazer, até das condições socioeconómicas. Hoje em dia uma pessoa sente-se sempre insatisfeita porque este trabalho não é bem pago como era antigamente e isso afeta depois outros ângulos da tua vida e retira a felicidade, tranquilidade e estabilidade. Também o facto de trabalhar muitas vezes ao fim de semana. Eu acho que é uma profissão mais stressante do que as outras, mas eu acho que aprendi a lidar com ela bem.

- Já experienciou algum sintoma de ansiedade, por exemplo, ou exaustão ou *burnout* devido à profissão?

Eu fico ansiosa, mas não acho que seja incapacitante nem é permanente. Acho que sinto o suficiente para me manter feliz no trabalho. Em certo tipo de trabalhos, como cobrir um Mundial, eu fui ao Mundial do Qatar em 2022, aí senti-me um pouco mais desgastada, mas nunca ao ponto de experienciar *burnout*.

- Já pediste apoio médico ou psicológico em algum motivo?

Aqui na TVI, até há bastante pouco tempo, tinha apoio psicológico. Foi no final de 2024 que a TVI iniciou um projeto piloto de dar consultas de psicologia gratuitas a alguns dos seus colaboradores, mediante inscrição e uma triagem inicial e eu, por acaso, tive direito a algumas consultas gratuitas durante alguns meses. Alguma da ajuda psicológica que eu estava a pedir estava mais ligada a questões de realização profissional e progressão na

carreira do que ao stress diário ou aos riscos do trabalho. Perguntava-me sobre o meu futuro, sobre o que queria alcançar, o meu propósito, “quando é que me iria sentir confortável na vida?”, “será que é isto que quero?”.

- Já se sentiu pressionada editorialmente a omitir ou distorcer alguma informação ou já te recusou a publicar alguma peça porque não estavas de acordo com os seus princípios?

Porque não estava de acordo com os meus princípios, não. No entanto, já fiz peças de que não me orgulho, mais voltadas para o social do que para o desporto, como, por exemplo, sobre a Georgina Rodríguez e o anel de noivado que recebeu. Para mim não faz sentido, embora nunca me tenha recusado e já fiz muitas peças dessas contrariada. São peças mais viradas para a fofoca do que para o desporto e essas coisas revoltam-me um bocadinho, embora perceba que as pessoas gostam desse tipo de peças, que lá está, são peças boas para os números, mas não me revejo nesse tipo de trabalho e penso que em última análise não foi para isso, que vim para o jornalismo. Mas também tenho de responder aos meus superiores.

- Com que frequência acha que isso acontece no seu dia-a-dia?

Hoje em dia, acontece muito menos, porque passo mais tempo no estúdio e faço menos peças, mas assim, em início de carreira acontecia algumas vezes e eram peças dadas a mulheres, essencialmente, os homens não faziam essas peças de fofoca porque era mascarado com a desculpa da “sensibilidade feminina”.

- Quando estava, por exemplo, numa conferência com os clubes, com assessores, com patrocinadores, alguma vez sentiste limitação à tua autonomia?

Já me senti limitada, mas sinto que sempre soubemos contornar a situação. Por exemplo, vais a um evento de uma marca e está lá um treinador ou jogador e tu percebes que não é o momento oportuno para fazer uma pergunta, mas ainda assim perguntas. Podem dizer: "Não vou falar sobre isso", ou um assessor pode afirmar: "Ele não vai responder a essa pergunta". Mesmo assim, nós, jornalistas, temos liberdade perguntar. Já aconteceu várias vezes, por exemplo na conferência de imprensa com o Lito Vidigal. Na altura ele estava no Arouca e falava-se que podia sair para assinar por outro clube e nós, enquanto jornalistas, queremos obviamente saber isso. Sabendo nós que claramente ele estava ali enquanto treinador do Arouca, que é desconfortável falar sobre isso, que não é o momento

se calhar mais oportuno para que se saiba, mas nós temos esse dever. Na altura lembrome que o foi logo a primeira pergunta e o assessor tentou logo limitar a pergunta ao dizer: "Ele não vai responder essa pergunta". E nós: "Está bem." A seguir, outro jornalista fez a mesma pergunta. E isso aconteceu quase três vezes. Aqui estás limitada obviamente, mas tu foste livre para repetir a pergunta e a outra pessoa também é sempre livre para responder ou não responder. Não pudemos foi admitir estarmos a ser limitados. Uma coisa é que tentarem fazê-lo, outra coisa é conseguirem. Também acontece não nos darem perguntas algumas vezes, mas é difícil provar causa e efeito de que aquele assessor não deu a pergunta numa conferência de imprensa porque não gosta da TVI, etc. Às vezes tu percebes, claramente, que não te quiseram dar a pergunta, mas tu raramente consegues provar. Já me aconteceu, a conferência de imprensa acaba, não me deram a pergunta e fui questionar o assessor: "mas porquê que não me deste a pergunta?". Prefiro ter essa conversa do que ficar na dúvida.

- Como é que avalia as condições laborais da área?

Muito más.

- No caso específico da TVI, as condições, por exemplo, de instalações, de apoio, das filhas, no caso, pausas para descansar, horas de trabalho?

Aqui na TV, as condições médias/razoáveis. Temos alguma liberdade, nas pausas de trabalho, por exemplo, não nos é obrigatório estarmos sempre a trabalhar as 8h. O ambiente é bastante tranquilo e liberal, desde que cumpramos as nossas responsabilidades, temos autonomia para gerir o tempo e o modo como trabalhamos. Quanto às instalações, são ótimas, podíamos ter melhores computadores, fones ou máquinas de edição, mas são suficientes para desempenhar o trabalho. Onde há maior necessidade de melhoria é nos salários e direitos laborais, que considero uma área com grande crise.

- Em que medida é que essas condições também podem afetar a qualidade do seu trabalho e a seriedade, se é que afetam?

Acho que as condições podem afetar o trabalho, mas não comprometem a seriedade. A não ser que haja impedimentos técnicos que levem a um produto mal feito para o ar, o que não acontece. Em casos particulares como a cobertura de um megaevento desportivo tem impacto: já ganhas pouco, vais em reportagem durante duas semanas para o

estrangeiro, já sei que se calhar me vou alimentar mal porque não me dão ou dinheiro suficiente ou não tenho tempo suficiente para comer, para dormir, porque principalmente no estrangeiro, acordas muito cedo, deitas-te muito tarde e estás muito tempo no ar, estás muito tempo a trabalhar e obviamente que não são as condições ideais. Através das ajudas de custo tentam te compensar monetariamente o esforço profissional e pessoal que é estar no estrangeiro, mas pronto, é sempre muito exaustivo.

- Já o que eu estava a ouvir, insultos, ameaças ou violência verbal, tanto nas redes sociais como no terreno, em contexto profissional, seja por adeptos, dirigentes ou outros agentes desportivos?

Sim, tanto no terreno como nas redes sociais. Discurso de ódio já tive, de vez em quando, principalmente com as redes sociais atualmente, se por algum motivo, algum erro teu, principalmente os erros porque nós como jornalistas não damos opinião é difícil pegarem por aí, é mais pelos erros. Os nossos erros são muito públicos e isso também acarreta um stress, um peso na profissão diferente do que qualquer outra pessoa que permanece anónima mesmo quando erra no seu trabalho. Por exemplo, há uns anos, em vez de dizer Futebol do Clube do Porto, disse Futebol do Clube do Porco. Enganei-me, foi um erro e não foi intencional, só uma pessoa completamente fora de si é que o faria propositadamente, mas pronto, os adeptos não acham isso, acham que as pessoas, os jornalistas fazem parte de um complô contra, neste caso, o Porto, então puseram isso nas redes sociais e isso viralizou e aí fui alvo de muitos insultos nas minhas redes sociais, mas também durou um dia, dois. Não foi algo que me traumatizasse muito e também acho que sei lidar mais ou menos bem com esse tipo de insultos.

No terreno, os adeptos veem-nos como inimigos e não como alguém que está ali para fazer perguntas e para levantar factos. Isto também está ligado à descredibilização da profissão. Mesmo quando estou num direto, eu dou factos no limite, lanço hipóteses e faço essa ressalva, mas nunca invento histórias. Nós não fabricamos histórias nós apresentamos factos. O clube ou ganha, ou perde, ou empata. O outro ou marca ou falha. Não favorecemos a ninguém, nem o podemos fazer, ao contrário do que os adeptos pensam e às vezes nem percebem muito bem isso e pensam que é todo um complô contra o clube deles e obviamente que já me vi em situações um bocadinho mais chatas de insultos.

- E enquanto mulher?

Já fui apalpada, já fui beijada na cara em direto.

- Como é que lida com isso?

Relativamente aos beijos na cara, entendo que não devemos ser beijadas sem dar permissão, mas consigo dar algum desconto. Claro que é uma invasão do meu espaço quando um senhor me dá um beijinho em direto, como já se viu em muitos vídeos, no entanto, não vou ao extremo de achar que ele me está a assediar e que devia fazer queixa à polícia porque ele me tocou e beijou sem autorização. Não vou a esse extremo.

- Já reportou essas situações à TVI?

Acho que não é preciso reportar, porque eles acabam por ver. refiro, depois do direto, falar diretamente com a pessoa e questionar: "Então, está a dar-me um beijinho? Conhece-me de algum lado?" Prefiro lidar assim do que transformar a situação num caso. Não gosto de ser eu a notícia e tento ao máximo não dar palco a estas situações, embora reconheça que, em geral, se deve falar sobre o assunto.

- Porque é que acha que estas situações acontecem?

Acho que estas situações acontecem principalmente por ignorância. Comentários como “deverias estar a passar a ferro” vêm de pessoas que ainda não perceberam que o papel da mulher mudou. Estão a discriminar e a tentar fragilizar-nos, mas na maioria das vezes é para nos diminuir. Também já tive colegas de profissão que me discriminaram direta ou indiretamente. Ainda está muito enraizado, apesar de eu achar que se dá muitas oportunidades às mulheres no desporto, acho que ainda está muito enraizado uma cultura machista. Muitas vezes não nos confiam os trabalhos mais técnicos ou táticos do jornalismo desportivo porque acham que nunca vamos ser grandes entendedoras do jogo e da ciência do jogo.

- Como é que avalia neste caso o papel da TVI na tua proteção enquanto profissional principalmente quando estás no terreno que medidas é que eles tomaram ou tomam para vos proteger?

Poucas, na verdade. Quando estamos no terreno é quando estamos mais vulneráveis, porque não controlamos uma série de situações. Há sempre algum cuidado das chefias e editores, no sentido de dizerem que, se não nos sentirmos seguros ou confiantes para entrar em direto, não devemos fazê-lo. Mas existe muito aquele culto do “vamos ver até onde conseguimos levar isto”. O limite entre um bom conteúdo televisivo, porque

obviamente que o escândalo, a tragédia e o horror vendem, a linha entre isso e manter-te segura enquanto estás a trabalhar é uma linha muito ténue e por ser ténue às vezes pode ser ultrapassada. Lembro-me, por exemplo, na altura da destituição de Bruno de Carvalho, em que a TVI chegou a contratar segurança privada para algumas reportagens. Eu própria tive dois seguranças comigo, o que foi ótimo porque qualquer tentativa de intimidação era rapidamente controlada. Na final da Taça de Portugal, dias depois do ataque a Alcochete, também tivemos essa proteção, assim como na Assembleia Geral de Destituição de Bruno de Carvalho. Nessa altura houve ali uma série de serviços, principalmente os que punham mais adeptos e que implicavam o contacto com eles contrataram seguranças privadas para a TVI porque os sportinguistas estavam muito revoltados. A TVI e a CMTV foram praticamente os únicos canais a garantir esse tipo de apoio. Quando se justifica a TVI costuma colaborar, mas isso às vezes também é uma preocupação que tem de partir de nós jornalistas. Se nós não alertarmos para "isto está a ficar violento", "o ambiente está a ficar mau, nós estamos a levar bocas, mandaram-nos uma garrafa", se não formos nós alertar este tipo de situações também as chefias estão nas redações com tantas coisas para tratar que se calhar passa-lhes, a não ser que seja algo muito gritante, temos de ser nós os jornalistas a fazer esse esforço para nos sentirmos protegidos e para as nossas chefias nos protegerem.

- Já fez alguma formação de segurança?

Não, mas adorava. Nós tínhamos aí aulas de Krav Maga na TVI (arte marcial de defesa pessoal), mas não eram gratuitas e nós não tínhamos jornalistas, então quase nenhum jornalista a fez porque não tinha horário, nós não temos um horário das 9h às 17h. Essa incompatibilidade horária fez com que muito poucos jornalistas tivessem aulas dessas, mas foi uma boa iniciativa.

- Que mudanças considera urgentes para valorizar não só a profissão, mas também a segurança?

A profissão está em crise muito por causa dos canais de informação 24 horas, como a CNN Portugal, que exigem diretos constantes e muitas vezes colocam jornalistas jovens no ar sem preparação suficiente. Há dez anos, fazer um direto era um privilégio para o qual te preparavas, hoje tornou-se banal, estás em todo o lado a qualquer hora, a todas as horas se for preciso, mas às vezes obriga-te a estar em frente à câmara sem preparação, com pouca informação, o que leva a erros, perda de rigor e por consequência à

descredibilização da profissão. Os canais 24h criam este ciclo vicioso que obriga a estar sempre em direto, mas com menos tempo para recolher informação e confirmar factos, o que faz com que a qualidade do serviço prestado diminua. Quantos vídeos vemos diariamente de jornalistas a errar e a dizerem baboseiras? Erros que às vezes nem sequer são erros do jornalista são erros da regi. É isso que torna a profissão descredibilizada e isso acontece porque é exigido que se faça informação em direto 24 horas por dia e perdes a exigência e por isso é que a profissão está descredibilizada. Para inverter isso, seria importante aumentar a exigência e rigor do conteúdo, os miúdos que entram nas redações passarem ali num tempo obrigatório em que não pode estar no ar, dar tempo para se ambientarem e aprenderem. Obviamente que melhorar as condições salariais porque um jornalista é como em todas as profissões: alguém que ganhe bem vai sentir o peso de ganhar bem, vai tentar fazer sempre melhor, não vai ser corrompido ou mais dificilmente é corrompido, e eu não estou a dizer que os jornalistas o são, quanto mais valorizados estão melhor se sentem e melhor trabalham.

- Em termos de segurança, o que é que achas que podia ser feito?

Isso é sempre muito difícil porque eu acho que a segurança é sempre um reflexo da sociedade em que vivemos. A não ser que tu leves guarda-costas para todas as reportagens que faças, é difícil teres mais segurança. Isso não acontece nem há orçamento para isso, é irreal fazê-lo. A solução era as pessoas terem mais formação cívica.

Anexo 6. Entrevista a João Campos

Jornalista desportivo Maisfutebol

- Alguma vez se sentiu ameaçado fisicamente, ou mesmo alvo de ataques físicos durante o exercício da sua profissão?

Agressões não, mas ameaças sim.

- Se sim, em que contexto e circunstâncias ocorreu?

Na altura do Vale e Azevedo, foi um momento muito conturbado, com a saída de Mourinho, o Benfica tinha perdido jogos e havia uma forte contestação e os adeptos

viraram-se contra nós, jornalistas, como é hábito. Tivemos de nos trancar na sala de imprensa porque havia um grupo de adeptos que queria bater-nos, então fechámos a porta porque percebemos o que ia acontecer. Passámos ali por um mau bocado até chegar a polícia porque eles estavam a bater na porta para a tentar arrombar.

- Qual a justificação que deu (se deu alguma)?

Maus resultados do clube.

- Como reagiu?

Reagi com calma, também não foi nada de especial.

- Teve de receber cuidados médicos? De que tipo?

Não.

- Denunciou às autoridades?

Não.

- Como reagiu a sua entidade patronal?

No meu caso não chegou a acontecer nada, portanto não foi precisa propriamente uma reação.

- Como foi resolvida a situação?

Sim.

- Em algum momento do seu percurso profissional foi alvo de pressões por parte das suas chefias? Se sim, de que tipo? Tomaram a forma de ameaça direta ou velada (indireta)?

Não.

- Em algum momento do seu percurso profissional sofreu pressões das suas fontes? Se sim, de que tipo? Tomaram a forma de ameaça direta ou velada (indireta)?

R: Não nunca senti nada de especial.

- E ameaças do cidadão comum, de adeptos ou outros intervenientes do espetáculo desportivo?

De adeptos há sempre, mas quando percebes que o ambiente está desfavorável tens de te afastar.

- Denunciou alguma vez estas situações? Com que resultados?

Não.

- Considera que o seu trabalho tem impacto na sua saúde mental?

Tem um bocado, é muito pressionante às vezes e trabalhas muitas horas. Numa escala de 0-5, tens muitos momentos 5, quando tens de escrever a informação e publicar rápido, mas depois há momentos em que consegues relaxar. No geral é uma profissão muito pressionante em termos psicológicos e nem toda a gente consegue aguentar o ritmo e a pressão psicológica diária. Já tenho muitos anos nisso, já estou habituado a gerir esses momentos. Mas já tive colegas que entraram na profissão e tiveram de desistir porque não tinham vida para isto, é complicado para quem tem filhos e uma vida familiar, é muito complicado em termos de horários porque não são os horários normais, trabalhas aos fins de semana, muitas horas às vezes e inclusive fazes horas extras.

- Já experienciou sintomas de ansiedade, exaustão ou *burnout* devido à profissão?

Não cheguei ao *burnout*, mas exaustão sim. Ansiedade sim, mas mais quando era mais jovem, agora já não tanto.

- Pediu apoio médico/psicológico?

Não

- É acompanhado regularmente por algum técnico superior de saúde mental?

Não

- Já se sentiu pressionado(a) editorialmente a omitir ou distorcer informação/ Já recusou publicar uma peça por não estar de acordo com os seus princípios éticos enquanto jornalista?

Pressionado a omitir ou distorcer informação, não, mas já me recusei a publicar uma peça. Uma vez que tinha uma notícia escrita e quiseram alterar eu disse que tudo bem, mas te retirei o meu nome da notícia porque deixou de ser informação minha e disse podes

mudar, mas deixei de assinar a notícia. Eu não concordava com o que foi acrescentado, protestei e quiseram manter e, portanto, achei que o meu nome devia estar lá e tirei.

- Já sentiu limitações ao exercício da sua autonomia editorial devido à relação com clubes, assessorias ou patrocinadores? Com que frequência?

Não.

- Como avalia as condições laborais no setor onde trabalha?

Eu sempre tive boas condições...

- Como avalia as condições (instalações, apoio e suporte das chefias, pausas para descanso, horas de trabalho diário, etc.) em que trabalha diariamente? Considera ter tempo para realizar todas as tarefas diárias de acordo os parâmetros que considera serem exigíveis no seu trabalho (tempo de investigação, contacto com as fontes, reflexão e escrita)?

O tempo para investigar é muito pouco reduzido estamos em cima da atualidade e sobra muito pouco tempo para o resto. Mas no geral considero que as condições que tenho são boas.

- Em que medida as condições laborais estão a afetar o seu desempenho laboral e a qualidade e seriedade do seu trabalho?

As redações cada vez são mais pequenas, há poucos jornalistas e temos de fazer o trabalho de dois ou três.

- Já foi alvo de insultos, ameaças ou violência verbal nas redes sociais ou em contexto profissional, seja por adeptos, dirigentes ou outros agentes desportivos? Que forma tomaram? /de que natureza eram? (discurso de ódio, discurso misógino, racista ou xenófobo?)

Sim, é habitual.

- Se respondeu sim, como lida com isso?

Lido bem... são só comentários adeptos de quando perdem não gostam viram-se para os jornalistas.

- Do seu ponto de vista a que se deveram esses insultos?

Não são insultos pessoais, são relacionados aos clubes e ao momento que vivem.

- Reportou às chefias ou às autoridades competentes?

Não.

- Como avalia o papel das empresas jornalísticas na proteção dos seus profissionais/colaboradores? Que tipo de medidas e ações fazem para os proteger? / Que tipo de apoio recebeu (ou não recebeu) quando enfrentou situações de risco.

Nunca tive nenhum episódio de relevo, mas dentro da redação temos muito apoio dos colegas, temos apoio judicial, dos serviços jurídicos da empresa para casos específicos.

- Alguma vez recebeu formação específica em segurança no exercício da profissão?

Não, mas há dois anos tive uma formação sobre stress profissional.

- Como avalia o papel da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista e do Sindicato dos Jornalistas (caso seja sindicalizado)?

O Sindicato reage sempre a qualquer situação de violência, agora não tem grandes poderes para alterar estas situações.

- Que mudanças considera urgentes para proteger e valorizar a profissão, principalmente no desporto?

Os salários são muito baixos, as redações têm que ter mais gente, estão muito reduzidas, no desporto, principalmente porque há muito trabalho e pouca gente. Em termos de segurança, não sei, porque nunca senti grandes problemas.

Anexo 6. Entrevista a Bruno Almeida

Jornalista desportivo Maisfutebol

- Alguma vez se sentiu ameaçado fisicamente, ou mesmo alvo de ataques físicos durante o exercício da sua profissão?

Nunca fui alvo de ataques físicos, mas já houve situações em que me senti menos seguro. Já fui ameaçado física e verbalmente. Uma vez escrevi um artigo de opinião sobre o

Sporting, em que vários adeptos do Sporting das mais variadas formas me ameaçaram, através das redes sociais, de emails, das caixas de comentários dos blogs, que na altura utilizavam-se muito. Os adeptos do sporting publicaram a minha fotografia, disseram que morava no Porto, e na altura morava,

- Se sim, em que contexto e circunstâncias ocorreu?

Sozinho e no meio dos adeptos. Uma vez foi num jogo do Benfica em Aveiro frente ao Beira Mar, e o outro foi do Porto para as competições europeias, no antigo estádio das antas.

- Os riscos aumentam quando são os jogos dos 3 grandes?

Sim, sem dúvida.

- Quem perpetrou esse ato?

Adeptos.

- Qual a justificação que deu (se deu alguma)?

A justificação foi por causa de um artigo de opinião que eu escrevi em que eles sentiram que estava a gozar com o sporting, e a partir daí acusaram de tudo, de ser benfiquista, portista. Isto teve bastante repercussão porque aqueles blogs que seguia o Sporting, fez um artigo sobre o meu artigo e aquilo chegou a muitos adeptos, inclusivamente no Facebook recebi ameaças de pessoas que se percebia que eram de claques e de barras pesadas. Nesse artigo que eles fizeram publicaram vários dados meus, inclusive o meu Facebook, Twitter, o email, os meus contactos, a foto.

- Como reagiu?

Na altura fiquei assustado, mas não disse nada. Eles (adeptos) também enviaram emails para o meu diretor, que era o Luís Sobral, a queixarem-se de tudo e depois foi o próprio Luís Sobral que me contactou, tinha acabado de descobrir porque estava de folga quando isso aconteceu, nem vi os emails e de repente chego a casa e tenho a caixa dos emails e do Facebook completamente cheias de ameaças. Pouco depois liga-me o Luís Sobral, a dizer que estava ocorrente do que estava a acontecer e aconselhou-me a ficar em trabalho remoto durante uma semana e não ir à redação porque havia o receio que eles viessem à redação do Maisfutebol no Porto.

- Teve de receber cuidados médicos? De que tipo?

Não, tive sorte. Houve situações com colegas meus bastante mais graves.

- Denunciou às autoridades?

Não. Na altura só queria que tudo passasse e passou. Claro que durante muito tempo, sempre que escrevia alguma coisa sobre o Sporting, aparecia sempre algum adepto a criticar, mas depois acabou por tudo voltar à normalidade. Passado um ano ou mais, ainda havia um adepto ou outro que se lembrava e mandava uma mensagem pelo Facebook.

- Como reagiu a sua entidade patronal?

Defendeu-me sempre. Ele – Luís Sobral, respondeu a alguns emails e essas pessoas publicavam a resposta dele nos comentários do artigo, que eu vi, e mesmo nesses emails que eram privados, entre o diretor e o adepto que tinha escrito, ele defendia-me.

- Como foi resolvida a situação?

Foi deixar andar, durante algum tempo não fazia nada do Sporting e foi esperar que passasse.

- Em algum momento do seu percurso profissional foi alvo de pressões por parte das suas chefias? Se sim, de que tipo?

Sim, já aconteceu uma ou outra vez. Surgiram no contexto de notícias que não eram agradáveis para os clubes. Numa notícia que escrevi, ligaram-me a dizer: “isso não faz sentido, muda isso”. Nunca me disseram que não se podia falar mal daquele clube, simplesmente me diziam para reformular.

- Se sim, como reagiu?

A primeira vez era muito novo, tinha poucos anos de profissão, na altura nem percebi, depois mais tarde fiquei a pensar e fiquei um bocado chateado porque senti que, sim, estava a ser pressionado.

- Em algum momento do seu percurso profissional sofreu pressões das suas fontes? Se sim, de que tipo?

Sim, muitas vezes. É o pão nosso de cada dia. Muitas vezes as fontes têm forma de passar a mensagem sem falar contigo. Quando fazia algo sobre o FC Porto, cada vez que escrevia algo menos simpático sobre o clube, eles tiravam-nos o parque de estacionamento no

estádio. Isto pode parecer uma coisa pequena, mas é uma grande chatice porque não há estacionamento à volta, tens de ir cedo, estacionar, pagar...eles sabem que têm impacto no nosso dia a dia, por isso é que fazem isso. Muitas vezes deixam e falar contigo, por exemplo, informações que passam a toda a gente, mas não passam a ti e mesmo ligarem a dizer “bela merda que fizeste, devias ter vergonha. Nunca mais falas comigo, eu contigo não passo mais informações.”

- Se sim, como reagiu?

Sorriu porque sei que é o pão nosso de cada dia e não há nada a fazer, contra isto não dá para lutar. Acontece em todo o lado no jornalismo independentemente da editoria e enquanto jornalista tens de saber lidar.

- E ameaças do cidadão comum, de adeptos ou outros intervenientes do espetáculo desportivo?

Não.

- Denunciou alguma vez estas situações? Com que resultados?

Não. Pressão das fontes é comum comentar com as chefias, mas não é propriamente uma denúncia. As chefias são mais vendidas ao poder do que os jornalistas no terreno. Também porque querem manter a posição que têm.

- Considera que o seu trabalho tem impacto na sua saúde mental?

Sim, principalmente eu que sou de uma geração mais velha que fui educado na ótica do trabalho ser o centro da vida, ou seja, tens de trabalhar, de te esforçar, a vida não é fácil. A geração mais nova é muito mais desprendida do trabalho e eu noto isso no Maisfutebol.

- Já experienciou sintomas de ansiedade, exaustão ou *burnout* devido à profissão?

Burnout não, exaustão extrema sim, e ansiedade também. Ao longo destes 25 anos de carreira tive dois ataques de pânico. Não sei bem de onde vem, já tentei a interpretar, mas acho que tem que ver com a insegurança no trabalho, possibilidade de perder o trabalho, de voltar a ser jornalista, mas não tenho 100% certeza.

- Pediu apoio médico/psicológico?

Não, nunca pedi, mas sei que a Media Capital dá.

- Já se sentiu pressionado(a) editorialmente a omitir ou distorcer informação/ Já recusou publicar uma peça por não estar de acordo com os seus princípios éticos enquanto jornalista?

Pelas fontes sim. Já me aconteceu empresários e agentes de futebol quererem pagar para escrever alguma coisa. Pelas chefias não, nunca. Nesse aspeto o Maisfutebol também é diferente.

- Já sentiu limitações ao exercício da sua autonomia editorial devido à relação com clubes, assessorias ou patrocinadores? Com que frequência?

Acontece muitas vezes, mas não entendo isso como um condicionamento, muitas vezes as pessoas não concordam, mas a opinião do chefe prevalece.

- Como avalia as condições laborais no setor onde trabalha?

São péssimas 0-10 é um 2. Eu hoje estou numa situação mais confortável, sendo chefe passo muito mais tempo na redação e só saí para grandes eventos, mas tenho noção que para quem anda no terreno, e isto aconteceu-me quando era mais novo, é muito complicado com a falta de condições. Nós somos marionetas na mão dos clubes e dos agentes e o problema é que não conseguimos lutar contra isso porque as chefias, sobretudo dos três jornais desportivos porque têm uma grande pressão das vendas, das fontes, não dão condições aos jornalistas para trabalhar bem, para defenderem a sua posição e lutarem por melhores condições de trabalho. Por exemplo, a falta de respeito para com os jornalistas, acontece frequentemente de marcarem conferências depois não se realizam ou já não são como eram, várias situações em que os jornalistas querem vir embora porque sentem que não estão a respeitar o trabalho deles e há sempre dois ou três, geralmente dos jornais desportivos que não vêm embora porque os chefes não deixam e não vindo eles embora, acaba por não vir mais ninguém. Acontece muitas vezes. Conferências de imprensa com adeptos lá dentro a ameaçarem-te para não te deixarem fazer perguntas. Muitas vezes estás a escrever no estádio com adeptos a ler atrás de ti, a menos de um metro.

- Como avalia as condições (instalações, apoio e suporte das chefias, pausas para descanso, horas de trabalho diário, etc.) em que trabalha diariamente?

O Nuno Santos (diretor de informação) nem se lembra que nós (Maisfutebol) existimos e só se lembra de nós quando nós escrevemos alguma coisa que chateia alguém e esse

alguém o chateia. Em termos do funcionamento do Maisfutebol, seja horário, horas de descanso etc., isso funciona tudo muito bem. Considero que as condições de trabalho no Maisfutebol são boas, agora no jornalismo em geral são complicadas, mas fazem parte. Muitas vezes tens de trabalhar à noite e aos fins de semana e isso a partir de uma certa fase da tua vida condiciona-te muito quando tens filhos, mulher, uma casa, até mesmo para a saúde mental.

- Considera ter tempo para realizar todas as tarefas diárias de acordo os parâmetros que considera serem exigíveis no seu trabalho (tempo de investigação, contacto com as fontes, reflexão e escrita)?

Não. Mas isso hoje em dia ninguém tem. Nada, zero. Mas isso é em todo lado. Se calhar no Maisfutebol um bocadinho mais porque estamos muito no limite, mas em todo lado há poucos jornalistas para o trabalho que é preciso fazer e, portanto, acabas por não ter tempo para fazer trabalhos especiais, mais aprofundados, reportagens, entrevistas, coisas mais pensadas e trabalhadas porque não há possibilidade, somos poucos. Hoje em dia ter tempo para mandar uma pessoa para uma fazer uma reportagem é um luxo.

- Em que medida as condições laborais estão a afetar o seu desempenho laboral e a qualidade e seriedade do seu trabalho?

A seriedade do trabalho não impacta, agora a qualidade impacta imenso. Muitas vezes não tens tempo para analisar documentos, que são uma coisa simples com a profundidade que deviam ser analisados. Muitas vezes cometes erros, se tivesses mais tempo não cometerias porque as coisas são todas feitas em cima do joelho, à pressa porque logo a seguir tens mais três coisas para fazer.

- Já foi alvo de insultos, ameaças ou violência verbal nas redes sociais ou em contexto profissional, seja por adeptos, dirigentes ou outros agentes desportivos? Que forma tomaram? /de que natureza eram? (discurso de ódio, discurso misógino, racista ou xenófobo?)

No futebol há muitos jogadores de etnia africana e já me aconteceu um jogador falar com alguém da etnia dele, mas não falar comigo. Na altura do Pinto da Costa era terrível, alguém fazia uma pergunta que não lhe agradava e ele partia logo para a violência verbal, não de chamar nomes, mas para a pressão psicológica.

- Do seu ponto de vista a que se deveram esses insultos?

Perguntas incómodas, isso acontece nos dias de hoje. Sempre que fazes uma pergunta incomoda, os intervenientes, sobretudo se forem dirigentes, treinadores, jogadores mais velhos, não os miúdos ainda inexperientes, eles estão muito bem trabalhados pelas assessorias de imprensa de modo a intimidar os jornalistas. És um alvo fácil e procurado porque eles querem condicionar o que escreves e públicas, nos estádios, à saída das salas de imprensa

- Reportou às chefias ou às autoridades competentes?

Não.

- Como avalia o papel das empresas jornalísticas na proteção dos seus profissionais/colaboradores? Que tipo de medidas e ações fazem para os proteger? / Que tipo de apoio recebeu (ou não recebeu) quando enfrentou situações de risco.

Há órgãos que não têm capacidade financeira para o fazer mas regra geral, sim preocupam-se. Em termos de medidas tomadas para proteger os jornalistas, no Maisfutebol já me foi permitido trabalhar de casa uma semana, irmos embora sempre que sentirmos que a nossa segurança não está garantida, queixas tanto às autoridades jornalísticas como policiais.

- Alguma vez recebeu formação específica em segurança no exercício da profissão?

Não. Mas já senti momentos em que me fazia bem ter noções de defesa pessoal.

- Que mudanças considera urgentes para proteger e valorizar a profissão, principalmente no desporto?

Antes de mais é preciso união entre os órgãos de comunicação para tomarem medidas em conjunto para se protegerem. O maior problema do jornalismo é que os próprios órgãos de comunicação social não se valorizam a eles próprios e deixam que isto se arraste, porque a verdade é que hoje a profissão de jornalista está totalmente descredibilizada e ninguém faz nada contra, não há um Sindicato que consiga mobilizar os órgãos e os jornalistas e, não há vontade das chefias que estão muitas vezes mais preocupadas com o lugar delas, de lutar contra isso. A culpa do estado do jornalismo, em termos de credibilidade, segurança, da valorização da profissão é, em grande parte nossa. É fundamental os jornalistas perceberem que o *clickbait* descredibiliza a profissão porque o leitor desvaloriza-te e deixa de confiar tanto. Cada vez mais há contas alimentadas por pessoas que não são jornalistas e se tu não te diferencias dessas contas. Os jornais que

querem sobreviver deviam ter uma linha mais séria e rigorosa, mais credível, para as pessoas com o tempo, conseguirem perceber que uma notícia que sai numa dessas contas das redes sociais e uma notícia contrária que sai num órgão de comunicação social, quem é que está certo. Porque se te equiparas a eles, vai haver um dia em que as pessoas vão olhar para as duas e não vão saber qual está certa e isso não pode acontecer. Por pressão dos gestores, não dos jornalistas, os jornais não estão a conseguir fazer isso, e estão a embarcar no click fácil, na audiência fácil e na forma mais fácil de a conseguir sem perceber que às vezes menos audiência, mas mais rigor num futuro pode fazer a diferença. Muitas vezes essas pressões e ameaças acontecem porque sabem que não há punição para além de meter medo ao jornalista para que ele fique condicionado. Se quando isso acontece os jornalistas tomassem uma atitude em conjunto, por exemplo numa conferência de imprensa, não transmitiam nada da conferência de imprensa porque não estavam reunidas as condições e vinham embora. Aí as coisas iam começar a mudar, mas o primeiro passo é os jornalistas valorizarem-se a eles próprios e defenderem-se, o que neste momento não acontece. Nas situações de agressões de adeptos, as instruções que tivemos e continuamos a ter é à mínima coisa que sintas que a tua segurança está em risco vem te embora.

Anexo 7. Entrevista a André Sousa

Jornalista desportivo Maisfutebol

- Alguma vez se sentiu ameaçado fisicamente, ou mesmo alvo de ataques físicos durante o exercício da sua profissão?

Sim, no caso em que, quando as coisas correm mal em alguns jogos, os adeptos primeiro viram-se para outra equipa. Depois, quando outra equipa deixa de estar ali à vista, viram-se para os jornalistas. Isso acontece um bocado, já aconteceu uma outra vez. Nunca fui propriamente uma coisa que me deixasse no hospital, mas é assim, um bocadinho sempre. Há que estar atento, basicamente.

- Se sim, em que contexto e circunstâncias ocorreu? Quem perpetrou esse ato?

Em termos profissionais, num clube maior, já aconteceu, por exemplo num Braga-Benfica, em que não havia sequer barreiras entre a tribuna de imprensa e o sítio onde nós estamos a escrever, em que vêm os adeptos da Claque do Braga e vêm "O que é que estás

aí a escrever?" E nós estamos ali condicionados, logicamente. Tens adeptos de uma claque em cima dos jornalistas e não tens, propriamente, nenhuma separação física. E isso é um erro. Ou seja, eu estava a escrever e tinha dois ou três artistas em cima a verem o que é que eu estava a escrever. E, geralmente, quando isso acontece, para não dizeres que és de um jornal desportivo que estás sempre conotado com um grande, basicamente, dizes outra coisa, por exemplo, sou da Lusa, que tem poucos anticorpos e não é uma coisa que traga muitos problemas.

Outra coisa curiosa, uma vez fui para o Diário de Notícias fazer uma reportagem na pele de um adepto, neste caso como elemento de uma claque. Para não sermos conotados com nenhum dos grandes, fizemos com a claque do Vitória, porque é um clube grande em termos de apoio, tem muitos adeptos, o estádio está sempre cheio e é sempre um ambiente lixado. Então fui fazer a reportagem com a claque do Vitória de Guimarães, os *White Angels*, vesti-me com cachecol e fui para o jogo do campeonato Vitória-Nacional. Combinei com eles "vou apoiar o Vitória, vocês sabem que eu sou jornalista, está ali o fotógrafo ao fundo, a tirar fotografias, a ver como é que vocês vivem no jogo," para basicamente contar o mais próximo possível da realidade, como é que determinada atividade se desenrola. No caso, aquilo depois terminou porque o Vitória teve lá um lance muito complicado. O árbitro decidiu ao contrário e eles quiseram invadir o campo. E aí eu pensei, pronto, não posso invadir o campo também, portanto, a reportagem acabou e depois relatei na peça o que aconteceu.

Fui ao Grupo Desportivo do Candal (Gaia), em reportagem pelo *Comércio de Gaia* e um dos dirigentes do clube era também diretor de um jornal concorrente, portanto houve umas ameaças e umas para gerar algum condicionamento. Nessa altura, tinha escrito uma coluna de opinião a anunciar que íamos cobrir e fazer algo novo e, quando me apanharam no campo desse clube, tentaram agredir-me. Reagi e a polícia teve de me retirar a mim e ao fotógrafo de lá, numa carrinha de patrulha. Já depois de termos saído do estádio, fomos perseguidos de carro. A perseguição aconteceu porque reagimos e tentámos nos defender, então falaram com elementos dos Super Dragões (claque afeta ao Porto) para nos intimidar. Eles apanharam-nos depois na Avenida da República em Gaia e começaram a bater-nos no carro. Não ficamos com nenhum arranhão, mas houve claramente coação.

- Como foi resolvida a situação? Denunciou às autoridades?

Apresentámos queixa, mas depois retirámos porque a situação resolveu-se de forma pacífica após algumas conversas entre as partes.

- Qual a justificação que deu (se deu alguma)?

Também acabei por responder e envolver-me no confronto com os outros e a situação foi escalando e, nesse contexto, alguém decidiu chamar mais pessoas para “resolver” o conflito.

- Como reagiu?

No momento em que estavam a bater no carro, arranquei imediatamente para conseguirmos sair dali, inclusive o sinal até estava vermelho.

- Teve de receber cuidados médicos? De que tipo?

Não.

- Como reagiu a sua entidade patronal?

Foi reportado à diretora do jornal.

- Em algum momento do seu percurso profissional foi alvo de pressões por parte das suas chefias? Se sim, de que tipo? Tomaram a forma de ameaça direta ou velada (indireta)?

Deliberadamente, não me recordo.

- Em algum momento do seu percurso profissional sofreu pressões das suas fontes? Se sim, de que tipo? Tomaram a forma de ameaça direta ou velada (indireta)?

Já houve fontes que não entendem muito bem aquilo que é ser jornalista, que contestam, que dizem que não disseram nada daquilo que foi publicado. No entanto, eu tenho por hábito gravar as entrevistas e informo previamente os entrevistados porque facilita-me o trabalho na transcrição e estou sempre salvaguardado, caso haja mal-entendidos. Por exemplo, há uns anos, no Maisfutebol tínhamos uma rubrica dedicada aos portugueses que jogavam no estrangeiro. Numa dessas entrevistas falei com um jogador que estava na Coreia do Sul. Ele tinha um problema com o clube e eles queriam-no mandar embora porque recebia um salário elevado, não correspondia em campo e por isso não jogava. A entrevista foi feita à distância e gravada e, durante a conversa, o jogador descreveu a cultura como algo completamente diferente, que o obrigavam a treinar de uma forma

quase sobre-humana. Recordo-me de ele mencionar que o punham a subir as bancadas do estádio, algo que achei um absurdo. A entrevista foi publicada e os coreanos não demoraram muito a traduzir aquilo. Pouco tempo depois, ligou-me o jogador aflito a pedir para retirar o texto do ar porque lhe estava a causar muitos problemas e eu disse-lhe que não havia nada a fazer. Até o presidente do Sindicato dos Jogadores, Joaquim Evangelista, chegou a telefonar-me a dizer que o atleta estava numa situação complicada. e respondi que tinha tudo gravado e que mais tarde poderiam confirmar que as declarações tinham sido proferidas exatamente daquela forma. E pronto, a partir do momento em que ele percebeu que ele tinha dito aquilo, não havia hipótese. Depois não acompanhei o desfecho da história, mas sei que o clube acabou por utilizar a entrevista e outros elementos, para rescindir contrato com ele. Às vezes, um jogador ou um treinador ficam muito à vontade e até dizem "não ponha esta parte" e pronto, tu respeitas isso. Agora, quando é uma entrevista, o entrevistado está plenamente consciente de que está a ser gravado, sabe exatamente aquilo que está a dizer, e depois, como aquilo correu mal, a culpa é do jornalista? Não é verdade, a culpa é de quem falou, e de quem disse, e depois se arrependeu mais tarde, mas isso é um problema de quem está a ser entrevistado.

Se sim, como reagiu?

Não há forma de ceder. A partir do momento em que alguém conscientemente prefere determinada afirmação que mais tarde pode revelar-se polémica é responsável por aquilo que diz. A minha função é como intermediário, não crio nenhum tipo de narrativa, limito-me a fazer trabalho jornalístico. Numa conversa de meia ou uma hora, muitas vezes as pessoas não têm noção de aquilo que dizem. Quando veem as suas palavras escritas, seja em papel ou num site, têm um impacto diferente e reagem quase de surpresa. E depois, com as redes sociais, há palavras e frases que depois criam alguma polémica e os entrevistados ficam assustados e muitas vezes dão o dito por não dito. No entanto, o nosso dever enquanto jornalistas é ser o mais fiel possível àquilo que nos foi dito. Portanto, se estivermos seguros do nosso trabalho e conscientes de que reproduzimos com rigor as declarações, não há motivo para ceder a pressões. Não há forma de condescender com o que quer que seja, porque senão estás a trair-te a ti e aos teus leitores. Há aqui um equilíbrio complicado, porque para fazeres o jeito à tua fonte não podes estar a comprometer a tua ética profissional e tudo o resto.

- E ameaças do cidadão comum, de adeptos ou outros intervenientes do espetáculo desportivo?

Sim, também existem. Havia uma prática que eu basicamente só vi em dois clubes recentemente, nos últimos anos, que é o exercício de um condicionamento absolutamente ostensivo ao trabalho jornalístico, no futebol, no desporto, no campo. Tratavam-se de conferências de imprensa, em que para além dos jornalistas, eram autorizados adeptos na sala. Basicamente aquilo era um exercício em que estavas ali a fazer o teu trabalho e estavas a ser insultado, ou levavas umas bocas, ou quando fazias uma pergunta, levavas com uns apartes ("ei jornaleiro"). Isto não pode acontecer, porque basicamente os adeptos estão ali para condicionar o trabalho dos jornalistas e para limitar a liberdade de expressão. E isso acontecia no Boavista, à altura do João Loureiro, e acontecia no Sporting, na altura do Bruno de Carvalho.

No caso, há também outras coisas que é para muitas vezes, há o papel do assessor de imprensa, que é altamente condicionador. Numa conferência de imprensa a sério, deixas que os jornalistas que estejam presentes na sala façam as questões, não interminável, mas tens que dar oportunidade a cada um, idealmente é assim, de colocar uma questão. E aquilo que acontece, sobretudo nos grandes, porque os pequenos nem sequer têm jornalistas suficientes lá, muitas vezes, é que o assessor de imprensa chega lá, dá três, quatro perguntas e vamos embora. E tu ficas com a mão no ar e ficas à espera de fazer a pergunta. E depois há outra coisa ainda mais perniciososa, que é, tu tens jornalistas que estão lá para fazer perguntas e depois tens lá os jovens, muitas vezes ligados a coisas que não são bem jornalísticas, são blogs e outras coisas. Que, basicamente, vão para lá fazer uns elogios e o jogo pode ter tido casos polémicos e tudo mais, mas eles vão para lá para falar sobre questões técnicas e isso dá um grande jeito aos clubes porque isso ajuda a que não se discutam determinados temas na conferência de imprensa e se discutam coisas que, sendo interessantes, muitas vezes não são as mais importantes. E muitas vezes uma coisa que os treinadores fazem, que é muito engraçada, que é dizer "Epá, a grande pergunta que você fez" Isso é que é bonito, falar de futebol, só que eles esquecem-se que os jornalistas não são propagandistas dos clubes de futebol, nem estão aqui para falar do futebol positivo, depende, há casos que se justifica, não vamos estar aqui a causar polémica pela polémica, nem a causar aqui um impacto sensacionalista só porque sim, mas há outros casos em que dá um grande jeito ter um idiota útil na sala que basicamente vai fazer uma pergunta que não interessa a ninguém e que não é relacionada com o essencial que se passou ali. Então pronto, vamos falar um bocadinho agora sobre posições de jogo e não sei o quê. Numa conferência pré-jogo, isso até se encaixa mais e às vezes é de facto

relevante falar sobre futebol e o jogo e não sei o quê. Mas outras vezes há questões de saídas de jogadores, de indivíduos que disseram isto e que afinal estão contra a direção do clube e que não lhes interessa falar e que por isso interessa-lhes retirar ao máximo determinado assunto do panorama mediático. E vamos aqui dar agora aqui uma pergunta de graça, primeiro ao canal do clube, que vai fazer uma pergunta, pronto, já previamente combinada e depois ao blog, que também vai fazer agora, vai passar aqui à frente, estes jornais todos que estão aqui e vai fazer uma pergunta como se fosse uma coisa que eles já sabem ao que a casa gasta. Com o objetivo de retirar perguntas incómodas. O resto são funcionários do clube e depois é um jovem aspirante, é um jornalista que tentou de alguma forma cumprir a cota de perguntas, fazendo uma pergunta que eles já sabem, é a partida que nunca vai ser incómoda.

- Denunciou alguma vez estas situações? Com que resultados?

Existem várias formas de denunciar. Já o fiz através de artigos. Quando um clube limita as perguntas, o que acontece com frequência, faço questão de assinalar isso na peça. Enquanto editor, sempre que um jornalista do Maisfutebol está numa conferência de imprensa, se levanta a mão e não lhe é concedida a palavra, no final da peça acrescento: “O Maisfutebol tentou colocar uma questão, mas não lhe foi concedido esse direito.” É importante que o leitor saiba que o jornalista não esteve ali como mero pé de microfone, mas sim para fazer uma pergunta, porque se não, não valia a pena lá ir, apanhava pela televisão. Já houve outras situações em que eu cronometrei a conferência de imprensa, onde aponte: "foram feitas quatro perguntas, todas a canais de televisão, e a conferência durou cinco minutos e tal". Isto já aconteceu, por exemplo no FC Porto e o assessor justificou-se, dizendo que a equipa tinha de apanhar o avião e o tempo era limitado. Temos o dever de esclarecer o leitor de que certas perguntas não foram feitas, não por falta de iniciativa dos jornalistas, mas porque os clubes, as seleções ou até a própria federação reduzem a conferência ao mínimo possível. Atualmente a situação é ainda mais complexa, com os clubes grandes a terem os seus próprios canais, onde podem pôr um jogador a falar que sabem que os jornais vão pegar naquilo, e depois, logicamente, que condicionam a mensagem. É cada vez mais difícil haver fugas de informação porque há um controlo cada vez maior por parte dos clubes. Até mesmo os familiares dos jogadores são condicionados a não falar.

- Considera que o seu trabalho tem impacto na sua saúde mental?

Qualquer trabalho tem impacto na saúde mental, quanto mais não seja pelo fato de dormir mais ou menos horas, de teres turnos ou não, de estares mais irritado ou menos, de leres um texto e dizes "isto não tem ponto a pronto que se lhe pegue" e ficas mais nervoso por causa disso. Enfim... Mas também não vamos dramatizar, ou seja, isto não é trabalhar propriamente nas minas, nós estamos aqui porque gostamos daquilo que fazemos. Depois depende dos dias, há dias em que o trabalho corre melhor, outros correm piorem, mas no fundo percebes que é uma atividade que fazes por gosto. Se tem algum impacto a nível mental também não quero dramatizar muito, acho que é o normal, é o que faz parte de qualquer que seja a atividade que tens, temos sempre a liberdade procurar outra coisa. O impacto existe, mas não é avassalador, por isso, numa escala de 0-5 é um 3. Porque, por um lado, há dias em que se entra às 8h e se sai às 17h, mas outros em que se entra às 16h e se sai à meia-noite ou à 1h da manhã. Em períodos de fecho de mercado ou de grandes eventos, como eleições no FC Porto ou festas de campeões, já trabalhei até às 3h30 da manhã. Isso não é saudável? Não e afeta sobretudo quando no dia seguinte tens de levar os filhos à escola ou entras de manhã. Muitos colegas acabaram por abandonar a profissão devido a estes horários e à sobrecarga nos fins de semana, usando este argumento para procurar outras oportunidades. No meu caso, não é algo que me condicione a ponto de pensar em mudar de profissão.

- Já experienciou sintomas de ansiedade, exaustão ou *burnout* devido à profissão?

Sim, já tive episódios de ansiedade, mas não sei identificar se são exclusivos à profissão. Eu sou ansioso por natureza, sou cismático, mas acho que não tem que ver com a profissão, é pessoal. Cansaço também. Basta não dormir o número de horas suficientes, que ao fim de alguns dias começas a ficar cansado, sendo que este é um trabalho que te obriga à concentração. Claro que não és propriamente um neurocirurgião, aquilo não tem propriamente um impacto muito danoso na vida das pessoas se cometeres um engano, mas notas que a frescura mental que tens ao fim de dois ou três dias de trabalho não é a mesma de ao fim de seis e isso é mais propenso ao erro e os leitores são muito cruéis na forma como avaliam o erro, partem do princípio de que és um incompetente.

- Pediu apoio médico/psicológico?

Não.

- É acompanhado regularmente por algum técnico superior de saúde mental?

Não

- Já se sentiu pressionado(a) editorialmente a omitir ou distorcer informação/ Já recusou publicar uma peça por não estar de acordo com os seus princípios éticos enquanto jornalista?

A omitir não mas há casos específicos como o do Ronaldo, há sempre prurido a falar sobre os defeitos que o Ronaldo possa ter; no caso dos clubes grandes há sempre algum tipo de autocensura dos jornais em falar, em dizerem, em tocarem em alguns aspetos que sejam difíceis, como é o caso do Rui Pinto, do Football Leaks. Quando saíram as notícias do Rui Pinto, aquilo era um manancial de informação incrível e relevante que muitas vezes os jornais tinham algum receio de usar porque desafiava o poder, neste caso o Benfica. Há quase uma autocensura.

- Já sentiu limitações ao exercício da sua autonomia editorial devido à relação com clubes, assessorias ou patrocinadores? Com que frequência?

Sim. Já houve casos em que a sustentação da informação não era confiável. É comum dizerem-te "tens a certeza de que este jogador vai para não sei onde?", "não é melhor 'checkar' por outro lado" e aí estás-te a recusar a publicar uma peça sobretudo se for editor. Porque muitas vezes estás a cometer um erro.

- Como avalia as condições laborais no setor onde trabalha? / Como avalia as condições (instalações, apoio e suporte das chefias, pausas para descanso, horas de trabalho diário, etc.) em que trabalha diariamente? Considera ter tempo para realizar todas as tarefas diárias de acordo os parâmetros que considera serem exigíveis no seu trabalho (tempo de investigação, contacto com as fontes, reflexão e escrita)?

Depende. No caso do Maisfutebol em concreto está ligado a um grande grupo de *media*, é um site em nativo digital e já nasceu neste novo paradigma, as condições são boas não tenho nada a apontar. No caso de alguns jornais sobretudo jornais mais tradicionais que tinham redações grandes, que têm dificuldades agora em fazer a adaptação, há condições más de facto porque há sempre uma tentativa de cortar, basicamente cortam na redação e as condições para trabalhar não são as ideais. Como é lógico, também há cada vez mais esta preguiça de fazer as coisas pela redação, os jornalistas novos não têm o brio de

procurar uma história, vamos à rua tentar ao sítio mesmo, saber como é que as coisas passaram e cada vez mais estamos a formar pessoal de redação que basicamente encara isto como uma repartição chega e se fizer um telefonema já é um logro, portanto estão cada vez mais acostumados a fazer pesquisas na net e siga e isso não é propriamente o essencial do trabalho de jornalista. O jornalista, de facto, define-se por fazer reportagem, fazer entrevistas e ir para o terreno. Ainda hoje, sempre consigo tento ir para o sítio no caso, sei lá morreu o Pinto da Costa faz sentido ir para lá faz porque é uma figura histórica, ouvir o testemunho das pessoas, há pessoas que têm histórias com ele e é essas histórias que nos vão fazer diferenciar dos outros que vão basicamente colar um *take* com as conquistas, com as coisas não, quero saber que impacto é que teve na vida das pessoas e depois se fores ao sítio se falares com as pessoas se conseguires construir uma reportagem à volta daquilo isso é uma mais-valia para o teu jornal e cada vez menos existe essa disponibilidade por parte das administrações do jornal de darem aos jornalistas ferramentas para eles fazerem o seu trabalho que é contar boas histórias, reportagens, fazerem efetivamente trabalho de campo isso é que é o relevante. Não fazer aquele jornalismo preguiçoso de estar em frente ao ecrã e vamos agora, pronto, olha chegou a minha hora vamos embora. Isso em termos de valor acrescentado é muito pouco e depois já estás numa fase em que chegas a uma geração em que tens jornalistas que chegam ao meio da carreira já chegam a chefes perguntas-te “O que é que fizeste?”, “Que trabalhos é que tens?”. Precisamente por isto se ir perpetuando, o jornalismo vai-se tornando cada vez mais pobre, ou seja, quando tinhas, no caso, eu há pouco tempo fui para o Europeu de futebol, esse tipo de coisas de fases finais de campeonatos do mundo, europeus em que estás um mês no sítio são aqueles que te permitem de facto fazeres a diferença enquanto jornalista, fazeres o trabalho que efetivamente seja uma mais-valia para quem te lê, algo que podes dizer na tua carreira ‘opa, isto foi um bom trabalho’. As redações estão cada vez mais curtas. Hoje em dia se tiveres 10 ou 15 jornalistas já é muito bom e como aquilo está muito condicionado à atualidade, não podes descurar a atualidade, passas a ter a redação quase toda alocada a isso, só que aí estás a replicar as notícias que os outros dão e pronto e basicamente se tiveres tempo para pegar no jornal e já agora para tentares confirmar alguma coisa para ti e para o teu jornal já é bom mas já não tens tempo se calhar para ir, para teres um jornalista, quer dizer, nós tentamos ainda mas teres um jornalista um dia ou dois é tratar de determinado assunto, às vezes, já é um problema porque já obriga aqui alguma ginástica não há pessoas suficientes para isso.

- Em que medida as condições laborais estão a afetar o seu desempenho laboral e a qualidade e seriedade do seu trabalho?

Não havendo a possibilidade de fazeres trabalhos diferentes de estares no terreno e tudo mais isso condiciona a qualidade do trabalho que é produzido basicamente o trabalho que é produzido começa a ser takes de agência ou coisas muito virais e muito curiosas e não sei o quê que tem o seu espaço mas quase que estamos a tornar o jornalismo numa coisa que pronto olha vamos fazer aqui umas coisas virais vamos fazer aqui umas ronaldices e agora umas notícias de atualidade e está feito e eu acho isso curto. A marca do jornalismo diferencia-se por ter uma boa entrevista, uma boa reportagem, para além do essencial que não pode ser descurado como é lógico, mas só faz o dia-a-dia aquilo torna-se curto e o próprio jornalista não se sente realizado se for jornalista de facto e se tiver brilho naquilo que faz.

- Já foi alvo de insultos, ameaças ou violência verbal nas redes sociais ou em contexto profissional, seja por adeptos, dirigentes ou outros agentes desportivos? Que forma tomaram? /de que natureza eram? (discurso de ódio, discurso misógino, racista ou xenófobo?)

Sim, adeptos, sobretudo. Porque há adeptos que basicamente são muito limitados. Tudo aquilo que não seja falar bem do próprio clube é um problema, sobretudo se fizeres artigos de opinião, tens sempre ou nas tuas redes sociais ou nos comentários.

- Se respondeu sim, como lida com isso?

Encolho os ombros, não faz sentido estarmos aqui a ligar a anónimos. Pronto, é mais um dia no escritório. Não faz... a não ser que fosse uma coisa muito direcionada, se soubessem a minha morada. Aí sim, já levava a sério. Na altura quando fiz o artigo de opinião qualquer sobre o Sporting, eram insultos atrás de insultos, porque também era fomentado pelo próprio o próprio representante do Sporting, que era um *bully* (Bruno de Carvalho). Portanto, tínhamos ali alguém que tinha uma propensão para instigar os adeptos para a violência, que depois se refletia nas redes sociais. Bastava fazer um artigo de opinião e que dissesse que o Sporting fez qualquer coisa que fosse minimamente crítica, que aquilo depois tornava-se um problema, com as pessoas a mandar mensagens.

- Reportou às chefias ou às autoridades competentes?

Não. Quando são coisas assim gerais, que são insultos, não têm importância para isso.

- Como avalia o papel das empresas jornalísticas na proteção dos seus profissionais/colaboradores?

Não tenho nada a apontar. Não tive nenhuma situação que justificasse.

Que tipo de medidas e ações fazem para os proteger? / Que tipo de apoio recebeu (ou não recebeu) quando enfrentou situações de risco.

Já houve casos em que, por exemplo, houve um jornalista impedido de entrar e foi reportado, por exemplo, à Liga Portuguesa de Futebol. Houve uma vez um jornalista que disse que chovia na bancada, criticou as condições da tribuna de imprensa de um determinado clube e esse clube no jogo a seguir impediu-o de entrar. Como impediu de entrar, nós primeiro fizemos notícia disso, depois reportámos à Liga, porque um jornalista não pode ser impedido de entrar. Desde que tenha credencial, não pode ser impedido de entrar na tribuna de imprensa.

Recentemente houve um colega nosso que fez uma notícia e o próprio jogador, protagonista da notícia ligou-lhe a dizer que era mentira com um tom ameaçador. Eu disse-lhe: “Dás o meu número, ele que fala comigo, que eu sou o editor, diz que sou eu o responsável por isso, pela publicação dessa notícia.” Depois não ligou.

- Alguma vez recebeu formação específica em segurança no exercício da profissão?

Em segurança, em específico, acho que não. Se surgisse a oportunidade talvez a faria. Fazemos formações em tanta coisa, no caso de jornalismo digital, de inteligência artificial, podia ser também uma ferramenta interessante.

- Como avalia o papel da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista e do Sindicato dos Jornalistas (caso seja sindicalizado)?

A Comissão da Carteira não existe. A Comissão da Carteira existe basicamente para nos cobrar 80 euros, a cada dois anos, para emitir pedaços de plástico. A Comissão da Carteira não existe para além disso. O Sindicato tem um papel relevante, mas basicamente o que é que pode fazer? Pode condenar, pode chamar a atenção para determinada situação. Eu tenho o maior respeito pelo papel do Sindicato, acho que fazem aquilo que podem, considerando a crise em que a profissão está. Para além da segurança no dia a dia, eventualmente em algum recinto desportivo, têm sobretudo a segurança laboral das

peessoas para tratar porque basicamente aquele assédio e insegurança que efetivamente existem é relevante; a insegurança no trabalho das pessoas, porque os jornalistas, de ano para ano, estão a ver as suas condições laborais a degradarem-se e, isso é que sim, é preocupante. Tenho conhecimento de vários colegas de outros jornais, de outros grupos, que estão a contar os dias para ver quando é que é o próximo despedimento coletivo. Isso sim afeta de facto a saúde mental. Isso sim, é algo que afeta o dia a dia dos jornalistas de uma forma impactante, porque estão a trabalhar agora, mas não sabem se daqui para uns meses ainda estarão. Porque as administrações de jornais, basicamente, a única solução que conhecem é despedimentos. Portanto sim, o Sindicato tenta de alguma forma acudir a essas situações, embora não seja fácil no contexto atual.

- Que mudanças considera urgentes para proteger e valorizar a profissão, principalmente no desporto?

Aquilo que eu considero relevante é pôr, em termos de administração ou em termos de direção, pessoas que efetivamente conheçam aquilo que estão a tratar. Que conheçam a realidade no terreno, que saibam o que os jornalistas fazem. Quanto maior for esse conhecimento, maior é a sensibilidade para tratar com os problemas que forem surgindo. Em termos de segurança, não sei. A segurança de um jornalista no contexto de um estádio de futebol não será muito diferente do contexto de um jornalista numa rusga de um bairro que trate de casos de polícia. Portanto, dentro daquilo que é possível, aquilo que existe, por exemplo, o facto de uma agressão a um jornalista ser um crime público, é relevante. Isso ajudou a tornar uma agressão a um jornalista uma coisa efetivamente grave, mais grave do que era. Isso sim, foi uma mudança relevante. Agora, tirando isso, não me parece que haja assim nada que possa sugerir que vá fazer aqui uma grande diferença.